

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO

Das terras baixas da Holanda às montanhas de Minas.

Uma contribuição à história das missões redentoristas, durante os primeiros trinta anos de trabalho em Minas Gerais.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião como requisito parcial a obtenção do título de Doutor em Ciência da Religião por LUCIANO DUTRA NETO.

Orientador : Prof. Dr. Marcelo Ayres Camurça

LUCIANO DUTRA NETO

Juiz de Fora

2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO

Das terras baixas da Holanda às montanhas de Minas.

Uma contribuição à história das missões redentoristas, durante os primeiros trinta anos de trabalho em Minas Gerais.

Tese defendida e aprovada, em 15 de setembro de 2006 pela banca constituída por :

Presidente – Prof. Dr. Volney José Berkenbrock

Titular – Prof. Dr. Faustino Luiz Couto Teixeira

Titular – Prof.a Dra. Renata de Castro Menezes

Titular – Prof. Dr. Sandro da Costa

Orientador – Prof. Dr. Marcelo Ayres Camurça

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado à Congregação Redentorista em preito de gratidão por uma das quadras mais significativas de minha existência e, especialmente, aos historiadores redentoristas padres João Fagundes Hauck, João Batista Boaventura Leite e João Batista Michelotto, o último falecido em 14 de junho de 1983.

De modo especial, dedico-o aos redentoristas holandeses, especialmente aos padres Walter Alphonsus Blondeel e Jaime Snoek.

Pe. Walter nasceu em 13 de fevereiro de 1919, na cidade de Aardenburg e chegou ao Brasil em setembro de 1949. Foi professor de História Sagrada, Geografia e Aritmética, durante vinte anos, no Juniorato Santo Afonso, em Congonhas.

Sua dedicação e competência são reconhecidas por todos aqueles que, como eu, tiveram a oportunidade de terem sido seus alunos.

Retornando à Holanda no ano de 1974, ali permaneceu tendo ao seu encargo a pastoral de católicos portugueses em Haia.

Foi o primeiro redentorista holandês que conheci e, por coincidência, veio a falecer no dia 13 de janeiro de 2005, exatamente cinqüenta anos após meu ingresso no Seminário de Congonhas.

Padre Jaime doutorou-se em Teologia Moral pela Academia Alfonsiana e em janeiro de 1953 chegou ao Brasil passando a lecionar teologia moral no Seminário da Floresta, em Juiz de Fora, onde fui seu aluno.

Sua história como professor e moralista é das mais ricas e profícuas. Um de seus muitos feitos foi, ao lado do médico e professor Mozart Teixeira, a luta pela criação na UFJF do Curso de Ciências da Religião o que resultou na implantação do atual Departamento de Ciência da Religião.

Ao Padre Jaime e aos seus colegas meu preito de gratidão.

RESUMO

A presente tese tem como objetivo oferecer uma contribuição à história das missões redentoristas, durante os primeiros trinta anos de trabalho em Minas Gerais.

A chegada dos Redentoristas holandeses ao Brasil ocorreu no domingo, 2 de julho de 1893.

O campo religioso encontrado no Brasil era marcado pelo “*Catolicismo Popular*”, forma religiosa caracterizada pelo devocionismo leigo e social que tornou-se alvo de um movimento de reforma da Igreja no Brasil a que se convencionou chamar de “*romanização*”.

Dentro desse espírito, a vinda de missionários europeus para o Brasil, naquele final de século, passou a ser vista pela Sociologia do Catolicismo Contemporâneo como uma missão comandada por Roma e eles, como “*agentes de Roma*”.

Uma visão generalizante do conceito de “*romanização*” terminou por colocar as missões como mera cadeia de transmissão de um comando da Cúria Romana.

Através de vários documentos e testemunhos da época pretende-se demonstrar que a vinda dos missionários Redentoristas não foi marcada por tal conotação e que, ao contrário, seu trabalho missionário foi permeado por hesitações, particularidades e dinâmica inspirada pelo carisma de seu fundador Afonso Maria de Ligório, bem como, pelos ideais e projetos da Congregação naqueles finais de século caracterizado pelo surto missionário.

Outro aspecto relevante que pretende-se demonstrar é o fato de que as expressões religiosas populares não foram extirpadas pelo trabalho missionário cujo fim primordial era a doutrinação e renovação dos costumes.

O confronto entre catolicismo popular e renovado não foi somente marcado por imposições e resistências mas, por uma flexibilização, porosidade e trocas mútuas.

Na conclusão busca-se demonstrar que o trabalho missionário dos Redentoristas, naqueles primeiros trinta anos, deixou marcas importantes na

reforma dos costumes e na formação de uma consciência social no Catolicismo do Brasil de então.

Palavras chaves : Catolicismo popular, romanização, missões, devocionismo, espiritualidade, carisma, redentorista.

ABSTRACT

The aim of this thesis is to offer a contribution to the history of the Redemptorist missions, during the first thirty years of their work in Minas Gerais, Brazil.

The Dutch Redemptorists Fathers arrived in Brazil on Sunday, the second of July eighteen ninety-three.

The religious situation that they found in Brazil was marked by what usually called “*popular Catholicism*”, a religious trait noted by devotionism laic and social, which becomes target of a movement towards the reform of the Catholic Church in Brazil and came to be known as “*Romanization*”.

In such a notion, the coming of the European missionaries to Brazil, in that end of the century, came to be regarded by the Sociology of Contemporary Catholicism as a mission led by Rome, the missionaries being “*agents of Rome*”.

A generalization of the notion of “*Romanization*” placed the missions as a mere chain of transmission commanded by Roman Curia.

Based on several documents and testimonials about that time, this thesis intends to demonstrate that the coming of the Redemptorist missionaries did not suggest that connotation and, on the contrary, their missionary work was permeated by hesitations, particularities and dynamics inspired by the charisma of their founder, Aphonhus Maria of Ligory, as well as by the ideals and projects of the Congregation, at that end of a century marked by the missionary expansion.

Another relevant aspect to be highlighted is the fact that the popular religious expression was not extirpated by the missionary work, whose main purpose was the indoctrination and regeneration of the customs.

The confrontation between popular and renovated Catholicism was not marked only by impositions and resistances but also, by flexibilization, porosity and mutual changes.

In the Conclusion, the thesis tries to demonstrate that the missionary work of the Redemptorists, during those first thirty years, left important marks in the renewal

of the customs and on the formation of a social conscience in the Brazilian Catholicism of those days.

Key words : popular Catholicism, Romanization, missions, devotionalism, spirituality, charisma, Redemptorist.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAP. 1 - O TEMPO	47
1.1 – Roma	47
1.2 – O Santo do Século das Luzes.....	55
1.3 - O Carisma de Afonso	60
1.4 - As missões.....	77
1.5 - Das terras baixas da Holanda às montanhas de Minas.....	85
1.6 – A Chegada.....	100
CAP. 2 – MÃOS À OBRA	120
2.1 – Primeiras experiências.....	120
2.2 – Novos campos.....	179
2.3 – Pelos montes e pelas planuras.....	189
2.4 – Um novo diretório.....	195
2.5 – Sermões missionários	205
CAP. 3 – TEMPOS DE CÓLERA	219
3.1 – Decepções nas terras do Morro da Gratidão	219
3.2 – A cruz do Padre Júlio Maria	233
3.3 – Volta a tranquilidade	252
CONCLUSÃO	257
ANEXOS	281
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	306

INTRODUÇÃO

Cinquenta anos me separam daquela tarde de sábado, cinco de março de 1955, quando cruzei os umbrais do Juniorato Sto. Afonso, na então distante e quase inacessível, Congonhas do Campo.¹

Ali dei meus primeiros passos no conhecimento e na vivência da espiritualidade redentorista.

Minha vida tinha como fim a encarnação de uma missão : evangelizar os mais pobres, os mais abandonados, através das “santas missões ”. Isso ouvi desde os primeiros dias vividos naquela memorável mansão, hoje envolta por novos tempos, corações e mentes, já que transformada em escola particular.

O próprio hino do seminário dizia no seu estribilho :

Ser sacerdote, ser missionário, no mundo a luz das
almas fanal, ao peito a cruz, à cinta o rosário, ser missionário eis nosso ideal !

Vários foram os fatos, várias as marcas deixadas pelo tempo...

Como esquecer-me do convívio quotidiano com os padres redentoristas, da leitura das biografias dos santos da Congregação, das celebrações de suas festas, dos cânticos de Santo Afonso, das visitas do Provincial, dos missionários, do Pe. Geral ?²

Nos retiros anuais, nos exercícios de piedade diários, semanais e mensais, no regulamento do seminário, enfim, em tudo estava a marca redentorista já que tais exercícios eram tirados, diretamente, do livro “As mais belas orações de Santo Afonso” .

¹ O Juniorato Santo Afonso acolhia os seminaristas redentoristas até ao terceiro do ginásio. Após, eram transferidos para o Juvenato São Clemente, situado também em Congonhas, nos fundos do Santuário do Bom Jesus. A formação estendia-se ao Noviciado e ao Seminário Maior, situado em Juiz de Fora – Floresta. Todas estas casas de formação fecharam suas portas no final da década de 1960.

² O Padre Geral, em 1955, era o norte americano, filho de canadenses, Guilherme Gaudreau, o primeiro Geral não-europeu.

O padre Guilherme Gaudreau havia trabalhado no Brasil de 1937 a 1950 e governou a Vice Província de Aquidauana, hoje de Campo Grande por 11 anos. Foi eleito Geral no Capítulo de 1953 sucedendo ao holandês Leonardo Buys. In: J.B. MICHELOTTO, *Resenha Histórica* , 1982, p. 124

Dentre tais exercícios que muito marcaram minha infância estava a inesquecível e terrificante “Ladainha para uma boa morte”.

DELUMEAU, (1997, p.35), cita integralmente tal ladainha , embora não tenha se referido à autoria de Santo Afonso : ³

Esse texto, proposto a crianças de doze anos e que lhes era lido a cada mês, me foi recuperado, neste últimos tempos, por um religioso salesiano em uma edição [. . .] de 1962. Creio necessário reproduzi-lo in extenso, acrescentando que era seguido de um Pai Nosso e de uma Ave Maria ‘por aquele de nós que morrer primeiro :

Senhor Jesus, Coração pleno de misericórdia, apresento-me humildemente diante de vós, lamentando meus pecados. Venho recomendar-vos minha hora derradeira e o que deve segui-la.

Quando meus pés imóveis indicarem que minha estrada neste mundo está prestes a terminar,

misericordioso Jesus, tende piedade de mim.

Quando minhas mãos desfalecentes já não tiverem nem mesmo a força de estreitar o crucifixo bem-amado,

misericordioso Jesus, tende piedade de mim.

Quando meus lábios pronunciarem pela última vez vosso adorável Nome,

misericordioso Jesus, tende piedade de mim.

Quando meu rosto, empalidecido e vincado pelo sofrimento, provocar a compaixão, e os suores de minha fronte fizerem prever meus últimos instantes,

misericordioso Jesus, tende piedade de mim.

Quando meus ouvidos, doravante insensíveis às palavras humanas, prepararem-se para escutar vossa sentença de Divino Juiz,

misericordioso Jesus, tende piedade de mim.

... Quando minha alma deixar meu corpo, aceitai minha morte como o supremo testemunho prestado ao vosso Amor salvador, que por mim quis sofrer essa dolorosa ruptura,

misericordioso Jesus, tende piedade de mim.

Enfim, quando eu aparecer diante de vós e vir pela primeira vez o esplendor de vossa Majestade e de vossa Doçura, não me rejeiteis da frente de vossa Face : dignai unir-me a vós para sempre, para que eu cante eternamente vossos louvores,

misericordioso Jesus, tende piedade de mim.

³ Em nota remissiva ele agradece ao padre salesiano Emile Bourdon a sua recuperação na obra “Prier et vivre en fils de Dieu”, ed. Salesianas, afirmando que a lembrança de tal texto o perseguia desde a infância.

Tal ladainha que tanto impressionou a DELUMEAU e também a mim, garoto caipira de Tabuleiro do Pomba, com 10 anos de idade e recém chegado ao Seminário, marcou...e muito!

E mais... ainda me lembro... no grande dormitório ninguém ousava deitar-se sem antes, ajoelhando-se ao lado da cama, rezar 3 Ave- Marias a Nossa Senhora. É que Santo Afonso dizia e repetia que quem fizesse assim, quando morresse não iria para o inferno, Nossa Senhora daria um jeitinho, poderia até passar uma longa temporada no purgatório, mas o devoto iria se salvar!⁴

E como esquecer as noites de sábado... quando ajoelhados ante o quadro de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, fazíamos os exercícios prescritos em sua Arquiconfraria e cantávamos o hino : *“Socorrei-nos oh! Maria, noite e dia sem cessar...”*

Ou então, cantávamos à Mãe do céu... com os olhos marejados de lágrimas pela ternura da melodia e pelas lembranças da mamãe da terra... distante... lá na roça...

Guarda-me sempre sob o teu manto
Virgem Maria, mãe carinhosa
Hei de ser puro, hei de ser santo
Com tua bênção, mãe poderosa.

Cristo me chama com amor profundo
Vem deixa tudo por meu amor
Eu quero oh! Virgem salvar o mundo
Ser missionário do Redentor.”

Nas minhas lutas de cada dia
Contarei sempre com teu auxílio.
Direi teu nome, Virgem Maria
E hás de valer-me, pois sou teu filho.

⁴ Santo Afonso em sua obra “As Glórias de Maria Santíssima” narrava vários exemplos de como àqueles que, antes de dormir, rezassem 3 Ave- Marias em louvor a Nossa Senhora, sempre ela iria vale-lhes na hora da morte !

Foram muitos e marcantes aqueles anos... e as marcas eram propositadamente profundas, de forma a impregnar, quase até mesmo condicionar os meninos como a impedir que o “gado pulasse a cerca ” e, assim, permanecesse no cercado para sempre !

Mas não há como negar que aqueles foram tempos ricos e saudáveis, vividos na tranqüilidade da sombra do Santuário !

Assim, sob as dobras do hábito alfonsiano, aprendi muito ou, quase tudo do muito pouco que hoje ousou dizer que sei.

Mas, os ventos que sopram do infinito arrastaram meu barco em direção diversa e, 14 anos mais tarde, já no penúltimo ano do Seminário Maior tomei outros rumos... Qual outro Ulisses, ainda espero a praia em que irei me aportar...e, apesar de tudo ainda sonho com a Ítaca distante!

Mas as marcas cravadas a ferro incandescente no fundo do couro estão aí... morrerão comigo!⁵

Como se vê, esta tese é *inspirada* por aquelas já distantes experiências e, portanto, em muitos pontos bastante familiar.

Como já acenei em parágrafos anteriores, minha história se confunde, numa parte marcante da vida, com a história dos Redentoristas... foram 14 anos de intenso convívio!

Assim, confesso de início, que sempre hei de pensar nos dias felizes desse convívio e, embora o recorte histórico a que me proponho esteja bem distante da época que vivi, os ecos do passado serão como um canto de sereia ao qual deverei cerrar os ouvidos na busca constante da pretendida isenção.

⁵ Para não me estender mais sobre as marcas e memórias por mim vividas naquele ambiente, refiro-me à obra MEIA VIDA, através da qual resgato as lembranças dos quatorze anos vividos entre os Redentoristas. L.N. DUTRA, 1991.

Ao desenvolvê-lo, um de meus cuidados preliminares será buscar, acima de tudo, a melhor isenção, a isenção acadêmica, deixar as marcas de lado...

Afastar-me totalmente do objeto será muito difícil, quase impossível, mas procurarei manter um distanciamento crítico frente ao objeto.

Revisitando o tema hei de buscar agora tornar aquilo que foi envolvimento, objeto de estudo, isso a partir de um olhar analítico, interpretativo, sob o crivo acadêmico da história das religiões.

Espero que, compreendendo os limites de meu propósito, permaneça no campo acadêmico, não sendo laudativo nem destruidor.

Eis o desafio : desenvolver um estudo sobre a atividade dos redentoristas, desde a chegada dos primeiros missionários ao Brasil, em 2 de julho de 1893, até o final da década de 20,⁶ mantendo-me nos limites da História Social da Igreja Católica.

E mais, buscar na poeira dos tempos, os rastros de seus trabalhos buscando investigar e identificar qual a relevância histórica do legado do primórdio das “santas missões”.

Será que tudo foi em vão ?

O que ficou além das heranças de pedra ? De alguns imóveis valiosos, situados em locais privilegiados de Juiz de Fora, Belo Horizonte, Curvelo, Rio de Janeiro e Campos ?

O que contabilizar além das igrejas erguidas junto aos seus principais conventos e de inúmeras outras, capelas e igrejas, construídas por iniciativa deles nestas plagas mineiras ?

O que ficou gravado de seus vibrantes sermões, dos incontáveis retiros, novenas, tríduos, desobrigas e das intermináveis noites de confissões ?

Fotos amareladas de um passado, objetos estranhos para usos mais estranhos ? Peças interessantes para um museu de memórias... nada mais ?

Ao final desse estudo poderemos dizer, como aquele orante do *Dies Irae* que ao defrontar-se com o *Rex tremendae majestatis* nele reconhece aquele que percorreu os caminhos poeirentos das montanhas da Judéia, que dormiu ao relento e não tinha nem uma

⁶ Na verdade os redentoristas de Minas Gerais estiveram dependentes da Província holandesa até 1951 quando foi criada a Província do Rio de Janeiro, diretamente ligada à Direção Geral.

pedra para repousar sua cabeça, aquele que cansado assentou-se à beira de um poço e pediu água à samaritana, aquele que enfrentou o caminho do calvário e então, pasmo, na iminência de uma condenação questiona ao justo juiz : “ *Tantus labor non sit cassus*” - tanto trabalho não seja vão !

E é assim que abraço este empreendimento.

Entendo que o estudioso ao debruçar-se sobre o passado não deva utilizar-se apenas das lentes do presente, mas reunir informações sobre as circunstâncias da época sob foco e evitar a tentação de julgar os acontecimentos e, principalmente as pessoas que nela viveram, sob crivo e visões que lhes faltavam.

No dizer de GINZBURG (1996), o que tem caracterizado os estudos de história das mentalidades é a insistência nos elementos inertes, obscuros, inconscientes de uma determinada visão de mundo.

Atrelar a história dos homens a parâmetros predeterminados e daí concluir os caminhos de uma época é desconhecer as sobrevivências, os arcaísmos, a afetividade e a irracionalidade que delimitam o campo específico da história das mentalidades. (GINZBURG, 1996, p.31)

Nisso buscarei interagir, interlocutar, dar voz aos autores que me precederam em tais estudos e, inseri-los na perspectiva de uma História do Quotidiano.

Por isso então, quero ouvir o eco de seus primeiros sermões missionários, ainda marcados pelo forte sotaque batavo, sentir o tropel dos cavalos a transportá-los pelas dobras das montanhas de Minas, sob o fragor dos trovões, das tempestades de verão, da poeira sufocante dos caminhos de terra... sob o sol... sob as estrelas... Ouvir suas gargalhadas sonoras nas noites festivas, sentir o cheiro gostoso da fumaça evoluindo dos charutos e cachimbos, ouvir seus prantos contidos no silêncio e na solidão de suas celas. Com eles celebrar a alegria de voltar para casa após dias e noites pregando missões, na certeza de tornar copiosa a redenção...

Hei de concentrar o foco de minhas atenções na simplicidade, na leitura e na prática que os congregados faziam do legado de seu fundador, Afonso de Ligório.

Nas entrelinhas de suas histórias estarei ressaltando aquelas qualidades, defeitos e preconceitos que os revestiam, padres e irmãos holandeses que, deixando sua pátria, adotaram um novo campo para nele fazer frutificar suas existências.

E isto farei em diálogo com as análises histórico-sociológicas, as quais, pela idoneidade e competência de seus autores, tornaram-se quase consagradas buscando, no meu caso, dar uma ênfase maior na especificidade do “ethos missionário redentorista”.

Desta forma, neste preâmbulo, presto meu respeito a todos os que me antecederam nesse empreendimento, dentre eles : Augustin Wernet, Eduardo Hoonart, João Batista Boaventura Leite, João Fagundes Hauck, João Batista Michelotto, José Oscar Beozzo, Pedro A . Ribeiro de Oliveira e Riolando Azzi, interlocutores mais presentes nesse trabalho.

Esses e outros mais constituirão minha bibliografia e instrumental teórico – metodológico.

As fontes primárias são ricas e numerosas : centenas de correspondências dirigidas aos superiores e colegas na Holanda e crônicas das casas e da província redentorista em Minas Gerais, no período de 1893 a 1925.

Escritas em holandês, durante e nos locais onde realizavam-se as missões, valem-nos como registro dos roteiros missionados e de como desenvolviam-se os trabalhos .

Por ocasião dos preparativos das celebrações do centenário da chegada dos Redentoristas ao Brasil, tais documentos foram cuidadosamente traduzidos para o português por padres holandeses, ainda vivos na ocasião e hoje, todos falecidos.

As correspondências dos missionários, arquivadas na Holanda, foram traduzidas pelo Padre Adriano Backs. O primeiro livro de crônicas da comunidade da Glória foi traduzido pelo padre Inácio Frenstra e outros documentos pelo padre Huberto Oosterom.

Muitas das correspondências destinavam-se à revista “Volks-Missionaris”⁷ que difundia entre os católicos holandeses a obra das missões redentoristas no Suriname e no Brasil. Tais relatos muito empolgavam os leitores da época que, generosamente, contribuía financeiramente para o êxito dos trabalhos e despertavam nos jovens estudantes o desejo de que, um dia, pudessem deles participar.

De relevância também serão as “LITTERAE ANNALES”, crônicas anuais que cobriram os anos de 1895 a 1899 e o relatório dos primeiros vinte cinco anos “PER QUINQUE LUSTRA”.

⁷ Missionário do Povo

Além desses documentos, outras fontes de consulta serão os livros de tomo das paróquias missionadas, revistas, jornais e fotografias da época.

O caminho teórico metodológico constitui-se pois, pelo permanente diálogo com a bibliografia referida e a análise das correspondência, fonte e *corpus* documental dessa tese, na busca de comprovar seus argumentos.

Assim, não posso postergar a outras linhas o comovido agradecimento ao ex-superior da Província do Rio de Janeiro, Pe. Dalton Barros de Almeida, que, confiando, franqueou-me todos os seus arquivos, sem quaisquer restrições. Dessa forma, foi-me possível captar na fonte, o que eles mesmos disseram de sua missão no Brasil.

Sabemos que as ações humanas, quando voluntárias, são presididas por intenções que, nem sempre, são adequadamente decodificadas por seus destinatários e, mais difícil ainda se torna analisá-las, na ausência de seus autores e, principalmente, quando tal trabalho é feito num tempo distante.

O tempo... a medida segundo o antes e o depois... é uma categoria que, embora não determinando as ações do sujeito, certamente as influencia ou, pelo menos, deve ser levada em alta conta quando se quer interpretá-las a posteriori, sob risco de anacronismo. Levaremos pois em conta os tempos... as influências históricas...a situação da Congregação e da Igreja em que viveram.

Enquadra-se pois esta tese, como um capítulo da História da Igreja Católica no Brasil, na linha de pesquisa História Social e Cultural das Religiões e no específico projeto de História Social do Catolicismo do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora .

A abordagem, ainda que sucinta, dos principais traços do carisma alfonsiano possibilitará uma melhor compreensão da mentalidade daqueles missionários, no âmbito do catolicismo das Minas Gerais de então, numa relação com a história das mentalidades.

Como ponto de partida, torna-se inegavelmente relevante que uma equipe bem organizada e bem treinada de missionários holandeses e com forte inspiração italiana tenha invadido o campo religioso católico, em determinado local e momento da história religiosa brasileira.

Tais homens, imbuídos por um determinado carisma e vivência religiosas bem como de fortes traços de uma cultura diversa da reinante nas Minas Gerais de então, atuando de forma sistemática durante mais de meio século, seguramente deixaram marcas.

Tal fato, de per si, merece um estudo que seguramente contribuirá para melhor compreensão do campo religioso brasileiro, especialmente das configurações sob as quais expressava-se o catolicismo de então.

Preliminarmente, faz-se portanto necessário nesse estudo, a aferição de dois conceitos básicos, em parte já sedimentados entre os estudiosos do catolicismo no Brasil, tais como: *catolicismo popular e romanização*.

Inicialmente, consideremos o que se tem entendido por “*catolicismo popular*” :

Os primeiros Redentoristas encontraram naquelas Minas Gerais, de 1893, uma prática religiosa pouco “ esclarecida ”, se vista de conformidade com a ortodoxia da época.

Naqueles finais de século, o catolicismo no Brasil estava, praticamente, limitado à concepção pré-tridentina trazida pelos colonizadores, relegado a práticas e expressões devocionais que, aparentemente, limitavam-se a “ exterioridades ”, enfim, um catolicismo leigo e social.

Essa situação era motivada pela quase total ausência de formação religiosa do clero nos padrões da Reforma Tridentina e, conseqüentemente, do povo, o que, na visão da época era considerado ignorância religiosa.⁸

O clero, a quem caberia em primeiro lugar a tarefa de evangelização, aqui entendida não como expansão mas como aprofundamento da crença, estivera, por quase quatrocentos anos, jungido à monarquia através do Padroado. Era, portanto, além de pouco numeroso, ligado à coroa como funcionários públicos e com pouco contato com a hierarquia da Igreja.

⁸ “No princípio do século, aliás, a obrigação de pregar a palavra de Deus era bastante descuidada. O padre, funcionário do templo colonial, limitava com freqüência suas atividades à administração do culto : batismos, casamentos, enterros, missas. A falta de uma sólida formação teológica dificultava, para muitos, o exercício da catequese do povo.” R. AZZI , *Catolicismo Popular e a Autoridade Eclesiástica na evolução histórica do Brasil – Religião e Sociedade* , 1992, p. 142

Os poucos padres e bispos, como funcionários públicos que eram, estavam mais voltados a funções administrativas e burocráticas que ao dever de formar os fiéis, promover o culto e administrar-lhes os sacramentos da Igreja.⁹

Isso ocasionou o que se passou a denominar “catolicismo popular” nas suas mais diversas conceituações todas muito próximas e, ao mesmo, tempo distantes do que Roma, guardiã da fé católica, esperava de um autêntico catolicismo, ou seja, o catolicismo reformado em Trento e no Vaticano I.¹⁰

Na verdade o que constituía a crença católica no Brasil em meados do século XIX era um conjunto de crenças e devoções que, sem a marca da reforma tridentina,¹¹ ainda se ancoravam na fé trazida pelos primeiros colonos que aqui aportaram no século XVI.¹²

⁹ “O direito de padroado dos reis de Portugal só pode ser entendido dentro de todo o contexto da história medieval. Na realidade, não se trata de uma usurpação dos monarcas portugueses de atribuições religiosas da Igreja, mas de uma forma típica de compromisso entre a Igreja de Roma e o governo de Portugal.

Unindo aos direitos políticos de realeza os títulos de grão-mestre de ordens religiosas, os monarcas portugueses passaram a exercer ao mesmo tempo o governo civil e religioso, principalmente nas colônias e domínios de Portugal.

De fato, por concessão da Santa Sé, o título de grão-mestre conferia aos reis de Portugal também o regime espiritual.

O padroado conferia aos monarcas lusitanos o direito de cobrança e administração dos dízimos eclesiásticos, ou seja, a taxa de contribuição dos fiéis para a Igreja, vigente desde as mais remotas épocas.” E. HOONAERT,.. *História da Igreja no Brasil*, 1992, p.161

“O novo governo que tomou posse em 1822 quis celebrar, em 1824, uma concordata que incluísse todos os direitos da antiga monarquia de Portugal. Em 1827, porém, recebeu de Roma uma Bula concedendo à Coroa o padroado secular quanto às catedrais e o eclesiástico da Ordem de Cristo para os benefícios com ou sem cura. Exigiu a Santa Sé, quanto à apresentação dos bispos e párocos, a plena execução da Sessão 24 do Concílio de Trento.

Mas, não tendo o Governo aceitado as condições exigidas pela Santa Sé, que nunca reconheceu por meio de um documento o Padroado, é claro que esse direito não existia no Brasil. Daí que o Episcopado Brasileiro declarou na Pastoral Coletiva de 1890, a respeito do Padroado, que a magnânima condescendência dos Sumos Pontífices ‘pro bono pacis’ o tinha somente tolerado.” *CRÔNICAS DA VICE-PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO*, em sua introdução, página 11, transcrevendo observação do Padre Júlio Maria, em sua obra *Apointamentos sobre a Religião no Brasil* que se acham no ‘Livro do Centenário’, p. 108.

¹⁰ “Não são unânimes nem bastante definidos os conceitos de religiosidade e de catolicismo popular. Riolando Azzi procura caracterizar o catolicismo brasileiro: luso-brasileiro, medieval, leigo, social, familiar.” J. F. HAUCK, *História da Igreja no Brasil*, 1992, p. 112

¹¹ O Concílio de Trento (1545-63) pretendeu estabelecer diretrizes tais que impedissem quaisquer desfigurações do modelo, a partir de então, denominado Igreja Católica Romana.

¹² “O Catolicismo, portanto, quer como religião oficial, quer como expressão popular, encontrava-se mais vinculado à autoridade civil do que ao poder eclesiástico. Dependentes da autoridade régia e com frequência exercendo funções políticas supletivas, os bispos do período colonial estavam demasiadamente comprometidos com a coroa lusitana para poder efetuar uma ação pastoral eficaz. Os esforços isolados de um

Tais crenças eram as mesmas praticadas no Portugal dos inícios do século XVI, eivadas de características quase medievais e, como tais, ainda não “*purificadas*” pelo movimento da contra reforma tridentina.

Como afirma HAUCK (1992, p.192) :

Muito rica em suas manifestações, a religião do povo brasileiro brotava de três raízes: a herança das crenças medievais em que o sagrado e o misterioso apareciam em todas as atividades do dia a dia e que recebeu farta contribuição das culturas indígena e africana, criando uma prática religiosa que ocupava lugar de destaque na vida familiar e individual. Religiosidade que se transmitia em família, ou passava de pessoa a pessoa, numa troca de experiências do poder maravilhoso de certas orações, devoções e benzeções.

Além dessas características outras ainda marcavam tal catolicismo.¹³

Nos anos do Brasil Colônia o catolicismo não recebeu qualquer implemento das reformas tridentinas, uma porque Portugal não estava preocupado com este aspecto limitando-se a ver na crença e na atuação do clero apenas uma oportuna ferramenta de submissão e alienação do povo.¹⁴

Outra razão de tal situação de “penúria religiosa”, dentro da concepção tridentina de catolicismo, sem dúvida pode ser assinalada como a ausência de uma firme

ou outro prelado na aplicação dos decretos tridentinos não tiveram, pois, grande repercussão histórica. ” R. AZZI , Op. cit., p. 125

¹³ “ Religiosidade ontocrática, que buscava intermediários bem próximos e sensíveis para o relacionamento com o sobrenatural, o divino, sentido como facilmente acessível; servia-se de imagens, fitas, medalhas, rosários, bentinhos, patuás, benzeções. Convivia com a misteriosa presença de almas do outro mundo, num misto de respeito, piedade e medo; protegia-se com rituais que garantiam a proteção contra doenças, animais peçonhentos, mau-olhado, quebranto, feitiço. Contra inimigos havia orações bravas, que não eram para ser rezadas, mas levadas ao pescoço, em bentinhos ou patuás, ou pregadas atrás das portas das casas.

O papel do padre era relativamente pouco importante nesta religiosidade assentada sobre instituições e lideranças leigas, rezadores, benzedores, imagens milagrosas e objetos protetores tinham poder suficiente para resolver quase todas as situações.” J.F. HAUCK , Op. cit. p. 112

¹⁴ “É difícil ter consciência clara e definida num contexto de perda de identidade, e esta era a situação da religião no Brasil no início do século XIX. O padroado esvaziava de tal forma a função episcopal que os bispos não chegavam, a constituir um centro de unidade. O papel exercido antes pelos Jesuítas, cuja rede de colégios cobria os pontos mais importantes do litoral, não foi assumido por ninguém. O episcopado que continuava pouco numeroso, não acompanhou o aumento da população, e sua influência não era significativa: a maior parte das funções episcopais era exercida pela instituição leiga do padroado; bispos e sacerdotes encarregados de paróquias eram nomeados e mantidos pelo rei. ” J. F. HAUCK , Op. cit., p. 13

atuação por parte de Roma e das Congregações pontifícias uma vez que, o regime do padroado confiava à monarquia católica portuguesa uma ampla e quase irrestrita autoridade no campo religioso.¹⁵

Como se depreende, apesar da presença do catolicismo oficial no Brasil que garantia a unidade religiosa, o catolicismo popular constituía sua expressão maior.

Outro fator importante a se considerar, é que o catolicismo colonial não se opunha ou melhor, não colocava fronteiras nítidas entre o sagrado e o profano. As festas religiosas eram, praticamente, as únicas celebrações que congregavam o povo que passava inconscientemente dos atos religiosos aos folguedos populares sem que isso constituísse uma transgressão.

Na realidade, no catolicismo luso-brasileiro, de raízes medievais, havia uma fusão desses dois aspectos e, portanto, mantinha uma certa visão unitária da vida, ao passo que o catolicismo tridentino, que mais tarde os bispos reformadores se empenharam em implantar, insistirá numa nítida separação entre vida profana e vida religiosa.¹⁶

É comum, entre diversos autores, salientar tal característica do catolicismo brasileiro. Sem contestar tal visão, cabe observar que essa característica é comum nas expressões religiosas de modo geral e, especialmente, entre os povos latinos, talvez uma herança arquetípica das origens religiosas greco-judáico-cristãs.

Essa familiaridade entre o religioso e o profano, certamente, estranhou aos missionários holandeses, de origem germânica, uma vez que isso não era comum na Holanda. Por lá o catolicismo percorreu outros caminhos culturais, onde a formação histórica do povo separava com rigidez os campos religioso e profano e onde a característica maior os aproximava do calvinismo predominante no país.

Esse dado vai nos ajudar a compreender porque estranhavam tanto que, facilmente, as missões se transformassem numa festa, com bandas, enfeites, cavalgadas,

¹⁵ “O mundo clerical estava muito acostumado a ouvir e a pregar que a religião católica era a condição para a paz e a ordem, garantia da unidade nacional e da tranqüilidade dos povos..

...Faltava à Igreja do Brasil um centro de unidade, alguém que personalizasse a sua consciência, que se sentisse autorizado a falar em nome dela.” J. F. HAUCK, Op. cit. p. 16.

¹⁶ “Especialmente a partir do século passado, a grande preocupação dos prelados se orienta no sentido de separar das festas religiosas tudo o que tenha sabor de profano, reduzindo-as a uma dimensão puramente sagradas. Muitos deles combatem o que eles chamam puras exterioridades religiosas nas procissões, nas romarias e em outras manifestações de fé popular.” R. AZZI, Op. cit. p. 125

reverências e saudações. Tudo isso era “normal ” para o nosso povo e sua vivência religiosa.

Por outro lado os missionários holandeses constatariam que algumas das tradições, devoções e costumes católicos, próprios da Holanda, eram ausentes no Brasil.

Isso também é naturalmente compreensível como mais uma consequência historico-cultural : São Wilibrordo, São Nicolau eram tão desconhecidos no Brasil quanto as devoções a São Benedito e ao Senhor Bom Jesus de Matosinhos!

Esse choque cultural é comum em todas as áreas sociais e também na expressão religiosa considerada como fenômeno social.

Pouco a pouco, lentamente mesmo, foram compelidos a aceitar tais diferenças e, de certa forma, até mesmo incorporá-las ao seu dia a dia o que certamente representou uma influência mútua, num processo de inculturação.

Da mesma forma pode-se compreender que tenham propagado algumas de suas devoções próprias e mesmo alguma de suas tradições.

Torna-se relevante destacar que o aspecto marcante no catolicismo popular brasileiro era, e até hoje ainda é a devoção aos santos.¹⁷

A familiaridade com o sagrado fazia dos santos, amigos, companheiros, protetores e por vezes até adversários a quem se devia castigar ou desafiar.

Eis outra faceta do catolicismo popular brasileiro que vai estarrecer os missionários holandeses que tinham os santos em outro patamar.

ABREU (1999 , p. 329) chama a atenção para o fato de que a devoção aos santos, as festas e romarias constituíam momentos importantes na expressão religiosa de então, distante do sacramentalismo pretendido por Trento.

Era através de tais manifestações que o povo tornava patente sua fé, era assim que o povo se reunia e dava oportunidade para eventual instrução religiosa e aprimoramento dos costumes. Até mesmo a prática sacramental estava condicionada à festa

¹⁷ Devoção aos santos não é uma característica exclusiva do Catolicismo popular brasileiro e muitas delas foram importadas de Portugal. Os próprios holandeses tinham e têm suas devoções aos santos, algumas de forma muito tradicional como a São Nicolau e São Wilibordo . São Patrício é o centro das devoções na Irlanda e , na Áustria, ainda hoje são comuns os oratórios dedicados aos santos, à Virgem e ao crucificado nas ruas das cidades e encruzilhadas das estradas.

dos santos e, antecipando argumentos, era por isso que as missões se transformavam em festa, ou melhor talvez, que a festa se transformava em missão.

Na visão de OLIVEIRA (1985, p.127/128), a principal característica do catolicismo popular, o culto aos santos, tornava também patente a submissão do povo aos poderosos, o que seguramente era muito conveniente.

Segundo o autor o culto aos santos expressava-se de dois modos : o modo contratual e o modo de aliança.

O primeiro expressava-se através das promessas feitas ao santo em pagamento de sua ajuda.

O segundo, de diversas maneiras, todas revelando uma simpatia, senão obrigação para com o protetor. Esse imaginário estendia-se à realidade social vigente quando então os mais fracos, os mais pobres, deviam submeter-se aos mais poderosos e mais ricos, disso resultando representações e práticas religiosas autoproduzidas por uma classe subalterna.

Essa última posição permite-nos entender melhor a sua definição sociológica de catolicismo popular:

Um com junto de representações e práticas religiosas autoproduzidas pelas classes subalternas, utilizando o código do catolicismo oficial. .¹⁸

BEOZZO (1976), por sua vez, ressalta a característica leiga do catolicismo popular :

A noção de catolicismo popular só poderia ser usada para designar aquele conjunto de práticas e representações do catolicismo anteriores ao processo de romanização do catolicismo brasileiro, isto é, aquelas que tinham como agentes responsáveis os próprios leigos.¹⁹

Outro enfoque desse conceito, por certo enriquecedor, encontramos na exposição feita por AZZI (1977, p. 9) quando distingue catolicismo tradicional, popular e renovado.

¹⁸ P. A . R. OLIVEIRA, *Catolicismo Popular e Romanização do Catolicismo Brasileiro*, REB , Vol. 36, 1976.

¹⁹ J. O . BEOZZO, *Irmandades, Santuários, Capelinhas de Beira de Estrada*, REB Vol.37, 1976

O catolicismo tradicional, em seu entender, é luso-brasileiro, leigo, medieval, social e familiar e, foi esse o catolicismo implantado pelo governo português no Brasil.

O catolicismo renovado é romano, clerical, tridentino, individual e sacramentalista.

De ambos recebe influência o catolicismo popular, embora tenha surgido dentro do contexto do catolicismo tradicional.

É de se registrar que, recentemente, AZZI (2000 p. 23). reformulou tal conceituação dando ênfase ao entendimento de que o catolicismo brasileiro, entendido como popular, é uma religião doméstica e comunitária o que não deixa de agregar os qualificativos de social e familiar que, em seu entender, antes caracterizavam o catolicismo tradicional :

Foi dentro do lar a forma mais comum através da qual a fé foi transmitida. O catolicismo estava profundamente arraigado na nação portuguesa quando os conquistadores iniciaram a colonização da nova terra. Mediante os ensinamentos dos pais, e sobretudo da mãe de família, a crença católica foi passando de geração para geração. Embora as verdades religiosas não fossem transmitidas de forma sistemática, podem ser destacados três eixos básicos : o poder divino na criação do mundo, a pequenez do homem e a necessidade da intercessão dos santos.

Em primeiro lugar, nesse processo elementar de educação da fé sempre se apresentou como um dos itens fundamentais a noção de que o mundo surgiu como uma obra saída das mãos de Deus.

... O segundo ponto na transmissão da fé era a consciência da pequenez do homem, como resultado da perspectiva anterior: daí a crença muito forte na providência divina. Quando algum membro da família devia confrontar-se com uma situação difícil, não faltavam suplicas religiosas carregadas de afeto : “Deus te proteja” ou “Deus te ajude”. Em caso de viagem e de partida, havia sempre, nas despedidas, os votos de proteção divina: “Deus te acompanhe” ou “Deus te guie”. Quando alguém perguntava sobre a saúde dos parentes, dava-se logo a resposta comum : “ a família vai bem”, sempre acompanhada deste acréscimo necessário “graças a Deus”.

Qualquer prognóstico ou programa para o futuro próximo ou remoto, era expresso por uma esperança, nutrida confiança religiosa : “queira Deus”, ou “se Deus quiser”. E diante dos bons votos, a resposta era esta : “ Deus te ouça ”.

... O terceiro ponto a ser assinalado era o recurso constante à intercessão dos santos e dos anjos, considerados como amigos e protetores junto de Deus.²⁰

²⁰

R AZZI , *Sob o Báculo Episcopal* , 2000, p. 23/24

AZZI (2.000 p. 25) complementa sua rica conceituação com saborosas passagens de NAVA (1999, p. 96), dentre as quais :

Nascemos nas mesmas casas, tivemos os mesmos retratos e a mesma Folhinha de Mariana nas paredes, as mesmas dispensas cheirando ao porco no sal e à banha ardida na lata. Os mesmos oratórios de três faces, com o calvário em cima e o presépio em baixo. Os mesmos registros de santos enchendo as paredes para impedir os mesmos demônios...

Pode-se constatar, com clareza, que o catolicismo popular, ou o catolicismo praticado em finais do século XIX no Brasil, era autóctone, distante dos ditames sacramentalistas e clericais desejados por Trento e reafirmados no Vaticano I .

Tais constatações e as diversas e até mesmo divergentes concepções do catolicismo de então não nos autorizam afirmar que aquele não fosse um verdadeiro catolicismo. Era uma forma própria de um determinado povo com história e momentos específicos.

Todas essas características não pretendiam e nem autorizam excluir tal forma de expressão religiosa do contexto católico.

Desde suas origens o catolicismo, por sua própria natureza de universalidade, defendida por Paulo Apóstolo ainda nos primórdios, face aos que desejaram restringi-lo ao povo eleito, permitiu que se criasse uma mentalidade inclusivista que respeitava e incorporava a cultura de cada povo, em que pese, no correr dos séculos, uma marca hierárquica que culminou no “*extra ecclesia nulla salus*”.

O fato de que o catolicismo tenha admitido no âmbito de seu culto vários ritos além do romano acena para essa mentalidade inclusivista, ainda hoje presente e marcante no catolicismo brasileiro conforme apresenta SANCHIS (1997), KARNAL (1994) e outros.²¹

²¹ “A virtude maior da forma histórica que o Catolicismo assumiu no Ocidente foi ter se revestido de um universalismo que escasseava em outras linguagens. A multiplicação dos símbolos, imagens, teatros, Representações concebiam uma polissemia tão ampla que possibilitava a convivência de inúmeros significantes de tradições lingüísticas distintas em seu seio. Podia o índio ir à missa sem ter sido catequizado, pois, a rigor, o espanhol e o português também não foram” L. KARNAL . *Formas de Representação Religiosa no Brasil e no México do Século XVI* , 1994, p.261

Eis aí, portanto, o catolicismo que os missionários holandeses encontraram.

Certamente bastante diverso daquele no qual haviam sido educados em suas famílias, em suas escolas e seminários.

É também de se observar que durante o período colonial, o episcopado limitava sua atuação a aspectos de jurisdição eclesiástica e, com frequência, executava funções meramente supletivas de governo civil. Diga-se, portanto, que o episcopado colonial e o clero em geral, pouco se preocuparam com a qualidade da fé praticada, abandonando o povo às suas próprias expressões.

Somente a partir do século XIX o episcopado passou a ter uma efetiva atuação face ao catolicismo popular e sua preocupação básica dirigiu-se a, em primeiro lugar, separar o sagrado do profano, o religioso do festivo, o espiritual do social, o clero do povo.

Entretanto o aspecto que mais provocou o esforço de reforma do catolicismo popular, ou seja o esforço de enquadrá-lo aos parâmetros do catolicismo oficial e tridentino, foi a sua peculiar característica de *autoprodução*, de independência, de desvinculação hierárquica, isto através de uma marcante atuação catequética de fundo doutrinário e moral.

Na verdade tais aspectos se compreendem dentro da busca de separação entre religioso-profano e do empenho em marcar fronteiras entre a autoridade eclesiástica e os fiéis, entre o povo e a hierarquia.

Por certo era uma visão tridentina, porém há que se reconhecer a oportunidade do momento histórico em que ocorreu, marcado pela divisão entre Igreja e Estado, a separação entre o secular e o divino, donde decorre a separação entre o sagrado e o profano.²²

²² “ O Governo Provisório decretou, em 7 de janeiro de 1890, a separação da Igreja e do Estado. Esta separação, embora em si condenável, de fato foi um grande benefício para a Igreja., porque aboliu o Padroado, acabou com o regalismo., libertou o clero embora empobrecido e salvou as ordens religiosas de uma destruição inevitável, dando-lhes uma oportunidade para a restauração e o crescimento. A Pastoral Coletiva de 1890 enumerava as vantagens deste decreto :

1 – Liberta a ação episcopal e paroquial dos pastores da Igreja da antiga tutela do poder executivo, que, não mais como outrora, governará a Igreja, em nome do Padroado e da Maçonaria,

2 – garante aos católicos o direito de não serem interrompidos ou perturbados em suas funções religiosas,

Até então, as manifestações do catolicismo popular eram marcadas pela ausência de ingerências do clero, mais ocupado com suas atribuições burocráticas, políticas e até mesmo comerciais.

Tal ausência e, além dela, o diminuto número de sacerdotes com formação adequada ao desenvolvimento de uma espiritualidade e de uma vivência sacramental, provocou um vácuo no qual desenvolveram-se e multiplicaram-se as lideranças leigas, distanciadas do catolicismo preconizado e definido como tal por Trento.

Movimentos populares de caráter messiânico, marcados pelo milenarismo, quase sempre liderados por beatos ou beatas, vão se multiplicar no final do século XIX e inícios do século XX.²³

Tal independência não constituía, em si, um ato de rebeldia face à hierarquia eclesiástica, mas uma iniciativa religiosa espontânea, na quase total ausência do que se poderia chamar catolicismo oficial.

Desta forma, podemos também melhor compreender a autonomia das irmandades, dos santuários, das capelas rurais e de beira de estrada e de outras expressões

3 – garante a ação social da Igreja, não limitando sua liberdade somente à esfera individual,

4 – devolve o direito de apresentação dos bispos, cônegos e vigários e outros funcionários eclesiásticos, de criar e dividir paróquias e dioceses, com fixação ou modificação de seus respectivos limites, de publicar no país bulas, breves, decisões dos Concílios ou do Soberano Pontífice, às legítimas autoridades, revogando a opressiva legislação do antigo estado, regalista, pombalista e josefinista,

5 – garante à Igreja católica e a seus institutos a plenitude do direito de propriedade. RÔNICAS DA VICE-PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO, p. 15, citando o Padre Júlio Maria em sua obra “*Apontamentos sobre a religião no Brasil*” no ‘Livro do Centenário’ p. 109.

²³ Não há registro de surtos milenaristas em Minas Gerais, palco da atuação dos Redentoristas holandeses. Os Franciscanos, estabelecidos em Lages, Santa Catarina, em 1892, enfrentaram um surto milenarista liderado pelo beato João Maria que atingiu proporções de rebelião popular. João Maria enfrentou a Igreja na pessoa de Frei Rogério Neuhaus a quem afirmou: “A minha reza vale tanto quanto uma missa”. A marca desse movimento era o desinteresse generalizado pelos rituais da Igreja. Quase não se conhecia a recepção dos sacramentos da confissão e da comunhão, o que não ocorria em Minas.

Outro surto milenarista envolveu emigrantes alemães entre os anos de 1868 e 1874, no Rio Grande do Sul. O fato, conhecido como a Revolta dos Mucker envolveu João Jorge Maurer, curandeiro conhecido entre os colonos pela alcunha de wunderdoctor e Jacobina uma vidente fanática.. Cfr. D. T. MONTEIRO, *Os Errantes do Novo Século*, 1974 e L. A. ASSIS BRASIL, *Videiras de cristal*, 1994.

Dentre os surtos milenaristas o fato de maior destaque foi, sem dúvida, a figura e os episódios que marcaram a vida do beato Antônio Conselheiro. É de se notar que os fatos que culminaram com a morte do beato e a destruição de Canudos pelas tropas federais, coincidiram com a chegada dos Redentoristas ao Brasil (1893-1896).

religiosas e até mesmo folclóricas que irão provocar vários choques com a hierarquia que algumas vezes entendeu tais manifestações como rebeldia e indisciplina.²⁴

Passamos assim ao segundo aspecto que, preliminarmente, deve nos ocupar: a “romanização” :

O termo “romanização” está radicalmente ligado a Roma, romano.

Deve-se reconhecer que a Igreja Católica e Apostólica nem sempre enfatizou o gentílico Romana. Tanto é que no Credo Niceno/Constantinopolitano (Ano 381) o crente refere-se tão somente a : “ unam, sanctam, catholicam et apostolicam Ecclesiam ”.

O termo “romana” foi incorporado à identificação da Igreja Católica bem posteriormente, (embora desde Sto. Irineu e Santo Inácio de Antioquia existam afirmações sobre a hegemonia da igreja de Roma sobre as demais, pela excelência de suas origens) para opor o catolicismo que reconhecia o primado de Pedro e de seus sucessores em Roma, aos que o negavam.

A hegemonia de Roma foi, pouco a pouco, sendo contestada por algumas igrejas, por divergências doutrinárias e políticas ocorridas no Concílio de Éfeso (325) e no Concílio de Calcedônia (451). Assim, ao longo dos séculos V e VI, afastaram-se da ortodoxia romana as igrejas da Síria oriental, a Igreja da Armênia, a Igreja Copta do Egito, a Igreja Síria Jacobita.

Mas, o que agravou a cisão foi o conflito iniciado ainda no século IX entre o Patriarca Fócio de Constantinopla e o Papa Nicolau I . As desavenças, doutrinárias e políticas culminaram em 1054 com a definitiva separação entre a Igreja de Roma e a de Constantinopla, quando o Papa, Leão IX, através de seu enviado o Cardeal Humberto, excomungou o então Patriarca de Constantinopla, Miguel Cerulário e este, em contrapartida, excomungou o Papa e seus legados.²⁵

Daí para a frente a oposição entre a Igreja de Roma e as igrejas do oriente se acentuou.

Com o advento do protestantismo e a nova cisão entre a Igreja de Roma e as demais, agora no ocidente, a situação se deteriorou ainda mais.

²⁴ J. O . BEOZZO, op.cit. 741-758

²⁵ Sobre os conflitos doutrinários e políticos que culminaram no Grande Cisma, muito interessante se torna leitura da obra “*João o Peregrino*” M. WALTARI .

Os protestantes passaram a designar os católicos de “*romanistas ou papistas*”, de forma pejorativa e contestatória e as oposições doutrinárias por diversas vezes descambaram para o campo emocional e até mesmo ao cúmulo de guerras de religião.

A partir do papado de Pio IX (1846-1878), a crise política que envolveu os Estados Pontifícios abalou ainda mais o prestígio de Roma e obrigou a Santa Sé a concentrar-se mais na esfera religiosa, uma vez esvaziado o campo das influências políticas.²⁶

O Concílio Vaticano Iº, a proclamação do dogma da infalibilidade papal, a publicação do Syllabus, a fundação em 1854 do Colégio Pio-Latino-Americano em Roma, a formação de clérigos embalados em tais marcos, dentre os quais serão indicados os novos bispos do Brasil e, por fim, a extinção do padroado e conseqüente separação entre a Igreja e o Estado com a proclamação da República, proporcionaram um movimento de reforma do catolicismo no Brasil ao qual, sob o condão de Roger Bastide, Ralph Della Cava, José Oscar Beozzo, Pedro A. Ribeiro de Oliveira, Riolando Azzi e outros, convencionou-se chamar de “*romanização*”:

Este processo de reestruturação do aparelho religioso católico tem um duplo aspecto. Por um lado, os bispos brasileiros reforçam seus laços com a Santa Sé e fazem vir da Europa numerosas congregações religiosas masculinas e femininas [...] por outro lado eles pautam sua atividade pastoral pela adaptação do catolicismo brasileiro ao modelo romano, travando acirrado combate contra o catolicismo popular tradicional.

... Dada a influência marcante da Santa Sé nesse processo – já que Roma envia agentes religiosos para o Brasil e dá o modelo religioso a ser aqui implantado – ele tem sido chamado de “*romanização*”. P. A. R. OLIVEIRA (1985, p.12)

Já se tornou clássico chamar de “*romanização*” o processo a que foi submetida a Igreja do Brasil entre 1880 e 1920, processo que já encontra suas raízes na ação dos bispos reformadores, tendo à frente Dom Viçoso de Mariana, e que já se inicia praticamente em torno dos anos cinqüenta. Este processo encontra sua contrapartida na decisão de Roma de cuidar melhor da América Latina, através de uma formação mais acurada e romana de seu

²⁶ “Entre 1789 e 1870 cada vez mais é contestado o poder secular da Igreja. Na Itália, o Risorgimento ameaçava os estados pontifícios. É neste contexto que o pontificado de Pio IX deve ser entendido. Traduz o esforço do papado para equilibrar sua autoridade que se esvazia cada vez mais. Em primeiro lugar, esforço político-administrativo: centralização em Roma do controle administrativo da Igreja. Promove-se e encoraja-se o movimento de veneração pessoal do papa, por meio de audiências, bênçãos e peregrinações.” L. R. BENEDETTI, *Os Santos nômades e o Deus estabelecido*, 1983, p.108

clero e que se traduziu pela fundação em 1854 do Colégio Pio-Latino-Americano em Roma onde será formada boa parte do episcopado latino-americano das décadas posteriores. J.O . BEOZZO .(1977, p.745)

O termo criado e a visão dele decorrente constituiu-se no paradigma sob o qual todos os fatos relativos à reforma da Igreja no Brasil, na época em consideração, passaram a ser vistos.

Deve-se destacar que o termo “*romanização*”, após seu primeiro registro, vem sendo alvo de leituras de modo a constituir um “senso comum” acadêmico, verdadeiras simplificações e uma expressão fácil para toda a complexidade do fenômeno marcado pela reforma do catolicismo brasileiro em finais do século XIX.

Nesse trabalho, não pretendo reduzir ou até mesmo aniquilar os valores de tal visão, senão oferecer ao estudioso de história do catolicismo brasileiro uma ótica que possa cobrir a insuficiência de tal conceito e contrapor, ao que tornou-se paradigma, uma nova possibilidade de enxergar o passado.

Essa nova ótica busca contemplar de forma mais enfática a mentalidade da época na qual o espírito de renovação e de afirmação doutrinária se impuseram face aos movimentos secularizantes do século XIX, movimentos já desencadeados pelo iluminismo do século XVIII e pelas idéias liberais da Revolução francesa.

Não se pode minimizar que o novo episcopado brasileiro, gerado em tempos do Concílio Vaticano 1^o. e formado nos padrões do Colégio Pio Latino Americano, bem como os missionários estrangeiros que aqui aportaram, estavam impregnados por tal mentalidade desconhecidas do clero e do catolicismo do padroado.

Isso vai ensejar, não há como negar, um confronto de mentalidades, acrescido pelo natural choque cultural daqueles que tinham por berço as nações européias.

Tal choque foi vivido com as naturais hesitações, dúvidas e incertezas de homens que não traziam fórmulas prontas e definitivas o que lhes permitiram incorporar, ou seja, inculturar aquilo que muitas vezes se lhes apresentava como estranho ou, até mesmo, inaceitável.

Tais fatos também foram vivenciados pelos primeiros missionários, como bem podemos apreciar nas entrelinhas da correspondência dos jesuítas, através do trabalho de análise desenvolvido por MASSIMI (1993, p. 117; p. 126) no qual fica claro que, apesar dos desvios, procuraram adaptar-se à nova realidade:

Sempre entendemos com a diligência que se pode trazer este gentio ao verdadeiro conhecimento de nossa Santa Fé, buscando para isso os remédios mais fáceis e mais suaves que podemos...

Todos estes trabalhos corporais são menores que os espirituais que temos, porque hé esta terra tão larga e a gente tão solta e desenfreada no pequar que nos dão mui grande aflição no espírito...

Sob tal ótica é que podemos oferecer outro ângulo de análise à já consagrada e pouco questionada visão da “romanização”, vista como passo a expor através de seus promotores e na origem do termo:

BASTIDE (1951) , embora use a expressão “*igreja romanizada*” , quer referir-se à afirmação da autoridade de uma igreja institucional e hierárquica sobre as variações populares de catolicismo existentes no país. E mais : ao esforço reformista do episcopado, a partir dos meados do século XIX, para controlar a doutrina, a fé, as instituições; à educação do clero e do povo; à dependência cada vez maior, dado à falta de um clero para isso preparado, de padres estrangeiros, principalmente das Congregações e Ordens Religiosas, de modo a fazer “ *a transição do catolicismo colonial ao catolicismo universalista com absoluta rigidez doutrinária e moral*” e, por último, refere-se à busca destes objetivos, independentemente e mesmo contra os interesses políticos locais.²⁷

Como se pode ler, BASTIDE, de confissão protestante, dá ênfase à identidade e universalidade do catolicismo, termo que em sua conotação primeira (*κατολικοσ*) encerra tal significado. Deixa claro também que o esforço reformista buscava uma absoluta rigidez doutrinária e moral deixando entender a inexistência de tal identidade.

²⁷ Para R. BASTIDE , o conceito de “romanização” (embora use a expressão “igreja romanizada) consiste em :

1) a afirmação da autoridade de uma igreja institucional e hierárquica(episcopal) estendendo-se sobre todas as variações populares do catolicismo folk;

2) o levante reformista do episcopado, em meados do século XIX, para controlar a doutrina, a fé, as instituições e a educação do clero e laicato;

3) a dependência cada vez maior, por parte da Igreja brasileira, de padres estrangeiros (europeus), principalmente das Congregações e Ordens missionárias, para realizar “a transição do catolicismo colonial ao catolicismo universalista, com absoluta rigidez doutrinária e moral”(341); e

4) a busca destes objetivos, independentemente e mesmo contra os interesses políticos locais.”

Cfr. R. DELLA CAVA . *Milagre em Joazeiro*, 1976, p. 43, citando R. BASTIDE in *Religion and the Church in Brazil*, in T. Lynn Smith and Alexander Marchant (eds.) *Brazil, Portrait of Half a Continent*, New York, 1951, pp. 334/355

É de se registrar, entretanto, que a adoção do nome “*romanização*” para denominar o esforço de reforma católica ocorrida no Brasil, traz em seu nascedouro a marca de um estudioso que, como protestante, denominava os católicos de romanistas, em sentido francamente pejorativo²⁸.

Adotado pela quase unanimidade de autores que estudam o momento histórico em evidência, o termo “*romanização*” passou a ser enriquecido por outros significados.

DELLA CAVA (1976, p. 33) reforça e amplia o sentido acenado por Roger Bastide e identifica em Dom Luis Antônio dos Santos, primeiro bispo do Ceará (1854), os ideais da “*romanização*” :

Restaurar o prestígio da Igreja e a ortodoxia de sua fé e remodelar o clero , tornando-o exemplar e virtuoso, de modo que as práticas e crenças religiosas do Brasil pudessem ficar de acordo com a fé católica , apostólica e romana de que a Europa se fazia então estandarte.

Aqui já se pode notar que o autor deixa de destacar a identidade e universalidade da Igreja como primeiro objetivo da “*romanização*” para enfatizar a restauração do prestígio da Igreja e a adequação das práticas e crenças religiosas com a fé católica. Evidencia-se com isto que o autor prepara-se para colocar o movimento reformista como algo que há de se opor ao “milagre em Joazeiro”, no qual privilegiará o devocionismo, as crenças populares e, até mesmo a indisciplina hierárquica.

BEOZZO, em seu já citado artigo “Irmandades, Santuários, Capelinhas de beira de estrada”, avança ainda mais na conceituação de “*romanização*” levando o conceito ao quase paroxismo de uma luta dentro do Catolicismo :

“Uma das descobertas fundamentais do atual debate sobre a História da Igreja no Brasil é o aspecto crucial de que se revestem as transformações por que passou a Igreja num curto período que vai de 1880 a 1920” (grifo nosso).

O autor já delimita um novo período histórico e acentua o aspecto crucial que envolveu tais transformações explicitando :

²⁸ Dentre outras obras, tal sentido pejorativo pode ser aferido na obra “*Noites com os Romanistas*” de autoria do Rev. M. H. SEYMOUR, publicada em data anterior a 1886 pela Sociedade Americana dos Tratados, Rua de Nassau, 150, Portugal.

“Podemos dizer que neste período rompe-se o equilíbrio entre o abraqueiramento do catolicismo pela sua convivência com a senzala e o índio, pelo cruzamento de tradições reinóis e da terra, catolicismo mestiço e barroco, convivendo com reizados e congadas, com Irmandades de Nossa Senhora dos Pretos e São Benedito e a sua “europeização” embutida na luta por um catolicismo mais “puro”, mais “branco”, mais ortodoxo, mais próximo de Roma. Dizemos que o equilíbrio se rompeu pois um dos dois catolicismos passa a ser considerado ilegítimo e supersticioso, um mal a ser extirpado enquanto o outro impõe-se como o único legítimo e reconhecido pela hierarquia da Igreja “(grifo nosso)²⁹

A visão de BEOZZO deixa entrever que as medidas, antes vistas por BASTIDE como uma busca de identidade doutrinária e moral, desaguardiam numa quebra de equilíbrio, numa luta em que o catolicismo mais “puro”, isto é menos sincretista, mais “branco”, isto é menos ligado às religiões africanas, mais “ortodoxo, mais próximo de Roma”, isto é mais identificado à doutrina católica, e que, por fim, sufocaria o catolicismo mestiço e barroco.

Ora, no desenvolvimento de seu artigo em que explicita as medidas através das quais a hierarquia pretendeu sufocar o catolicismo “mestiço e barroco” o autor destaca as medidas disciplinares que visavam a identidade doutrinária e moral do catolicismo.

Não se pode afirmar categoricamente que a Igreja considerou as manifestações populares e autóctones como um “mal a ser extirpado”.

As medidas apontadas por BEOZZO, no artigo acima citado, visavam principalmente coibir abusos que, ao longo do tempo, buscou-se eliminar em tais manifestações.

Entretanto, estão aí as congadas, os reizados, as romarias, os leilões, as procissões, a devoção aos santos, as promessas, as salas de milagres anexas aos centros de devoção e outras mais o que comprova que os nos ditos abusos não estavam compreendidas manifestações populares e até mesmo folclóricas da religiosidade popular.

Para facilitar a compreensão do termo “abusos” valho-me de ABREU (1999, p. 329) :

²⁹ J. O. BEOZZO . Op. cit. p.. 743.

É bem verdade que algumas festas religiosas tradicionais foram condenadas, mas, significativamente, poucas vezes. E, além do mais, não em seu aspecto de culto externo e entusiasmo do povo, mas nos perigos de não possuir autorização clerical ou reunir muitas barracas de jogos, bebidas, como já vimos.

O autor assinala ainda que muitas vezes tais festas eram oportunidades para vícios, embriaguez e jogatina.

Outro termo que requer esclarecimento refere-se ao que se deve compreender por *folclore* e aqui, novamente me valho de GINZBURG (1996, P. 17)

Dessa maneira foi superada, pelo menos verbalmente, não só a concepção de folclore como mera coleção de curiosidades, mas também a posição de quem distinguia nas idéias, crenças, visões de mundo...

Em contraposição à visão *romanizadora* podemos constatar que, por vezes os missionários defrontaram-se com situações que, embora ausentes do panorama religioso de origem, foram toleradas e até mesmo incorporadas em seu cotidiano o que, se não afasta totalmente, pelo menos abranda a proclamada luta crucial adotada pela “*romanização*” frente ao catolicismo popular.

O próprio BEOZZO, na conclusão do artigo, afirma que as ditas manifestações “*mestiças e barrocas*” retornam, “*nas comunidades de base com seus dirigentes*”.

Outra vez tenho que discordar porquanto, ainda não se falava em “*comunidades de base*”, coisa que surgiu no pós-Concílio Vaticano II, e eu mesmo pude presenciar e testemunhar, na minha infância em Tabuleiro do Pomba, apresentações festivas de congadas por ocasião da Festa do Rosário, bem como, admirar as atividades dos romeiros no Santuário do Bom Jesus de Congonhas, dentre elas, estranhas promessas e os ex-votos da sala de milagres, sem que tais manifestações fossem proscritas.

Vê-se, pois, que as intervenções da hierarquia na busca de uma identidade religiosa não podem nem devem ser vistas apenas como atitudes repressivas, mas como atitudes que buscavam preservar a identidade da instituição e coibir abusos.

Nesse sentido é clara e, em muito corrobora, a análise de GRAMSCI (1978, p.27) perfeitamente aplicável ao caso:

A religião – ou uma igreja determinada – mantém a sua comunidade de fiéis (dentro dos limites fixados pelas necessidades do desenvolvimento histórico global) na medida em que mantém permanente e organizadamente a própria fé, repetindo infatigavelmente sua apologética, lutando sempre e em cada momento contra argumentos similares, mantendo uma hierarquia de intelectuais que emprestem à fé pelo menos a aparência de dignidade do pensamento (grifo nosso)

Calcado em tal análise, pode-se afirmar que a omissão da hierarquia de intelectuais - episcopado e clero - em manter a fé organizada e o silêncio apologético face aos desvios da massa, causam a dispersão, a falta de identidade e por fim o desaparecimento de determinada religião.

Dessa forma podem ser vistas certas medidas adotadas pelo clero e episcopado no curso da reforma em questão.

Essa visão dos fatos não pode ser desconhecida e afogada pela visão exclusiva de alguma medida mais enérgica e isolada, passando-se a generalizá-las no intuito de justificar o conceito de “romanização” como movimento repressor.

Muitos dos confrontos entre o catolicismo popular e o catolicismo ortodoxo deveram-se à carência de orientação religiosa o que foi um dos motivos assinalados por TEIXEIRA MONTEIRO (1985, p.12) para justificar a conduta de Frei Rogério face aos *monges* do Catolicismo rústico :

Se houve compreensão de sua parte, associada a uma grande coragem, no enfrentamento dos bandos de fiéis e de seus líderes, deveu-se à percepção parcialmente correta de que o comportamento que manifestavam era a expressão de uma carência de orientação religiosa.

Portanto, muitas das intervenções da hierarquia podem ser vistas como esforço de preservação e de afirmação de identidade e, é nesse sentido que se pode melhor entender o espírito da “romanização” e não simplesmente como uma outra forma despistada de inquisição, que condenava e queimava quaisquer expressões ou desvios da pureza doutrinária.

Nessa análise, volto a citar OLIVEIRA (1985, p. 275) que em vários momentos aborda a questão:

Com esta palavra , coloca-se em relevo o fato de o catolicismo brasileiro ser destituído de suas características tradicionais, amoldando-se aos padrões do catolicismo romano expresso no Concílio Vaticano I .

Na mesma obra, nas páginas 275 a 285, comenta o documento em que D. Macedo Costa, arcebispo da Bahia expôs, em 1890, os “ *Pontos para a Reforma da Igreja do Brasil* ”. ³⁰

Dentre os pontos relevantes destacam-se: a preocupação com a catequese ou instrução religiosa, a formação do clero, e as missões populares :

Todas as populações que pressurosas e numerosíssimas acodem à voz dos missionários, pode-se dizer que se regeneram e fortificam por muito tempo...

O documento em foco contempla, em 9 capítulos, o que Pedro A . Ribeiro de Oliveira considera a súpula da “ *romanização* ”. Neles pode-se ver, com clareza que a principal preocupação é a formação do clero e a instrução do povo “dito católico”.

Neste aspecto muito se tem acentuado que o povo não era ignorante da *sua* religião, como acentua COMBLIN (1976, p.848)

Ora, a ignorância de que se fala é exatamente o desconhecimento doutrinário da religião que o povo diz professar : o catolicismo. Se não se conhece a doutrina, não se conhecem as verdades que identificam tal religião.

Não há como amenizar a situação, trata-se de ignorância religiosa, ou seja, ignorância (desconhecimento no sentido estrito do termo) doutrinária da religião que se afirma professar, e esta era uma das principais preocupações da dita “ *romanização* ”.

³⁰ “Dom Macedo Costa, arcebispo da Bahia, redigiu em 1890 um importante documento sobre a reforma da Igreja do Brasil, assinalando as medidas mais urgentes a serem tomadas para fazer face à nova situação da Igreja .” P. A . R. OLIVEIRA , Op. cit., p. 275

Dentre tais pontos podem-se destacar :

“Além do catecismo aos meninos nos domingos, farão ao povo a explicação do evangelho prescrita pelo Concílio tridentino, ou se mais cômodo for aos fiéis, uma vez por semana farão instruções em estilo singelo, ao alcance de todos, mas sem resvalar no trivial e chulo, antes sempre decoroso e digno, sobre os principais mistérios da Religião, sobre a Igreja e o Sumo Pontífice, sobre os Sacramentos...”

É preciso acender a fé e aumentar a prática das virtudes, por meio das missões populares . Elas dão bons resultados para a edificação e regeneração da fé católica e atraem candidatos ao sacerdócio. Todas as populações que pressurosas e numerosíssimas acodem à voz dos Missionários, pode-se dizer que se regeneram e fortificam por muito tempo...” Idem, p. 276 e 280.

Intriga-me, todavia, uma questão.

Por quê chamar tais preocupações de “romanização” se, em outros tempos o mesmo ocorreu na História da Igreja ?

Sem a intenção de promover uma mera disputa sobre o termo em si, uma vez que já Tomás de Aquino nos alertou , “*de terminis non disputandum*”, o termo “romanização”, que muitas vezes tem sido empregado por um simples modismo, sem dúvida, traz em sua semântica ares pejorativos de imposição e de perseguição, portanto, de impropriedade.

Não pretendo disputar pelo simples prurido de confrontar, o que pretendo é oferecer uma nova ótica na visão de tais fatos.

AZZI, em vários de seus escritos, mas nem sempre, refere-se a tal movimento como reformista e aos bispos que o conduziram, como bispos *reformadores* e não “*bispos romanizadores*” :

Durante quase toda a história religiosa do Brasil, desde a implantação do primeiro bispado em 1951 até o primeiro concílio plenário brasileiro em 1939, o episcopado teve como ação pastoral prioritária a implantação da reforma tridentina.

Essa atuação foi relativamente fraca durante a época colonial, mas se fortaleceu durante a época imperial pelo movimento dos bispos reformadores, consolidando-se durante o período da república velha.

Baseados nessa mentalidade tridentina, que colocava ênfase na vida sacramental, os bispos mantiveram em geral uma atitude de reserva com relação ao catolicismo tradicional do Brasil, de herança lusitana, e de caráter marcadamente devocional.

... A grande meta dos bispos reformadores do século passado foi a reforma da Igreja do Brasil, para moldá-la aos princípios tridentinos, colocando ênfase na organização hierárquica eclesiástica e na praxe sacramental .

Esta reforma foi introduzida e levada avante nas diversas classes de membros que compunham a estrutura da Igreja: clero, ordens religiosas , leigos. (AZZI , 1977, p. 111/112)

Como se pode constatar o movimento reformista sempre foi uma preocupação da Igreja no Brasil em todos os rincões da cristandade.

Sabemos que, já nos primeiros séculos, antes do batismo, os catecúmenos passavam por um período de instrução religiosa; que na era medieval “as bíblias de pedra” e as “ordas de pregadores” fizeram o mesmo e , nem por isto, tais fatos foram denominados de “romanização” .

Reforma sempre foi uma das preocupações da Igreja e ocorreu em diversos momentos da história. Podem-se assinalar, dentre outras, a reforma promovida pelo Papa Gregório VII,³¹ no século XI que mudou a face da Igreja e, é claro, a famosa reforma tridentina. Nos dias de ontem a Igreja passou por outra marcante, a reforma do Vaticano II. Portanto, reformar sempre foi preocupação das autoridades eclesiásticas. Assim, a Igreja do Brasil, bem como diversas outras, passou por reformas semelhantes no final do século XIX. Chamar tais movimentos de “romanização” e seus promotores de “agentes de Roma” reflete, sem dúvida, uma certa tendência a rejeitar que a Igreja tenha uma hierarquia à qual cabe zelar pela identidade da fé e de suas manifestações.

Em todos os quadrantes onde a Igreja Católica se fez ou se fazia presente, foram comuns as mesmas preocupações constantes da instrução de Dom Macedo Costa.

Por que não denominar tal esforço de *reforma da Igreja*? Por que esta estranha simpatia por um gentílico de origem contestatória, restringente e até mesmo pejorativa?

Por que ligar a tal movimento exageros isolados de alguns representantes do clero e generalizá-los como emanados da Santa Sé?

Alguns historiadores e sociólogos, dentre eles OLIVEIRA, deixam transparecer que a atuação do que se convencionou chamar “romanização” pretendeu sufocar o catolicismo popular:

Analisando a romanização, vimos que o conjunto de transformações operadas por seus agentes tem por fim a reestruturação do aparelho religioso, colocado sob o controle clerical, e a substituição do catolicismo popular pelo catolicismo romano. (grifo nosso)³²

Constata-se que a Igreja, em sua história, tomou atitudes pouco cristãs contra algumas tendências dogmáticas e mesmo práticas a que denominou “heresias”. A Inquisição, as guerras e fogueiras estão aí para clamar contra tais atitudes. De muitos desses

³¹ “Na história da Igreja medieval existe uma fase de importância relevante: a reforma gregoriana do século XI, início da famosa luta das investiduras, que perdurou até o fim do século XIII. Esse movimento foi iniciado pelo Papa Gregório VII (1073-1085), a cujo nome ficou vinculada a própria reforma, e foi conduzido a seguir pelos seus sucessores no trono pontifício.

...Existe uma analogia marcante entre este movimento reformador do século XI e o movimento brasileiro de reforma católica no século passado.”

Quem faz tal a afirmação é R. AZZI, em seu artigo sobre “*Os padres da missão e o Movimento Brasileiro de Reforma Católica no Século XIX.*” . p. 1237

erros, cometidos sob o manto execrável de preservação da fé, ultimamente, a Igreja se penitenciou .

No caso da reforma da Igreja, ocorrida a partir do final do século XIX no Brasil, não se chegou a tais extremos, aqui não identificaram “heresias” e, seguramente, não se pode, portanto, pretender igualar as atitudes reformistas do episcopado e do clero brasileiro de então, a atitudes de mera perseguição, de massacre e silenciamento das expressões e tradições religiosas então praticadas.

Quando se fala em reforma, está implícito no conceito a conservação do existente e a retirada de algo que descaracteriza o objeto ou, de detalhes lhe tiram a originalidade ou mesmo a eficiência.

Isso torna evidente que a reforma do catolicismo, promovida no período em questão, retirou-lhe exageros, desvios, enfim, aspectos que o descaracterizavam como tal pela ausência, quase total de uma identidade doutrinária .

Entretanto aqueles aspectos que não o desfiguravam, tais como, manifestações externas da fé, devoção aos santos, solenidades e festividades despidas de abusos, foram mantidos .

RAMBO (2002, p. 279) aborda tal questão em antológico artigo sob o título “Restauração católica no Sul do Brasil ” o que me pareceu mais aproximar-se do conceito de reforma conforme acima exposto :

O cenário histórico que começou a ser desenhado pelas correntes do pensamento como o iluminismo, o enciclopedismo, o liberalismo, o racionalismo, o socialismo e outras, a partir do século dezoito, colocou a Igreja Católica diante de um desafio gigantesco. As monarquias de direito divino, os regimes de cristandade e de padroado vão dando lugar aos estados laicos que, ou prescindem da Igreja, ou a ignoram, ou a hostilizam, ou a combatem abertamente. A resposta da Igreja foi a implantação do Projeto de Restauração Católica. O Projeto resume-se essencialmente no retorno da Igreja à doutrina, à prática e à disciplina do Concílio de Trento sob o comando único de Roma e do Romano Pontífice.

É inegável ter acontecido um movimento restaurador em toda a Igreja a partir do Concílio Vaticano I. Os tempos exigiram um novo posicionamento da Igreja e tal posicionamento partiu do comando da Igreja, de Roma.

Por quê não denominar tal movimento de restauração, de reforma ?

Por quê denominá-lo de *romanização* se tal termo está eivado de tantos conceitos pejorativos e mesmo de desvios histórico-sociológicos, como visto ?

Se admitirmos em tal termo os conceitos de restauração, de reforma da Igreja com vistas a um retorno às fontes da doutrina, do culto e da disciplina eclesiástica, enfim se o ampliarmos e dele retirarmos certas distorções, nele poderemos abraçar vários movimentos que não se coadunam com a estreita visão do que, atualmente, se pretende com o termo *romanização*.

Finalmente a consideração que justifica todo esse questionamento sobre “*romanização*”:

Por quê identificar a vinda dos religiosos que aportaram ao Brasil de então como “*agentes da romanização*”, como enviados de Roma para sufocar o catolicismo popular ?

A verdade é que muitos estudiosos têm apontado a vinda de missionários estrangeiros para o Brasil, dentre eles os redentoristas, como *agentes da romanização*.

Quando se afirma que os missionários estrangeiros vieram como *agentes da romanização* da Igreja no Brasil, pretende-se desfigurar seu trabalho e mesmo, desconhecer os projetos internos que marcam a história de cada instituto.

Tal argumento restringe em muito os propósitos e ideais trazidos nas velhas arcas e nos corações daqueles pioneiros.

No caso específico dos redentoristas, já que entre os *agentes da romanização* compreendem-se várias outras congregações e institutos religiosos masculinos e femininos, sua vinda, como demonstraremos, não está ligada a decisões da sede romana .

Pode-se entender melhor a vinda dos redentoristas a partir do fato de que a declaração de Afonso de Ligório como Doutor da Igreja em 7 de julho de 1871, logo após o encerramento do Concílio Vaticano I, a sua convicta defesa da infalibilidade do papa, ensejou uma total confiança de Roma nas práticas e na espiritualidade preconizadas por ele e transmitidas aos seus seguidores, os padres missionários da Congregação do Santíssimo Redentor.

As posições de Santo Afonso e sua perfeita consonância com as idéias defendidas pelo Vaticano I , muito impressionaram os bispos brasileiros que dele

participaram o que, por certo, muito recomendou os congregados redentoristas como protagonistas da pretendida reforma que os bispos, ao regressar, promoveriam em suas dioceses.

A chegada dos Redentoristas ao Brasil insere-se portanto, nesse movimento de reforma da Igreja e de implantação da mentalidade tridentina, renovada pelo Vaticano I.

Como demonstraremos, a vinda dos redentoristas não está pois ligada a qualquer interferência direta de Roma, de forma a torná-los *agentes da romanização*.

Como último tópico destas preliminares consideremos as missões.

Nos finais do século XIX a Igreja Católica passou na Europa por um grande surto missionário.

Tal movimento pode, seguramente, ser entendido como resposta à onda de secularização desencadeada na Europa e ao mesmo tempo, uma busca em preencher as lacunas cavadas no velho continente levando ao Novo Mundo e à Ásia a fé ali rejeitada.

Não se pode também desconhecer que o esforço missionário do século XIX é resultado do Concílio Vaticano I que frontalmente opôs-se à secularização reinante.

Um testemunho marcante do despertar missionário é a figura de Santa Terezinha de Lisieux (1873- 1897) que, embora tenha vivido enclausurada, tornou-se a padroeira das missões por haver dedicado sua vida contemplativa a orar pelos missionários.

O Brasil não foi o único alvo da febre missionária da segunda metade do século XIX.

As ordens e congregações religiosas experimentaram uma grande efervescência e enviaram missionários ao Japão, China, Indonésia, Índia, África e a todos os rincões da América.

Os próprios Redentoristas, antes de aportarem ao Brasil, já haviam cruzado os mares estabelecendo-se na América do Norte (1832), na Austrália (1882), no Equador (1868), no Peru (1884), na Colômbia (1884), em Porto Rico (1886) na Argentina (1884) e no Suriname (1865).

O surto missionário que, como se pode comprovar, não se restringiu ao Brasil, foi resultado de uma renovação da Igreja, de um despertar de vocações e, sem

dúvida, de uma busca de novos espaços fora da Europa onde, os movimentos liberais, nacionalistas, anticlericais e secularizantes, muitas vezes, lhes opuseram obstáculos.

Nesse tópico há que se fazer uma importante distinção: coexistem na Igreja dois tipos de movimento missionário, missões de renovação da fé e missões de propagação da fé.

Nesse momento da história da Igreja houve um grande incremento de ambos os movimentos.

Assim se compreende a vinda dos redentoristas e outras ordens e congregações religiosas para o Brasil como missionários, dentro do modelo de reforma da igreja.

Por outro lado, muitas ordens e congregações religiosas, antigas e recentes, tomaram como fim as missões de propagação, de expansão ou de conversão. Nesse sentido compreendem-se as ações de missionários na África, na Ásia ou mesmo entre indígenas da América.

Tal segmento missionário contou com efetiva atuação do Papa e da cúria romana especialmente da Congregação “ De Propaganda Fide” como demonstra SANTOS (2002, p.80) :

Engajado na rejeição ao mundo moderno e desejoso de ampliar o mundo católico para a África e para a Ásia, áreas que estavam distantes do anticlericalismo e do racionalismo europeus, Pio IX deu um grande impulso às missões estrangeiras, dirigindo a atenção da Igreja para a reorganização missionária. Uma das mais importantes medidas tomadas pelo Papa foi a reanimação da Congregação da Propaganda da Fé.

Nesse caso pode-se falar em uma intervenção direta do romano pontífice o que mesmo assim, não caracteriza tais missionários como *agentes da romanização*.

É de se concluir que a vinda dos Redentoristas para o Brasil, com o objetivo de desenvolver ações missionárias de renovação da fé cristã, sem a direta e efetiva intervenção da Santa Sé, deva ser vista dentro do horizonte dos ideais que caracterizam o instituto desde sua fundação.

Reduzir tal empreendimento apenas ao esforço de “*romanização*” dos bispos brasileiros e transformar os redentoristas em simples “*agentes da romanização*” esvazia-lhes o ethos próprio, lhes tolhe as naturais incertezas, iniciativas e adequações ao

novo cenário transformando-os em simples peças de uma totalizante visão histórica que desconhece uma realidade complexa e multifacetada.

É claro, como acima comentamos, que os Redentoristas, quando chegaram ao Brasil, estranharam o panorama sócio - religioso, bem diverso daquele em que viviam e trabalhavam na Holanda.

Muito embora os missionários estivessem em consonância com o espírito da época, o espírito de uma Igreja sacudida pelos apelos do Vaticano 1º. e impregnada pelos ditames da reforma tridentina, os ocasionais conflitos advindos de seu trabalho podem ser melhor vistos como um natural choque cultural do que como um plano urdido a partir de Roma para “*sufocar o catolicismo popular*” .

Como poderemos constatar, as missões eram principalmente momentos de instrução, de reflexão, de conversão e também, sem dúvida, uma grande festa bem ao gosto das tradições brasileiras.

Os missionários não tinham o propósito de sufocar as expressões religiosas populares e, com relação às suas práticas e “*exterioridades*”, desde que não se constituíssem abusos, as respeitaram e permitiram que chegassem até os dias de hoje.

As devoções aos santos não só foram respeitadas como incrementadas pela introdução de novas, trazidas da Europa, como a devoção a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a Santo Afonso e a São Geraldo, que hoje fazem parte de nosso cotidiano religioso.³³

³³ A propósito da introdução da devoção a Nossa senhora do Perpétuo Socorro é oportuno esclarecer um fato narrado e apontado por P.A . R OLIVEIRA, 1985, p.285/286 , como exemplo perfeito da “*estratégia dos agentes romanizadores*”.

A narrativa não corresponde ao fato histórico e as análises por ele feitas ficam,” ipso facto”, prejudicadas. O que ocorreu verdadeiramente foi que :

“Ora, é preciso saber a história : o primeiro superior, Padre Geraldo Schrauwen, em virtude da permissão episcopal de embelezar e aumentar a igreja da Glória, afastara do altar-mór uma pintura em tela, representando Nossa Senhora com o Divino menino no braço, presente da família Lage, e colocara no lugar a preciosa imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Essa mudança se deu, com anuência da então Comissão, aos 8 de maio de 1895, para imensa satisfação e alegria do povo e com grande solenidade. Até Baltazar Weydt deu, naquela ocasião, de presente certo número de bandeirolas. Note-se que a pintura retirada de forma alguma representava a padroeira da Igreja. A pedido da própria família Lage, fora-lhe restituída a tela.”.

A narrativa, escrita em 1908 é de autoria do então superior da igreja Padre Adriano Wiegant e consta do documento “*Questão Alemã*”, em arquivo da Província Redentorista do Rio de Janeiro. É evidente que não houve no fato a conotação estratégica de substituir devoções tradicionais por outras mais condizentes com o espírito “*romanizado*”.

Foram eles quem ergueram o ainda hoje famoso Santuário de São Geraldo em Curvelo e fomentaram a devoção a tal taumaturgo, tornando-o um dos santos mais venerados em Minas Gerais.

O que os motivava e os confortava quando se decidiram a deixar a pátria era a realização de uma vocação: pregar missões aos mais abandonados.

Isso pode-se constatar claramente na carta pela qual o provincial holandês comunica ao bispo de Mariana a vinda dos missionários e nas cartas dos pioneiros, como veremos mais tarde.

Os Redentoristas já eram conhecidos no mundo católico por sua atividade principal, *eram missionários*.

O candidato, ao ingressar na Congregação, logo era informado de que o fim do instituto era a formação de missionários e sua aderência a esse ideal era condição de permanência.

Para eles, as missões não se destinavam a um determinado segmento social, classes subalternas ou dominantes. Pregaram indiscriminadamente nos grandes centros e nos mais humildes povoados.

Suas preocupações eram levar o evangelho às almas mais abandonadas, ao povo simples e humilde dos arraiais, como fizera seu fundador e pai aos cabreiros de Scala, inseridos no espírito de seu tempo e, respeitando sempre que possível, as tradições populares, como veremos adiante.

CAMURÇA (2004, p. 227) surpreende-se com tal constatação :

Se observarmos o estilo das ‘Santas Missões’ no território do catolicismo tradicional mineiro vamos nos surpreender com o caráter ‘exterior’ de suas pregações, ao contrário das preocupações expressas em fomentar um estado de ‘interioridade’ nos assistentes.

Não se pode encobrir que a expressão desses ideais concretizava-se na pregação missionária calcada no teor doutrinário vigente na época, teor sacramentalista, dogmático, tridentino.

O dito quadro de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro voltou a um altar lateral e no altar –mor foi entronizada a belíssima imagem de Nossa Senhora da Glória,(esculpida em madeira na cidade de Ulrich – Tirol) que até hoje ali pode ser venerada, em 24 de agosto de 1924, quando da bênção da nova igreja .

Tão pouco se pode minimizar o choque cultural enfrentado pelos missionários que em muito tiveram de ceder para atingir o maiores objetivos das missões.

Por fim, estas considerações sobre “romanização”, podem ser bem melhor compreendidas à luz da análise de SANCHIS (1997, p.105) :

Na ‘sociogênese’ do Brasil produziu-se um encontro desigual entre três experiências culturais (europeia, africana e indígena), que nos seus macroprocessos foi marcado por dominação, exploração e etnocídio, mas que nos microprocessos gerou porosidades e ‘contaminações mútuas’ .

Não há porque deixar de reconhecer tal porosidade em todas as atividades do catolicismo brasileiro pretendendo, por outro viés, estigmatizá-las pela rigidez e intolerância.

E, por fim, buscando afastar-nos dos extremos, concluir com KARNAL (1994, p. 262) que vislumbra em todo esse desejo de reforma um esforço na busca de um modelo purista que “*nunca foi seguido pela ortodoxia católica*” e que pretensão de se fazer da Igreja “*a nau dos escolhidos*” como quiseram seus mentores, acabou por admitir que a Igreja é “*uma imensa arca de Noé, conduzindo dentro de si o imaginário variegado de uma viagem para a terra prometida*”.

Na verdade, o resultado de todas essas atividades reformistas, não conseguiu mudar a característica do catolicismo brasileiro que permanece, sobretudo, inclusivista e tolerante.

É isto que pretendo desenvolver e demonstrar.

Assim, no primeiro capítulo, “**O Tempo**”, buscarei desenhar e colorir esta categoria do ser de todas as coisas : o tempo .

Aliado ao tempo está o espírito.

Para bem compreendermos os fatos é necessário que nos mergulhemos no “*Zeitgeist*”. Não os explicaremos (*erklären*) mas buscaremos a sua compreensão(*verstehen*).³⁴

³⁴ Para melhor compreensão dos conceitos cfr. : C. PRANDI & G. FILORAMO. *As Ciências das eleições*, 2000 , p. 12-15

Concentrarei pois o meu olhar no finais do século XIX, inícios do século XX . Acentuarei com cores mais fortes, o panorama do mundo católico, seus conflitos, os novos rumos e os movimentos que envolveram os personagens dessa história.

Nesse espaço ocupar-me-ei também em situar, no tempo e espaço, os protagonistas deste trabalho, bem como, a figura e o espírito de seu fundador, Afonso de Ligório.

No segundo capítulo, “**Mãos à obra**”, procurarei penetrar nos corações e mentes daqueles pioneiros e de seus sucessores, buscando afastar o véu de seu íntimo e vislumbrar suas intenções de ação, como pessoas humanas dedicadas a um ideal e revestidos de um espírito, o de Afonso de Ligório a quem, carinhosa e convictamente, chamavam de pai.

Nesse momento é que hei de me valer das centenas de correspondências trocadas por eles com seus companheiros de trabalho, com seus superiores e familiares, das crônicas, dos sermões e registros diversos que sobreviveram às traças e à inclemência dos anos.

O capítulo terceiro, **Tempos de Cólera**, apresentará as críticas e as dificuldades o ao trabalho missionário, destacando o insucesso das missões pregadas em Juiz de Fora no ano de 1906 e o infausto episódio do Padre Júlio Maria.

As “**Conclusões**” que ousarei expor, certamente estarão marcadas por incertezas mas, o quanto possível, mais próximas da realidade vivida por seus autores e narradores.

Nelas espero poder registrar as marcas deixadas pelas diversas agremiações, institutos religiosos, publicações, jornais e revistas implementados pelos missionários, bem como, revolvendo as cinzas do passado, hei de buscar os ecos de tais trabalhos que, por ventura, ainda se deixem ouvir e sentir como resultado de tais atividades.

Espero pois, que tal trabalho possa contribuir com a área de estudos do campo religioso brasileiro. Os conceitos de catolicismo popular e de romanização foram implementados a partir de estudos efetuados ao longo da segunda metade do século XX e são, portanto, recentes. Questioná-los, aferi-los é, pois, um projeto que requer dedicação e, sobretudo, honestidade científica .

Outra contribuição será no sentido de uma melhor compreensão do que realmente moveu os missionários europeus a buscar o Brasil, envoltos nas dobras do tempo dos fins do século XIX e, a esse aspecto, somar as conclusões sobre a efetiva influência que tais trabalhos missionários deixaram em nosso mineiro catolicismo.

CAPÍTULO 1 - O TEMPO

" Se o vento abre feridas nas pedras, o tempo, esse cicatriza chagas abertas na memória e apaga lembranças que as mágoas e os sofrimentos cravam na alma. Ou quase. O que resta, aos poucos, chama-se saudades, no coração, ou reminiscências, na razão. "

Afonso Ribeiro da Cruz

1.1 - ROMA

Na conceituação aristotélica, o tempo é a medida do movimento segundo antes e depois.³⁵

É nesse sentido que tomo o tempo como moldura do cenário em que os fatos se sucederão, na cadeia do antes e depois.

Assim, sem me perder nas brumas da poesia, tomarei o tempo como a seqüência de movimentos que envolve os fatos, buscando sempre aqueles fatos que revelem o “*espírito da época*”, de forma tal que nos possibilitem uma abrangência maior de visão, no sentido lógico do termo “*com-prehendere*”.

Deste momento, distante daqueles, podemos ver com clareza que a Europa passou por fortes mudanças no cenário político-religioso, a partir da segunda metade do século XIX.

Os antecedentes históricos de tal reviravolta podem ser encontrados na Revolução Francesa com a queda do *Ancien Régime*, cujas estruturas advinham ainda da Idade Média.

As classes do *Ancien Régime*, a saber o clero, a nobreza e os servos haviam envelhecido como atesta REMOND (1976, p. 54) :

³⁵ “Tempus est numerus motus secundum prius et posterius”, Cfr. S. TH., in II Metaph., lect. Ia..

Essa organização envelheceu [...] a evolução do governo, das relações sociais, da economia foram alterando e rompendo progressivamente o equilíbrio [...] a distinção tradicional em ordens deixou de corresponder a necessidades tão prementes quanto na Idade Média ou no início dos tempos modernos.

A Igreja Católica que há muito exercia um papel de coesão desta sociedade foi abalada. (MAYER, 1987, p.17)

Nos anos da revolução, ocorreram inúmeros ataques a essa ordem e à amalgama católica que a sustentava. Confisco de bens eclesiásticos e supressão da vida religiosa foram alguns deles. Por outro lado, a promulgação da Constituição Civil do Clero (1790) buscava criar uma igreja nacional tendo por modelo a Igreja Anglicana da Inglaterra.³⁶

A idéia que passava pela constituição era de uma ampla subordinação da instituição eclesiástica ao Estado :

Assim, abria-se um fosso por muito tempo intransponível entre a Igreja Católica e a Revolução. Da fundação de uma igreja nacional se passava à luta aberta contra a religião, à tentativa declarada de descristianizar a França. (MARTINA, 1996, p. 14)

Sobre tal momento histórico, não posso deixar de registrar uma das melhores páginas já escritas e que bem demonstram a importância desse contexto histórico :

A revolução do pensamento que teve sua expressão máxima na ilustração, no iluminismo, no enciclopedismo, no racionalismo, no liberalismo, no evolucionismo, no socialismo, foi sem dúvida um dos componentes mais decisivos. A Revolução Francesa implantaria na França os resultados práticos dessa reviravolta, derrubando a monarquia e executando a família real na guilhotina. Mais tarde, Napoleão se encarregaria de difundir, com o avanço dos seus exércitos, as novas idéias para a Europa toda. O velho paradigma de organização com um monarca absoluto no topo e o povo aos seus pés chegara ao fim. E com ele se encerrava a era em que o rei, o imperador, além de encarnar e exercer o poder civil, por bem ou por mal, representava também o poder espiritual. A coroação dos reis franceses em meio à pompa litúrgica na catedral de Reims mergulhava a figura do rei numa aura de sacralidade. Colocava-o no Olimpo dos deuses distantes, intocáveis, soberanos,

³⁶ Origem do “Galicismo”.

investidos de uma autoridade incontestada, legitimando inclusive o autoritarismo despótico. A multidão correndo pelas ruas de Paris, respondeu a essa concepção com o clamor pela ‘liberdade, igualdade e fraternidade’, ao mesmo tempo em que aplaudia ruidosamente o final da monarquia.

Os anos finais do século dezoito marcaram o início do fim dos tempos em que a Igreja e o Império, de mãos dadas, aliados no mesmo objetivo, mantinham sob tutela rígida os negócios temporais e os negócios espirituais. A auto-coroação de Napoleão pode ser interpretada como um episódio de transição nessa dinâmica de transformação. A autoridade laica começava a rejeitar a legitimação eclesiástica e credenciava a si mesma. O monarca mantinha o título, o cetro e a coroa, não mais outorgados pela autoridade da Igreja em nome de Deus, mas pela autoridade que ele mesmo conquistou.” (RAMBO, 2002, p. 281)

Como visto, Napoleão Bonaparte, e antes dele a Revolução Francesa, aparecera a sacudir o mundo nos inícios do século XIX e, agora fora de cena, ensejava o nascimento de uma consciência nacional, consciência que fora ameaçada e humilhada pelo vendaval de suas investidas conquistadoras.

A segunda metade do século vai assistir à unificação italiana, bem como ao nascimento de uma Alemanha consolidada pelo gênio de Otto von Bismark. As demais nações refletirão também a busca de uma definição política que melhor as adequasse em um tabuleiro cujas casas, agora, caracterizavam-se pela laicização do Estado.

A Igreja que, desde suas origens, fez-se herdeira do mandato de Cristo às margens do lago de Tiberíades, segundo o qual deveria se concentrar em ligar e desligar as coisas do céu à terra, já há muitos anos vinha sendo por demais absorvida pelas preocupações terrenas e políticas.

Desde o triunfo de Constantino, a Igreja acostumara-se ao poder terreno e fizera dele seu baluarte nos tempos medievais, chegando até a abdicar do múnus religioso em favor dos poderosos aos quais, sob a forma de padroado, foram cometidas atribuições e faculdades que lhe eram exclusivas.

A movimentação política da época ameaçou e, por fim, fez desmoronar todo o edifício do poder temporal da Igreja, tornando o Papa um prisioneiro do Vaticano, despojando-o dos Estados Pontifícios.

Outro aspecto que se destaca, no panorama humano da época em foco, é o desenvolvimento das ciências, a sede do saber!.

A história do saber sempre se confunde com a do poder. Já no paraíso, a serpente alertara que o saber faria do homem um todo poderoso : “Sereis como Deus!”³⁷

É nesse quadrante do tempo que surge o movimento cientificista:

Em 1859, Charles Darwin lançou “*A origem das Espécies*”. Wilhelm Wundt inaugura o primeiro laboratório de psicologia experimental, em 1879. Auguste Comte publica, em 1854, o “*Sistema de Política Positiva*” que complementa a formulação da Sociologia e amplia sua influência, e cujo sistema aponta o estágio religioso como já superado.

Em 1848, Karl Marx lança, juntamente com Friedrich Engels, o *Manifesto Comunista*, sacudindo a iniciante sociedade capitalista.

As rédeas do poder e do saber estavam soltas.

É nessa atmosfera que assume a cátedra de Pedro, Giovanni Maria Mastai-Ferretti, Pio IX, quem conduzirá a Igreja de 1846 a 1878, o mais longo pontificado da história dos papas.³⁸

Em novembro de 1848, em face do conflito entre o norte da Itália (Piemonte) e a Áustria, e por não haver assumido uma posição clara em apoio à unificação italiana, o papa viu dissolvida a guarda suíça e proclamada a república em Roma. Foi obrigado a abandonar a cidade refugiando-se em Gaeta, no reino de Nápoles.

Seu poder temporal foi ameaçado, mas, em abril de 1850, por manobras diplomáticas entre França e Áustria, retornou a Roma.

Pio IX, que nos primeiros anos de seu pontificado prometera um governo liberal, era agora um homem mudado. Transformou-se em reacionário e conservador, constituindo-se numa barreira à unificação italiana e às idéias liberais do mundo de então .

Mas a luta pela unificação italiana continuou. Liderada primeiramente por Cavour, primeiro ministro da Sardenha e depois por Giuseppe Garibaldi, resultou, em 1870, com a queda do último reduto austríaco, a República de Veneza. A Itália estava unificada e o papa, reduzido a prisioneiro do Vaticano.

³⁷ G.M. Mourão, *A Invenção do Saber*, 1990, p.14

³⁸ As referências a Pio IX constam da *ENCYCLOPAEDIA BRITÂNICA* – Vol.VIII , ed. 1971

Esse desastre político foi compensado por gestos que exacerbaram seu poder espiritual e reforçaram o *ultramontanismo*,³⁹ movimento que sustentava um absoluto poder papal em matéria de fé e de disciplina :

Em 1854, Pio IX proclamou o dogma da Imaculada Conceição e, no mesmo ano, fundou em Roma o Colégio Pio Latino – Americano, no qual se formou a nova leva de bispos latino-americanos, dentre eles alguns personagens importantes de nosso trabalho.⁴⁰

Dois outros fatos significativos para o nosso estudo e que muito irão marcar as devoções dos missionários redentoristas são : em 1856 Pio IX introduz oficialmente no calendário litúrgico a celebração da festa dedicada ao Sagrado Coração de Jesus e, em 1866, confia aos filhos de Santo Afonso o quadro milagroso e a difusão da devoção a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.⁴¹

Em 1861, Pio IX publica a encíclica *Jamdudum Cernimus*, (*Em tempo descobrimos*), denunciando as modernas doutrinas políticas e as agressões sofridas pela Igreja bem como os ataques dos não-católicos à autoridade do Papa.

Alvo específico foi o movimento da *Kulturkampf* conduzida por Otto von Bismarck, o prussiano que, visando a unificação da Alemanha, via a presença dos católicos, no centro de um estado de maioria protestante, como um obstáculo a tal empreendimento.⁴²

³⁹ O Ultramontanismo teve início com Joseph de Maistre como reação ao Galicanismo e ao Josefismo que submetia a autoridade da Igreja ao controle secular.

O termo Ultramontanismo tem sua etimologia em “ultra montes”, isto é sul dos Alpes em relação à Europa, e especialmente à França, consistindo em afirmar o poder absoluto do papa sobre a Igreja Universal, contrário pois ao Galiganismo. Cfr. T. REY- MERMET . *A Moral de Santo Afonso de Ligório*, 1991 , p. 124

⁴⁰ Para compreensão desse conturbado período histórico, muito esclarecedora é a Tese de Mestrado “*O Influxo Ultramontano no Brasil : O pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira*”, apresentada no Programa de Pós Graduação em Ciência da religião da UFJF por Rodrigo Coppe Caldeira , 2005

⁴¹ O quadro milagroso de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro vai se tornar o estandarte das missões redentoristas no mundo inteiro.

⁴² “Sob os duros golpes da *Kulturkampf* perdeu a Província Bávara as suas casas e os redentoristas se dispersaram pela Holanda, Bélgica, Espanha e América; alguns se concentraram em Dürrenberg, na Áustria, esperando passasse a borrasca bismarckiana.

...Acossada pela *Kulturkampf* a Província Renana procurou refúgio na Holanda, fixando-se em Vaals, na fronteira com a Alemanha..” J. B. MICHELOTTO , *Resenha Histórica*, p. 102

Muitas foram as restrições impostas pela *Kulturkampf* ao catolicismo e às suas expressões, dentre elas as restrições às ordens e congregações religiosas e às escolas católicas.

O ensino foi estatizado e os Jesuítas expulsos da Alemanha. Reagindo à autoridade do papa, Bismarck dizia : “Não estamos indo a Canossa ” referindo-se à humilhação do imperador Henrique IV frente ao Papa Gregório VII.⁴³

Pio IX voltou à carga em 1864 , através da encíclica “*Quanta cura* ” que trouxe, em anexo, uma lista dos 80 principais erros do tempo, o famoso *Syllabus*. O artigo final da lista afirmava que : “ *É um erro que o romano pontífice concorde e aprove o progresso, o liberalismo e a moderna civilização*”.

O “cabo de guerra ” entre a Igreja e o Estado liberal ainda não terminara.

Num quase revanchismo ao movimento secularizante, a cartada decisiva foi a convocação do Concílio Vaticano I, em 1869, reunindo os bispos do mundo católico para buscar um decisivo apoio ao papa.

Se os Estados estavam buscando a unificação, a Igreja também a encontraria.

Tal unificação se faria em torno dos dogmas e em torno de seu líder : o papa. A Igreja buscava aperfeiçoar-se e constituir-se num baluarte da fé e dos costumes e, para isso, deveria promover reformas. Esse espírito de reforma da Igreja e dos costumes o Concílio difundiria pelo mundo todo através dos prelados que dele participaram, inclusive os do Brasil.

Tal unidade de pensamento concretizou-se através da constituição doutrinal “*Pastor Aeternus*”, promulgada no dia 18 de julho de 1870, tornando dogma de fé a infalibilidade do papa quando se pronuncia “*ex cathedra* ”. Fundamentando a afirmação o Concílio afirma que tal autoridade não advém do consenso da Igreja, mas do próprio Deus.

⁴³ Em 1076 O Papa Gregório VII negou aos soberanos civis autoridade para nomear autoridades eclesiásticas, o instituto chamado Investidura. Henrique IV, imperador do Sacro Império Romano Cristão, rebelou-se contra o papa alegando que uma vez que ele havia dado feudos a membros da Igreja e que estes realizavam funções seculares, ele tinha o direito de nomeá-los e conduzi-los oficialmente ao posto. Recusou-se a obedecer ao Papa. Henrique reuniu um Conselho (dieta) em Worms e declarou o Papa deposto. O papa o excomungou e dispensou seus vassallos de lhe prestarem obediência. Os vassallos germanos aproveitaram a oportunidade para se rebelar e Henrique foi forçado a render-se. O papa retirou-se para uma fortaleza nos Apeninos, Canossa.. Henrique dirigiu-se a Canossa onde teve que ficar descalço na neve durante três dias antes de poder se ajoelhar aos pés do pontífice e ser perdoado.

A proclamação do dogma da infalibilidade assegurou, na França, o triunfo do *Ultramontanismo* que, abandonando a inicial idéia de uma Igreja livre em um Estado livre, concentrou a autoridade da Igreja nas mãos do Papa.⁴⁴

Como afirma MARTINA (1996, p. 257), esse conjunto de medidas por parte da Santa Sé deve ser compreendido como uma reação semelhante àquela representada pelo Concílio de Trento contra a Reforma Protestante :

...três momentos sucessivos, mas estreitamente conexos de uma mesma campanha: realizar contra o racionalismo teórico e prático do século XIX o que o tridentino tinha realizado contra o protestantismo no século XVI, ou seja, reafirmar numa sociedade que depois da Revolução Francesa era levada a negar no mínimo muitos valores sobrenaturais e aceitar sem muita dificuldade uma política laicista e secularizante as verdades fundamentais do cristianismo e os deveres de um católico mesmo numa sociedade cada vez mais laica.

O choque entre o *ultramontanismo* e o *liberalismo* é um fato que repercutiu, de forma especial, na reforma da Igreja da França, reduto do *galicanismo*, que remonta ao século XVI.⁴⁵ Entretanto, *analogamente*, tornou-se comum estender o conceito de *ultramontanismo* às demais reformas ocorridas em outras comunidades católicas onde, quase sempre, houve choque entre as autoridades eclesiásticas e o liberalismo imperante.

Os ecos dessa luta pelo poder se ouviram em todas as plagas católicas do mundo e não tardaram em marcar os acontecimentos da Igreja no Brasil.

Das atribuições que atingiram a Igreja pode-se concluir com clareza que, finalmente, despojada do poder temporal, ela poderia, como nos primeiros tempos, concentrar-se mais em seu múnus original e focar seu esforço na renovação e na formação doutrinária dos fiéis, unindo-os em torno da autoridade do papa.

⁴⁴ O termo Ultramontanismo tem sua etimologia em “ultra montes”, isto é sul dos Alpes em relação à Europa, e especialmente à França, consistindo em afirmar o poder absoluto do papa sobre a Igreja Universal, contrário pois ao Galiganismo. Cfr T. REY-MERMET, *A moral de Santo Afonso*, 1991

A principal raiz do Ultramontanismo está no Cardeal Roberto Belarmino, (+ 1621) que baseou seu pensamento em Tomás de Aquino. Cfr. *ENCYCLOPAEDIA BRITÂNICA*, vol. 13, ed. 1971

⁴⁵ Neste particular é importante a atuação de Robert de Lamennais e de seu irmão Jean de Lamennais que juntamente com os oradores Henri Lacordaire e Charles de Montalembert empreenderam uma entusiasmada campanha, através do jornal “ L’ avenir ”, publicado primeiramente em 1830, buscando uma conciliação entre a Igreja e o Liberalismo. Malgrado suas boas intenções, as idéias e pretensões do grande escritor não encontraram apoio junto ao Papa Gregório XVI e o jornal suspendeu suas publicações em 1831. Suas teses de separação entre a Igreja e o Estado foram condenadas pela encíclica *Mirari Vos* em agosto de 1832. Cfr. *ENCYCLOPAEDIA BRITÂNICA*, vol. 7, ed. 1971

Certamente isso não a distanciaria das lutas pelo poder político, nem jamais a silenciaria ante as injustiças e desvios político-sociais, ciente de sua responsabilidade no tocante à presença de Deus no mundo.

Liberta das amarras que a jungiram por séculos ao poder dos reis e governantes, agora ela poderia chamar-se “Mater et Magistra”, sem entretanto desconhecer sua responsabilidade político-social.

Desta forma se entende que a Igreja, hoje à margem do poder temporal, continue se fazendo ouvir em assuntos referentes à política internacional e à saúde dos povos.

Pio IX faleceu em 7 de fevereiro de 1878 e, no terceiro escrutínio de sua sucessão, foi eleito papa Gioachino Vincenzo Raffaello Luigi Pecci .

Adotou o título de Leão XIII por sua afeição a Leão XII (1823-1829) a quem sempre admirou por seu interesse pela educação, seu espírito conciliador e seu desejo de aproximação com os cristãos separados.

Embora já contasse 68 anos ao assumir o pontificado, Leão XIII atravessou o século falecendo em 1903. Governou, pois, por 25 anos. Foi em seu pontificado que os primeiros redentoristas chegaram ao Brasil.

Leão XIII manteve a linha de Pio IX no que diz respeito às relações com o poder secular, combateu a maçonaria e o racionalismo, incrementou a devoção ao Sagrado Coração de Jesus e o culto à Filosofia Tomista.

Sua principal atuação foi marcada pela celebrada encíclica “*Rerum Novarum*”, publicada em 1891, em que explicitou a doutrina social da Igreja, apoiando os trabalhadores e condenando o nascente socialismo comunista.

Essas foram as principais “coisas novas” com que o tempo marcou a segunda metade do século XIX e bem dividiram as coisas em antes e depois.

Foram marcas profundas que abriram feridas nas rochas sobre as quais os sucessores de Pedro edificavam a Igreja.

Muitas delas transformaram o semblante da Igreja e, por certo, em muito influenciaram os filhos de Afonso que, sintonizados nesse contexto, arribaram ao Brasil.

I.2 - O SANTO DO SÉCULO DAS LUZES⁴⁶

Para melhor emoldurar e compreender o objeto desta tese, necessário se torna conhecer a figura do fundador dos redentoristas e buscar em sua biografia os traços que hão de marcar seus seguidores.

Afonso Maria de Ligório nasceu em Nápoles, no dia 27 de setembro de 1696. Filho de Dona Ana Cavaliere e de Dom Giuseppe de Ligório, capitão das galeras reais. Nobre de origem, formou-se advogado aos 16 anos.

Aos 26 anos, perdeu injustamente um ruidoso processo. Política, protecionismo e dinheiro valeram mais que argumentos irrefutáveis. O jovem advogado sentiu-se tão arrasado com tanta baixa e injustiça que resolveu, de uma vez para sempre, deixar a advocacia e consagrar-se inteiramente ao serviço de Deus.

Apesar da oposição do pai que, embora homem piedoso, sonhava em ver o filho herdeiro de suas posses e honrarias, enfrentando corajosamente as contrariedades, perseguições e vexações, foi ordenado sacerdote no dia 21 de dezembro de 1726, aos 30 anos de idade.

Nessa época, a diocese de Nápoles tinha cerca de 500 mil habitantes, 39 paróquias na sede, e 41 na zona rural. A cidade de Nápoles contava com 104 conventos e um total de 4.500 religiosos entre padres e irmãos. As igrejas eram em número de 504 com 1.500 padres seculares ativos e outros 3.000 sem ocupação pastoral definida. Em todo o reino de Nápoles, para uma população de 4 milhões, havia 56 mil padres, 31 mil religiosos e 23 mil freiras.⁴⁷

Nápoles abrigava três distintas categorias: aquela dos importantes e ricos, vivendo de rendas, à sombra do poder e da nobreza - a Nápoles dos andares superiores, das carruagens, salões e minuetos.

Outra era a cidade dos empregados, dos criados e dos que viviam de espertezas.

⁴⁶ Esse o título francês da biografia de Santo Afonso de T. REY-MERMET : *Le saint du siècle des Lumières* – Alfonso de Liguori, vertida para o português sob o título: *Afonso de Ligório*, 1984

⁴⁷ Dados constantes do opúsculo “ Os missionários redentoristas no Brasil ”, F. CAVALCA DE CASTRO, 1994, p. 36

Na periferia, na beirada do porto e nos quarteirões suspeitos, a Nápoles dos marinheiros e dos desempregados.

Além da capital, o reino se estendia pelos povoados escondidos, pequenas aldeias dos pobres e esquecidos. No interior, como na capital, sobravam padres, mas poucos eram os que realmente se dedicavam à evangelização. Era dominante nessas plagas uma religiosidade mágica, alimentada pelo medo, pela ignorância e por interesses.

Como se constata, a situação religiosa do reino de Nápoles muito se assemelhava à do Brasil da época em que aqui aportaram os primeiros redentoristas, exceto com relação ao número de padres.

Foi esse o cenário em que se encontrou o jovem sacerdote Afonso.

Havia, em Nápoles, um grupo de sacerdotes ligados à “*Congregação da Propaganda*”, fundada pelo Padre Mateus Ripa, cuja intenção era preparar sacerdotes para a evangelização da China.

Afonso ligou-se ao grupo e passou a residir no chamado “Colégio Chinês”. Não se sabe se tal congregação enviou, alguma vez, missionários à China. O certo é que na esteira das missões populares, já bastante conhecidas na Itália, os “chineses” exercitavam-se pregando missões em Nápoles e cercanias.

A escolha pela *Congregação da Propaganda* por certo deixa transparecer uma tendência de Afonso pelas missões o que, mais tarde constituirá o cerne de sua obra.

No verão de 1730, aconselhado pelos confrades, aceitou o convite para alguns dias de férias do grupo em uma quinta, perto de Amalfi.

Amalfi é uma cidade costeira, à beira de montanhas escarpadas, ao sul de Nápoles.

Após uma tempestuosa viagem de veleiro, os missionários aportaram em Amalfi e lá encontraram-se com Mons. Mateus Criscuoli, Vigário Geral de Scala, cidade próxima, que dissuadindo-os da quinta, ofereceu-lhes uma ermida abandonada, situada nas montanhas de Santa Maria dos Montes, bela região nas proximidades de Scala, a mais de mil metros sobre o nível do mar.

Essa mudança de itinerário foi o começo de um novo rumo na vida de Afonso.

Em Santa Maria dos Montes, viviam pastores e cabreiros no mais completo abandono espiritual. Condoídos por verem tanta miséria, os “turistas” esqueceram-se do descanso e logo o transformaram em missão.

Para Afonso foi uma revelação. Ficou profundamente impressionado :

Ate agora, evangelizei cidades e vilas populosas, providas de socorros espirituais, enquanto estes coitados vivem ao léu, sem ter quem lhes distribua o pão da Palavra de Deus. Sabem tanto de Deus e de religião quanto os rebanhos a eles confiados. ⁴⁸

O Padre André Villani, que conviveu muitos anos com Afonso e foi seu diretor espiritual, afirmou no processo de canonização que foi nessa ocasião que ele teve a idéia de fundar uma congregação que se dedicasse a essas e semelhantes “almas abandonadas”.

O fato não tardou a acontecer. Voltando a Nápoles, recebeu um convite, por parte de seu amigo Don Falcoia, bispo de Castellamare, para pregar um retiro espiritual às monjas do Santíssimo Salvador, em Scala.

Um mês após o retiro, realizado em setembro de 1731, a superiora do mosteiro, Soror Maria Celeste Crostarosa, teve um sonho no qual vira Jesus Cristo, São Francisco e Afonso e um grande número de sacerdotes que trabalhavam entre as almas mais abandonadas”. Ao mesmo tempo, uma voz lhe dizia, designando Afonso : “Este é aquele que escolhi para ser o instrumento de minha glória nesta grande obra”.

Don Falcoia, que tomou conhecimento do sonho através de carta da superiora, chamou Afonso e, conhecendo seu zelo, comunicou-lhe a revelação animando-o a seguir a vocação que lhe parecia vir de Deus.

Afonso hesitou muito. Rezou, pediu orações e consultou homens de grande prudência, dentre outros o Padre Vicente Cutica, superior dos Lazaristas, Padre Domingos Manulio, superior dos Jesuítas e Fr. Luiz Fiorillo, dominicano, homem de grande autoridade e competência.

⁴⁸

J.B. MICHELOTTO, *Resenha Histórica*, p. 10

Depois de muito pensar e rezar, Afonso começou a recrutar companheiros e, finalmente, no dia 9 de novembro de 1732, domingo, na catedral de Scala e, na presença de Don Falcoia, fundou a Congregação do Santíssimo Salvador.⁴⁹

Quando da aprovação da Regra, no dia 25 de fevereiro de 1749, pelo Papa Bento XIV, a Congregação passou a denominar-se, do Santíssimo Redentor.

Os primeiros anos foram turbulentos e Afonso foi alvo de fortes oposições, cisões e até mesmo de perseguições por parte do regalismo⁵⁰, imperante no reino de Nápoles. Viu, entretanto, sua obra prosperar.

Em 1757, a congregação já contava com mais de 130 membros, com cinco conventos no reino de Nápoles, e um nos Estados Pontifícios.

O passo decisivo para a expansão do instituto deu-se em 24 de outubro de 1784, com a admissão dos dois primeiros redentoristas não italianos, os austríacos João Clemente Hofbauer e Tadeu Hübl.⁵¹

Os dois austríacos, ordenados sacerdotes em 29 de março de 1785 partiram, logo depois, para Viena.

A convite do Núncio apostólico na Polônia, Mons. Fernando Maria Saluzzo, estabeleceram, em 1788, o primeiro convento além dos Alpes, em Varsóvia, e a eles foi confiada a igreja de São Beno, onde vivia uma comunidade de língua alemã.

Desta primeira comunidade, após as mais diversas peripécias e dificuldades, a Congregação espalhou-se por toda a Europa e transpôs os mares em 1832. Em 1839, ano da canonização de Afonso, estabeleceu-se o primeiro convento redentorista no Novo Mundo, em Pittsburg, diocese de Filadélfia.

Afonso, que havia sido compelido pelo Papa Clemente XIII, em 1762, a aceitar o episcopado e assumira a diocese de Santa Águeda dos Godos, *em nome da obediência ao Sumo Pontífice*, após 13 anos de trabalho, renunciou em 1775 e voltou a

⁴⁹ No dia 9 de novembro o calendário litúrgico ainda hoje celebra a festa da dedicação da Basílica de São Salvador, a basílica de Latrão, a mais antiga de Roma.

⁵⁰ Por “regalismo” entende-se a exagerada intromissão dos reis na administração eclesiástica

⁵¹ Clemente Maria Hofbauer foi canonizado santo pelo Papa Pio X, em 1909 e nunca viu pessoalmente o fundador. Mas escolheu-o como modelo e exemplo. Cfr. J. HEINZMANN, *Vida de São Clemente Hofbauer*, 1968, p. 46

residir no convento de Nocera dei Pagani, onde faleceu em 1º de agosto de 1787, aos 91 anos de idade.

Sua obra estava consolidada.

Torna-se oportuno uma breve análise dos fatos: em que pese a espiritualidade e o carisma de Afonso e a inspiração divina de sua obra, a preocupação com as “almas mais abandonadas” que devem ser entendidas como o povo mais humilde, mais pobre⁵² encontra apoio no fato de que é entre esse segmento social que a religiosidade mais se conserva e encontrava eco, como nos dias atuais.

Já naquela primeira metade do século XVIII podia-se sentir o afastamento, a secularização das classes urbanas espargidas pela aurora da mentalidade moderna, laica e liberal, cujo fulgor meridiano ocorrerá no século posterior.

O argumento justifica porque as “santas missões” lograram maior aceitação nas comunidades do interior mineiro e maior oposição nos centros urbanos, como veremos, o que seguramente nos reporta à psicologia da parábola do semeador...

Um semeador saiu a semear . E semeando, parte da semente caiu ao longo do caminho... outra parte em solo pedregoso...outras sementes caíram entre os espinhos...outras , enfim, caíram em terra boa: deram frutos cem por um... (Mat.13, 4-10)

⁵² “ Spiritus Domini super me propter quod unxit me. Evangelizare pauperibus misit me, sanare contritos corde.” : O Espírito do Senhor está sobre mim, por isso me ungiu e me enviou a evangelizar os pobres e curar os corações contritos. (Luc. 4,18) – Início da missa dedicada a Santo Afonso.

I. 3 – O CARISMA⁵³ DE AFONSO

Para buscar compreender a mentalidade, o espírito que revestia o interior dos primeiros redentoristas holandeses que aportaram ao Brasil, sondar-lhes o íntimo e desvendar seus ideais, faz-se necessário, em primeiro lugar, caracterizar o carisma de seu fundador, Afonso de Ligório.

Preliminarmente esclareço que tomo o termo espiritualidade no sentido de carisma : *Força divina conferida a uma pessoa, mas em vista da necessidade ou utilidade da comunidade religiosa.*⁵⁴

Não se pode desconhecer que, além da espiritualidade, aqueles homens estavam marcados por um imaginário resultante de sua cultura e experiência e como afirma PATLAGEAN, (2001 p. 291) domínio do imaginário é constituído pelo conjunto das representações que exorbitam do limite colocado pelas constatações da experiência.

Resulta daí que para conhecer o imaginário de tais missionários, afastados que estão de nosso tempo, mister se faz buscar todos os parâmetros de sua formação, dentre eles no caso, principalmente, sua espiritualidade, ou seja uma busca que nos permita ver tais homens “ *por dentro* ”.

Concluídos os estudos das humanidades, os candidatos a fazer parte da Congregação Redentorista passavam, e ainda hoje passam, pelo ano de Noviciado, durante o qual dedicam-se a revestir-se do espírito do Instituto.

É um ano de reflexões, orações, meditações, penitências e de estudo profundo das Constituições e Regras.

A Regra da Congregação Redentorista é o instrumento primordial através do qual seus membros deixam-se penetrar pelo espírito do fundador.

Outros meios são a leitura de sua biografia e de suas obras.

O conceito de espiritualidade, de modo geral, ainda não foi definido de modo preciso e unívoco.

⁵³ A palavra carisma (Χαρισμα-ατος) originariamente significa graça, dom. Transposta ao meio religioso passou a significar o dom que reveste as pessoas tornando-a equivalente a espírito.

⁵⁴ De conformidade com o *DICIONÁRIO AURÉLIO*, 1975, p. 284

Comumente se aceita que indica a vida de cada um e das comunidades na variedade de suas expressões concretas e históricas.

Embora a espiritualidade cristã seja essencialmente uma só, já que se funda sobre o Evangelho, suas realizações, no entanto, concretas e históricas demonstram uma grande diferenciação, provenientes da diversa acentuação dos aspectos de vida cristã.

Por exemplo, a espiritualidade dos primeiros cristãos se distingue notavelmente da espiritualidade dos cristãos que vivem em nosso século; a dos leigos se distingue da espiritualidade dos sacerdotes e dos religiosos; a das ordens beneditinas se distingue daquela das demais congregações religiosas e dos institutos seculares.

É óbvio que a espiritualidade dos religiosos é determinada, acima de tudo, pela de seus fundadores. Mas não só isso: ela é determinada também pela espiritualidade das personagens eminentes e das comunidades que, não raro, mudam ou modificam a dos predecessores. Sobre ela influem também o ambiente externo, diversos processos históricos, religiosos ou profanos.

Por essa razão podemos compreender que a espiritualidade alfonsiana, como qualquer outra, deve adaptar-se no tempo e no espaço, o que certamente ocorreu com os redentorista que aportaram ao Brasil em 1893.

Surge, então, a pergunta: qual é a espiritualidade de Afonso Maria de Ligório? Pode-se falar dela como específica? Em que consiste e quais suas características?

Na busca de defini-la, as fontes principais são suas obras, as afirmações das testemunhas imediatas, as lembranças dos primeiros cronistas, as primeiras biografias.

Mais de uma centena de obras do santo foi publicada durante sua vida. Muitas delas foram traduzidas, em pouco tempo, em diversas línguas européias. Algumas são publicadas atualmente ou se encontram ainda em manuscritos depositados no Arquivo Geral dos Redentoristas em Roma e, provavelmente, em outros arquivos italianos.

Dentre as obras, pode-se destacar:

Homo Apostolicus – Praxis et instructio Confessoriorum, ad audiendas confessiones. A obra, um resumo de sua Teologia Moral, atingiu 118 edições e foi traduzida para o português já em 1855, por “*ordem do actual Ex.mo Bispo de Marianna*”, à época, D.

Antônio Ferreira Viçoso, quem por primeiro reivindicou a vinda da Congregação para o Brasil.

Visitas ao Santíssimo Sacramento, 2017 edições; a *Prática do amor a Jesus Cristo*, 535 edições, *As glórias de Maria Santíssima*, 1002 edições.

O Caminho da Salvação e da Perfeição – meditações breves, que, em 1923, já estava na segunda edição portuguesa.

Os exercícios da missão, escrita com a finalidade de instruir os jovens missionários e contendo modelos de sermões, instruções e sentimentos que bem retratam a figura do missionário desejada por Afonso.

Do grande meio da Oração, até a morte do autor, já atingira 10 edições.⁵⁵

Poderão também ser consultadas as 1.823 cartas e 68 canções, dentre elas o famoso duetto “*Tra l’anima e Gesu Cristo*”.

Enfim, como já dissemos, tal espiritualidade vai derramar-se sobre sua obra concreta : a Congregação do Santíssimo Redentor.

Da leitura de suas obras, podem-se assinalar os seguintes tópicos como os mais importantes, identificadores de sua espiritualidade:

1 – Em oposição à doutrina e à espiritualidade jansenista, sublinhou fortemente a verdade do chamado universal à salvação e à santidade.

Deus ama todos os homens e quer salvar a todos através da vida no amor. Portanto, o problema da salvação e da santificação, como também o da vocação de cada um é fundamental na espiritualidade alfonsiana.

2 - A salvação e a santificação se realizam através do amor de Deus para com o homem e do amor do homem para com Deus.

Afonso elege o amor como o primado da salvação. Esse amor responde às mais profundas necessidades espirituais do homem e o une a Deus : é o amor amizade, o drama entre o Deus-Amor que chama e o homem que responde. Na espiritualidade

⁵⁵ Em número de edições Santo Afonso ganha longe de Shakespeare: o primeiro teve cerca de 20.000 edições em mais de 70 línguas, o segundo 10.602 edições (em 1961), é verdade que em 77 línguas. Essas qualificações indicam a envergadura de um fato religioso e cultural que nem sempre tem ocupado nos livros de história o lugar que lhe caberia.

J. DELUMEAU, no Prefácio de “*Le saint du siècle des lumières, Alfonso de Liguori*”, T. REY-MERMET T, 1982

alfonsiana, o finalismo prevalece sobre o moralismo, isto é, a finalidade amor prevalece sobre os meios, as virtudes.

3 - A espiritualidade alfonsiana é eminentemente cristocêntrica. Nesse ponto Afonso calçou sua piedade em torno dos mistérios da Encarnação, Paixão e Morte de Jesus Cristo e da Eucaristia.

4 - O verdadeiro amor para com Deus se manifesta no abandono total, no “ser todo de Deus” e no cuidado em “dar gosto a Deus”.

5 - A expressão concreta do amor e da pertença total a Deus é a preocupação consciente e responsável de viver conforme à Sua vontade. Atitude de disponibilidade e de prontidão em cumpri-la.

6 - Ao amor para com Deus e para com Jesus Cristo está intimamente ligado o amor para com o próximo, especialmente para com os pobres e os mais abandonados.

7 - O caminho para o desenvolvimento do amor desinteressado para com Deus, para com Jesus Cristo e para com o próximo é a oração, em todas as suas expressões e manifestações.

8 - Por último, deve-se destacar a sua especial devoção a Maria Santíssima, mãe do Redentor.

Eis, pois, algumas importantes características da espiritualidade alfonsiana, características essas implementadas através das regras e constituições da congregação por ele fundada: a graça, o amor e a oração como chaves da salvação.

Tais pontos podem ainda ser melhor identificados nos seguintes tópicos:

Afonso de Ligório inicia a obra *“A Prática de amor a Jesus Cristo”* com esta declaração: *“Toda santidade e perfeição de uma alma consiste em amar Jesus Cristo, nosso sumo bem, nosso Salvador.”*

Essas palavras, que estabelecem um princípio geral, revelam também uma experiência pessoal, uma vez que, sendo sincero, não afirmaria aquilo que não tivesse praticado.

Na realidade, Jesus Cristo foi sempre o centro de sua vida, orientou toda a sua atividade, constituiu a experiência totalizante de seu coração de batizado, de sacerdote e de bispo. Tal presença, sempre viva, marcou intensamente alguns momentos decisivos de

sua vida, como quando deixou sua profissão de advogado para consagrar-se a Deus ou quando se tornou sacerdote. No dia de sua ordenação fez, dentre outros, o seguinte propósito :

Sou padre : devo inspirar a virtude de Jesus Cristo e difundir a glória do sumo eterno sacerdote... Eu ofereço Jesus Cristo ao Pai Eterno: devo revestir-me da virtude de Jesus.⁵⁶

Outro momento forte por ocasião da fundação da Congregação do Santíssimo Redentor , aqui simplesmente denominados redentoristas, foi sua percepção de que, a exemplo do Cristo, o direcionamento de sua obra seria, principalmente, aos pobres e mais abandonados, segmento esse que encontrava-se principalmente nas áreas rurais. Esse era exatamente o cenário brasileiro e, principalmente mineiro, à época. :

O único fim do Instituto será o de continuar o exemplo do Salvador Jesus pregando aos pobres a palavra de Deus, como declarou Ele de si mesmo : ‘Ele me enviou a pregar a Boa Nova aos pobres’(Lc.4,18). Consequentemente, os súditos dessa congregação empenhar-se-ão a fundo, sob a obediência aos bispos, em ajudar, por missões e doutrinação, os habitantes dos campos e das localidades rurais, sobretudo os mais desprovidos de recursos espirituais.⁵⁷

O primado de Cristo ressalta do título dado à congregação e de seu lema : “*Copiosa apud eum Redemptio*”.⁵⁸

Afonso consagrou-se totalmente ao seguimento de Cristo. Sua vida é um testemunho permanente de dedicação à causa das missões e ao apostolado da escrita. Apesar de seus inúmeros encargos como fundador e como bispo, suas obras ascéticas e dogmáticas marcaram o século das luzes.

Seu biógrafo REY-MERMET (1987), afirma :

Toda a gigantesca obra de Afonso é unificada na promoção da salvação e da santidade dos homens, a estender a missão de Jesus Cristo.” E ainda : “Toda a teologia e a espiritualidade de Afonso são, essencialmente, cristocêntricas.

⁵⁶ P.L. RISPOLI , *Vita del Beato Alfonso M. de Liguori*, 1834

⁵⁷ M. DE MEULEMEESTER, *Origines de la Congrégation du Très-Saint-Rédempteur*, 1953

⁵⁸ Traduzindo : “A Redenção será abundante junto a eles”.

A centralidade de Cristo está presente em toda a sua vasta obra histórica, dogmática e espiritual. Jesus Cristo invade por inteiro o mundo alfonsiano e é o centro de sua espiritualidade.

Afonso insiste neste ponto com seus seguidores :

Muitos se dedicam a outras devoções e descuidam desta. Muitos pregadores e confessores falam pouco do amor para com Jesus, o principal e, anteriormente, a única devoção dos cristãos. Esta negligência resulta em deploráveis conseqüências porque se a alma faz pouco progresso na virtude e continua a cair nas mesmas faltas é resultado de pouca aplicação e de pouca exortação ao amor de Jesus cristo.⁵⁹

Afonso considera o amor a Jesus Cristo em três momentos especiais : A Encarnação, a Paixão e a Eucaristia.

A Encarnação esteve constantemente presente em suas reflexões e a ela dedicou escritos, meditações, orações e canções - à piedade, à confiança e à ternura para com o menino de Belém.

Afonso alia essas devoções a uma profunda visão teológica. Jesus, na Encarnação, assume uma natureza humana singular, mas potencialmente a natureza de todo homem, tornando-se, assim, o chefe de uma nova humanidade, pela qual todos se unem a ele. Aprofundando-se na meditação da Encarnação e busca de seus motivos (cur Deus homo ?), deságua no amor de Deus, amor que o eleva a uma realidade muito importante à qual não pode e não deve renunciar. O pensamento de Santo Tomás de Aquino lhe dá suporte : “ Deus ama tanto o homem como se o homem fosse o seu Deus e como se existindo sem o homem não pudesse ser feliz. ”⁶⁰

Na devoção de Afonso ao menino de Belém refloresce o espírito de Francisco de Assis. Momentos de forte emoção, devoção, piedade e poesia revelam suas

⁵⁹ S. ALFONSO DE LIGUORI, *Novena del Sacro Cuore*, in *Opere ascetiche*, IV, 500

⁶⁰ O texto original é : “Quasi homo Dei Deus esset, et sine ipso beatus esse non posset.” O texto encontra-se no *OPUSCULA S. THOMAE*, in ; *OPERA*, Roma ; 1570, que os críticos entendem espúrio, mas que Afonso entendia significativo e o faz seu.

canções dedicadas ao menino Jesus : *Tu scendi dalle stelle* e *Quando nascette Ninno a Bettalemme* . A primeira, ainda hoje, é a mais conhecida e cantada música natalina da Itália.

O segundo ponto a se destacar na espiritualidade alfonsiana é a Paixão de Cristo:

Na obra “*O amor da Alma*” publicada em 1751, Afonso assim escreve no “Aviso ao leitor” : “Convido-o hoje a meditar sobre sua paixão porque nela você encontrará todos os motivos para esperar a vida eterna e para amar a Deus, em que consiste toda a nossa salvação.”⁶¹

Nesse convite Afonso revelava a sua própria vivência.

Na realidade, desde menino, refletia sobre os sofrimentos do Redentor no que encontrou estímulos por parte de seus pais. O pai, cristão austero, exprimia sua fé especialmente no culto aos mistérios dolorosos. Como capitão das galeras do rei de Nápoles, tinha, na cabine de seu navio, quatro imagens representativas da paixão de Cristo : Cristo no horto, Cristo coroado de espinhos, Cristo mostrado ao povo e Cristo com a cruz às costas. Diante dessas imagens, orava sempre quando de seus cruzeiros pelo Mediterrâneo. Sua mãe, educada por irmãs franciscanas, era também devota da Paixão de Cristo.

Fiel à orientação recebida em família, Afonso desenvolveu-a através da meditação e dela fez o *leitmotiv* de sua piedade.

Animado pelo amor ao crucificado, Afonso dedicou ao assunto quinze obras e dentre suas composições musicais, o famoso “*Duetto tra l’anima e Gesu Cristo*”, cujos originais, ao lado de peças de Händel, encontram-se no Museu Britânico.

Além da originalidade de suas reflexões sobre a Paixão, ele percorre o pensamento da tradição cristã desde Santo Agostinho, Santo Anselmo, Santo Tomás, São Boaventura e São Francisco de Sales, dentre outros. Todos os seus argumentos, toda sua expressão parte do coração apaixonado de um enamorado de Cristo. Convoca seu leitor, apela para sua inteligência, sua vontade, seu coração, de modo a conduzi-lo à conversão.

Jesus na cruz! Eis a prova do amor de Deus . Eis a última apresentação do Verbo Encarnado na terra. A primeira foi numa manjedoura, esta última sobre uma cruz! Uma e outra demonstram o imenso amor que ele tem por todos os homens.⁶²

⁶¹ S. ALFONSO DE LIGUORI, *Lámore delle anime*, in *Opere Aschetiche*, V. 130

Depois da Encarnação e da Paixão, a Eucaristia foi o terceiro mistério que impregnou a espiritualidade alfonsiana.

Três aspectos se destacam em suas reflexões sobre a Eucaristia : o sacrifício da missa, a comunhão e a presença real de Cristo.

Para Afonso, o sacrifício da missa é um sacrifício universal que aboliu todos os antigos e que renova o do calvário. “ A oblação de Cristo não terminou no calvário, ela se renova, permanece e permanecerá para sempre”⁶³

Jesus não está só, ele quis que um seu ministro continuasse visivelmente sua obra, instrumento vivo em suas mãos, ele abençoa, consagra, imola e consome a vítima. A missa é o sacrifício da Igreja militante, sofredora e triunfante e é fonte de graça . A participação nos frutos da missa depende de Deus e da disposição interior de todos de que dela participam.

Afonso era defensor da comunhão freqüente, o que era uma questão muito discutida em seu tempo. De um lado, havia uma tendência rígida que, colocando em primeiro plano a grandeza de Deus e a indignidade humana, defendia que a comunhão poderia ser mensal ou, no máximo, quinzenal. Outros, numa tendência mais humana e inspirada numa compreensão e benignidade pastoral, na qual se insere Afonso, defendiam a comunhão freqüente.

Agradaria muito a Deus que se encontrassem muitos dispostos a receber a santa comunhão não de vez em quando, mas todo dia.⁶⁴

O terceiro aspecto de destaque em sua espiritualidade eucarística é o culto à presença real . A ele Afonso dedicou a obra *Visitas ao Santíssimo Sacramento* que já alcançou mais de 2.000 edições em várias línguas.

O estilo simples e rico de afeto assenta-se em sólida base teológica e revela o gênio pastoral de Afonso. Dia a dia, durante o mês, ele apresenta Jesus na riqueza de sua pessoa e de sua missão, suscitando no leitor o interesse, a surpresa e a satisfação :

⁶² S. ALFONSO DE LIGUORI, *Considerazioni ed affetti sopra la passione*, in *Opere Aschetiche* V. 136

⁶³ S. ALFONSO DE LIGUORI, *Eucaristia*, in *Opere aschetiche*, IV, 460

⁶⁴ Idem, p. 155

Jesus é a fonte de todo bem, o pão da vida, o bom pastor, o médico da alma, o nosso melhor amigo.

Se é tão agradável estar em companhia de um amigo querido, será possível que nós, neste vale de lágrimas, não sintamos nenhum prazer na companhia do melhor dos amigos, dum amigo que pode encher-nos de todos os bens, dum amigo que nos ama apaixonadamente que, por isso, quer entreter-se continuamente conosco ? ⁶⁵

Firmado nesses três pilares, que resumem seu amor a Jesus Cristo, Afonso coroa sua espiritualidade com a devoção à mãe de Jesus.

Sua obra “*Glórias de Maria Santíssima*” está dentre as que obtiveram maior número de edições. Seus seguidores sempre foram marcados por essa devoção e, do hábito que os revestia, pendia o rosário, como a lembrá-los sempre da mãe de Deus.

Finalmente, é de se destacar o profundo carinho e respeito externado por Afonso à autoridade do papa. Sua obra, “*Sobre o Papa e sobre o Concílio*” , foi orientadora de muitos prelados durante o Concílio Vaticano I e decisiva na aprovação do dogma da infalibilidade.

Disto se entende que o dogma da infalibilidade do Papa, embora componha a série de fatos que marcaram o enfrentamento da Igreja ante o Liberalismo do século XIX, já vinha sendo debatido no século anterior e merecera uma obra de Afonso sobre o assunto.

As obras e a vida de Afonso foram fundamentais em seu processo de canonização.

Em 26 de maio de 1830, Pio VIII declarou, solenemente, que se podia, com toda segurança, proceder à canonização de Afonso. Sua morte, em 30 de novembro do mesmo ano, deixou a seu sucessor, Gregório XVI, as glórias do ato que, por razões diversas, de ordem política, somente aconteceu em 26 de maio de 1839.

Já na Bula de canonização, o Papa Gregório XVI deixa entrever que o santo merecia ser contado entre os Doutores da Igreja :

O que é mais admirável é que, não obstante as incessantes ocupações do ministério apostólico e o rigor das macerações com as

⁶⁵ SANTO AFONSO DE LIGORIO, *Visitas a Jesus Sacramentado e a Nossa Senhora*, 1985, p. 74

quais crucificava e mortificava sua carne, ele pôde aplicar-se aos estudos sagrados consagrar nisso tanto tempo e enriquecer a Igreja com tantas obras trabalhosas e douradas.

Admiram-se nessas obras a riqueza e a variedade dos seus conhecimentos, a força pouco comum com que ele os expõe, as brilhantes provas de seu zelo pastoral e de seu ardente amor à Religião. O que é mais notável, porém, é que, tendo escrito tantos livros, os fiéis podem percorrê-los todos com segurança – inofenso prorsus pede – sem perigo de encontrar o mínimo erro, como consta do severo exame que deles se fez.⁶⁶

A obra fundamental de Santo Afonso foi sua Teologia Moral. Esta obra, desdobrada em outros títulos, influenciará em muito a formação do clero, tanto no século XIX, como século XX.

Encerrado o Concílio Vaticano I, Afonso foi proclamado Doutor da Igreja por Pio IX, no dia 7 de julho de 1871.⁶⁷

Para a igreja ele é, primeiramente, Doutor da Moral.

Realmente, no campo da teologia moral, Afonso foi uma luz na escuridão da época. Entre a lei e a liberdade, os moralistas de então estavam divididos entre o laxismo e o rigorismo. Afonso, com sua experiência de advogado e de confessor expõe, em 1762,

⁶⁶ J.B. MICHELOTTO, . Op. cit. p.95

⁶⁷ “ O batistério de Afonso Maria, na página 127 do registro de 1696, que se pode venerar na igreja de Santa Maria dei Virgini em Nápoles, comporta nas margens, anotações posteriores totalmente inabituais. Mãos diferentes escreveram a tinta em épocas diversas : Beatificado em setembro de 1816, Canonizado em 26 de maio de 1839, Declarado Doutor da Igreja em 23 de março de 1871.

Doutor da Igreja, por quê ?

No Decreto de 23 de março de 1871, Pio IX, exaltando os altos méritos da teologia ascética e dogmática de Santo Afonso, enfatizava claramente o moralista :

‘Dissipou as trevas do erro espalhadas pelos incrédulos e pelos jansenistas. Por sábios escritos, especialmente os douts tratados de sua teologia moral, aclarou os pontos obscuros, resolveu as dúvidas. No conjunto das opiniões dos teólogos, muito largas e muito rígidas, ele abriu uma via segura pela qual os diretores espirituais poderiam andar, livres de tropeços.’

A 7 de julho de 1871, na carta apostólica Qui Ecclesiae, na qual publicou este decreto, Pio IX retomou os termos que acabamos de ler, sublinhando a luta vitoriosa do novo Doutor de uma moral de benignidade :

‘ Quando a doutrina dos jansenistas atraia o olhar dos inovadores, seduzia muitos espíritos pela fascinação do erro e os lançava na perdição, Deus suscitou Afonso Maria de Liguori que tomou a peito, por seus escritos sábios e exaustivos limpar o campo do Senhor deste veneno que o inferno nele semeou.

‘Se o “Doutor Zelantíssimo ” é Doutor da Oração e da Virgem Maria, para a Igreja ele é, primeiramente, Doutor da Moral.

Pio XII o confirmará, sessenta e nove anos mais tarde, em 26 de abril de 1950, dando-o como ‘Patrono celeste a todos os moralistas e confesores’ . ‘Título motivado, explicará o papa, por :

‘ um ensinamento moral e pastoral notável, o mais estimado no mundo inteiro até nossa época, muitas vezes e fortemente recomendado pelos Soberanos Pontífices como guia seguríssimo dos ministros do sacramento da Penitência e dos diretores de consciência .’ T. REY-MERMET, Op. cit. . p. 7/8

através de sua “*Breve Dissertazione dell’uso moderato dell’ opinione probabile*” o seu sistema moral : o equiprobabilismo.

Novamente me valho de DELUMEAU agora no Prefácio que abre a já citada biografia “*Lê Saint du siècle dès Lumières*”:

Sua Teologia Moral foi proibida na Espanha e em Portugal.

O fundador dos redentoristas tinha se convertido num dos grandes adversários do “adiamento de absolvição” e da recusa da comunhão, caros a Arnauld.⁶⁸ A respeito do casamento ele teve a coragem de afirmar, contra toda a tradição agostiniana, que a procriação não é sua primeira finalidade. Num nível mais geral, escreveu frases espantosas na pena de um sacerdote daquele tempo. “Nada se deve impor aos homens sob pena de falta grave, a não ser que haja uma razão evidente para isso.” “Visto a fragilidade da natureza humana, não é verdade que para as almas o caminho mais estreito seja sempre o mais seguro.”⁶⁹

As obras morais de Afonso tornam-se manuais para padres e confesores.⁷⁰

É nesse ponto que dos missionários de Afonso se deveria esperar mais : na pastoral da confissão. Isso também porque assim Afonso depusera nas Regras e Constituições :

Já que pela confissão os homens voltam à graça de Deus é evidente ser a audição das confissões o mais importante e principal trabalho das missões. Constituição IV, 73

DELUMEAU consagra ao assunto da confissão obra histórica de profunda relevância sob o título *A Confissão e o Perdão*

Nessa obra o historiador destaca o importante papel de Afonso nesse aspecto tão delicado da pastoral e da espiritualidade católicas, num século de tantos conflitos como o Século XVIII.

⁶⁸ Antoine Arnauld (1612-1694), também conhecido como “O grande Arnauld “ foi o leader dos Jansenistas na França e escreveu o célebre tratado “*De la fréquente communion*”.

⁶⁹ J. DELUMEAU, Prefácio à já citada obra biografia de Santo Afonso, de autoria de T. REY-MERMET , *Afonso de Ligório*, 1984, p. 9.

⁷⁰ Como vimos em páginas anteriores, sua obra *HOMO APOSTOLICUS* , ou Manual dos Confesores, foi mandada traduzir e publicar pelo próprio Dom Viçoso, bispo de Mariana, em 1855.

Nos rastros de DELUMEAU, percorramos alguns aspectos históricos desse sacramento para melhor entendermos a atuação e marcas de Afonso.

As indulgências, que a Igreja católica geralmente concedeu mais e mais, permitiam abreviar ou anular o tempo de purgatório. Contudo era preciso ter escapado do inferno. Sem dúvida, José e o anjo guardião (São Miguel) velavam sobre os moribundos. Mas que podiam eles se estes expirassem em estado de pecado mortal? É verdade que esses patronos da boa morte realizavam, muitas anedotas o provam, salvamentos ‘ in extremis’ e proporcionavam a alguns pecadores a graça de um arrependimento súbito e de uma confissão de última hora. Mas, não era razoável confessar-se regularmente e evacuar assim periodicamente os maus humores e as doenças portadoras da danação ? ⁷¹

A confissão auricular foi aprovada pela carta de São Leão Magno *Magna Indignatione* (459) e foi instituída para abolir o constrangimento da confissão pública dos pecados, costume em vigor desde os primeiros tempos do Cristianismo. O Papa do século 5^o foi veemente ao advertir : “Não deve ser lida publicamente uma lista com as espécies de pecado de cada um porque basta dizer aos sacerdotes, em confissão secreta, as culpas de consciência.”

Dentro desse pensar a Igreja tornou a confissão anual obrigatória em várias dioceses mas, foi o Concílio de Latrão (1215) que, em sua constituição 21, determinou : “ todos os fiéis, de ambos os sexos, chegados à idade de discernimento, deviam confessar todos os seus pecados [...] ao menos uma vez por ano.”

O Concílio de Trento em sua Seção XVI, cap. V foi menos categórico e tornou obrigatória apenas a confissão dos pecados mortais:

Quanto aos pecados veniais que não excluem a graça de Deus e nos quais caímos com frequência, eles podem ser omitidos sem falta e expiados por muitos outros remédios [...]. Nada mais na Igreja pode ser exigido do penitente [...], senão que confesse os pecados pelos quais se lembre de ter ofendido mortalmente seu Deus e Senhor.”

O tema da confissão por mais interessante que possa parecer foge ao escopo desse trabalho e, ao leitor interessado, recomendo a leitura da obra referenciada.

Entretanto o que mais de perto implica na espiritualidade alfonsiana são seus conselhos aos confessores:

⁷¹ J. DELUMEAU, *A confissão e o Perdão*, 1991, p. 13

Quando vem a eles um grande pecador, eles o acolhem no fundo de seu coração e regozijam-se ‘quasi victor praeda capta’[como o vencedor ao capturar a presa] vendo que lhes é dado arrancar uma alma das mãos do demônio. Eles sabem que esse sacramento não é instituído precisamente para os devotos , mas antes para os pecadores.⁷²

Afonso recomenda ao confessor que seja de coração misericordiosos, que não manifeste impaciência, desgosto ou aversão em relação aos pecados que ouvem contar. O bom confessor não deve assustar ou irritar o penitente : *“É preciso tratá-los com toda a caridade possível, de outro modo, quando encontram um confessor que os trata com dureza e não os encoraja, tomam horror pela confissão , não retornam mais e se perdem.”*

Mas, a grande polêmica concernente à confissão será em torno da atrição e da contrição. A disputa teológica e moral que envolverá muitos padres, bispos e doutores pode ser assim entendida: para o perdão dos pecados bastará a atrição, ou seja uma detestação imperfeita dos pecados ou exigirá uma contrição, um arrependimento perfeito?

Os católicos da época clássica – e ainda do século XIX – eram convidados a se perguntar se, ao confessarem, experimentavam sentimentos de contrição ou apenas de atrição. Com toda evidência, a imensa maioria deles ignorava o sentido etimológico dessas palavras, ‘contero’, expressão muito forte, significando ‘ esmagar’ e ‘attero’ querendo dizer ‘quebrar’. O coração dos fiéis era ‘ esmagado’ pela contrição ou ‘quebrado ‘pela atrição ?⁷³

Tal discussão exacerbou-se por ocasião da Reforma.

Lutero rejeitou o estardalhaço sobre a doutrina da confissão, afirmando que ela pode até ser útil para tranquilizar, mas não é objetivamente necessária para a remissão dos pecados. O perdão de Deus vem através da graça, portanto os debates sobre atrição e contrição não são importantes: a primeira não passa de uma hipocrisia que torna o homem ainda mais pecador e a segunda só pode ocorrer após a graça.

Os Jansenistas e seu predecessor Baïus, diretor da Universidade de Louvain (1589) vão distinguir dois amores: um se liga à criatura e outro a Deus. Assim a atrição é um arrependimento imperfeito pois ligado à criatura : o medo do inferno e dos

⁷² Idem, p. 25

⁷³ Idem, p.. 43

castigos de Deus. O outro perfeito pois o arrependimento se deve à rejeição do amor de Deus.

Jansen (1638) pensa que temer o castigo não é inútil, pensar no inferno é salutar, mas não liberta o pecador do pecado : ele retém a mão, não o coração.

A doutrina dos dois amores opostos – de cupidez e de caridade – vai dividir os campos da moral em rigoristas (contricionistas) e probabilistas ou laxistas (atricionistas).

Nessa disputa Afonso vai surgir como um mediador, um equiprobabilista :

O fundador dos redentoristas era, no que respeitava a si mesmo, um rigorista. Mas sua experiência de missionário na Itália meridional lhe havia ensinado que ‘em vista da fragilidade da natureza humana’, não é verdadeiro que, para as almas o caminho mais estreito seja sempre o mais seguro . Essa constatação fornece a chave de toda sua Teologia Moral que sobre atrição argumenta da seguinte forma :

Não negamos que para a justificação,[no sacramento da penitência] um início de amor a Deus seja necessário. Mas a atrição normal comporta ‘primeiramente o temor da vingança divina[...], em segundo lugar a esperança do perdão, [...] em terceiro a esperança da felicidade eterna. Esses três elementos estão necessariamente incluídos na atrição; tão logo alguém se apresenta ao sacramento com ela e com a esperança do perdão, começa a amar a Deus como aquele que o libertará, o justificará e o glorificará ⁷⁴

Afonso começou a estruturar sua doutrina moral sendo “probabiliorista” mas, sua atividade (após trinta anos de exercício do ministério e nas missões) desviou-o cada vez mais de posições que lhe pareceram insustentáveis na prática.

É emblemático o que dele afirma o teólogo e historiador luterano Adolf von Harnack; citado por DELUMEAU (1991 p. 1117) :

Ligório é a síntese exata de Lutero e, no catolicismo romano, ele tomou o lugar de Agostinho [...] . Se permanece muito aquém dos desavergonhados probabilistas do século XVII, no entanto aceitou plenamente o sistema deles e, num número incalculável de questões – inclusive o divórcio, o falso juramento, o assassinato – soube transformar o inaceitável em faltas

⁷⁴ Idem, p. 115

veniais. Nenhum Pascal levantou-se contra ele no século XIX ; pelo contrário, de ano a ano, cresceu a autoridade de Ligório, o novo Agostinho.

Essa, em linhas gerais, foi o carisma, a espiritualidade que, a partir de 1893, passou a ser difundida e implantada nas cidades, nas vilas, povoados e roças do interior mineiro através dos Redentoristas da província holandesa. Uma espiritualidade já bastante conhecida nos meios eclesiais : a espiritualidade de um santo e de um Doutor da Igreja.⁷⁵

Durante o Noviciado e por todos os anos de formação, o redentorista era preparado para revestir-se do hábito e do espírito do fundador.

Tal espírito marcava, com traços muito fortes, o estilo da missão o que pode-se ler em vários tópicos das Constituições e Regras da Congregação do Santíssimo Redentor:

As santas missões não são outra coisa que a Redenção continuada que o Filho de Deus opera constantemente no mundo por intermédio de seus ministros.

Ora, os nossos são chamados a levar a efeito esse sublimíssimo plano da bondade divina, como ajudantes, companheiros e cooperadores de Jesus Cristo na obra da Redenção.

Relativamente a esse fim, a principal, ou antes a única preparação de alma para as Missões será uma intenção reta e um propósito firme de só ir às missões para promover a glória de Deus e salvação das almas e não para se exhibir e aparecer aos olhos do povo e dos prelados e colher aplausos e aprovação dos povos.

Os precursores dos missionários não são outros que a humildade e a abnegação própria. Com esse sentimento deixem a casa, e com o mesmo voltem a ela.

Nas Missões fujam do cuidado exagerado pela saúde e moleza do corpo; pois quem não se lança cegamente ao combate não possui o verdadeiro espírito de um missionário.

Os nossos nunca procurem suas comodidades nem empreguem demasiada cautela em evitar os incômodos; se for necessária qualquer coisa, deixe-a aos cuidados dos superiores. Não se deixem iludir pelo costumado pretexto de que, perdida a saúde, não poderão trabalhar mais para a glória de Deus. Deus pode quando quer e julga consentâneo à sua glória, suscitar das pedras filhos de Abraão.

Ao tratarem com mulheres usem os nossos da maior cautela, guardando com muita severidade os olhos; nunca lhes ofereçam espontaneamente as mãos a beijar. Um missionário que não refreia as suas vistas, precipita-se na ruína e perde-se.

⁷⁵ Em 1949, o Superior Geral, Padre Leonardo Buys, holandês e doutor em Teologia Moral pelo Angelicum de Roma, fundou a Academia Alfonsiana - Instituto Superior de Moral e Pastoral, com a finalidade de difundir a doutrina e o espírito de Santo Afonso. O Alfonsiano é, até os dias de hoje, um referencial na formação de moralistas.

Nas missões os temas dos sermões são geralmente os seguintes : Convite à penitência, necessidade da salvação, dilação da conversão, pecado mortal, morte, juízo, inferno, eternidade; e em seguida, como depois de todas as outras pregações semelhantes, falar-se-á da oração e, necessariamente, da proteção da Santíssima Virgem Maria.⁷⁶

Os missionários redentoristas por certo estavam impregnados por esse espírito, por essa herança .

Certamente por isso, ficaram conhecidos como bons confessores de que é exemplo o fato de ter-se o Padre Júlio Maria deles se aproximado como penitente no Morro da Gratidão, já que seu confessor nos tempos em que residia em Juiz de Fora, era redentorista.

Pela mesma razão eram constantemente requisitados para pregação de retiros ao clero, monjas, religiosos e outras comunidades, além da habitual atividade missionária.

Algumas vezes foram criticados por abreviarem as confissões, fato que mereceu a atenção dos superiores conforme relatam as correspondências. Isso bem demonstra que o espírito do fundador estava sempre a ser reclamado.

No que se refere às confissões, a s Regras e Constituições eram explícitas :

Os Congregados não terão nada tanto a peito como a audição das confissões, pois que nenhum outro trabalho promove com mais eficácia a glória de deus e salvação as almas .⁷⁷

Há relatos, como veremos , de casos de intolerância e de “ braveza” da parte de alguns missionários, mas isso não roubou-lhes a benquerença nem mesmo impediu que se tornassem conhecidos como “santos missionários.”

O característica benignidade de Afonso para com o povo foi seguramente uma das razões pela qual as dificuldades e o choque cultural foi, no mais das vezes, superado.

⁷⁶ *CONSTITUIÇÕES.*, Parte I ,Const. III, 57,

⁷⁷ *CONSTITUIÇÕES* , IV, 75,

Os traços marcantes do fundador constituíam pois o dia a dia do trabalho missionário e serviram de balizas nas incertezas e na perplexidade em que, muitas vezes sem encontraram tendo em vista o choque cultural, as tensões e decepções do imaginário.

I.4 - AS MISSÕES

Outro conceito que melhor deve se explicitar é o de “missões populares” . Sua origem e desenvolvimento poderão iluminar em muito o entendimento do primeiro objetivo deste estudo.

As missões populares já eram bastante conhecidas na Itália ao tempo de Santo Afonso e, sempre, caracterizavam-se pelo ministério da palavra, doutrinação do povo, revigoração da fé, bem como, pela reforma dos costumes.

Desde a Idade Média, onde se encontram suas raízes, eram essas as características das “santas missões “ o que nos leva a concluir que seria um engano tentar reduzi-las a “*instrumento de romanização*” já que, sua instituição e suas finalidades são muito anteriores ao que se convencionou chamar de “*romanização*”, embora nelas o ponto forte sempre fora a reforma dos costumes, a doutrinação do povo, a administração dos sacramentos o que, sem dúvida, coincide com os objetivos do que convencionou-se chamar de “*romanização*”.

Confundir os objetivos missionários com aqueles da “*romanização*” como se tal movimento constituísse uma novidade, ou mesmo uma peculiaridade da Igreja no Brasil, parece-me uma tentativa de simplificação que empana os objetivos originais do movimento missionário.

Nos séculos XI e XII, a Europa foi percorrida pelos pregadores itinerantes. Era uma pregação popular, moralizante e alheia aos esquemas doutrinários dos clérigos. Representantes da época são : na França, Roberto de Abrissel (1050-1117), na Itália, São Domenico di Sora (+ 1088), na Alemanha, São Norberto (1085-1134).

Em 1210, o Papa Inocêncio III concedeu, primeiro a Francisco e, posteriormente, a Domingos (1216), fundador da Ordem dos Pregadores, a “*missio*” que lhes facultava pregar fora de suas comunidades.⁷⁸

⁷⁸ C.C. GUGLIA, *Missões Populares*, 1992, p.11

No século XIII, os Mendicantes, cujo expoente máximo é Santo Antônio de Pádua (1195-1231), difundiram por toda parte a pregação que, em geral, conservava os mesmos caracteres dos séculos precedentes.

O mesmo não se pode dizer dos pregadores dos séculos XIV e XV que, esquecendo-se das exigências pastorais, perderam-se por entre esquemas, distinções e discussões escolásticas.

Por outro lado, surgem, nessa época, as figuras de Vicente Ferrer (1350-1419) e de São Bernardino de Sena (1380-1444) que formarão a ossatura das missões populares posteriores.

Vicente Ferrer, mais que outros, será ponto de referência . Ainda não se podia falar em método missionário, pois, prevalecia o carisma pessoal, a espontaneidade das iniciativas condicionadas às variadas circunstâncias. Entretanto, uma característica de sacramentalização já podia ser destacada, uma vez que as pregações eram seguidas do trabalho de ouvir confissões e cumprir o ofício de pacificadores .

O Concílio de Trento (1545-1563) não menciona as missões, mas insiste na reforma dos costumes e no dever dos bispos de pregarem ou, se impedidos, de delegarem a outros clérigos competentes, bem como de providenciarem o ensino do catecismo às crianças.⁷⁹

São Carlos Borromeu (1538-1584), bispo de Milão, criou a instituição dos “Oblatos de Santo Ambrósio” e no documento constitutivo “*Institutionum ad Oblatos Sancti Ambrossii pertinentium epitome*” fala da “*missio omnium praestantissima functio*” - missão, a função mais excelente de todas – e da pregação como um dever do qual não é possível encontrar outro “mais excelente, mais elevado ou mais esplêndido”. Mostra ainda quando a missão se desenvolve , mesmo de um só oblato e por um só dia .

O bispo de Milão, figura magistralmente descrita por Alessandro Manzoni (1785-1873) em “I promessi sposi”, promoveu a “Confraria da Doutrina Cristã ” recomendada por Pio V (1504-1572) a toda a Igreja e que vai tornar-se uma das principais atividades das missões.⁸⁰

⁷⁹ Idem, p. 13

⁸⁰ Santo Afonso, nas Regras da Congregação do Santíssimo Redentor, por ele mesmo escritas, vai dar uma ênfase especial a essa atividade missionária :

Outra prática que integrará o esquema das missões populares foi implementada pelo mesmo santo : a confissão geral.

Temos, enfim, as motivações e os componentes da missão : urgência de atuação para remediar os males da Igreja, primado da instrução religiosa e necessidade de conversão que deve levar os fiéis à observância dos mandamentos e à prática dos sacramentos.

A partir do século XVI, as missões populares começam a tomar forma. Não há um consenso sobre quem lhes deu os contornos definitivos.

São Vicente de Paulo acreditava que ninguém antes dele houvesse pensado nas missões populares. Os Capuchinhos reivindicam a criação da instituição e atribuem suas origens às “Quarenta horas”, exercício por eles difundido. Por outro lado, os Jesuítas têm proclamado que as missões são sua especialidade indiscutível.

Tal instituição não pode ser datada com precisão, por um ato concreto ou decreto constitutivo. Trata-se de uma forma de pastoral extraordinária, nascida como resposta às exigências do tempo, em ambientes diversos e, por vezes, com características próprias.

O fato é que, a partir do século XVI, as missões vão tomando forma em seu conteúdo e método.

A figura do pregador carismático vai, pouco a pouco, dando lugar ao grupo organizado e com funções distintas. Outro aspecto é que a missão estende-se na duração e intercala instruções e meditações. Não se prende mais aos tempos fortes da Quaresma ou Advento, mas ocorrerá em ocasiões que mais se ajustarem à equipe e à disponibilidade da comunidade.

O Jesuíta Francisco Pavone (1569-1637) foi o grande promotor das missões populares em Nápoles. O Cônego Sansone Carnevale (1595-1656), seu auxiliar, fundou a *Congregação das Missões Apostólicas* (1646), conhecida como “*Degli Illustrissimi*” dedicando-se ao trabalho em Nápoles e cercanias.

Adaptados à índole napolitana, os “*Illustrísimos* ” fazem da missão um acontecimento espetacular .

“O catequista tenha bem preparadas e elaboradas suas instruções da doutrina crista, dogmáticas e morais...” *CONSTITUIÇÕES*, Const. IV, 85

Dentre outras novidades introduzem : a chegada solene dos missionários, com procissão eucarística; as caminhadas noturnas pelas ruas, com proclamações terríficas; as conferências para as diversas categorias da comunidade; as confissões e comunhões gerais.

Especial destaque foi dado às práticas de penitência públicas:

Terminado o grande sermão ou meditação, sem os ornamentos e sinais de distinção, os fiéis tomam pesados madeiros, pesadas cruzes, cingem de espinhos a cabeça, o pescoço, os braços, flagelam-se, esbofeteiam-se, terminando muitas vezes com a adoração da cruz, arrastando-se muitos de joelhos, esfregando a língua no chão. Também o pregador, no fim da meditação, a um, sinal do “prefeito da igreja”, passa à moção dos afetos, tira a sobrepeliz, cinge uma corda no pescoço, pulveriza-se de cinza, flagela-se e, levando uma cruz, desce do estrado, seguido pelos missionários, vai ao altar cantando e lamentando o “miserere”. Conclui concitando todos à penitência, ao perdão dos inimigos, a produzir frutos de conversão. Avisa também que, ao toque da “Ave Maria”, todos, onde se encontrarem, devem cair de joelhos para rezar pela conversão dos pecadores. Dá-se, afinal, a bênção eucarística e os homens se retiram para um lugar fechado para se flagelarem.⁸¹

Certamente Afonso presenciou tais exercícios, mas evitou os exageros acima descritos ao estabelecer as práticas próprias dos redentoristas. As Regras e Constituições recomendam :

Não empreguem demonstrações obsoletas e ridículas e outras não usadas nas respectivas regiões e, em geral, usem pouco desses excitantes, ou omitam-nos inteiramente...⁸²

Afonso, em sua obra especialmente dedicada ao modo de pregar as missões, “ *Os exercícios da Missão* ” e nas “ *Constituições e Regras* ” colocará as bases do trabalho missionário nas exortações e na reflexão evitando o simples espetáculo, embora não dispense as penitências.

A Regra da Congregação do Santíssimo Redentor, em vigor quando da chegada dos primeiros Redentoristas ao Brasil, em sua Constituição I, 43, já citada, afirmava que, com relação a finalidade da Congregação ou sejam as Missões, a principal, ou antes, a única preparação do missionário será uma intenção reta e um propósito firme e sincero de

⁸¹ C.C. GUGLIA, Op. cit. p. 31

⁸² CONSTITUIÇÕES, IV, 82

promover a glória de Deus e a salvação das almas e não para se exhibir e aparecer aos olhos do povo e dos prelados e colher os aplausos e a aprovação dos povos, mas antes, a exemplo de Jesus Cristo e dos santos Apóstolos, para receber injúrias e afrontas.

Particular importância no cenário napolitano tem a *Congregação dos Pios Operários*, primeiro instituto exclusivamente missionário, fundada em 1633 pelo Venerável Carlos Carafa (1561-1633). A peste de 1631 dizimou suas fileiras e reduziu-os a apenas dois, por causa da heróica assistência prestada aos pestiados.

Um deles, o Padre F. De Mura, escreveu e publicou “*O missionário Instruído*”, obra da qual Afonso, escrevendo “*A Selva*”, dirá: “*A bela obra da qual confesso ter tirado a maior parte desta minha pequena obra.*” (*Introdução*). Seus métodos não se diferenciavam muito daqueles usados pelos “*Illustrissimi*”.

Outro Pio Operário, Padre Pietro Gisolfo (1620-1683), sobrevivente da peste, escreveu “*Instrução para bem missionar*” (*Nápoles, 1674*), na qual toma posições muito equilibradas, especialmente quanto às práticas penitenciais, dentre elas :

- a confissão de toda a vida não se deve exigir de todos e nunca permitir a confissão pública;
- ao julgar os pecados, escolher a opinião mais benigna, contanto que seja provável;
- não adiar a absolvição(era praxe comum) mas ouvir os penitentes enquanto estão bem dispostos; cuidar da integridade formal da confissão e absolvê-los;
- as penitências públicas que se impõem aos seculares devem ser evitadas – produzem uma momentânea edificação mas depois as pessoas se riem;
- a comunhão geral não é fim da missão e não deve ser tomada para julgar-lhe o sucesso, mas, sim, a verdadeira conversão e o ouvir a Palavra;
- muitos missionários fazem penitência pública e fazem bem, mas é melhor e mais eficaz obter a conversão com a pregação sobre o Crucificado;
- não prolongar mais de dez dias para não cansar os fiéis, mas ficar mais tempo para ouvir as confissões;
- enfim, a alimentação dos missionários, segundo o conselho de Sta. Teresa, deve ser apta para sustentá-los no grande trabalho.⁸³

Nessas recomendações do Padre Pietro Gisolfo está muito clara a condenação dos exageros nas penitências públicas e, embora publicadas em 1717, pode-se

83

C.C. GUGLIA . Op. cit. p. 34

nelas constatar também orientações relativas à administração do sacramento da penitência que coincidem com a linha da moral alfonsiana.

Certamente Afonso leu a obra e dela colheu subsídios para estruturar suas idéias.

O século XVII viu espalhar-se a obra missionária por toda a Itália e um de seus responsáveis foi o também jesuíta, Padre Paulo Segneri Senior (1624-1694).

Paulo Segneri acentuou o critério da centralização e os aspectos penitenciais : escolhida a diocese, estabelecia-se por sete ou oito dias nas cidades principais, para onde convergiam as paróquias mais vizinhas.

Com relação aos aspectos penitenciais, impressionantes eram as procissões de penitência, característicos os giros noturnos com a proclamação de sentenças fáceis de lembrar e meditar. Tudo era bem planejado: o cenário do palco, a introdução e abertura da missão, os textos das treze pregações, o discurso ao clero, feito em lugar separado e a portas fechadas, as procissões das paróquias concorrentes, o aparato e os sermões de penitência, a exposição da cruz e do S.S. Sacramento, a comunhão geral, etc.

Esses são os principais destaques das missões na Itália, ao tempo de Afonso que, como vimos, fora ordenado sacerdote em 1726.

Mesmo não tendo atuado na Itália, ao se falar de missões, não se pode omitir a figura de São Vicente de Paulo (1581-1660), que respondendo às exigências dos ambientes franceses e, seguindo o seu impulso pessoal, criou características bem próprias para difusão das missões na França .

Em 1617, criou a *Congregação da Missão, os Lazaristas*.

Foram os *Lazaristas* que precederam os redentoristas no trabalho missionário em Minas Gerais.

Em seu “*Pequeno Método*”, São Vicente de Paulo fixou parâmetros bem claros para a atividade missionária:

- insiste na preparação dos missionários, combatendo a pretensão de que “para os camponeses todos são capazes”;
- preocupa-se em levar os fiéis a uma verdadeira conversão e à confissão geral bem feita;

- quer, por isso, que as missões durem no mínimo duas semanas e, nos centros maiores, seis ou sete;
- nota com perspicácia que muitos frutos amadurecem ao se encerrar a missão e, por isso, quer que os missionários estejam dispostos a permanecer no local, depois do encerramento, para ouvir as confissões e encorajar os convertidos;
- indica os temas a serem tratados e a seqüência das meditações, mas deixa muita liberdade aos responsáveis;
- dá a máxima importância ao catecismo, seja para adultos, seja para crianças, cuja primeira comunhão organiza;
- interessa-se pelas várias categorias do povo;
- providencia a perseverança instituindo a Associação da Caridade.⁸⁴

Como se vê, Afonso de Ligório, que fará das missões a principal finalidade de sua congregação, pôde valer-se de muitas experiências e de muitos métodos já suficientemente desenvolvidos e experimentados em seu tempo.

Entretanto as marcas do trabalho e método de São Vicente de Paulo constituirão os traços mais fortes nas prescrições constantes das Regras e Constituições da Congregação, escritas pelo próprio Afonso.⁸⁵

Interessante também é de se notar que os primeiros redentoristas, ao chegar ao Brasil, vão buscar entre os seguidores de São Vicente de Paulo, os Lazaristas, as

⁸⁴ C.C.GUGLIA , Op. cit. p. 38

⁸⁵ São claras as influências de São Vicente de Paulo nas Constituições e Regras da Congregação Redentorista:

“ Tenha cada um prédicas e catequeses prontas e bem elaboradas para todas as classes de pessoas, pois o missionário deve estar pronto e preparado para tudo. Os padres mais novos não deixem de decorar bem e com muita aplicação suas prédicas, mormente as elaboradas por último. ” CONSTITUIÇÃO II,46

... “Não menos acautelem-se os nossos para, sob o pretexto da simplicidade, não caírem no extremo oposto. Saibam que prescrevendo as Regras um estilo simples e popular, absolutamente não querem abolir aquele outro, que manda usar argumentos sólidos , procurar a pureza de estilo e da língua vernácula.” CONSTITUIÇÃO IV, 49

... “Tome cuidado em não introduzir novidades e abusos tanto no sistema e nos exercícios das missões como também no modo de vida ...” CONSTITUIÇÃO IV, 69

“Já que pela confissão os homens voltam à graça de Deus é evidente ser a audição das confissões o mais importante e principal trabalho das missões. ” CONSTITUIÇÃO IV, 73

“Geralmente façam-se em nossas missões três ou quatro comunhões gerais para os diversos estados a saber : para os meninos e as meninas, para as moças, para as viúvas e casadas e, enfim, para os homens.” CONSTITUIÇÃO IX, 124

“Aos lugares já missionados voltem no prazo de quatro ou cinco meses.” CONSTITUIÇÕES , IX, 135

necessárias informações para desenvolverem o trabalho missionário, como veremos ao relatar o início dos trabalhos.

Muitas vezes o trabalho missionário foi criticado, até mesmo internamente como veremos nas correspondências, por se reduzir a exterioridades e a fogo de palha.

Como se pode constatar da leitura das Regras e Constituições, há uma constante preocupação do fundador em tornar o trabalho o quanto mais interior possível e tais recomendações eram constantes na formação do missionário, bem como, no programa das missões.

Sem dúvida essa característica reveste-se de modernidade face ao perfil das primeiras missões e a ela se podem creditar as marcas deixadas pelos missionários no catolicismo popular das minas gerais.

I .5 – DAS TERRAS BAIXAS DA HOLANDA PARA AS MONTANHAS DE MINAS.

Nesse nosso passeio pelas dobras do tempo, temos considerado as principais implicações políticas e religiosas que envolveram a Igreja e nações da Europa, durante o século XIX.

Vimos também a figura de Afonso, o desenvolvimento de sua obra, a Congregação Redentorista, os principais traços de sua espiritualidade e, por último, a finalidade da Congregação : as missões.

Ficou claro que a Congregação Redentorista resultou da convicção forte de um santo que quis dedicar sua vida e a de seus seguidores, à salvação das “ almas mais abandonadas” através do exercício das missões.

Não podemos negar que os Redentoristas que vieram para o Brasil em 1893, embora marcados por essa espiritualidade e formados dentro dos princípios da moral alfonsiana, não incorporassem o espírito da época. Por certo estavam plenamente conscientes das lutas da Igreja contra o Liberalismo de então e haviam recebido sua formação dentro dos ditames impostos pelo Concílio Vaticano I.

Entretanto isso não os impedia de seguir os passos de seu fundador o que fica claro ao invocarem seus princípios e os ditames da Regra por ele estabelecida.

O único fim de seus trabalhos era dedicar-se a pregar o Cristo em suas terras, em suas famílias, difundindo as orientações e os traços marcantes da espiritualidade alfonsiana : encarnação, paixão e morte, ressurreição de Cristo, eucaristia e o amor à virgem Maria.

Quando moveram-se para o Brasil, foram esses os seus explícitos motores.

Entretanto, não podemos negar que eram homens sintonizados com o espírito da época, buscavam uma reforma da Igreja e queriam ser, por certo, seus protagonistas.

E agora a pergunta : mas por que holandeses ?

O primeiro convento redentorista na Holanda⁸⁶ estabeleceu-se na cidade de Wittem, na Província da Limbúrgia, em 1835.⁸⁷

No convento de Wittem, (um antigo convento de capuchinhos, situado à beira da estrada entre Maastricht e Aix-la-Chapelle , ou Aachen, como dizem os alemães), estabeleceu-se um Seminário Maior para a formação de padres.

Esse Seminário tornou-se o mais importante centro de formação dos Redentoristas na Europa e nele lecionaram professores como : o padre Vitor Augusto Deschamps, futuro Cardeal e arcebispo de Malines, o padre Bernardo Hafkeascheid, colega de estudos de Joaquim Pecci (Leão XIII), bem como o Padre Joseph Aertnys, cujo manual de Teologia Moral tornou-se famoso e adotado por quase todos os seminários maiores, na primeira década do século XX .⁸⁸

Nesse convento e Seminário Maior, formaram-se todos os padres redentoristas holandeses que vieram para o Brasil.

Como se vê, principalmente pela presença do padre Aertnys entre os professores de Wittem, um autêntico herdeiro do pensamento do fundador, a formação dos padres redentoristas holandeses era solidamente marcada pela espiritualidade e moral

⁸⁶ A Holanda (Hollow-land = terra ôca), tem 2/5 de sua superfície tomados do mar ; “Deus criou o mundo, mas o holandês criou a Holanda.” Nessas áreas drenadas, encontram-se as mais ricas terras cultivadas. Essa luta constante contra o mar, conquistado palmo a palmo, através de diques, marca a tenacidade do holandês. A configuração atual do país remonta a 1830. Em 1890 o trono foi ocupado por Guilhermina que permaneceu até 1948, quando sucedeu-lhe a filha Juliana. *ENCYCLOPAEDIA BRITÂNICA* – Vol.VII , ed. 1971

⁸⁷ À época, a região pertencia à Bélgica e somente foi anexada à Holanda em 1839, pelo Tratado de Londres.

⁸⁸ O Manual de Teologia Moral do Padre J. Aertnys, discípulo e seguidor de Santo Afonso, incorporou conceitos mais avançados no campo moral, mantendo entretanto a linha alfonsiana do equiprobabilismo.

Falecido em 1915, seu manual foi adaptado em 1943, aos cânones do novo Codex Iuris Canonici (promulgado em 1917 pelo Papa Bento XV) pelo confrade Cornélio A .Damen., doutor em Direito Canônico e Professor de Teologia Moral em Roma.

Tal manual, conhecido como AERTNYS – DAMEN, escrito segundo a doutrina de Santo Afonso, foi substituído, na década de 1950, pelo célebre "A Lei de Cristo" de outro redentorista e moralista famoso, BERNHARD HÄRING . Antes de falecer, em 3 de julho de 1998, Bernhard Häring reformulou seu manual de Teologia Moral e alterou-lhe o título para “Livres e Fiéis em Cristo”. A Obra está editada no Brasil : São Paulo : .Paulinas, 1984, em três volumes: 1^o. – Teologia Moral Geral, 2^o. A verdade vos libertará 3^o. - Vós sois a Luz do mundo.

Não se pode aqui omitir uma referência ao já citado pe. JAIME SNOEK, um dos quais a quem dedico essa tese, por seu relevante trabalho como moralista em Juiz de Fora, destacando dentre suas publicações a obra *Ensaio de Ética Sexual*, 1981

alfonsiana e, mais uma vez ressalte-se, a moral alfonsiana opôs-se com veemência ao rigorismo jansenista de sua época.

Em 1869, a Província holandesa já possuía cinco conventos (Amsterdam, s'Hertogenbosch, Roermond, Roosendaal e Wittem).

Atendendo a um pedido da Sagrada Congregação da *Propaganda Fidei*, e do primeiro Vigário Apostólico do Suriname, o redentorista Padre João Batista Swinkels, a Província holandesa constituiu a Vice-Província do Suriname, em 1866.

Com isto, à época da vinda dos primeiros redentoristas para o Brasil, os holandeses já tinham uma experiência missionária na América do Sul, embora fosse em uma colônia holandesa, com a mesma língua e muitos dos costumes da pátria.

A situação da Província holandesa, em 1893, era a seguinte :

Conventos : seis (acrescido Rotterdam)

Padres : 80

Irmãos : 58

Estudantes maiores : 27

Total de membros professores : 165

A Vice-Província do Suriname, constituída em 1866 e dependente da Holanda, contava com 20 padres e 16 irmãos.

Na época, a religião, na Holanda, era um misto de rígido calvinismo, protestantismo tolerante e catolicismo. O país contava com cerca de 5 milhões de habitantes dos quais 40% eram católicos.

O Catolicismo na Holanda experimentou, no último quadrante do século XIX e inícios do século XX, um período vigoroso, coincidindo com a florescência dos redentoristas em suas comunidades.

Numerosas eram as vocações para a vida religiosa, muitas vezes advindas de famílias rurais que não encontravam fáceis perspectivas de realização em um país pouco industrializado, de área restrita e com acentuadas características agrícolas.⁸⁹

⁸⁹ A grande florescência de vocações religiosas, masculinas e femininas, no final do século XIX em vários países europeus, deu-se, muitas vezes, por força de circunstâncias sociais e de acomodação familiar. As dificuldades de absorção da mão de obra nas indústrias e o desmantelamento da atividade rural proporcionaram a busca de realização pessoal no meio religioso.

Muito antes de se chegar à decisão holandesa de enviar missionários ao Brasil, várias tentativas fracassaram:

Ainda em pleno período imperial, no dia 11 de setembro de 1843, o recém designado bispo de Mariana, Dom Antônio Ferreira Viçoso, endereçou ao Imperador D. Pedro II correspondência em que lhe suplicava a intermediação junto a D. Fernando II, Rei de Nápoles e irmão da imperatriz Teresa Cristina Maria, visando a vinda dos redentoristas para sua diocese:

Peço a V. Majestade remédio pelo amor de Deus. Lembro um remédio que me parece eficaz e fácil a V. Majestade. Há em Nápoles uma respeitável Comunidade que vem a ser os Filhos de Santo Afonso Maria de Ligório, há pouco canonizado. – 1839 - Uma palavra sua a S. Majestade o Rei de Nápoles, seu cunhado, fará vir para Minas seis Ligoristas, Teólogos, Missionários, que me ajudem no Santo Ministério, por alguns anos, ficando a meu cargo sua viagem e manutenção.⁹⁰

De tal carta não existe qualquer registro de resposta.

Insistente em seu pedido, o bispo escreve, dias depois, em 19 de setembro, ao redentorista napolitano, Celestino Cocle, então confessor e conselheiro do rei de Nápoles.

Também sem resposta.

Em 25 de setembro, uma semana depois, resolveu dirigir-se, diretamente, ao superior geral dos redentoristas, Pe. Giovanni Camillo Ripoli.

Dele obteve, como resposta, a promessa de que, dependendo da anuência do Rei de Nápoles, iria selecionar alguns missionários para atendê-lo.

A verdade é que o pequeno número de redentoristas na Província napolitana o impediu de concretizar a promessa. Apelou aos redentoristas da Bélgica e deles obteve o compromisso de que uma expedição de padres seria enviada à diocese de Mariana, no verão de 1844.

Tal não aconteceu, não se sabe bem por quê.

A realidade na Holanda era bem patente. Um país predominantemente protestante abrigava famílias numerosas, onde as vocações religiosas eram muitas vezes bem vindas, face às poucas possibilidades de trabalho.

Também no Brasil pode-se constatar que, quando da expansão dos seminários, tal forma de ascensão social despertou “vocações”, muitas vezes, de pura conveniência..

⁹⁰ ANUÁRIO IMPERIAL. *Cartas de Bispos a D. Pedro II*, Petrópolis : 1969, p. 261

Nesse ínterim, Dom Viçoso conseguiu na França, o envio de alguns missionários lazaristas, mas isso não o fez esquecer-se dos redentoristas.

Em 27 de abril de 1857, voltou ao assunto e escreveu ao Pe. Nicolau Mauron,⁹¹ novo superior geral, oferecendo-lhe condições mais concretas :

Naquele tempo não conhecia a situação desta diocese. Os desejos eram maiores do que os recursos. Mas agora, com a ajuda de Deus, possuo duas casas, nada pequenas, bem colocadas na cidade para sua Congregação; além disso uma boa propriedade rural, com uma pequena casa, que, se bem cultivada, dotada como é de várias árvores frutíferas, bom clima e nascentes, poderá alimentar a muitos. Com alegria e muito afeto as ofereço aos filhos de S. Afonso de Ligório.

Saiba V. Rev.ma que, de acordo com a taxa da diocese, o estipêndio de uma missa é de 3 francos, ou (penso) de meio ducado, a qual taxa pode sustentar bem dois homens.

Peço-lhe, insistentemente, que movido de misericórdia por minhas ovelhas, queira enviar-me ao menos seis sacerdotes e quatro leigos coadjutores, entre os quais alguém que entenda de agricultura. Logo que receber sua carta, enviar-lhe-ei o dinheiro para a viagem marítima e terrestre, e prepararei os recursos necessários para os sacerdotes e leigos quanto à alimentação e vestuário, de acordo com **a sua** determinação.

O Senhor o conserve e lhe dê muitos anos de vida, é o que lhe deseja,

O seu servo
+ Antônio, Bispo de Mariana – Brasil ⁹²

O Superior Geral e seus conselheiros recusaram a oferta alegando falta de pessoal, desconhecimento da língua e distância da fundação numa época em que a Congregação começava a se consolidar na Europa. As razões fundavam-se no pouco conhecimento da realidade brasileira e pela quase inexistente comunidade de língua portuguesa.⁹³

Outras tentativas, uma por parte de Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leon, bispo de Goiás e outra de Dom Luigi Matera, Internúncio no Brasil em 1878, também fracassaram.

⁹¹ O padre Nicolau Mauron fora eleito Superior Geral em 2 de maio de 1855. Foi o mais longo governo geral. Durante seu generalato ocorreram as negociações para a vinda dos redentoristas para o Brasil. Finalmente, quando tudo estava decidido e os dois pioneiros desembarcavam no Rio de Janeiro, faleceu, no mesmo dia, 2 de julho de 1893.

⁹² *SPICILEGIUM HISTORICUM* . Anno XXI, 1973, fasc. I, p.23

⁹³ J.B.B. LEITE , *Os começos*, 1996, p.15

Em 1889, proclamava-se a República no Brasil.

Com o Império caía também o regime do padroado, o regalismo que atrelava a Igreja ao Estado, tolhendo-lhe a liberdade.

D. Antônio Viçoso que tanto lutara pela vinda dos redentoristas para a diocese de Mariana, morreu em 7 de julho de 1875.

Seu sucessor foi Dom Antônio Maria Correia de Sá Benevides, homem muito enfermo a quem foi dado, como auxiliar, Dom Silvério Gomes Pimenta.

Dom Silvério, menino pobre e negro de Congonhas, levado ao Seminário pelo próprio Dom Viçoso, dele herdou o amor a Santo Afonso e a determinação de trazer seus filhos para as Minas Gerais.

Em 1890, D. Silvério queixou-se da falta de padres a Dom Francisco Spolverini, Internúncio que deixava o Brasil. Esse alto dignitário da Igreja exercera, anos antes, a mesma função na Holanda, ocasião em que se fizera amigo dos redentoristas.

Os fatos seguintes são narrados, em correspondência, datada de 6 de janeiro de 1909, pelo Padre J. van Asten, testemunha ocular, e dirigida ao então superior redentorista no Brasil, Pe. Augusto Beukers :

Pelo ano de 1886, mais ou menos, um certo ‘monsignore’, (Spolverini), era internúncio na Holanda e hospedava-se, às vezes, em nosso convento no Keyzersgracht.

Transferido da Holanda para o Brasil, foi chamado e volta para Roma. Não sei que função tinha no Brasil, nem sei se ainda está vivo. Esqueci-me do nome dele.

Ao deixar o Brasil, um dos bispos de lá, (talvez o bispo de vossa diocese), pediu-lhe que conseguisse em Roma, alguns religiosos para sua diocese. O núncio prometeu cumprir a promessa. Visitou alguns superiores gerais, mas sem resultado. Também visitou o Pe. Mauron (Superior Geral dos Redentoristas) em 1889 ou 1890, fazendo o mesmo pedido. Padre Mauron consultou no catálogo a situação das diversas províncias e respondeu : ‘ Creio que não há nenhuma província que possa se encarregar deste assunto ’ . Aí o Núncio perdeu toda a esperança e não se falou mais no assunto.

No ano seguinte este Monsignore tirou uns dias de folga, em 1891, e foi para Amsterdam onde se hospedou em nosso convento de Keyzersgracht. No dia de sua partida, achava-se no corredor do andar térreo e eu, por acaso, estava a sós com ele. Contou-me seu esforço para conseguir padres para o Brasil, e como o padre Mauron o informara que não havia nenhuma província nessas condições. Imediatamente me entusiasmei e sem refletir coisa alguma, respondi com toda convicção : ‘Monsenhora, aqui na Holanda temos padres jovens, nós poderíamos aceitar esta Missão com facilidade’

Ótimo, disse ele, logo que estiver de volta a Roma, procurarei de novo o Geral. Dito e feito. Padre Geral aceitou de boa vontade a proposta e imediatamente consultou o Padre Provincial Jacob Meeuwissen, perguntando se a Holanda poderia aceitar esta Missão. Este convocou os consultores, mas apenas um (eu mesmo) estava a favor; o padre provincial e os outros contra. Assim também o Padre Aertnys e demais padres consultados não a aprovaram. Pouco tempo depois o Padre Provincial foi a Roma. Ao chegar ali o Padre Mauron tocou no assunto da Missão no Brasil.

A informação foi negativa, conforme o resultado da consulta ao conselho provincial e comunicada ao Geral em visita pessoal..

O Geral concordou com a decisão holandesa e disse que arquivaria o pedido. Mas, no dia seguinte, pela manhã, encontrando-se novamente com o Provincial, disse-lhe :

Padre Provincial, aquela Missão no Brasil não me sai da cabeça, pensei nela a noite toda. Eu não queria abandonar essa idéia. Será que o senhor não pode aceitá-la ?

- Pois bem, Padre Geral, terei coragem para isso. ⁹⁴

Esta correspondência de Van Asten foi redigida em janeiro de 1909, com a finalidade específica de registrar, por testemunha ocular, os fatos relativos à vinda dos redentoristas para o Brasil.

É claro que as coisas não foram assim tão simples mas, o caminho inicial envolveu de perto os personagens acima.

O pedido tomou melhor forma por correspondência do Mons. Spolverini, ao Padre Geral, Mauron, datada de 21 de maio de 1892:

O bispo de Cômaco D. Silvério Pimentel (sic) que administra a diocese de Mariana, na qualidade de Coadjutor do bispo diocesano, há algum tempo doente, a mim se dirige para que obtenha a vinda de alguns Padres Redentoristas aos quais confiará um célebre Santuário da S. Cruz (Congonhas), para onde ocorrem cerca de 50 mil peregrinos todo ano, e o exercício das Missões ao povo, ele está disposto a custear as despesas da viagem, uma casa e as coisas necessárias para a primeira fundação.

A diocese de Mariana encontra-se no estado de Minas Gerais, unido por uma ferrovia à capital do Brasil. O clima é excelente o solo elevado a mais ou menos 1.000 metros sobre o nível do mar, é quase todo montanhoso e coberto de matas.

⁹⁴

O povo é o mais religioso de todo o Brasil, inclinado à piedade, generoso e dócil mas, sem instrução. O clero secular na sua maior parte bom, porque há lá um bem freqüentado seminário diocesano eficientemente dirigido pelos Padres Lazaristas.⁹⁵

Já se pode vislumbrar nesse pedido que a finalidade da vinda dos redentoristas está ligada às atividades missionárias e que, a diocese garantiria seus meios de sobrevivência. Entretanto o pedido deixa claro os ideais reformistas do prelado que acena com a entrega aos missionários da administração do Santuário de Congonhas, centro de devoção popular.

Tal informação foi logo repassada ao Provincial da Holanda, donde se entende que, anteriormente, já se havia conversado informalmente sobre o assunto .

Na carta ao Provincial holandês, fica claro que Mons. Spolverini já esclarecera, pessoalmente, outros pontos duvidosos com referência ao Brasil, principalmente as relações entre a Igreja e o Estado :

Contudo o ex-núncio colocou a situação em luz tão favorável, principalmente com a separação da Igreja e do Estado que, conforme disse, foi introduzida agora.⁹⁶

O Padre Jacob Meeuwissen não conseguiu uma aprovação unânime por parte do conselho e retorna ao Geral :

No momento não tenho mesmo o número suficiente de padres para atender aos numerosos pedidos de Missões e Retiros em nosso país, de modo que tenho dificuldades de ter nossos trabalhos apostólicos à altura em que estão atualmente.

A Missão do Suriname continua exigindo novos súditos e até agora não os pude mandar .

Essa posição, de 12-06-1892, foi contestada em carta do Pe. Van Asten ao Pe. Mauron :

Damos conta no momento de todos os trabalhos; não recusamos, durante todo o ano, um só pedido, nem mesmo um tríduo ...

⁹⁵ Idem, p. 29

⁹⁶ Idem, p. 30

Além disso é preciso observar que aceitamos uma multidão de pequenos trabalhos, que poderíamos deixar, por exemplo tríduos, dias de Adoração, sermões de circunstâncias, etc.,

Aceitamos esses trabalhos porque sem isso não haveria bastante trabalho...

O assunto não morrera. O Geral insistia com o Provincial holandês :
 “Quem sabe Deus quer ? Não perca de vista o Brasil. Vamos rezar muito ! ”

Padre Jacob Meeuwissen consultou o Provincial alemão, Padre J. Spoos, que se encontrava em visita canônica à Vice-Província de Buenos Aires, em fevereiro de 1893.

Dele não recebeu muitos incentivos :

Rev.mo, é bom ter um pouco de cuidado ao aceitar os pedidos aqui na América do Sul. Isso é muitas vezes, ‘muito barulho e pouca lâ ’, como diz um provérbio alemão.

Consultou também ao Padre Bartolomeu Sipolis, Vice Provincial dos Lazaristas no Brasil.

Sipolis, em carta de 25 de fevereiro de 1893, esclarece que o Santuário referido por Spolverini, como “Da Santa Cruz” tem como nome “Santuário do Bom Jesus do Matosinhos”.

Informa ainda que sua Congregação estivera à frente do dito Santuário até 1856, quando em vista dos impasses havidos com a Irmandade que o administrava, tornou-se impossível sua permanência.

Esse aspecto torna patente um dos conflitos enfrentados pelo clero reformador com as Irmandades da época, marcadas pela autonomia que agora a Igreja queria restringir.

Disse ainda que, sem a propriedade ou ao menos a administração livre das rendas e esmolas do Santuário, não seria viável e não se poderia garantir o futuro e os recursos necessários à comunidade.

Por fim, o lazarista, conhecedor da finalidade dos redentoristas , concluiu:
 “ *Sim, há muito bem a fazer no Brasil, sobretudo nas missões.* ”

Nesse momento entra em cena o próprio Dom Silvério Gomes Pimenta que, em carta dirigida ao Superior Geral , datada de 7 de fevereiro de 1893, implora :

...Portanto de novo rogo pelas entranhas de Vossa Misericórdia e peço-vos o mais insistentemente possível que não tardeis vir em auxílio de nossa gente. Aqui a seara é copiosíssima, mas poucos, pouquíssimos até os operários. Podereis aqui fundar grandes colégios para a educação da juventude, ou seminários menores para a formação do clero, ou dedicar-vos às sagradas missões nas cidades e vilas, ou dedicar-vos a quais quer outras tarefas que mais vos agradem.

Finalmente, a 12 de maio de 1893, aceitando o convite, o então Provincial da Holanda, Pe. Jacob Meeuwissen é claro ao fixar os objetivos da atividade dos redentoristas:

Eu, abaixo assinado, Superior da Província Holandesa da Congregação do Santíssimo Redentor, desejo comunicar algo sobre a futura entrada da nossa Congregação na diocese de Mariana.

Como ficou claro das cartas ao Ilmo. Núncio Spolverini, V. Excia. rogou instantemente para que se enviasse os filhos de Santo Afonso para salvar as almas.

Nosso Superior Geral se dirigiu a mim para que assumisse essa missão. Tendo implorado as luzes divinas, e ouvido o parecer de meus conselheiros, persuadi-me que a Divina Providência nos chama para cultivar essa longínqua vinha do Senhor. Já foram designados os padres, R.P. Matias Tulkens e R.P. Francisco Lomeyer.

Ao aceitar a missão não tenho nem eu nem os meus súditos outra intenção senão o que o nosso instituto se estabeleça aí de acordo com as orientações da mente e do espírito de Santo Afonso, isto é, que os padres possam, sem escolas, sem seminários, sem cuidados paroquiais, ministrar ao povo as sagradas missões e exercer sagrado ministério numa igreja própria.⁹⁷

Na mesma carta o superior informou ao Bispo que os Padres Mathias Tulkens e Francisco Lohmeyer partiriam nos próximos dias do porto de Antuérpia em navio do Lloyd alemão e chegariam ao Brasil fim do mês de junho.

No dia 6 de junho de 1893, depois de venerar em Maastrich as relíquias de São Wilibrordo, o grande missionário que um milênio antes levava o Cristianismo aos povos germânicos, os dois pioneiros hospedaram-se no convento dos Jesuítas, em Hamburgo, aguardando a partida do vapor para o Brasil.

A mudança do local de partida de Antuérpia para Hamburgo, não ficou esclarecida.

⁹⁷ O original dessa carta, em latim, encontra-se no Arquivo da Arquidiocese de Mariana e é, pela primeira vez, citada pelo Cônego RAYMUNDO TRINDADE, em sua obra: *Archidiocese de Marianna*, Vol. II, p. 1137

Dois dias depois, o “*Ceará*” zarpava rumo ao Rio de Janeiro.

Ao se debruçar sobre essas informações o estudioso pode concluir que, apesar das turbulências políticas e religiosas daqueles meados de século e, não obstante os reiterados pedidos formulados pelos bispos de Mariana, ao Imperador, ao Superior Geral e ao Provincial da Holanda nada aconteceu. A Congregação não se deixou convencer por simples apelos.

A hesitação e as inúmeras dificuldades opostas pelos superiores deixam entrever que fatores administrativos, políticos e mesmo econômicos também pesaram na decisão.

A consulta feita aos Lazaristas e aos colegas da Argentina revelam a extrema precaução com que se tomou a decisão. O Brasil era, muito mais do que hoje, uma terra desconhecida pelos europeus e principalmente pelos holandeses com os quais nossas relações remontavam ao século XVII, através das invasões holandesas.

Para eles havia sido relativamente fácil que a Província se expandisse ao Suriname, colônia holandesa, onde pelo menos se falava a mesma língua.

Os rumores da crise religiosa no Brasil, a laicização do Estado com a Proclamação da República e outras dificuldades como aquela acenada pelos Lazaristas com relação ao conflito com a Irmandade em Congonhas, por certo fizeram com que a decisão fosse bem pensada.

Enfim, os redentoristas holandeses, somente se decidiram a vir para o Brasil, quando se convenceram de que poderia haver um mínimo de condições para a realização de seu ideal : “ *Sim, há muito bem a fazer no Brasil, sobretudo nas missões*” : essa afirmação do superior dos Lazaristas fora a senha!

Entretanto, todo esforço para conhecer a realidade brasileira e as possibilidades de fundação resultaram em poucas informações o que justificou o envio de dois sacerdotes com a finalidade de avaliar “*in loco*” as reais possibilidades de uma fundação, o que somente veio a ocorrer quase um ano após a chegada.

O último parágrafo da carta do Padre Jacob Meeuwissen é contundente : os missionários vinham, única e exclusivamente para, *sem cuidados paroquiais, ministrar ao povo as sagradas missões e exercer sagrado ministério numa igreja própria.*

Os missionários vinham revestidos do espírito alfonsiano, sem acordos prévios, sem ditames de Roma, sem compromissos com a cúria de Mariana. O único compromisso com que embarcaram foi o de pregar missões às almas mais abandonadas, almas semelhantes àquelas que Afonso encontrou na distante Scala de 1732.

A paisagem religiosa brasileira e, especialmente das plagas mineiras, onde os pioneiros iriam se estabelecer, não diferia muito da situação que movera Afonso a constituir a Congregação, quando no verão de 1732, pretendeu descansar nas montanhas de Scala, havia naquelas montanhas, como dissera Afonso, um povo religioso, piedoso e humilde mas, ignorante das coisas da religião, enfim, almas abandonadas.

Sobre a situação assim se expressara Afonso :

Ate agora, evangelizei cidades e vilas populosas, providas de socorros espirituais, enquanto estes coitados vivem ao léu, sem ter quem lhes distribua o pão da Palavra de Deus. Sabem tanto de Deus e de religião quanto os rebanhos a eles confiados.⁹⁸

A sugestiva liturgia da missa comemorativa do dia de Santo Afonso, 1º de agosto, inicia-se com o trecho de Isaias (61, 1-2) : *O espírito do Senhor repousa sobre min e enviou-me para evangelizar os pobres ...*

Tal intróito deixa transparecer, claramente, o espírito com que aqueles missionários se decidiram a deixar as terras baixas da Holanda, trocando-as pelas montanhas de Minas.

Certamente, esse era o ideal que embalava os dias e noites dos pioneiros, *Mathias Tulkens e Francisco Lohmeyer* a bordo do “*Ceará*”.

Ao encerrarmos essa narrativa é mister que se façam algumas pontuações :Inicialmente, parece-me clara a ausência da Santa Sé no processo que culminou com o embarque dos primeiros redentoristas para o Brasil.

Nas demandas, marchas e contra marchas da decisão em nenhum momento se pode registrar qualquer intervenção da Santa Sé de modo a rotular os missionários como agentes de Roma, enfim, como agentes da “*romanização*”.

Ao se afirmar que os missionários aqui aportaram como “*agentes de Roma*” revela um certa pretensão de que a situação do catolicismo no Brasil constituía

grande preocupação por parte da Santa Sé que, a bem da verdade, pouco conhecia de nossa realidade e, naqueles tempos, estava mais preocupada com a situação européia .

O que se constata é o esforço dos bispos de Mariana no sentido de conseguir sacerdotes e missionários para a assistência ao povo católico e, em segundo plano, pode-se vislumbrar o desejo de fomentar a reforma da Igreja em sua Diocese.

Como vimos no tópico sobre as missões, torna-se evidente que a finalidade missionária encerra em si o desejo de reforma. Na origem da atividade missionária desde os tempos de

A participação de Dom Francisco Spolverini que entra no processo já sem a condição de Núncio Apostólico no Brasil, pode ser vista simplesmente como a intervenção de um amigo. E, deve-se registrar que sua participação, embora relevante, não foi decisiva .

Decisivos sim, foram os reiterados apelos de D. Silvério, destacando-se dentre eles a carta, datada de 7 de fevereiro de 1893 que antecedeu a decisão do Provincial da Holanda em 12 de maio do mesmo ano.

Em tal carta, transcrita em páginas anteriores, D Silvério explicitou as atividades que os redentoristas poderiam desenvolver na diocese :

Podereis aqui fundar grandes colégios para a educação da juventude, ou seminários menores para a formação do clero, ou dedicar-vos às sagradas missões nas cidades e vilas, ou dedicar-vos a quaisquer outras tarefas que mais vos agradem.

D. Silvério era conhecedor de que os redentoristas tinham por objetivo a pregação de missões, mas no seu quase desespero apela para “*quaisquer atividades que mais vos agradem*”.

Isso denota bem que o que mais desejava era a presença de sacerdotes bem formados que viessem em seu auxílio no empreendimento de reforma em sua diocese, reforma esta que abrangesse a formação da juventude, do clero e do povo em geral.

Os termos “ *podereis* ” seguido de “*quaisquer atividades que mais vos agradem* “ por si somente bastam para tornar claro que os missionários não vieram “dentro

de uma política perpetrada pela igreja romana, como querem afirmar os adeptos da “romanização”.

O Provincial, em sua decisão quase imediata a tal correspondência, foi claro:

Ao aceitar a missão não tenho nem eu nem os meus súditos outra intenção senão que o nosso instituto se estabeleça aí de acordo com as orientações da mente e do espírito de Santo Afonso, isto é, que os padres possam, sem escolas, sem seminários, sem cuidados paroquiais, ministrar ao povo as santas missões e exercer o sagrado ministério numa igreja própria.

Em nenhum dos momentos históricos que culminaram com a vinda dos redentoristas existe qualquer referência a interferência da cúria romana e em especial da Sagrada Congregação “De Propaganda Fide” à qual, segundo cânon 252 do Código de Direito Canônico, reformado por Bento XV em 1917, competia cuidar das missões e da pregação do Evangelho, com especial enfoque na propagação da fé.

Não se constata pois, nos fatos e documentos consultados, quaisquer indícios de que a vinda dos redentoristas esteja ligada a interferências da Santa Sé, aos objetivos da “romanização”, explicitamente repelidos na carta decisória do Provincial, Pe. Jacob Meeuwissen e, nem mesmo portanto, fatos que possam identificá-los como “agentes de Roma”.

Não se pode negar que vieram para implementar os bons costumes, a prática religiosa, a catequese doutrinária, a aproximação com a vida sacramental e devota já que tais objetivos, mesmo antes do Concílio de Trento, sempre estiveram presentes nas “santas missões”, tarefa primeira a que se propuseram.

E mais, tais objetivos não estavam explicitamente ligados ao movimento de reforma da Igreja no Brasil e jamais foram explicitados e condicionados nos apelos, sejam nos de D. Viçoso, sejam nos de Dom Silvério.

Entretanto, mais uma vez afirmo que é evidente o fato de que tais objetivos eram permanentes na atividade missionária desde sua origem e desenvolvimento e em quaisquer partes do mundo católico em que se realizaram.

Nos apelos feitos através de D. Viçoso e de D. Silvério o que se pode claramente constatar é que a situação do povo católico era de verdadeira “penúria

religiosa”. Sempre insistiram na insuficiência dos recursos para a formação povo: os padres eram poucos e muitos deles idosos.

Torna-se evidente que ao dizer “ *penúria religiosa*” o bispo queria dizer que o povo carecia de doutrinação, de assistência sacramental, enfim, de conversão. E isto acontecia na Holanda, na Itália e em qualquer parte do mundo cristão onde desenvolviam-se as atividades missionárias.

Se os redentoristas não vieram condicionados por objetivos alheios, pode-se logicamente concluir que os verdadeiros motores de sua decisão foram internos, constantes de sua mentalidade, de seu imaginário religioso, do carisma de seu fundador e disso não deixam dúvidas as diversas afirmações, sejam dos superiores , sejam dos próprios missionários.

1.6 - A CHEGADA

Domingo, 2 de julho (1893) chegou o ‘Ceará’ ao Rio de Janeiro. Conforme me falaram é um dos portos mais bonitos do mundo. Viajamos no mar sem problemas, 25 dias: de 8 de junho até 2 de julho. Graças a Deus chegamos em nossa nova pátria.

Esponaneamente rezei: ‘Ó Santíssimo Redentor que destes a vossa vida para todos os habitantes deste país, abençoai o nosso trabalho que vamos começar para a maior glória de Vosso Nome e para a salvação das almas imortais. Santo Afonso, bem-aventurado Clemente, bem-aventurado Geraldo, rogai por nós.’⁹⁹

Já nesse primeiro momento da narrativa do padre Matias Tulkens, o líder da missão, pode-se perceber a clara alusão aos propósitos e ideais do fundador : a salvação das almas mais abandonadas .

Deixemos que ele mesmo continue a nos narrar as primeiras impressões :

Estava escurecendo quando chegamos ao Rio de Janeiro, pois aqui é inverno. O sol desaparece às 5.26 e se levanta às 6:42. Já tínhamos decidido como muitos outros passageiros a pernoitar no navio quando avistamos, ao longe, um padre lazarista num bote.¹⁰⁰ Foi enviado pelo bispo de Mariana a quem enviei um telegrama da Bahia avisando que íamos chegar no Domingo ao Rio. O Bispo mandou-nos receber.

A narrativa continua descrevendo a acolhida recebida no Convento das Irmãs de São Vicente, anexo à Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. Nos detalhes pode-se perceber toda a atenção que Dom Silvério dispensou aos novos missionários bem como a alegria dos lazaristas ao receber os filhos do admirado Santo Afonso.

Lá encontramos o dinheiro para a viagem a Mariana com uma carta do bispo pedindo-nos para viajar o quanto antes mais ainda porque no Rio havia a malária e a febre amarela, muito perigosas especialmente para estrangeiros.¹⁰¹

⁹⁹ Os textos das cartas citadas a seguir constam do Arquivo da Província do Rio de Janeiro - A tradução do original em holandês é de autoria do Padre Huberto Oosteron.

¹⁰⁰ Trata-se do Padre Fernando Taddei. Falava português e francês. Foi o primeiro bispo de Jacarezinho, de 1927 a 1940.

¹⁰¹ O narrador afirma que na época o Rio de Janeiro tinha 515.559 habitantes e que, no ano anterior, 1892, as vítimas da febre amarela e malária chegaram a 1820.

...Os padres e as irmãs não sabiam como expressar a sua satisfação em nos receber. Estivemos como em nossa casa desde o princípio.
102

Conforme a recomendação do bispo de Mariana os missionários não descansaram muito no Rio, é que por lá grassava a febre amarela. Já na terça feira, às quatro horas da madrugada deixaram os amigos lazaristas e tomaram o destino de Juiz de Fora onde pernottaram na casa do Padre Café.¹⁰³

No dia seguinte, acompanhados pelo Padre Las Casas, seguiram para Ouro Preto onde pernottaram, novamente.

Ali terminavam os trilhos da ferrovia e como o bispo não queria arriscar a primeira cavalgada dos inexperientes missionários, o último trecho da viagem foi feito em charrete.

Mas voltemos ao Padre Matias:

A recepção pelo bispo Dom Antônio Maria de Sá Benevides, bispo de Mariana e por seu auxiliar Dom Silvério, bispo de Cãmaco,¹⁰⁴ foi das mais calorosas.

O auxiliar, Dom Silvério, que ajuda nas ordenações porque o bispo está com as mãos paralíticas, é preto, como também muitos padres do Bispado. Durante a santa missa dei comunhão a vários pretos, de certo empregados.¹⁰⁵

¹⁰² Interessantes são as informações relativas ao funcionamento da Santa Casa do Rio de Janeiro, naquele final de século : “ O Convento tem o nome de Santa Casa de Misericórdia. É um hospital, mas um hospital como nunca vi: supera toda a imaginação. Assim mesmo quero tentar dar uma idéia . No relatório do ano passado leio : atenderam 23.140 doentes. Foram atendidos 130.798 pobres pelos melhores médicos, de graça ! Distribuíram 156.366 medicamentos, de graça ! Sustentaram 262 viúvas pobres; 11 recém-nascidos abandonados foram recolhidos; 16.700 funerais para indigentes, 3.180.410 pães distribuídos, 294.018 quilos de carne, 49.906 litros de vinho, 85.080 quilos de açúcar, etc. O tratamento médico é feito por 105 médicos , todos remunerados pela Santa Casa. Há 896 empregados inclusive as irmãs alem de 65 carregadores. É uma pequena cidade e pode servir de exemplo.”

¹⁰³ O padre Café, figura proeminente do clero da época em Juiz de Fora, voltará várias vezes à cena na história dos Redentoristas na cidade. Em sua casa o pioneiro Pe. Matias irá se hospedar até conseguir alugar uma casa. Ele e o Pe. Las Casas em muito vão colaborar na construção do convento e na solução das primeiras dificuldades.

¹⁰⁴ “Bispo de Cãmaco”, trata-se de um denominação apenas honorífica uma vez que o bispo devia ter uma diocese e, no caso, era apenas auxiliar .

¹⁰⁵ Carta do Padre Mathias Tulkens, 1894.

Certamente Dom Silvério era o primeiro bispo negro que viam e isto lhes deve ter assustado pois, o fato mereceu destaque na carta. Sem dúvida a negritude era algo insólito para os holandeses e tal característica de boa parte do povo mineiro, por muitos anos, causará certa reserva por parte dos superiores. Tal estranheza, entretanto, jamais foi obstáculo para as missões e, nas narrativas, muitas vezes, os negros são elogiados por sua piedade e sinceridade.¹⁰⁶

Porque neste momento se pregava no Seminário o retiro por um padre jesuíta e um lazarista, ficamos hospedados por alguns dias no palácio episcopal. Depois fomos para o Seminário para aprender o português.

O palácio episcopal! Ninguém vai acreditar! É simples, sem enfeite nenhum, quadros e até mesmo o crucifixo faltam em meu quarto. Para se ter uma idéia, os empregados andam de pé no chão. O resto é da mesma forma, desde quando as paredes foram caiadas não sei: isso por toda parte. Na viagem do Rio até Mariana, encontrei várias casas do interior, muito simples, comprimento 4 metros, largura 2 a 3 metros, altura 3 metros. Chaminé não há, a fumaça tem que sair por qualquer buraco, as janelas não tem vidros, quando o sol bate muito, coloca-se uma tábua e pronto. Aqui no Palácio temos vidro, mas será difícil contar quantos estão quebrados.

A comida é muito boa mas, extremamente simples. Às vezes serviram 5 a 6 pratos diferentes mas, tudo tomado no mesmo prato. Feijão preto e arroz nunca faltaram. Parece haver abundância de comida e bebida. Não é de admirar porque as árvores não perdem as folhas, estamos em pleno inverno e tudo verde e dando frutas: laranjas, bananas, pêssegos, também alface, vagens e isso tudo em pleno inverno. O pessoal se queixa do frio, embora nós holandeses no máximo diríamos que está um pouco fresco.¹⁰⁷

Os detalhes das habitações, alimentação e clima e as comparações feitas denotam uma ligeira saudade da terra que jamais voltariam a ver.

Já na primeira correspondência destinada aos confrades e com o intuito de ilustrar as páginas da Revista *Volks-Missionaris*, o pioneiro demonstra-se um grande

¹⁰⁶ Sobre a biografia de Dom Silvério, o primeiro arcebispo de Mariana, pode-se consultar a obra *SILVÉRIO O PROFETA NEGRO*, de autoria de seu conterâneo Helvécio Maranhães Dias Leite, publicada em 2005.

Até bem mais tarde, em 1938, pode-se constatar as restrições à negritude: A revista “À Sombra do Santuário”, publicação do Seminário Menor de Congonhas, publicou na última página as condições de ingresso para os candidatos.

O item 2 dispõe sobre QUALIDADES : que seja de cor branca, inteligência suficiente, piedade sincera, boa saúde e revelando gosto pelo estudo; há de ser filho legítimo de pais católicos, honrados e casados na Igreja .

¹⁰⁷ Idem

observador e deixa transparecer os detalhes do choque cultural que constituir-se-á uma permanente durante os primeiros trabalhos, :

Ao lado dessa natureza exuberante encontra-se muita miséria espiritual que, no mais das vezes, provém da grande ignorância da religião. Não posso agradecer bastante a Deus que nos mandou para cá. Que muitos sigam !

Porque o bispo mesmo acompanha o retiro, precisamos esperar uns dias para saber onde começaremos.¹⁰⁸

Nessas entrelinhas pode-se perceber que, apesar do pouco contato com o povo, o missionário já tinha consciência das dificuldades que teria de enfrentar com relação à expressão religiosa do povo, tão distante dos padrões do catolicismo tridentino ao qual estavam acostumados na Holanda. Também que ainda não tinha idéia certa de onde iriam se estabelecer para começar o trabalho.

Enquanto aguardava um momento mais tranqüilo para acertar as coisas com o bispo, não perdia tempo e se informava de tudo:

A Diocese de Mariana tem 2.000.000 de católicos e é do tamanho da França. Assim mesmo só há 400 paróquias. Destas há 40 sem vigários e este número aumenta anualmente porque os velhos morrem e não há novos.¹⁰⁹ No momento o bispo está arranjando fundos para umas bolsas de estudo para seminaristas pobres. O meio é arriscado mas, que fazer sem vigários?

Em cidades grandes nem se dá catecismo de forma que a ignorância religiosa aumenta e, conseqüentemente, a indiferença espiritual. Por fora, o povo mostra-se bastante religioso. Todos são batizados com exceção talvez de um ou outro lugar onde já durante anos não há padres. Muitos homens e mulheres, creio quase todos, trazem um terço no pescoço e mais cruzinhas, medalhas. Todos nos cumprimentam com “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo” e, muitas vezes, querem beijar a mão.

Neste último parágrafo pode-se constatar que o missionário observa os gestos do catolicismo popular e, longe de mostrar-se estarecido ou mesmo de condená-los, demonstra um certo enternecimento pela sinceridade e respeito do povo. Por outro lado

¹⁰⁸ Idem

¹⁰⁹ “ Atualmente, assim se queixava a pouco D. Silvério, coadjutor de Mariana, tínhamos 75 estudantes de teologia, agora somente 25: anualmente 2 ou 3 presbíteros, quando morrem 12 a 15 por ano, e alguns emigram para outras dioceses. Por isso estou persuadido de que, se não usarmos de meios mais eficazes para aumento dos sacerdotes, em breve o clero de nossa diocese se extinguirá ”. In : *LITTERAE ANNALES*, p.8

constata as dificuldades decorrentes da falta de clero o que em si não fizera desaparecer a intrínseca religiosidade do povo simples.

O operário não gasta muito com alfaiate. Um saco de algodão com abertura para passar a cabeça e duas para os braços é a veste que serve para tudo.

Até estou pensando que dormem com o mesmo. Observei um empregado do seminário e este aparece de manhã com as mesmas marcas na sua veste, mas também o escapulário. Quantas indulgências o homem ganha será difícil verificar.

O povo é bom com respeito aos padres. Quando na nossa chegada no Rio devíamos esperar na alfândega, o conferente nos apresentou duas vezes uma cadeira. Pena que tudo é só exterior.

Meu Deus! Que vida! Lugares com 12 a 15 mil católicos só há um padre e, nos domingos, só uma missa, quase sempre sem pregação, embora haja em geral dois púlpitos. Confessionário não encontrei. Para ouvir confissão o lugar é em um cantinho da sacristia. Falta padres, Dom Silvério, o auxiliar escreve : ‘a messe é grande e os operários não são poucos, são raros ! .’

Na cidade episcopal há 10 igrejas e capelas , aos domingos só uma pregação e esta ainda, muitas vezes, cai fora.

Como se pode verificar o cenário estava bem delineado. Padre Matias observava todos os detalhes e, com muita propriedade. A descrição do abandono em que se encontrava o povo por parte dos sacerdotes reforçava, junto aos superiores, a necessidade urgente do envio de mais colaboradores.

Agora, terminado o retiro dos seminaristas, o bispo reuniu-se com os dois missionários para definir o trabalho.

Inicialmente queria que aceitassem Congonhas, terra natal do bispo. A cidade contava com mais ou menos 2.000 habitantes mas, por ocasião do Jubileu, na primeira quinzena de setembro, reunia cerca de 40.000 romeiros.

Há mais um motivo porque o bispo nos quer em Congonhas. O vigário que ainda batizou o bispo, é muito velho e, conforme dizem, esclerosado. Para trabalho da paróquia depende de auxílio de fora, além disso a igreja matriz e a igreja do santuário é distante 15 minutos uma da outra. Visto a diminuição do clero nos últimos anos é quase certo que o bispo não tem outro para substituí-lo.¹¹⁰

110

Carta do Padre Mathias Tulkens, 1894

Parece que a primeira proposta não agradou e então :

Mas Dom Silvério veio com mais uma proposta. Primeiro perguntou se nós poderíamos pregar uma missão em alemão para a colônia alemã em Juiz de Fora. Isso não aceitei porque meu companheiro disse que não pregaria em alemão, então o bispo nos propôs tomar conta da capela dos alemães.

Pela primeira vez mencionou-se a possibilidade de trabalhar em Juiz de Fora.

Sem hesitar, Padre Matias foi para Juiz de Fora enquanto seu colega permaneceu em Mariana, aprimorando o português :

Conforme foi combinado fiz a viagem a Juiz de Fora.¹¹¹ Já na ida tive de parar em Congonhas. Cheguei à noite de forma que primeiro fui procurar um hotel.¹¹² O melhor que encontrei era ainda assim muito precário. Vidro nas janelas não tinha, com muito esforço consegui fechar a porta de meu quarto. As paredes de tábuas mal colocadas, de forma que havia muitos buracos. Estava cansado e fui dormir mas, às 11 horas muito barulho no quarto vizinho. Entraram dois que tinham bebido demais. Depois de muito barulho um disse : ‘espere aí, não faça barulho, ao lado dorme um padre.’ O outro : ‘um padre ? vou matá-lo’. Isto repetiu muitas vezes, depois dormi e na manhã seguinte acordei vivo.

Para a viagem meu português foi suficiente mas, para pregar por enquanto será difícil. Mas, há tempo porque de dezembro a março é tempo quente e tempo de chuva, será impossível pregar missões.

Agora a respeito de Congonhas. O acesso é muito difícil. Trabalho há bastante por causa dos romeiros que, em setembro, chegam aos 12.000; mas, a localização da cidade é ruim. Como irão chegar aqui os padres para fazer seu retiro como é o desejo do bispo ? Se ficarmos em Congonhas devemos providenciar cavalos, as viagens para o interior só a cavalo.

¹¹³

A vontade de trabalhar e de pregar missões é facilmente perceptível. Congonhas, por não ser servida pela ferrovia, iria dificultar o acesso e mais, o trabalho mesmo só aconteceria por ocasião do Jubileu, desta forma não interessou.

¹¹¹ Esta viagem teve início no dia 22 de julho de 1893, In : *PER QUINQUE LUSTRA*, p. 10

¹¹² A estação mais próxima era Soledade, hoje Lobo Leite e distava uma hora e meia de Congonhas.

¹¹³ “A visita a Congonhas foi só para dar satisfação a D. Silvério. Já estava descartada (Congonhas) praticamente desde a Holanda, em vista das informações recebidas dos lazaristas a respeito da Irmandade do Senhor Bom Jesus que mandava e desmandava. Seria o mesmo que comprar brigas.” J.B.B. LEITE , *Os Começos*, p.52

Outro aspecto que, sem dúvida, muito influenciou na rejeição de Congonhas, foi certamente que a situação do convento naquele ermo em muito dificultaria a manutenção da comunidade e a expansão da Congregação.

O foco de suas atenções estava concentrado nas missões e pode-se perceber que, em Mariana, enquanto tivera aulas de português com os lazaristas, colheira preciosas informações sobre as condições do trabalho:

Há muitas dificuldades em pregar as missões. Os três padres lazaristas que constantemente pregam missões, me contaram suas experiências.

De 1º de março a 1º de novembro, portanto 8 meses, pregaram 14 missões, atenderam 17.000 confissões e deram 20.000 mil comunhões. A maioria confessa pela primeira vez, nem para casar-se confessaram. O número de casamentos, legitimações e reconciliações era muito grande. Destas 14 missões, pregaram três em vilas onde havia uma capela mas, sem vigário. Lá ficaram só 4 dias. As outras missões são de 14 dias. Voltaram a Mariana com três cavalos e sete burros. Neste ano não puderam levar um ajudante porque não encontraram ninguém que quisesse. De uma missão para outra aproveitavam uma pessoa do lugar que, durante a missão, cuidava dos animais.

Levavam sempre um altar, cibório, tabernáculo e paramentos. A mesma situação iríamos ter, ficando em Congonhas...¹¹⁴

Tais conversas com os lazaristas por certo muito enriqueceram os pioneiros. O padre Francisco Lohmeyer, que ficará mais tempo em contato com os Lazaristas, aprendendo português, deve ter aprendido muito mais coisas e com isso se explica que foi ele o primeiro a liderar a pregação de missões.

Ao chegar a Juiz de Fora, padre Matias Tulkens entusiasmou-se com a cidade:

Em Juiz de Fora vai ser tudo diferente. Parece ser a cidade mais civilizada e mais próspera do Brasil.

Os alemães construíram com os próprios meios uma igreja e tinham um vigário próprio também alemão. Faz 4 meses que ele faleceu e os alemães ficaram sem vigário.¹¹⁵

Eles ficaram muito satisfeitos quando ouviram que eu ia ficar um tempinho com eles. A cidade tem 25.000 habitantes dos quais,

¹¹⁴ Carta do Padre Mathias Tulkens, 1894

¹¹⁵ Trata-se do padre Adolfo Januschka, alemão falecido em 19 de fevereiro de 1893. In : *PER QUINQUE LUSTRA*, p.11

conforme o vigário, 1.200 alemães, mas um outro me falou que eram 4.000. A igreja é pequena mas, isto é costume aqui; há bastante espaço para ampliá-la. Também não há casa paroquial ou uma casa por perto da igreja que podia servir para isso. Eu, para mim, creio e espero que ficaremos bem por aqui.

Desta forma a opção por Juiz de Fora estava selada.

A cidade poderia servir de centro para suas atividades, era servida por ferrovias e, além de tudo, não teriam que assumir os ônus de uma paróquia. De volta a Mariana escreveu sobre a escolha ao Bispo que encontrava-se em visita pastoral e também ao Superior Geral.

Enquanto o bispo viajava, os missionários dedicavam-se ao estudo do português e conseguiram fazer alguns sermões na capela do Seminário e até escrever algumas cartas em português.

Tão logo Dom Silvério retornou, persuadiu ao padre Matias que se dirigisse a Juiz de Fora e cuidasse da “capela dos alemães”.

Eis, na íntegra a narrativa do Padre Mathias Tulkens :

Na noite de 1^o a 2 de dezembro, à uma hora, voltou D. Silvério muito cansado. Chegou de propósito de noite para evitar a recepção, mas mesmo assim soltaram foguetes que acordaram a cidade toda. Já no dia 3 de dezembro, estive com ele. Ele passou em Juiz de Fora, mas parou muito pouco tempo ali, assim mesmo providenciou: ele me disse que há duas casas pequenas vazias.

Quando cheguei a Juiz de Fora a 5 de dezembro para tomar posse, nada de casa, nem uma nem duas. Mora na frente da igreja uma viúva, originária do Tirol, que cozinhava para os vigários. Estava muito contente com minha chegada e até me ofereceu a sua casinha, o que não podia aceitar. Consegui uma coisa melhor, a uns 3 minutos da igreja, encontrei uma casa com 6 quartos, parece bem conservada, que podia servir para os padres e irmãos, só que podemos entrar naquela casa, no dia 19 de fevereiro de 1894 pois, o dono só então vai mudar, mas antes disso não espero os outros confrades. Entretanto, estou hospedado com o vigário decano da cidade de Juiz de Fora, Padre Café.

A sobrinha dele é a doméstica, mas tem que visitar um irmão doente em São Paulo e vai ficar vários meses fora. Arranjou uma substituta preta, que não sabe ler nem mesmo as horas do relógio, muito religiosa, muito boa, mas não tem jeito. Dei-lhe um santinho, era só ver como reagiu, beijando de joelhos o santinho. Naturalmente ajudo o Padre Café no seu trabalho, de vez em quando vou à igreja dos alemães para celebrar a missa e administrar os sacramentos. Os fiéis querem que eu fique, mas ainda não recebi os papéis necessários para tomar posse como reitor da capela. Aumentou o trabalho porque o Padre Café ficou doente.

No dia de Natal missa à meia noite com muita música e algumas estranhas rubricas; durante o Glória, jogaram pétalas de rosas em mim. Depois da Missa veneração do Menino Jesus.

Recebi uma carta de Dom Silvério em que insiste em ocupar a igreja dos alemães .No mesmo dia veio me visitar um repórter de “O PHAROL” diário neutro de Juiz de Fora, perguntou o meu nome. Pergunto-lhe porque quer saber o meu nome ? Recebera uma carta de um amigo que afirmou que a igreja de Nossa Senhora da Glória, com mais uma parte, foram elevadas a reitorado, separado da paróquia e que eu fora nomeado reitor. Também o Padre Café recebeu uma carta do bispo com a mesma notícia : Agora sim está tudo resolvido, e na manhã seguinte o “PHAROL” trouxe a notícia em letras garrafais.

Agora devia mesmo aceitar a gentil oferta da viúva. Morei na casa dela. À noite, às 7 horas ela ia para sua família para dormir e de manhã , às 5.30 horas estava de volta. Segue a cozinha alemã. E tudo vai bem.

Agora queria que o padre Lohmeyer viesse quanto antes, mas não há lugar. O português que ele estuda em Mariana vai nos ajudar muito.

Agora a igreja. Está como de costume aqui, em cima de um morro, mas não muito alto: só 45 degraus. A grande igreja da cidade está três vezes mais alta. Ao lado da escada há um caminho por onde a gente pode ir à igreja de carro. Penso que já falei que a padroeira da igreja é Nossa Senhora da Glória. . Embora o edifício esteja em boas condições, por dentro é pobreza. Precisamos providenciar tudo ou quase tudo, encontrei um cálice e um ostensório bonito. Arranjei com uma família boa um coroinha, já está aprendendo. Há harmônio, mas organista não há.

Fiz um passeiozinho pela colônia, o pessoal está radiante: é de cinco horas quanto ao cumprimento e de três quanto à largura. Ao reitorado pertencem as vilas de Mariano Procópio e Benfica.

Uns dias atrás me chamaram para sacramentar um velhinho. Perguntei-lhe a idade e a resposta foi esta : até noventa anos eu estava certo, depois perdi a conta. Os familiares diziam que tinha 106 anos, lúcido, muito satisfeito com a vida e com a “visita”.

Fui a Benfica de trem onde fui recebido solenemente. Todo mundo satisfeito de ter um padre, fui de charrete , uns três quartos de hora para sacramentar um doente, depois um batizado em uma fazenda onde almocei.

Também fui a Grama na festa do padroeiro; celebrei e batizei quatro crianças, um doente à tarde, às 3 horas, procissão abrilhantada pela banda de música de Juiz de Fora. Quando fui sacramentar o doente, todos e a banda de música me acompanharam. Entre os habitantes da Grama há poucos brancos, todos pretos ou ao menos morenos. Almocei com um farmacêutico pai de 20 crianças.

Ao redor da igreja dos alemães moram italianos, brasileiros e alguns franceses. Ficaram todos satisfeitos com minha chegada depois de tanto tempo sem padre. Num domingo convidei todas as crianças com mais de 10 anos para o catecismo: apareceram 100, isto vai melhorara quando todos souberem. A falta de instrução era visível, não sabiam nada, mas todos atentos.

Em obediência ao bispo, partiu no dia 4 de dezembro, hospedando-se na casa do já seu conhecido e amigo, padre Venâncio Café, onde permaneceu até o dia 6 de janeiro de 1894.

Nesta data, mudou-se para uma casinha, muito humilde, na Rua dos Artistas e, em 15 de fevereiro, transferiu-se para outra casa, mais próxima da igreja. Nesta casa a comunidade se fixou até que, em 25 de outubro de 1895 transferiu-se para o convento ao lado da capela.¹¹⁶

Em 17 de fevereiro retorna de Mariana o colega, padre Francisco Lohmeyer.

Padre Francisco queria ficar mais tempo em Mariana, pois se sentia muito inseguro ainda no português que lhe seria muito necessário já que o padre Matias ficaria em casa, em Juiz de Fora, por ser o cura e ter dificuldade de cavalgar em razão de uma hérnia que trouxera da Holanda¹¹⁷

E assim os pioneiros começaram a dar seus primeiros passos.

Em março, após a pregação em português, reservavam um momento para pregar também em alemão.

Em nenhum documento é explicitado que os dois pioneiros teriam vindo em caráter experimental. Vieram decididos a implantar uma Missão no Brasil, mas antes da vinda de um contingente maior, coube ao líder sondar cuidadosamente as condições que garantissem um mínimo de estabilidade para a definitiva instalação da Congregação.

Em 26 de abril de 1894, chega um reforço da Holanda : Padres Geraldo Schrauwen (54), Teodoro Helsen (48), Afonso Mathysen (39) e três irmãos leigos : Gregório Mulders (35), Felipe Winter(34) e Doroteu van Leent(30) .

Destaque-se nessa primeira comunidade a presença de três irmãos leigos. Os irmãos, desde os inícios da Congregação, eram de grande valia nas comunidades pois prestavam as tarefas do dia a dia, deixando aos sacerdotes maior tempo para que pudessem

¹¹⁶ A casa da Rua dos Artistas no. 53, pertencia à viúva Filomena Hüber. Padre Matias nela se hospedou até o dia 15 de janeiro quando transferiu-se para uma casa mais espaçosa, situada na esquina das atuais Av. dos Andradas com a Rua Padre Matias.

¹¹⁷ Carta do Padre Francisco Lohmeyer, datada de 16-02-1895

se dedicar aos cuidados das almas. Assim, a vida de Geraldo Magela, um dos primeiros companheiros de Afonso, constituía-se um modelo para os irmãos.¹¹⁸

Os Irmãos que, raramente naqueles tempos, participavam das atividades missionárias, cuidavam apenas dos serviços domésticos e assim tiveram distribuídas suas funções : Gregório Mulders que mais tarde irá destacar-se como grande arquiteto e construtor de igrejas, por ora ficou incumbido dos ofícios de despertador da comunidade, enfermeiro e refeiteiro. Felipe Winter embora fosse melhor sacristão que cozinheiro, ficou nessa última função pois era muito tímido e assim poderia limitar o seu contato com o povo. Irmão Doroteu van Leent, encarregou-se da sacristia e da rouparia.

Estava assim formada a primeira comunidade cujo superior, padre Geraldo Schrauwen, que já viera para isto designado, tomou posse no dia 6 de maio.

A missão brasileira estava instalada.

A casa, entretanto, era pequena demais e não oferecia o mínimo conforto aos seus membros. Dois padres dividiam um quarto e um dos irmãos foi obrigado a dormir na cozinha.

O contrato celebrado com a Diocese de Mariana garantia à nova comunidade a posse da igreja e dos terrenos a ela adjacentes de forma a permitir que ali construíssem seu convento e, no restante da área plantassem um acolhedor jardim.¹¹⁹

¹¹⁸ “Os Irmãos tenham sempre ante os olhos o grande benefício da sua vocação, pela qual são afastados dos perigos do mundo e se tornam membros de uma Congregação de missionários, participando de todos os bens comuns tanto espirituais como temporais e deles gozando exatamente como os outros membros do Instituto, como ficou declarado nas Constituições.

Como porém, a vocação dos Irmãos à Congregação consiste principalmente em lhe prestar seus serviços e trabalhos corporais, mostrem-se sempre assíduos e diligentes em exercer os trabalhos domésticos, lembrados sempre de que entraram para servir.

Lembrem-se os nossos irmãos que são membros de uma Congregação de Padres e que por isso gozam de muitas vantagens espirituais. Em uma tal Congregação, segundo o Direito Canônico, os coristas devem em tudo preceder os Irmãos Leigos. Por isso esforcem-se de um modo especial a prestar a todos os Coristas, nomeadamente, porém aos sacerdotes, a honra, a veneração e os obséquios que lhes competem” *CONSTITUIÇÕES*, 1543,1544, 1546

¹¹⁹ Referindo-se às condições contratadas com a Diocese de Mariana, assim diz o autor do *PER QUINQUE LUSTRA* , página 10: “a igreja dos alemães será perpetuamente entregue aos redentoristas, de modo que não prestariam contas da administração nem ao pároco nem à irmandade. A igreja e o terreno que a circunda, será de tal modo propriedade dos redentoristas que, se lhes parecer, poderão transformá-lo, construir uma casa e cultivar o quintal.”

Mais tarde, em 1.900 a posse de tais terrenos, bem como a administração dos bens da Igreja tais como as escolas católicas e o cemitério serão contestadas pela Associação do Culto Católico de Mariano Procópio o que se constituirá na famosa “Questão alemã“, demanda que se estenderá até 14 de julho de 1913, data em que a sentença final garantiu tal posse aos redentoristas. In : *PER QUINQUE LUSTRA* p. 63 /133.

Sobre a Questão Alemã cfr. R. AZZI, *Sob o Báculo Episcopal*, 2000, p. 147

Em dezembro de 1894 o novo reitor, Padre Geraldo Schrauwen, com a aprovação da comunidade e de seus superiores, decidiu iniciar a construção do convento no terreno ao lado da igreja.¹²⁰

A decisão foi comunicada ao povo nas missas do domingo 30 de dezembro de 1894. No mesmo dia o jornal “O PHAROL” publicou uma carta circular de Dom Silvério pedindo a contribuição dos fiéis para a construção.

O padre Sabino Las Casas foi incumbido pelo bispo de Mariana para arrecadar fundos para a obra. Organizou listas que eram publicadas no jornal “O PHAROL” mas, deste jornal, como dizem as crônicas da casa, nada veio. As contribuições vieram dos fazendeiros da região e do povo simples da cidade e das capelas.

O desmatamento da área teve início em fevereiro de 1895 e foi concluído em 26 de março.¹²¹ As escavações para os alicerces tiveram início no dia 4 de abril e a obra foi embargada pela Prefeitura por falta da devida licença. Isto resolvido, a obra teve prosseguimento e, ainda que não totalmente concluída, com apenas seis meses de trabalhos, a comunidade pôde transferir-se para a nova residência no dia 25 de outubro do mesmo ano.¹²²

Dois dias depois, no dia 27 de outubro de 1895, os padres Henrique Brandow, João de Jong, Aquiles van Weesemale e os irmãos Vito Ramakers e Sebastião Warmerdam vieram se juntar ao grupo que agora então, passava a contar com 8 padres e 5 irmãos.¹²³

As primeiras impressões desses pioneiros nos deixam perceber que alguns sentiram-se quase traídos ao vir para o Brasil. Não podiam supor que as dificuldades que os esperavam eram tão grandes e que a distância da pátria não era somente os dias e dias de

¹²⁰ Até os dias de hoje ainda se pode ver a lápide de mármore que recobre a pedra fundamental, colocada nas paredes externas do refeitório do convento : **M**e pos**U**it e**X**s**U**ltans ae**D**if**C**II Cap**U**t G.Schra**U**Wen = 1894 : Geraldo Schrauwen exultante colocou-me como cabeça do edifício.

¹²¹ O cronista relata que nunca vira tanta chuva: choveu durante 20 dias em dezembro, 28 em janeiro, 24 em fevereiro e 15 dias em março!

¹²² A obra somente foi concluída em 1899 e custou 153 contos, valor totalmente arrecadado no Brasil.

¹²³ O Padre Theodoro Helsen retornou à Europa integrando-se à Província inglesa em 25 de outubro de 1895.

mar, mas o que mais os perturbava eram as distâncias sociais e, sobretudo, a distância com relação às formas e expressões do catolicismo ao qual estavam afeitos.

Fiquei muito decepcionado . Parti para o Brasil consciente e com a vontade de sofrer muito mas, nem de longe imaginava encontrar uma situação que exigisse sacrifícios tão grandes e tão prolongados. As cartas enviadas do Brasil, as quais não descreviam a situação conforme a verdade, nos iludiram!

A vida no Brasil é uma vida de sacrifícios desde manhã até a noite e até durante o repouso noturno. Há sacrifícios que são inseparavelmente ligados a este país mas, há outros que não são inerentes à situação daqui e poderiam ser prevenidos. E estes sacrifícios são de uma natureza cuja essência não é compreendida na Holanda. Além disso, a natureza humana não encontra aqui nenhuma satisfação que poderia suavizar um pouco esses sacrifícios, de modo que a vida aqui deva ser totalmente sobrenatural, querendo agüentá-la.

Procuro esta disposição sobrenatural vivendo a conformidade com a vontade de Deus. Apesar disso, a natureza às vezes se faz sentir quando comparo a situação daqui com a da Holanda, então fico triste.

Não sentindo entusiasmo pelo Brasil em termos gerais, entretanto me sinto feliz em estar aqui pois a gente pode realizar muito para Deus e conseguir muitos merecimentos para si mesmo. Portanto, não quero trocar com ninguém.¹²⁴

O tópico bem demonstra que a realidade encontrada no Brasil nem sempre correspondera ao imaginário alimentado na Holanda.

Entretanto, o que sustentava o enfrentamento dos desafios era o interior alimentado pela fé e pelo projeto missionário ao qual se entregaram ao ingressar na Congregação Redentorista. Por maiores que pudessem ser as dificuldades não queriam trocar com ninguém a possibilidade de missionar no Brasil.

A constante correspondência com os colegas e superiores holandeses constituíam recurso psicológico para animar as forças e suportar o desânimo. O mesmo fato ocorreu com os primeiros jesuítas que aportaram no Brasil conforme se pode constatar em diversos tópicos da correspondência analisada por EISENBERG (2000, p. 46-48) Inicialmente a comunidade procurou se instalar e criar condições de trabalho o que por certo os ocupava e, ao mesmo tempo, unia a equipe.

A primeira preocupação foi organizar o “curato”:

¹²⁴

Carta do Pe. Henrique Brandouw de 8 de janeiro de 1896

A igreja paupérrima foi dotada de vários presentes, na maior parte ofertas da pátria. Assim muitas alfaias, exigidas para o culto, a igreja da Irmandade do Santíssimo Sacramento de Rotterdam mandou por exemplo: cálice de prata, casula, estola e manípulo de cada cor, lampadário dourado, duas alvas, dois roquetes, véu, toalha e outros objetos menores. Do convento de Amsterdam conseguimos um jogo completo de cor preta. De várias casas da Holanda nos foram enviadas 10 alvas, etç. Além do mais, no mês de janeiro se fez a pintura das paredes, de dois altares laterais, cujos gastos a Comissão, constituída em nosso reitorado, assumiu. No mês de maio o quadro de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e no mês de junho a imagem do Sagrado Coração, adquiridas a algum tempo, foram expostas ao culto público. Finalmente no ano que findou (1895) a igreja teve um acréscimo de doze cadeiras para o uso das crianças, cuja despesa a comissão pagou.¹²⁵

A equipe não ficou apenas nas exterioridades. O trabalho missionário em prol das almas logo começou a frutificar:

A freqüência à igreja já neste ano cresceu um pouco. A freqüência aos sacramentos quase dobrou. Até agora, porém, só há dois confessionários na igreja e poucos os que vêm da cidade para confessar-se.¹²⁶

O relatório das atividades demonstra o empenho em adequar o catolicismo aos ditames tridentinos :

Durante o ano foram realizadas 150 pregações e instruções, sem contar os tríduos. Sob os cuidados da comunidade estavam as capelas da Grama e de São Pedro. Na capela de São Pedro os sermões eram feitos em português e em alemão.

Durante a Quaresma foi celebrado o exercício da Via Sacra. As procissões solenes ocorreram na Festa de Corpus Christi e no dia da Assunção de Nossa Senhora, a festa da Glória.

Catequese para as crianças ocorriam seis vezes por semana. Três vezes em português, três vezes em alemão. O total de crianças no catecismo era de 250.

Durante o ano de 1895 foram celebradas 11 missas cantadas e, todos os domingos e festas havia solene bênção do Santíssimo Sacramento. No mês de maio, diariamente havia bênção do Santíssimo e nas primeiras sextas feiras de cada mês solene celebração em honra do Sagrado Coração de Jesus.

¹²⁵ *LITTERAE ANNALES*, 1895, p. 9

¹²⁶ Idem, p. 12

De 8 a 12 de maio realizou-se solene tríduo entronizando o quadro milagroso de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro:

Em soleníssima procissão o ícone da Virgem do Perpétuo Socorro ao som das trompas e trombetas, sendo cantados ‘com furore’ dois cânticos em português à Madona, compostos para a ocasião por um dos padres. No mês de julho foi celebrada uma missa solene em ação de graças pela repentina recuperação de um estudante do Colégio Andrés que foi atribuída tanto pelos professores como pelos estudantes à intercessão de N.S. do Perpétuo Socorro.

As devoções particulares do povo são pelo menos sólidas, mas muito poucas. Nessas poucas se pôde fazer um sermão e todos os sermões versavam sobre a necessidade da fé. Pouco a pouco, contudo, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e a Santo Afonso se desenvolvem. Os brasileiros mostram grande devoção às almas do purgatório e oferecem espórtulas por missas pelos falecidos.¹²⁷

Fica bastante patente o esforço dos primeiros missionários no sentido de implantar uma nova vivência religiosa de forma a levar o povo a uma vida sacramental, aproveitar as devoções existentes e introduzir novas sempre no objetivo de promover uma reforma visando adequá-las aos padrões tridentinos. No tópico acima pode-se perceber que ao se referir às devoções populares o narrador não as repele e até refere-se a elas como sólidas, porem poucas.

As “LITTERAE ANNALES ”, ao descreverem a situação da Missão brasileira, fazem uma análise da “ignorância” religiosa do povo.

Os pontos assinalados pelo cronista demonstram bem que o povo estava imbuído da religião católica mas, a ignorância doutrinária era extrema.

Ficava pois claro que o primeiro dos objetivos a ser buscado nas missões seria a instrução religiosa e a inserção do povo na prática sacramental mas, em nenhum momento, deixa transparecer que a presença dos missionários no Brasil pudesse estar ligada a outros objetivos que não fossem aqueles comuns à Congregação. Tais objetivos haviam sido traçados, desde os inícios, pelo santo fundador : a pregação do evangelho e a instrução religiosa através das santas missões para a salvação dos mais abandonados.

¹²⁷

Idem, p. 13/14

Para se conhecer melhor os trabalhos e as condições do Brasil interessa muito conhecer a situação da Missão. Por isso convém dizer antes uma coisa.

A Missão do Brasil, embora no presente um tanto difícil, traz ótimas esperanças para o futuro.

O povo é batizado, imbuído da religião católica que muito estima mas, completamente ignorante dos dogmas e preceitos. A tal ponto chega essa ignorância que não tem, ou quase não tem conhecimento da doutrina cristã e julgam dar no mesmo ser católico, protestante ou metodista. Essa ignorância, qual mãe fecundíssima dos vícios, é acompanhada de indiferentismo. Esse é tão grande que, antes de nossa chegada, se calculava que 80% não iam às missas aos domingos e dias de festa e, o que é mais de se lamentar, a triste negligência da comunhão pascal. A grande maioria nunca, ou uma ou duas vezes, recebeu durante a vida os Sacramentos da Eucaristia e da Confissão e, em geral, morrem sem os socorros da igreja.

Acrescente-se que essa ignorância e indiferentismo são a causa porque se contraem casamentos mistos, outros somente no civil vivem e continuam a viver em concubinato. É um verdadeiro milagre de Deus misericordioso, exclama um missionário, que a fé ainda permaneça nessas regiões, se considerarmos os perigos em que vivem e os escândalos a que as pessoas estão continuamente expostas.

Apreciam muito as solenidades da religião com pompa externa: bastam a imagem de algum santo, rosário, medalha, escapulário, como o imã atrai o ferro ou, as gulodices as crianças, para atraí-los também, embora não percebam o sentido interior destas realidades. É muito de admirar a coisa! Há os que, não raramente, com grandes despesas organizam procissões, preparam festas, pedem esmolas para missas em honra de São Sebastião, muito estimado entre outros, sem ligarem para o preceito pascal e o da missa.¹²⁸

A análise do “catolicismo” praticado na época demonstra o grande abismo que o separava daquele proposto pelos missionários. E mais, a reforma dos costumes seria uma consequência que certamente mediria o êxito de seus trabalhos pois, no fundo o que se pretendia era a instrução religiosa e a consequente reforma dos costumes. A instrução religiosa, calcada nos moldes do catecismo tridentino e ministrar os sacramentos da confissão, da comunhão e do matrimônio serão os indicadores mais relevantes do êxito do trabalho missionário, porquanto levariam a uma mudança nos costumes, o objetivo maior e historicamente primeiro das missões.

128

Idem, p. 6/7

A correspondência retrata e esclarece o que se pode entender por ignorância religiosa e, ao mesmo tempo, deixa claro os reais objetivos da missão : a reforma dos costumes, o revigoramento da fé e a instrução religiosa do povo católico.

Esses três aspectos hão de permear todo o trabalho missionário como veremos nas linhas a seguir.

Organizada a casa e a igreja que lhes havia sido confiada pela diocese, os missionários trataram de logo iniciar o seu trabalho mais característico , o fim mesmo de sua congregação : as missões.

Ao encerrar tais narrativas algumas considerações se fazem imprescindíveis:

Primeiramente é de se considerar que a vinda dos pioneiros, Padres Mathias Tulkens e Francisco Lohmeyer, não teve caráter de implantar definitivamente a Congregação no Brasil .

Não existem documentos que possam comprovar mas, antes de embarcar para o Brasil o Pe. Mathias deve ter mantido longa conversa com o Padre Jacob Meeuwissem, Provincial da Holanda e, de tais conversas não há registro.

Entretanto, ao analisar suas atitudes e os fatos que as cercaram pode-se entender com clareza que o Pe. Mathias veio com a intenção clara de estudar as possibilidades de aqui se estabelecer uma “missão” e, somente quando sentiu segurança e isso, quase um ano depois, chegaram os confrades para constituir a “missão”, primeira denominação da casa de Juiz de Fora.

Ao padre Mathias coube a responsabilidade de fornecer aos seus superiores na Holanda e em Roma as informações que resultaram na escolha de Juiz de Fora como sede dos trabalhos e, nisso agiu com extrema prudência, isenção e tirocínio.

Não é difícil perceber que Dom Silvério estava ansioso por resolver as dificuldades que enfrentava com relação ao Santuário do Senhor Bom Jesus, em Congonhas, sua terra natal.

Em sua biografia, de autoria de D. Joaquim Silvério de Souza, publicada em 1927, pode-se ler à página 131 :

Amante da terra que lhe deu o berço, zeloso da glória de Deus e do bem das almas, conhecedor dos prodígios operados no já

célebre santuário e dos não poucos abusos que se foram introduzindo no decurso dos anos na administração dos bens ali acumulados pela devota generosidade dos fiéis, S. Exc., ainda quando Vigário Capitular, tentou melhorar a Irmandade do Bom Jesus, de modo que, bem aplicadas as rendas, maior fosse a soma dos benefícios à sociedade religiosa e civil .

Na mesma obra, nas páginas seguintes, pode-se conhecer a longa e dolorosa demanda mantida entre o Bispo e a tal Irmandade que somente encerrou-se por decisão do Juiz de Queluz, hoje Conselheiro Lafaiete, Dr. Washington Rodrigues Pereira, datada de 7 de fevereiro de 1896.

Justifica-se pois a decisão do Pe. Mathias ao declinar o convite de Dom Silvério para que se estabelecessem em Congonhas. Além do conflito com a Irmandade os missionários ficariam instalados em local por demais isolado, sem comunicações e distante duas léguas a cavalo da estação ferroviária mais próxima, Lobo Leite. Isso, seguramente, em muito prejudicaria a locomoção e comunicação das equipes missionárias .

Além do mais, Congonhas era local quase sem quaisquer atividades religiosas, exceto quando do Jubileu do Senhor Bom Jesus que, em inícios de setembro ali reunia milhares de romeiros, o que por certo tornaria a permanência dos padres um sacrifício e uma solidão irresistíveis.

Quanto a Juiz de Fora, além de ser, à época, a cidade mais próspera de Minas, oferecia, de imediato um campo de trabalho que compreendia o curato da Glória, o atendimento aos colonos alemães e duas capelas o que lhes permitiriam atividades e exercícios de modo a propiciar uma progressiva e real adaptação à nova terra. Além do mais, a localização privilegiada, as comunicações e os transportes ferroviários facilitariam o deslocamento das equipes missionárias, o que realmente aconteceu.

Mesmo com tais facilidades o prudente Pe. Mathias procurou munir-se de garantias prévias que pudessem assegurar a continuidade da missão:

Prudente, o padre Mathias, para atalhar males possíveis no futuro, obteve do sr. Bispo a criação dum curato tendo por sede a igreja de Nossa Senhora da Glória, independente da freguesia, com as cautelas precisas para se manterem os padres livres da indébita e onerosa ingerência duma associação masculina, que, sob o nome de Comissão do culto catholico, administrava as coisas temporais da igreja e seu cemitério .¹²⁹

¹²⁹

Dom J.S. SOUZA, *Vida de D. Silvério Gomes Pimenta*, 1927, p. 126

Escudado no decreto episcopal de 21 de janeiro de 1894 foi que o Pe. Mathias iniciou seus trabalhos ao lado do padre Francisco e com isso, assegurou ao provincial holandês que a obra reunia as garantias que permitiram a chegada dos novos membros em abril do mesmo ano.

Mesmo com todos esses cuidados, os redentoristas não deixaram de enfrentar a “Questão alemã ” como chamou-se a demanda entre o Comissão do Culto Católico de Mariano Procópio e os Redentoristas. À semelhança do conflito entre a Irmandade e Dom Silvério em Congonhas, “longa e dolorosa” , a demanda com o Culto Católico de Mariano Procópio iniciou-se em 1913 e somente chegou ao fim por sentença do Supremo Tribunal Federal, de 13 de dezembro de 1919.¹³⁰

Registre-se que Dom Silvério foi o baluarte em que se apoiou a fundação, mesmo havendo o Pe. Mathias preterido sua primeira opção que era Congonhas, sua terra natal.

Importante elogio à obra iniciante consta de sua Pastoral datada de 25 de janeiro de 1895 na qual além de ressaltar o trabalho dos redentoristas pede ao povo católico de Juiz de Fora que os ajudem na construção do convento:

Das várias congregações e ordens que convidamos, foram os Redentoristas os primeiros que acudiram a nossas vozes e rogos, e foram os primeiros depois de nossos pais e mestres os Lazaristas, que de assento se resolveram a fixar suas tendas nos campos de Minas.

...Não basta porem trazel-os para o meio de nós; havemos mister agazalhal-os e cuidar dos meios de mante-los. Vindo elles trabalhar unicamente em nosso benefício, seria cousa contra toda razão, que ao menos não os provessemos de casa e suficiente sustento.

A isso temos faltado por nos faltarem meios precisos. Esses bons Padres se acham em casa de aluguel, que não os pode acomodar a todos; e tem sido até agora obrigados a dormir dois na sacristia da igreja, e os outros a ficar tão apertados, que a casa mais lhes serve de prisão que de descanso.

Como por seu instituto só podem cuidar de missões exclusivamente¹³¹ , e não podem ter collegios, nem escolas, sem freguezias, se

¹³⁰ Sobre as Questão alemã confira-se a narrativa completa de seu desenvolvimento na publicação LITTERAE ANNALES, p. 61 /128

A questão alemã também foi abordada por FERENZINI, em artigo publicado pelo Centro de Memória da Igreja de Juiz de Fora e Cehila: *MEMÓRIAS ECLESIASTICAS* , 2000.

¹³¹ Este tópico da carta pastoral denota que apesar da inicial tentativa de trazer os redentoristas para diversas outras atividades, convencera-se o bispo de que o único motivo de permanência aqui da Congregação de Santo Afonso era a pregação missionária.

vem reduzidos a viver das esmolas de Missas e de algumas ofertas que recebem dos fieis colonos allemães de Juiz de Fora. Ora estas ofertas e esmolas mal poderão bastar para comida de tantas pessoas na difícil quadra actual; e como poderão dar para obterem casa, e o mais de que necessitão ?

Nesta conjunção sou obrigado a recorrer aos generosos habitantes da cidade de Juiz de Fora, e de sua Comarca ecclesiástica, e pedir-lhes o auxílio de sua caridade para tão aproveitáveis hóspedes e benfeitores nossos.¹³²

Vê-se pois que a chegada, a instalação e o definitivo estabelecimento dos redentoristas em Juiz de Fora foi obra que exigiu coragem e persistência.

Pouco a pouco, os missionários foram se conscientizando de que a missão no Brasil seria um grande desafio mas, em nenhum momento, como se pode constatar através das crônicas e correspondências, registra-se um desânimo geral que pudesse levá-los a desistir do empreendimento.

Alguns, isoladamente, manifestam a sua desilusão e até desânimo mas, sempre encontram motivos para superar tais desafios.

As forças para tal empreitada as encontravam no interior de seus corações, alimentados pela proposta de Afonso que abraçaram e que juraram ao ingressar na Congregação Redentorista.

No dia a dia do trabalho missionário desenvolvia-se a interação com a realidade brasileira, de seu povo, de forma de ser católico.

Longe de que isso os afastasse do carisma do fundador, isso mais ainda o enriquecia .

O múnus missionário, dedicado aos mais abandonados, fazia parte de seus projetos de vida e impregnava suas mentalidades de forma tal que as dificuldades e desafios puderam ser superados.

É de se ressaltar que o carisma de Afonso foi transposto à realidade missionária das minas gerais de então, num processo contínuo de inculturação.

¹³²

Dom J.S. SOUZA, Op. cit., p. 128/129

CAPÍTULO 2 - Mãos à obra

In principio erat Verbum et Verbum erat apud Deum, et Deus erat Verbum. Hoc erat in principio apud Deum. Omnia, per ipsum facta sunt, et sine ipso factum est nihil, quod factum est; et in ipso vita erat, et vita est lux hominum; et lux in tenebris lucet, et tenebrae eam non comprehenderunt. Jo 1, 1-5

O texto do evangelho de São João bem evoca o que constituirá na essência o trabalho missionário : levar a palavra de Deus aos mais abandonados.

O trabalho missionário pode-se resumir na pregação. Daí, muitas vezes, os missionários terem sido chamados simplesmente de pregadores.

A administração dos sacramentos e todos os outros atos da missão só lograriam êxito se a palavra chegasse ao coração dos fiéis.

Para que isso acontecesse não poderia haver temor e a coragem dos missionários deveria superar toda sorte de dificuldades.

Isso é o que pretendemos demonstrar através das narrativas que passamos a expor.

2.1 – Primeiras experiências (1895-1900)

Ao iniciar as narrativas missionárias é mister que se registrem importantes esclarecimentos do próprio tradutor padre Adriano Backx, holandês que passou vários anos no Brasil, particularmente no Nordeste, retornando à pátria, na década de 90, onde veio a falecer em 1999.

Em carta de 13 de junho de 1989, ao encerrar a tradução das cartas dos padres holandeses, preservadas em arquivos da Holanda, o Pe. Adriano escreveu ao Provincial da Província do Rio de Janeiro, então o Padre Geraldo Oliveira, expondo os critérios que presidiram seu trabalho.

Torna-se importante transcrevê-los para que se evitem questionamentos em torno de tais critérios :

Critérios adotados pelo tradutor na tradução das cartas dos padres holandeses e guardadas no Arquivo da Província Holandesa;

1 – Todo cuidado para que houvesse uma tradução correta e puramente objetiva. . Portanto, uma procura contínua de fazer uma versão a mais exata possível também de qualificações desagradáveis de quem quer que seja. Isto vale também de pronunciamentos sem mudança sobre determinadas situações.

2 – Não há nenhuma interpretação ou influência subjetiva ou maneiras astuciosas para, por meio de uma versão mais branda, encobrir fatos ou expressões bastante negativos.

3 – Em certas cartas, em especial quando se trata de labores apostólicos, encontramos uma repetição de fatos de viagens ou de solenidades nas missões, que pela sua identidade não carecem de uma repetida menção. Foram traduzidas algumas para haver uma idéia global das situações e dos acontecimentos e ver o sistema (que é chamado de S. Afonso), o qual não será modificado substancialmente até a década de sessenta. Houve, apenas, algumas adaptações a certos ambientes antes da época de 60. Foram traduzidos, porém, os fatos .

Como poderemos constatar, as crônicas e, principalmente, as correspondências da época, revelam um desconhecimento da realidade brasileira, de seus costumes, de como o povo expressava sua fé católica .

Isso denota que havia na Europa e, principalmente na Holanda, uma quase total ausência de informações sociológicas que pudessem ser repassadas aos missionários que se destinavam ao Brasil.

As correspondências, muitas delas a serem publicadas na revista holandesa “Volks-Missionaris” com a finalidade de impressionar e motivar os leitores para que colaborassem financeiramente com a obra, tinham a clara intenção de levar aos superiores e colegas as preocupações trazidas pelo trabalho e preparar a mente daqueles que viessem a engrossar as fileiras missionárias no Brasil.

Muitas vezes parece um pouco exagerado o colorido com os missivistas descreviam as situações, dificuldades e privações a que eram submetidos

Vê-se nisso a intenção de que, os que mais tarde viessem, já estivessem preparados para o que iriam enfrentar.

Esse estilo como destaca era comum entre os primeiros jesuítas em suas correspondências aos superiores e colegas de Portugal. EISENBERG (2000, p. 46-48)

Além do mais, o que vem socorrer minha tese inicial, é que espontaneamente revelam uma certa improvisação, uma inteira ausência de planos rígidos e ditames que possam revelar qualquer imposição da Santa Sé e até mesmo dos bispos diocesanos do Brasil.

Isso facilitou a adaptação da missão e a paulatina incorporação dos hábitos e práticas religiosas tipicamente brasileiras, marcas de um catolicismo popular , numa porosidade distante dos padrões ditos “ *romanistas* ”.

Calcados nessas impressões passamos a viajar com os missionários, a viver suas surpresas, suas incertezas, suas amarguras e , por vezes, até mesmo revoltas.

Instalados, com precário domínio da língua portuguesa e em número suficiente para empreender os trabalhos missionários, os pioneiros partiram para as primeiras experiências.

Foi no pequeno povoado de Grama, uma das capelas sob a jurisdição do curato da Glória, que tudo começou.¹³³

Desta missão participaram os padres Francisco Xavier Lohmeyer e o recém chegado Afonso Mathysen. As dificuldades do português ainda deviam ser enormes mas, mesmo assim, enfrentaram.

A missão começou no dia 28 de julho e terminou no dia 6 de agosto de 1895.

Deixemos que o próprio padre Afonso Mathysen faça a narrativa :

Grama é um povoado a duas léguas de nossa casa. Estende-se por cinco léguas e possui uma capela bastante espaçosa, dedicada a São Sebastião. Os habitantes, incluídos os dos arredores, são 2.000, pobres e rudes, mas cheios de fé.

Para provar a simplicidade de sua fé, embora tenhamos muitos à disposição, citamos somente um caso:

Um dos missionários em duas vezes foi à Grama, resolveu visitar todas as casas e todos os casebres. Os habitantes ficaram muito contentes e acompanhavam o padre de casa em casa. Nunca um sacerdote os

¹³³ “As missões populares constituíam a razão de ser da congregação redentorista. Não admira, portanto, que desde o início essa atividade pastoral tenha ocupado um lugar de destaque no curato da Glória” R. AZZI *Sob o Báculo Episcopal*, 2000, p. 143

visitara. Cheios de alegria não sabiam como exprimir sua satisfação. Como se fosse um anjo do céu com muita satisfação o recebiam por toda a parte.

Fica claro na narrativa o destaque dado à insuficiência de padres que pudessem dar assistência ao povo mais humilde. Isso marcava a propriedade da missão, já que cuidar dos mais abandonados era um dos parâmetros da congregação.

Tal argumento remonta-nos às origens da Congregação quando Afonso, ao ministrar a palavra de Deus aos cabreiros abandonados de Santa Maria dos Montes, nos arredores de Amalfi, inspirou-se para a fundação do instituto.

É evidente a ligação feita pelo narrador ao lema dos redentoristas : cuidar dos mais abandonados : *evangelizare pauperibus misit me!*

...Ao entardecer, quando estava a hora e meia de Grama, oito homens valentes, de faca na cintura, decidiram acompanhá-lo. O padre recusou mas em vão. Enquanto caminhavam, falavam sobre o céu, a religião a necessidade da confissão e logo veio a saber que poucos naquelas terras tinham se confessado uma ou mais vezes na vida. Depois de meia hora de caminhada, o padre se esforçou para que voltassem para suas casas. Mas não foi fácil persuadi-los a isso. Contra a vontade cederam afinal aos seus pedidos. Aceitando uma estampa benzida pelo padre, um deles mais falante (eram todos negros), e exprimindo a sua gratidão falou em nome de todos : Ó reverendo missionário, que bom que sois para nós pobrezinhos. Viestes até nós e nós iremos até vós. Prometemos procurar-vos na primeira ocasião para confessarmos os pecados.

Prometeram e cumpriram. Na manhã do dia seguinte sete dos oito apresentaram-se ao padre rogando-lhe, insistentemente, que os confessasse.

A narrativa demonstra bem o entusiasmo com que começavam os trabalhos missionários e um não menos precioso detalhe : *eram todos negros!* Isso demonstra que, apesar de estranharem a negritude, dela não tinham preconceito no que se referia ao trabalho missionário.

Afinal seria uma contradição expressar o preconceito racial já que a grande maioria dos *mais abandonados* eram os negros. Entretanto, o preconceito vai explicitar-se quando, mais tarde, pensou-se na formação de redentoristas brasileiros, como veremos.

A missão de Grama deixa transparecer a riqueza religiosas do brasileiro que enfrentava toda sorte de adversidade para ouvir a palavra de Deus.

Isso também era dito para impressionar e criar entre os confrades da Holanda o desejo de que um dia pudessem realizar sua vocação missionária em terra tão fecunda !

...Depois de termos percorrido toda a região por dias contínuos, a pé ou a cavalo, começamos a missão do no dia 28 de julho. Desde o começo os fiéis vieram numerosos e a frequência crescia dia a dia. Muitos andaram a distância de duas, três e mesmo quatro léguas por caminhos pedregosos ou barrentos, como nós nem podemos imaginar. Muitos pernoitavam na capela de modo que, ao sairmos à noite do confessionário poderíamos tropeçar neles e cair. Pregação duas vezes por dia e uma vez, explicação do catecismo.

No Domingo, com uma grande multidão de fiéis, plantamos o grande cruzeiro da missão no cemitério. Nossos cantores com instrumentos musicais vieram de Juiz de Fora para abrilhantar a procissão. A cruz foi levada por trinta homens. No meio da procissão iam as meninas vestidas de branco, levando flores. Também seis meninos de roupa branca, coroa de espinhos, pés descalços, à semelhança dos mártires, caminhavam. Outra cruz da missão foi plantada na Segunda feira no largo em frente à capela. Os fiéis pareciam inspirados divinamente, principalmente nos últimos dias da missão não paravam de cantar. Foram distribuídas 1.425 comunhões, legitimados 25 casamentos. Pelo Senhor foi feito isto e é admirável aos nossos olhos. ¹³⁴

A narrativa desta primeira missão encerra aspectos que irão se repetir sempre; a dedicação dos missionários na administração do sacramento da confissão, as pregações diárias pela manhã e à noite e a instrução através do catecismo.

As solenidades externas brotavam naturalmente e sem qualquer crítica ou repulsa já ai estavam presentes : as virgenzinhas vestidas de branco e levando flores, as procissões solenes e o levantamento do cruzeiro da missão .

O resultado final será sempre medido pelo número de confissões, comunhões, e casamentos legitimados.

Com isso o missionária pensava atingir o fim maior das missões, ou seja a mudança de costumes.

Entretanto, sabiam que a frequência aos sacramentos nem sempre seria possível dado à carência de sacerdotes.

Algumas vezes se há de falar em conversões quando alguém abjurava as práticas espíritas, a maçonaria e até mesmo o protestantismo, mas isso poucas vezes era registrado.

¹³⁴ *PER QUINQUE LUSTRA* p. 15 / 16

Embora modesto foi este o primeiro passo.

Naquele ano de 1895, ainda pregaram mais duas pequenas missões, uma no povoado de São Pedro, cujos habitantes eram na maioria colonos alemães, e a outra em Benfica.

Em São Pedro as pregações eram feitas em português e em alemão e, segundo o cronista o êxito não foi tão grande pois muita gente preferiu participar das missões em Benfica, estas realizadas de 25 de setembro a 6 de outubro daquele ano.

O autor das LITTERAE ANNALES daquele ano de 1895, inicia sua crônica com uma visão panorâmica da diocese de Mariana da qual se percebe um maior conhecimento do território onde desenvolveriam seus trabalhos.

O tom do cronista enfatizava as enormes distâncias, a ausência de meios de transporte, a religiosidade do povo e, de forma contundente, a carência, o despreparo e, por vezes, a falta de dedicação do clero diocesano.

Para isso certamente contribuiu a pequena experiência missionária de 1895 que também foi proveitosa para testar a nova língua e conhecer, mais de perto, o povo do campo.

A nossa diocese de Mariana é considerada uma das melhores de todo o Brasil, mas quanta penúria de sacerdotes!

A cidade de Juiz de Fora tem 15.000, com os arredores 30.000 habitantes. Há 3 igrejas na cidade e uma quarta em construção. Contudo, há somente um padre para essas quatro igrejas que, além disso, de saúde fraca, está às mais das vezes doente. Dos 15.000 não se encontram mil que nos domingos assistem à missa, e entre eles não se enumeram nem 200 homens.

E que dizer daquelas muitas almas abandonadas em lugares onde o sacerdote está à distância de 100 léguas ?

Há pouco tempo um pároco de um lugar limítrofe de nosso reitorado mas, à distância de muitas léguas, faleceu. Durante 40 anos serviu a sua paróquia, mas às suas exéquias nenhum sacerdote pôde comparecer de modo que, sem celebração de missa, sem as preces da igreja, foi sepultado somente acompanhado por seus desolados paroquianos.

Não há por que admirar se, em tais circunstâncias, o indiferentismo está largamente espalhado, fruto não da irreligiosidade mas da ignorância.

Muitíssimas vezes nossos padres puderam perceber uma grande e firme fé naquele povo simples e atrasado. Muitíssimas vezes atestaram que se encontram no Brasil muitos homens retos cuja fé, antigamente pregada naquela região, lançou raízes profundas em seus corações.

Com que avidez desejam a missão !

Com que sacrifícios, não raro, fazem uma longa caminhada difícilíssima devido às chuvas e aos precipícios. Como respeitam os missionários !

Com grande aparato os vão receber ou conduzir a cinco ou dez mil passos e enfeitam as casas, as praças com arcos, flores, inscrições e luzes !

Que alegria para aqueles que, talvez nunca tiveram em vida, ocasião de ouvir um sermão, confessar os pecados quando na missão podem assistir a missas, a uma série de pregações e apagar por uma sincera confissão os pecados cometidos durante toda a vida.

Ó, quanto bem as missões realizam nesta região!

Pena é serem os missionários tão poucos para satisfazerem à demanda de todos De todas as partes da diocese, e mesmo além, chegam pedidos de missões aos nossos padres.

Cinquenta paróquias pediram missão para o ano de 1896, e muitas dessas paróquias tão grandes são, com tantas capelas e arrabaldes, que será necessário dar duas ou três missões.¹³⁵

Os missionários, sabedores de suas limitações no campo missionário, buscavam intensificar o trabalho no âmbito do curato da Glória.

A preocupação com a atividade fim, as missões, não impediu que se buscasse dar ao curato uma nova face.

Assim, em janeiro do ano de 1896, o novo oratório da comunidade foi ocupado e, no dia 4, o SS. Sacramento foi nele colocado e feita a primeira meditação da comunidade. No dia seguinte foi nele celebrada a primeira missa. No dia 21, com a presença de toda a comunidade, as cruzes da via sacra foram benzidas solenemente e dependuradas nas paredes.

Como se vê, a comunidade não se descurava em nutrir seus membros da espiritualidade que, segundo o fundador, seria condição para o êxito das missões.

No mês de maio foi erigida uma nova seção da Conferência de São Vicente de Paulo, intensificando assim o espírito de solidariedade entre os fiéis.

As capelas de Grama e de São Pedro foram reformadas e ampliadas. A capela de Santa Ana foi reconstruída em tijolos, tal como hoje se encontra . A bênção solene da capela deu-se no dia 1º de novembro daquele ano.

Em dezembro a nossa igreja ganhou um novo presépio e um harmônio, comprado na fábrica do Sr. Kessel de Tilburg, que no dia 25 pela primeira vez se fez ouvir.

Finalmente, no decorrer deste ano dois novos confessionários foram colocados na igreja e adquiridos dois pluviais, duas campainhas, cinco toalhas de altar e outros ornamentos de menor importância,

¹³⁵

Idem, p. 20/21

presentes da Irmandade do Santíssimo Sacramento de Rotterdam. A casa foi dotada de vários móveis que a nossa Regra prescreve ou permite.¹³⁶

Encerra-se assim o ano de 1895 durante o qual os missionários tiveram suas primeiras experiências e a comunidade, devidamente instalada podia agora dedicar-se com mais ardor à pregação das missões.

Dessa forma puderam, em 1896, melhor se dedicar ao trabalho missionário. Nesse ano foram pregadas 23 missões.

A Missão em Mariana, abriu os trabalhos.

Parece que o bispo queria conhecer, de perto, a qualidade e o espírito dos novos colaboradores, cuja vinda tanto lhe custara.

Na narrativa destes trabalhos o autor revela detalhes preciosos que confirmam as primeiras impressões sobre o catolicismo brasileiro e a piedade do povo:

Nas 22 missões que os padres pregaram fora do nosso território (Juiz de Fora), numerosíssimas confissões se contam de pessoas que por 20,30, 40 anos ou nunca haviam confessado. Foram distribuídas 49 mil comunhões e legitimados 274 casamentos. Mas os trabalhos apostólicos não deixam de ter sua consolação, pois os brasileiros desejam muito a missão e de todos os modos se esforçam por comparecer aos exercícios. Tributam aos padres o maior respeito e com grande acompanhamento de cavaleiros, morteiros, foguetes, ornatos de flores, luzes e arcos triunfais os recebem e os conduzem. Para maiores esclarecimentos faremos a descrição de algumas missões :

A primeira realizada fora de nosso território, (aqui entendido como o curato da Glória) foi a da episcopal cidade de Mariana.

Mariana é uma pequena cidade de dois mil e quinhentos habitantes, incluídos os arrabaldes chegam a três mil.

Embora uma única igreja pode comportar todos os fiéis, contam-se oito igrejas grandes, sendo que uma dista da outra muitas vezes nem 20 passos. Essas igrejas foram construídas no século XVIII quando Mariana floresceu de tal modo que chegou a 35.000 o número de habitantes. Se queres saber a causa desta prosperidade encontrarás mas imensas jazidas de ouro que ali se exploravam. Essa antiga opulência relembram os altares das igrejas, os paramentos sacerdotais, numa palavra todos os ornamentos. Contam que o ouro de Mariana era tão abundante que as pobres negras e garimpeiros costumavam empoar os cabelos, julgando não pequeno enfeite se o sol radiante lançassem seus fúlgidos raios nas encrespadas cabeças. Coruscantes de fulgor tal iam à igreja onde na pia lavavam a cabeça (devoção que parece lhes era predileta) e deixavam como esmola o ouro que escorrera. Embora a missão só iria começar a 19 de fevereiro, uma Quarta feira de cinzas, para chegarmos a tempo, viajamos no dia 17. Logo ficou claro que esta preocupação não foi supérflua. Nos meses de chuva, ainda menos escrupulosos são os trens em observar o horário, como é

¹³⁶

Idem, p.22

por demais conhecido. Já no primeiro dia pudemos comprová-lo de própria experiência, pois, não antes das nove horas da noite, chegamos a Lafaiete, onde fomos obrigados a pernoitar, visto que o trem não prosseguiu até Ouro Preto. Depois de uma noite insone, passada num quartinho, no dia seguinte, às 4,20 horas continuamos a viagem. Mas que estrada! Aqui os carros da estrada de ferro volteiam morros. Ali sobem lombadas mas logo descem, entram muitas vezes em túneis, e não raro param quando chuvas torrenciais, arrancando massa de terra dos morros vizinhos interrompem a estrada de modo que em uma hora dificilmente se percorre a distância de uma légua.

Finalmente ao meio dia chegamos a Ouro Preto, onde os sacerdotes do lugar tão insistentemente nos pediram para pregar por ocasião da Adoração das quarenta horas que não podíamos negar. Às nove horas do dia seguinte, recomeçamos a viagem a cavalo por montes de pedras e minas de ouro para sem demora chegarmos a Mariana pelas 11 horas. Visto que chegamos mais cedo do que éramos esperados, faltaram as solenidades, o que de todo não lamentamos. Depois do meio dia visitamos ambos (Padres Francisco Lohmeiyer e Afonso Mathysen) os bispos da cidade, o Seminário e outras instituições. Depois de muitas deliberações foi decidido que a missão começasse na quinta feira 20 de fevereiro, na igreja de São Francisco, unida à Cúria, e mais do que a catedral está no centro da cidade. Pregação pela manhã e à noite, ao meio dia catecismo para as crianças. Alguns sacerdotes do lugar nos ajudaram nas confissões.

À narrativa dessa primeira grande missão é tão rica em detalhes que nos permitimos estendê-la.

Pode-se constatar a ênfase sempre dada às longas distâncias a percorridas, às precárias condições de transporte e a surpreendente imprevisão para não dizer improvisação, com que os missionários conduziam o evento.

...Embora as chuvas nos primeiros dias afastassem alguns da igreja, contudo desde o início os exercícios da missão, principalmente à noite, eram muito bem freqüentados. O Il.mo Sr. Dom Silvério, vários cônegos, muitos professores do Seminário, como também sacerdotes de outras igrejas geralmente assistiam aos sermões.

Na véspera do Domingo, o quadro de N. Sra. do Perpétuo Socorro que é a inseparável companheira de nossas missões, com a presença do bispo, foi entronizado. Moveu tanto a devoção do povo que o pároco, antes de nossa partida, pediu outro quadro para expor à veneração dos fiéis, muitos sacerdotes e mesmo leigos, pediram a imagem da divina taumaturga.

Já naquela primeira missão se registra a divulgação de nova devoção, porquanto a invocação a Nossa Senhora sob o título de Perpétuo Socorro era até então desconhecida no Brasil.

Longe portanto de centrar o trabalho missionário exclusivamente na atividade sacramental, os redentoristas fomentaram nova devoção em um meio em que elas eram as mais diversas.

... Por quatro dia pregamos a palavra de Deus também a 20 presos , quase todos réus de homicídio. Não podemos deixar de louvar esses infelizes pela atenção com que nos ouviram. Todos se confessaram e todos, com a presença dos chefes, de sacerdotes e de algumas distintas senhoras, participaram da comunhão geral. Depois da missa, o prefeito da cidade, Barão de Camargos, homem da nobreza, ofereceu um grande cálice de prata, cheio de vinho para cada um dos presos o que parecia significar a reconciliação deles com a sociedade e com a autoridade civil. De volta à cadeia, tiveram uma alegre refeição.

O encerramento da missão foi marcado para o dia 1^o de março. Contudo, ao chegar o fim, interveio o bispo, pedindo que pregássemos a novena em honra de São José. Anuímos de boa vontade ao pedido e no dia 1^o foi feita uma solene procissão por várias ruas da cidade onde as casas estavam enfeitadas com tecidos coloridos, luzes, fitas e flores.

No dia 5 de março, duzentas crianças, com a presença dos maiorais da cidade, participaram da sagrada mesa, recebendo o Corpo do Senhor das mãos de Dom Silvério. Magnífica e mesmo inaudita solenidade no Brasil.

Depois da sagrada comunhão o Sr. Bispo mandou que todas as crianças rodeassem o seu trono e com paterna benevolência fixou, mais profundamente em suas mentes os conselhos que haviam recebido de nós.

O caráter festivo do catolicismo brasileiro era, conforme narrativa, acolhido e cultivado pelo próprio bispo de Mariana o que, certamente permitiu que os missionários o incorporassem rapidamente ao ethos missionário.

Torna-se também interessante observar o destaque da presença “*dos maiorais da cidade*”. Isso, que voltará sempre a ser destacada nas narrativas, reporta-nos a BENEDETTI (1983, p. 84, 85), quando afirma que o catolicismo popular não restringia às classes dominantes e que nas festas o catolicismo oficial estava presente ao lado das devoções que caracterizavam o popular.

Afinal, as festas, desfiles e procissões constituíam uma franca expressão da hegemonia do Catolicismo na sociedade brasileira, nesses tempos em que já se vislumbrava a presença de outras denominações religiosas e principalmente com a chegada dos protestantes.

... No Domingo 8 de março foi levantada a cruz da missão. A bênção e o sermão foram realizados na catedral que é bem maior que a igreja de São Francisco. Afluíram tantos homens de todas as partes que dificilmente suas paredes comportaram tantos. Depois da bênção solene, a cruz

em belíssima procissão da qual participaram não menos de 3.000, foi levada pela cidade. Os edifícios e praças sobressaíam com tapetes e flores. Rezando e no alto da cidade onde a cruz foi levantada.

Quando o sinal da redenção era levantado, todos os cantando andamos uma meia légua até chegarmos à igreja de São Pedro, situada sinos das igrejas da cidade começaram a tocar e o fragor ininterrupto dos morteiros retumbava nos ares. Queria começar o sermão, mas minha voz não conseguia competir com aquelas vinte gargantas de bronze. Por isso, obedecendo a uma feliz inspiração, com todas as forças que pude, exclamei : Convido a que comigo aclamem : Viva a cruz! E vencendo o som dos sinos, como se fosse um trovão, ressoava : Viva a cruz ! Viva Jesus Cristo! Viva a Santíssima Virgem concebida sem pecado! Viva São José, pai nutrício de Jesus Cristo ! Essas fortes aclamações inesperadamente foram acolhidas por três bandas de música , tocando um cântico conhecido dos brasileiros. Com algumas preces feitas ao pé da cruz a solenidade terminou.Finalmente, à noite do mesmo dia com a solene bênção apostólica e o hino “Te Deum” a missão foi encerrada solenemente.

É de se pasmar ! Na sede do bispado de Mariana, na presença de Dom Silvério convivem o sagrado e profano, o catolicismo popular em suas mais lídimas expressões e aquele a que se convencionou chamar “romanizado” !

...Foram copiosíssimos os frutos de tantos suores. Embora alguns tenham resistido à graça, distribuímos 3.500 comunhões e 5 concubinatos foram legitimados pelo matrimônio. Também a conversão de algumas mulheres pecadoras consolou-nos não pouco.

Mais uma vez constata-se o fruto do trabalho missionário em números que, mais tarde serão severamente criticados pelos próprios missionários. Entretanto pode-se perguntar, de que outra forma poder-se-ia mensurar o êxito do trabalho senão por tais indícios ?

Se a pregação da palavra não se concretizasse em gestos concretos a missão teria fracassado.

Certamente o êxito dependeria da perseverança na mudança dos costumes e na efetiva conversão, mas naquele momento não dispunham os missionários de outros instrumentos de avaliação senão computar as confissões, comunhões, legitimações de casamentos e conversões. Com isso pode-se explicar a ênfase constante de tais dados.

...De manhã, pelas 4.30 e à noite às sete horas, se pregava . Depois da pregação da noite começavam as confissões de tal modo que apenas sobravam 5 horas para o sono. Todos entenderão o cansaço se considerar que a maior parte do nosso trabalho se fazia à noite.

Um dia depois da missão de Mariana os missionários, acompanhados de uma comitiva de cavaleiros, partiram para S. Sebastião, um lugarejo a duas léguas de Mariana, a cuja paróquia pertence.

No tempo da exploração do ouro São Sebastião tinha três mil; habitantes, hoje apenas 400 ficaram. Da antiga riqueza só ficaram duas grandes igrejas ricas em ouro. Em uma das igrejas se fez uma breve missão porque os 400 paroquianos ficaram impedidos de participar das missões em Mariana. É pena que as tempestades e o barro das estradas ainda hoje afastam dos exercícios muitos que moram distantes da igreja. Eram fiéis de boa índole e de boa vontade pois tudo o que lhes era aconselhado, cumpriam à risca. Não obstante a chuva que torrencialmente caía do céu, teriam ido muito longe ao encontro dos padres para alegres saudá-los com cânticos, flores desfolhadas, foguetes e estrépito dos morteiros. Com maior zelo assistiram aos exercícios, recebendo com avidez a palavra de Deus.

Ao levar o missionário o SS. Sacramento a dois doentes, todos em alta voz, rezando e cantando, o acompanhavam , e enquanto durava a administração dos sacramentos, de joelhos, rezando, esperavam fora da casa a volta do padre.

As comunhões distribuídas nesta pequena missão foram duzentas e duas legitimações matrimoniais.

Terminada a missão, muitos quiseram levar de volta os padres a Mariana. Mas eis que se começaram a detonar morteiros próximo do lugarejo e os sinos se puseram a tocar. Logo, dois cônegos à frente de uma imensa multidão vieram ao encontro, e entrando na cidade, portas triunfais, aqui casas decoradas com luzes e flores, ali com tapetes e outros ornamentos apareceram.

Qual a razão desta alegre saudação? O prefeito da cidade mandara imprimir e espalhar convites que assim diziam :

‘ Em testemunho de gratidão aos prestimosos Missionários Redentoristas Padre Francisco e Afonso, por todos os benefícios prestados a esta cidade que não se apagarão jamais, todos de ambos os sexos estão convidados para na Quinta feira, da uma às 3 se reunirem na praça de Santa Ana para receberem naquela hora os Missionários que voltam de São Sebastião e os acompanharem à sua casa donde, pouco tempo depois , de viagem para Passagem os levarem pelo menos até São Pedro. Além disso, todos e cada um dos habitantes da cidade são rogados a que adornem as casas com luzes e flores, naquelas ruas por onde passarão os padres.’

Todos atenderam ao convite. Precedendo os clérigos, as bandas de música, os sinos a tocar, os morteiros a detonar e as aclamações : Vivam os Padres Redentoristas! Vivam os padres Francisco e Afonso! Ressoavam pelos ares.

Os padres foram levados primeiro à igreja de Santa Ana, depois à Prefeitura, onde um advogado, membro do tribunal fez um eloqüente, mas nada breve discurso da sacada do prédio e não sem os repetidos : Vivam os Padres !.

Da casa paroquial, onde o Vigário Geral lhes falou com muitos louvores e agradecimentos, rodeados de uma grande multidão,

dirigiram-se à igreja de São Pedro. Ali um padre lazarista, professor no seminário, falou-lhes de coração, agradecendo os benefícios dispensados a eles por ocasião da missão.

Enfim, já ao entardecer, cansados de tanto triunfo, chegaram a Passagem onde, imediatamente, se devia começar a missão.”¹³⁷

Realmente o grandioso triunfo serviu como indubitável demonstração de que a índole festiva do catolicismo popular haveria de ser o terreno constante dos trabalhos missionários.

A presença dos padres Francisco e Afonso é emblemática pois cada um deles, mais tarde, há de liderar equipes de trabalho e nunca de suas memórias haveria de se apagar o triunfo de Mariana.

Em Passagem de Mariana, os missionários foram recebidos com o mesmo entusiasmo. Ali estiveram entre 12 e 19 de março de 1896. A cidade era habitada por cerca de três mil pessoas entre eles muitos imigrantes italianos e, praticamente, todos trabalhavam nas minas de ouro exploradas por ingleses anglicanos. Mesmo não sendo católicos, os patrões prepararam uma casa para hospedagem dos missionários e os receberam com atenção e respeito. O narrador afirma que foram distribuídas 900 comunhões e vários casais, unidos ilegitimamente, ou se separaram ou uniram-se em matrimônio. Ao término: “trezentos e quarenta cavaleiros, uns por meia hora, outros até Mariana, acompanharam os missionários que partiam.”

As Missões em Mariana foram destaque no jornal da Diocese “O Viçoso” e, dos vários artigos referentes ao fato, constantes da edição no. 15, do dia 16 de abril de 1896, destaco o que segue por constituir uma análise interessante do ocorrido, feita aos olhos da época:

“Os Missionários

Ocupando-nos do assunto que epigrafa o presente artigo, não cedemos só à pressão dos acontecimentos que, por alguns dias, foram e tem sido a matéria de todas as conversas em Mariana e em suas cercanias; queremos mais investigar para proveito de todos a causa de tão extraordinário movimento, como não há lembrança se haja operado nesta cidade, e tirar uma conclusão a qual, se não traduzir já em realidade, com mais alguma insistência e trabalhos produzirá frutos apreciáveis para essa diocese.

As missões são sempre acompanhadas de grandes conversões e notáveis mudanças nos costumes de muitos fiéis. Uma graça especial do céu precede e segue a vinda dos missionários a uma freguesia, a qual muitas vezes, sem os dotes que constituem os oradores, operam quase prodígios com a palavra simples, desalinhada e por si mesmo pobre de encantos. Apesar porém destas considerações, que a experiência está sempre confirmando, a Missão em Mariana oferecia particulares dificuldades, que haviam intimidado a vários pregadores, os quais, como temos ouvido, foram nestes dois últimos anos por vezes convidados pelas autoridades diocesanas para missionarem a sede do bispado.

O grau de instrução dos Marianenses, superior ao de muitos outros lugares, o costume de ouvir sempre pregações, muitas vezes feitas por grandes pregadores e oradores sagrados, o que constitui certo gosto difícil de contentar-se e uma tendência para criticar os que não se igualam aos mais abalizados, a fama de loquacidade que corre de nós fora e ainda muito longe de Mariana, e outras causas amedrontavam de algum modo os missionários

convidados, e sendo a missão aqui de indeclinável necessidade pelos muitos abusos e escândalos que se haviam desenvolvido, estávamos privados desse remédio. O Ex.mo Sr Bispo de Câmago (Dom Silvério) havia pedido e esperava que Ex.mo Sr. Bispo de Trípoli (Dom Lasagna, morto em acidente ferroviário em Juiz de Fora em 6 de novembro de 1895) viesse derramar em Mariana os benefícios que tinha feito em Guaratinguetá, como lhe prometera, mas a morte trágica desse grande apóstolo da caridade, privou a diocese da coadjuvação poderosa do bispo missionário e a sede dos frutos de sua palavra ungida e sagrada.

Os Reverendo padres Redentoristas, estabelecidos em Juiz de Fora há três anos, aceitaram a incumbência de dar a missão aqui e aceitaram-na sem repugnar, sem fazer uma objeção sequer às dificuldades que se lhes punham adiante. Armados com muita oração, aparelhados com o estudo da língua para eles difícilima por serem holandeses e com o conhecimento das matérias, entraram em campo e alcançaram vitórias que não esperávamos e que, por sua grandeza, deixaram assombrada esta população toda. Demonstra-se este resultado pelo número de comunhões durante as santas missões comparado com o número da população de Mariana: por quanto não excedendo a três mil o de habitantes, subiu a 3.045 das comunhões. Certo é, que não poderia chegar a essa cifra, se não houvesse muitas comunhões repetidas, mas não é menos certo, que sendo o número das comunhões superior ao dos habitantes, feitos os devidos descontos, mui poucos destes habitantes ficaram sem comungar.

Foi esplêndido o triunfo de N.S. Jesus Cristo por meio de seus ministros os Padres Redentoristas.

Pessoas que havia vinte anos e quarenta anos não se confessavam, renderam-se humildemente, e vieram tributar esta grande homenagem de sua fé e obediência a Deus. Alguns, aos quais não havia esperança, prostraram-se aos pés do confessor; outros procuravam por algum tempo ladear e fugir e, por fim, entregaram-se e vieram aumentar a alegria que sentem os verdadeiros católicos com estes rasgos da divina misericórdia.

Não foi menos admirável a ação da graça divina por meio destes missionários na vizinha povoação de Passagem. Ali, em poucos dias, subiu a perto de mil o número das comunhões, chegando-se aos sacramentos pessoas importantes e algumas de muitos e muitos anos divorciadas das práticas essenciais da religião.

Quiséramos sondar a causa por que estes pobres padres, sem nenhuma ostentação e pretensão operam tão estranhas mudanças nos costumes e na vida. É verdade que eles pregam bem e preparam com todo o cuidado os sermões, mas esses sermões com serem sólidos são simples. Não dizem novidades, não anunciam coisas peregrinas, não discutem coisas curiosas e que pelo inesperado possam despertar a atenção ou trazê-la presa. Não.

Dizem as verdades que ouvimos desde o berço, e as dizem com toda clareza, e sem rodeios nem disfarces. Cada frase saída de seus lábios é um tiro certo ao coração dos ouvintes. De suas palavras não se perde um sílaba, tudo se aproveita. Pregam com extraordinária pausa, que sendo exigida pela dificuldade da língua para eles, é de muito proveito para os ouvintes, e até de uma certa graça e donaire para a pregação.

Os dois missionários que nos pregaram parecem-se duas estátuas fabricadas pelo mesmo mármore. Tão semelhantes são : a mesma pausa no dizer, a mesma valentia na voz, a mesma forma de exposição, a mesma suavidade no propor as mais duras verdades.

O que porem mais arrasta e move nestes padres é o empenho com que eles buscam a salvação das almas, e só a esta buscam. Neles não se divisa um sentimento que não seja de fazer feliz os homens, mas felizes eternamente no céu. Não se lhes nota um passo que não se encaminhe para este fim. Depois disso a doçura com que inculcam a verdade, paciência com que agüentam o trabalho, a lhaneza, a afabilidade e cortesia com que tratam todos, grandes e pequenos, cativam-lhes os corações, e com esta eles os ganham para Jesus Cristo.

Alguns resistiram às pregações, mas não puderam resistir ao assalto com que os bons padres os acometeram em particular, não tanto pela força das razões, quanto pela brandura do modo com os atacavam.

Tal notícia, escrita dias após o encerramento dos trabalhos missionários, foi a esperada senha que autorizava e avalizava a forma e o conteúdo das missões . A notícia foi logo transmitida à Holanda para que assim animasse aos confrades e autorizasse aos superiores o envio de novos membros.

O sucesso em Mariana trazia a explícita aprovação do bispo D. Silvério, do clero diocesano, do povo humilde bem como, dos “*maiorais da cidade*”.

Os missionários sentiram-se pois autorizados a percorrer outras localidades, sem entretanto desconhecer suas limitações, principalmente aquelas decorrentes do pouco conhecimento da língua o que, aliás não passou despercebido aos ouvintes de Mariana.

Dois dias após as missões em Mariana e adjacências, os missionários, animados com sucesso, iniciavam a primeira missão em Juiz de Fora :

A primeira missão que os nossos missionários pregaram em nossa igreja de Juiz de Fora, de 21 de março a 6 de abril, teve um êxito feliz. Com grande esforço, antes de começar a missão, os padres visitaram família por família e as convidaram a assistir empenhadamente a todos os exercícios. Nesta visita encontraram 2.000 almas em nosso reitorado, não contando as 3.500 que moram nas três capelas de Grama, S. Pedro e Benfica, e que no ano anterior já tiveram missão.

A missão em português foi pregada por dois padres de nosso convento (Padres. Francisco e Afonso), em alemão pelo Adm. R.P. Wiggermann, reitor de nossos confrades da província germânica Superior em Aparecida (S.Paulo). Às 5 da manhã a instrução em português , às 6.30 em alemão. Às 7 horas da noite, depois de um cântico e da recitação do terço, sermão em português. Terminado este, cedido os lugares aos alemães, seguia a pregação nesta língua. Durante o dia catecismo para as crianças. As instruções e principalmente as pregações da noite foram muito bem freqüentadas pelos fiéis. Seis ou sete padres para as confissões e 1.900 comunhões foram distribuídas.

Na sexta feira santa, diante da grande multidão de fiéis, uma cruz ornamentada foi plantada no cemitério que está bem acima da

igreja, a qual todos depois foram venerar, enquanto as crianças cantavam cânticos religiosos. A missão terminou no dia da Páscoa com a bênção apostólica e o hino *Te Deum*.¹³⁸

Foi por ocasião desta missão que, no dia 4 de abril de 1896, sábado santo, fundou-se a Arquiconfraria de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro que logo foi subscrita por 760 membros atingindo 1.236 no final do mesmo ano.

Estava selada a introdução da devoção a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Os trabalhos não cessaram e já nos dias 12 a 26 de abril quatro padres pregavam missões em Tabuleiro do Pomba. A equipe inicial agora já estava reforçada por mais dois iniciantes, os padres Pedro Beks e João de Jong.

Assim, no sábado (*in albis*) depois da Páscoa, 11 de abril, bem cedo, às cinco, devíamos tomar o trem, mas logo ficamos sabendo que a máquina havia quebrado de modo que, no mínimo, a viagem estaria transferida para o meio dia. Oportunamente, isto é a uma da tarde, em meio ao calor, ficamos em um pequeno tugúrio até às quatro e meia aguardando. Dali fomos obrigados a ir pernoitar em Rio Novo donde, no dia seguinte, a cavalo, por trilhos ínvios e escorregadios, ou de repente no meio do caminho deparando com uma lagoa barrenta, continuamos nossa caminhada.

Finalmente, vencidos os perigos, chegamos ao término da viagem no local onde o pároco, em meio a duzentos cavaleiros e grande multidão com cânticos, banda de música, ao fragor dos morteiros, alegremente nos recebeu. Na mesma noite a missão começou.

Três mil fiéis comungaram e 16 matrimônios se legitimaram. Alguns casais separados (um mal bastante comum na região) voltaram a se juntar. Finalmente, 11 mulheres de má vida mostraram sinais de sincera penitência, de modo que a missão teve mesmo bom êxito. No último dia , com grande pompa, acompanhada de centenas de homens, rezando e cantando , a cruz foi levantada e à tarde, depois da bênção papal, o pároco agradeceu de coração aos missionários.¹³⁹

Ainda sobre a missão em Tabuleiro, consta dos arquivos provinciais uma carta do Padre Pedro Beks dirigida ao Reitor de Juiz de Fora, datada de 4 de junho de 1896 que encerra importantes detalhes :

¹³⁸ *LITTERAE ANNALES*, p. 22

¹³⁹ *Idem* , p. 31

Quando o tempo se tornou melhor, o povo da roça veio para participar. Houve 3.100 confissões. Muitos andaram 3 a 4 léguas para assistir as Missões. Este povo de fora permanece 2 a 3 dias para confessar-se, comungar e ouvir alguns sermões e depois voltar satisfeito para casa para esperar mais alguns anos antes de haver outra missão. A sua fé é admirável, mas a ignorância é grande demais. As principais verdades da fé têm que ser repetidas continuamente. O vínculo matrimonial é fraco demais. Assim há muitos “largados” e o número de amancebados é incalculável. A mulher largada do marido tem que juntar-se com outro para não tornar-se ‘mulher da rua’. Os missionários ficaram hospedados numa casa desocupada para poder morar de porta fechada, ficar mais isolados e evitar visitas inoportunas. Aqui parece ser estranho quando uma casa ocupada vive de porta fechada. Só deixaram entrar pessoas que desejavam falar com os Padres ou que queriam entregar ovos, batata ou doce e coisas semelhantes. O vigário não pôde hospedar os missionários porque só dispõe de um quarto alugado numa casa de família.

O povo queria que os missionários ficassem uns quinze dias e ameaçavam com uma passeata de protesto se não fosse atendido. Mas, não houve jeito por causa de um outro compromisso. O povo se conformou, mas na véspera da partida organizou uma serenata com a banda de música e viva’s. No dia seguinte, a despedida dos missionários foi muito comovida. Uma multidão de gente chorando e abraçando os missionários.¹⁴⁰

Nesse relato, o jovem e observador padre Pedro Beks enriquece as análises de seus predecessores, deixando entrever algumas dificuldades mais profundas no campo de trabalho. Apesar de confirmar a profunda religiosidade e generosidade popular, sublinha a “demasiada ignorância” e a frouxidão de costumes.

De Tabuleiro do Pomba, os missionários partiram para Mercês do Pomba onde permaneceram de 26 de abril a 10 de maio:

Também essa missão teve feliz sucesso. Foram distribuídas 6.600 hóstias e 18 concubinatos em matrimônio se converteram. Um certo homem, que na véspera zombara do padre na pregação e desprezara as advertências dos amigos, que o aconselhavam a confessar-se, no outro dia pela manhã morreu repentinamente. Um sacerdote de fora ajudou os padres nas confissões.¹⁴¹

O Padre Pedro Beks nos dá maiores detalhes:

Chegamos acompanhados por muitos cavaleiros (300). Na entrada da cidade de Mercês, foguetes, badaladas dos sinos da igreja,

¹⁴⁰ Carta do Padre Pedro Beks de 4 de junho de 1896

¹⁴¹ *LITTERAE ANNALES*, p. 32

etc. .A praça bem ampla da matriz ficou cheia de gente para nos dar as boas vindas. O vigário, um sacerdote muito digno, nos recebeu solenemente com a cruz, acólitos e criancinhas. Uma criança ofereceu uma rosa branca e outra uma vermelha. Ficamos hospedados na casa paroquial (a cozinheira, uma negra velha que gostava de fumar um cachimbinho e dois empregados, uns mulatos esquisitos). A casa do vigário era bastante limpa. O lugar tem mil habitantes e, na roça, 7 ou 8 mil. A participação na missão foi boa. Confissões entre 5 e 6 mil, muitos casamentos, reconciliações , separações de amancebados que não podiam casar.

Às 5 horas da manhã, logo após a meditação, começam as confissões, missas às 5 e 9 horas da manhã, com prática. Ao meio dia. Instrução religiosa, obrigatória para as crianças mas, os adultos também são convidados Quase sempre a igreja fica cheia, há cânticos e memorização do catecismo. Às cinco horas da tarde, confissões até às 10 ou 10 e meia da noite.

Em Mercês os homens são mais religiosos do que as mulheres Na igreja os homens ficam sentados em redor do altar e as mulheres e crianças na nave da igreja As instalações para ouvir as confissões são primitivas, um banquinho e uma grade para confessar as mulheres , os homens se ajoelham e dizem os pecados no ouvido do confessor As mulheres recebem a comunhão numa separação construída entre o presbitério e o resto da igreja. Os homens comungam no presbitério, muito amplo.

Dar comunhão às crianças é outra dificuldade pois, freqüentemente deve-se perguntar : “já se confessou?, ou : abra a boca, ou : engula a hóstia, pois muitas pessoas nunca comungaram. Há respeito na igreja , o povo se levanta ou se ajoelha em comum e durante outras partes da missa, canta na língua vernácula. Mas o que atrapalha são os berros simultâneos de uns 25 nenés. Nesta situação as mães não saem da igreja, por exemplo durante o sermão, mas amamentam as criancinhas, brincam com elas ou trocam as fraudas e ficam sentadas no chão com toda tranqüilidade. Chamar a atenção e pedir que saiam um momento é perigoso, pois pode ser que não voltem mais. O missionário deve sempre ser muito delicado e gentil.

No último dia da missão houve uma solenidade impressionante, o levantamento de um cruzeiro numa das montanhas que ia dominar toda a região. Foi organizada uma procissão com estandartes, imagens, virgenzinhas, banda de música, etc. O carro com o cruzeiro em cima foi puxado por 10 bois, muitos foguetes, cânticos, terço. A solenidade começou às 4 horas da tarde e terminou à noite.

O missionário deve ter uma saúde de ferro: sermões ao ar livre, isto é , deve gritar para ser entendido, as viagens, hospedagens bem fracas, a comida, o serviço pesado de manhã até à noite, tudo é esgotante! ¹⁴²

Novamente o Padre Pedro Beks nos traz ricos detalhes.

Pouco comum é sua observação referente à religiosidade masculina sobrepondo-se à feminina, fato insólito naquelas tempos e, até nos dias de hoje.

Outro aspecto interessante é sua observação relativa ao tato, à delicadeza com que os missionários deveriam tratar o povo, o que nem sempre acontecia.

¹⁴²

Carta do Padre Beks, de 4 de junho de 1896

Os trabalhos prosseguiram com missões em Camargos (de 24 a 31 de maio), São Caetano (31 de maio a 7 de junho), Sumidor e Cacheiro (localidades onde a equipe se dividiu de 8 a 11 de junho) e Boa Vista (de 16 a 21 de junho).

O ritmo era intenso e os padres quase não tinham folga.

No dia 12 de julho a equipe chegava à capital do Estado, Ouro Preto . A cidade, com cerca de 20.000 habitantes, contava com duas paróquias:

Antes de entrar na cidade, é agradabilíssima a impressão, não tanto do ajuntamento das praças e das casas, mas das 10 ou 12 igrejas em lugares altos colocadas, elevando aos céus suas geminadas torres, sobressaindo-se aos demais edifícios, dando aos céus uma conotação católica. Embora várias igrejas não sejam utilizadas pelos habitantes, que no máximo chegam a 20.000, com as cercanias 25 a 30.000. divididos em duas paróquias quase iguais, contudo ainda demonstram brilhantemente a opulência da religião e a devoção dos antigos portugueses.

Nessas duas paróquias a missão realizou-se segundo o costume. No dia 12 de julho as celebrações se iniciaram na igreja principal (matriz do Pilar), à qual, vestidos de sobrepeliz, velas acesas na mão, rodeando o altar, muitos sacerdotes assistiram, de volta do retiro em Mariana e de passagem por Ouro Preto. Depois de recitar em alta voz no último degrau do altar as preces da missão, o superior subiu ao púlpito, expôs ao povo a finalidade da missão e deu os avisos. Além do sermão da manhã e da tarde e o catecismo das crianças que acontece em todas as missões, celebravam às 8 horas com prática, ainda pregavam quatro vezes aos presos.

... No dia 26 de julho a missão chegou ao fim e, no dia seguinte à tardinha, os Padres, depois de terem recitado na igreja principal o hino “Tantum Ergo”, rodeados por imensa multidão, dirigiram-se à outra paróquia de Antônio Dias.

Chegados que foram à praça, o Pároco, revestido de sobrepeliz e estola, rodeado de homens de opa e de tochas na mão, trocou com eles saudações. O superior da missão recebeu a cruz missionária das mãos do Pároco e pediu insistentemente aos fiéis de Ouro Preto que voltassem para suas casas. Mas, o Pároco destes, o Rev.mo Cândido Velloso, dirigiu uma fervorosa alocação aos missionários e entre outras coisas disse : Já não permitiremos que estes missionários vão embora do meio de nós, no que foi aplaudido por todos.

...Nesta missão observaram a mesma ordem que na outra igreja tinham seguido. Além das habituais pregações e instruções ao povo e às crianças, duas vezes dirigiram a palavra às jovens normalistas e duas vezes aos estudantes internos da Escola de Minas, que também fizeram separadamente sua comunhão geral.

Na comunhão dos homens, da qual participou o próprio Presidente do Estado, Dr. Bias Fortes, D. Silvério, que estava na cidade administrando o sacramento da Crisma, celebrou a missa e distribuiu a comunhão. Muitíssimos militares confessaram-se, bem como os estudantes que são mais de 500 na cidade. Estes, principalmente , que os nossos desde o princípio não pouco temiam, comportaram-se otimamente, participaram pela

manhã e à noite dos exercícios, e demonstraram aos Padres o maior respeito e confiança.

Finalmente com a igual pompa da outra igreja, foi erigida a cruz da missão. Foram distribuídas 5.573 hóstias e 32 amasiados se casaram. No dia da partida os missionários foram solenemente levados à estação ferroviária. Precedia-os a banda militar, seguiam os padres com o clero, depois os estudantes que de mãos dadas em longas filas ocupavam a rua toda, finalmente inumerável multidão de fiéis. Continuamente ouvia-se um só clamor : Vivam os Padres Redentoristas ! Vivam os santos missionários ! Viva a fé católica, Apostólica, Romana ! Viva o padre N.! Viva o Padre N !¹⁴³

Sobre os trabalhos em Ouro Preto, uma carta do Padre Pedro Beks, datada de setembro de 1896 e que responde a certos questionamentos a ele feitos pelo Reitor do convento de Wittem revela-nos interessantes detalhes :

Também a sua pergunta sobre a utilidade substancial das Missões aqui e se nossa Província terá sempre bastante pessoal e se os frutos contrabalançam os sacrifícios, isto constitui para mim também uma grande interrogação.

...Nas Missões se ajusta muita coisa, mas se haverá um bem permanente, isto deve se manifestar depois a longo prazo. Aquilo que construímos deveria ser confirmado, mas não podemos prever se isto vai acontecer em muitos lugares.

Qual o tipo de missionário mais necessário aqui ?

Ao meu ver, deve ser o tipo de missionário que sempre se locomove percorrendo deste modo toda a diocese, administrando os Sacramentos e instruindo o mais possível em toda parte.

Assim a maior parte dos vigários poderia ir embora e os bons poderiam trabalhar nas cidades., pois, atualmente quantos não temos que estão destruindo mais do que os outros podem construir!

E faz pena por causa desse povo tão bom, que tem uma natureza tão religiosa e belas qualidades. Se tudo fosse providenciado, o Brasil seria uma terra de santos !

Comentando sobre as qualidades dos que viessem para o Brasil, alerta:

O que constitui sempre uma grande dificuldade é o fato de que pessoas de certa idade possam ser enviadas para esta terra. Garanto ao Senhor que a vida missionária aqui encerra também grandes perigos. Deve-se poder confiar plenamente na sua gente (os confrades). Quem é mal intencionado, encontra diariamente ocasião de difícil resistência e, pela intimidade exagerada e hábitos do próprio país, a pessoa sem querer praticar o mal, facilmente ficará comprometida por causa de uma ocasião perigosa. Principalmente quando se observa continuamente como se vive aqui, assim como

freqüentemente nas Casas Paroquiais e em outras casas nas quais ficamos hospedados.

Em Ouro Preto estávamos hospedados na casa Paroquial e duas prostitutas ficaram espiando pela janela do quarto. As casas paroquiais e outras casas nas quais ficamos hospedados tem muito pessoal. Freqüentemente encontramos alguns empregados com suas esposas, filhos e filhas de criação.

Na outra paróquia de Ouro Preto, um andar de uma casa ficou à nossa disposição. Tinha uma sala de recepção. Os que queriam falar com o padre podiam sempre subir. As portas quase sempre não se fecham e campainhas são desconhecidas. O povo bate as mãos e logo entra para ver se encontra alguém. Ali, na paróquia de Antônio Dias, adoeci e o médico constatou que estava com influenza e febre muito alta. Não podia mais sair. A cidade toda ficou logo sabendo e chegaram visitantes e , mais visitadoras, de manhã cedo e de noite após o sermão. Quando estava dormindo ficavam junto de minha cama em silêncio. Quando eu dava um sinal de vida então diziam : Bênção padre, como passou ? Dormiu bem ? Queriam se confessar ali mesmo . Situação esquisita ! Só podia receber os homens, mas na hora do aperto todo mundo vinha. Nas Missões aqui a gente tem necessariamente muito contato com senhoras: as ilustríssimas senhoras professoras, as excelentíssimas senhoras cantoras. Assim, em todas as solenidades e exercícios piedosos tem-se que lidar com senhoras para combinarmos tudo. As madames fazem discursos em público. No meio daquela gente encontram-se pessoas muito levianas que com suas maneiras frívolas poderiam se tornar um perigo.

Em casa, numa vida comunitária bem organizada não se corre tanto perigo, mas nas Missões precisa-se de muita firmeza e de muito cuidado!

De tal carta se depreende a dificuldade que os holandeses enfrentavam face aos costumes de nossa sociedade, particularmente no que se refere ao trato com as mulheres.

Certamente, na Holanda, o contato com as mulheres era bem mais distante e o choque de costumes para os missionários, acostumados a uma maior privacidade, era muito significativo. Esta dificuldade revela contudo, uma grande preocupação com a prescrição das Regras e Constituições que eram severas no que diz respeito ao trato com mulheres :

Ao tratarem com mulheres usem os nossos da maior cautela, guardando com muita severidade os olhos, nunca lhes ofereçam espontaneamente as mãos a beijar. Um Missionário que não refreia as suas vistas, precipita-se na ruína e perde-se. Observem com maior exatidão o que se prescreve nas Constituições sobre a modéstia.¹⁴⁴

Os trabalhos daquele ano não cessaram... De Ouro Preto os missionários pregaram em Sabará de 11 a 30 de agosto. Depois o Jubileu em Congonhas de 1^o a 14 de setembro.

Finalizamos a nossa relação acrescentando algo sobre a novena no célebre santuário de Congonhas do Campo.

Suas romarias anuais, constituídas de inúmeros peregrinos, desde séculos tornaram a cidade célebre em todo o Brasil. Venera-se velha imagem, colocada debaixo do altar-mór representando o Divino Redentor deitado no sepulcro, vulgarmente chamado “Bom Jesus de Matosinhos” (Na verdade a imagem do Bom Jesus do Matosinhos não é a do Senhor morto a que se refere a narrativa e sim a de Jesus crucificado que domina o presbitério) .

Certo português, já decidido a voltar à pátria para tratar de sua saúde quis, por devoção muito comum a brasileiros e portugueses, levantar uma cruz em Congonhas, que está perto de Ouro Preto. Como nisto se empenhasse, conta-se que repentinamente recuperou a saúde. Por isso resolveu ficar ali e levantar várias cruzes. Divulgada a notícia, os fiéis afluíram, e em pouco tempo levantou-se uma capela para a qual foi translada a imagem, de que falamos, vinda de Portugal. Frequentes milagres a distinguiram de tal modo que ficou claro a todos que Deus escolhera este santuário para distribuir os maiores benefícios. Aqui portanto espera-se a cura de todo incômodo e enfermidade; aqui os mancos, paralíticos, leprosos são trazidos de regiões longínquas. A afluência popular no mês de maio, mas principalmente em volta da festa da Exaltação da Santa Cruz, é a maior, quando é celebrada imemorialmente todos os anos a novena preparatória. Nesses dias, calcula-se de 14 a 20.000 o número de romeiros, dos quais muitos fazem uma viagem a pé de cinquenta ou mesmo cem léguas, trazendo víveres consigo. Não há quem não admire tão grande fé se pensar que tal viagem feita por pessoas pobres, e impossível sem grande penitência.

Foi a este célebre Santuário que os 4 padres chegaram a 1^o de setembro para pregar a novena aos romeiros. A frequência do povo logo cresceu de tal modo que a 9 de setembro todas as pregações se fizeram ao ar livre. No último dia o número de ouvintes 15 a 20.000, de modo que muitos arranjaram um lugarzinho nos telhados, janelas e campanário da igreja. Três vezes por dia os padres pregavam. Eram, porém, incapazes de ouvir as confissões de todos, visto que tantos sacerdotes que por lá ficavam vários dias só um ou outro deu ajuda. Assim somente 5.750 hóstias consagradas foram distribuídas, cujo número poderia ter sido certamente três ou quatro vezes mais. ¹⁴⁵

Oportuno observar que conheci o Jubileu de Congonhas em 1955 e durante os oito anos seguintes, dele participei.

Recentemente retornei a Congonhas para as festas do Jubileu e, por incrível que possa parecer, a narrativa acima contempla os fatos tais como os conheci e como hoje ainda acontecem.

Isso vem a demonstrar que o catolicismo popular longe de ser erradicado, floresceu e ainda floresce, apesar do constante embate frente aos “abusos” naturais ao carácter festivo de tais romarias.¹⁴⁶

Nos dias de hoje, de 7 a 14 de setembro de cada ano, pode-se participar do Jubileu do Senhor Bom Jesus de Congonhas. A festa permanece quase nos mesmos moldes descritos em 1896.

Apesar das centenas de barraquinhas, do atropelo da multidão, da exploração comercial e dos incontáveis gestos de devoção popular, colhem-se muitos frutos espirituais e, até mesmo de conversões em tal evento.

Sobre os trabalhos em Sabará e Congonhas tornam-se indispensáveis os comentários nem sempre lisonjeiros e, no caso específico, de grande relevância histórica, do Padre Pedro Beks, na mesma correspondência datada de 4 de junho de 1896 :

...De Sabará fui visitar Belo Horizonte, também chamada Minas. Belo Horizonte será um dia a nova capital do Estado. Agora já estão construindo durante dois anos e um grande terreno entre as montanhas foi nivelado. O terreno é de imensas proporções. Ruas compridas e retas já foram feitas e têm uma légua de comprimento e são muito largas. No centro se situam a Praça da Liberdade, Palácio do Presidente, edifícios governamentais, ministérios. Secretariados, etc.

Ainda não há calçamento, existem apenas dezenas de casas com certa distância espalhadas ao longo das novas ruas. O Estado pagou todas as despesas, também as necessárias indenizações. Particulares podem comprar terrenos, mas o Estado decide o lugar da casa e em que distância da rua e das outras casas mais próximas e também qual deverá ser o estilo.

Condutoras de água já foram instaladas para escoar as águas das chuvas e para conduzir água potável para trezentas mil pessoas. Já se vê um princípio da construção de um parque e da nova matriz, etc. Mais vai demorar mais uns vinte anos antes de ser uma Capital bem adequada e digna.¹⁴⁷

A seguir, pregamos a Novena em Congonhas do Campo, Santuário do Bom Jesus. O Bispo Dom Silvério Gomes Pimenta ofereceu-nos este Santuário para ser nossa primeira fundação no Brasil. Ainda

¹⁴⁶ Para confrontar a narrativa do Jubileu em 1896, veja-se a narrativa de 1991 constante em L.N. DUTRA, *MEIA VIDA*, 1991, p.67

¹⁴⁷ Ao narrar tais detalhes o Padre Pedro Beks jamais sonhava que seria ele designado em 1.900 como primeiro reitor e fundador da segunda casa da Congregação da missão holandesa, Belo Horizonte.

que eu não considere a nossa primeira fundação (Juiz de Fora) como sendo uma feliz escolha, agora estou satisfeito com a preferência dada ao Morro da Gratidão e não a este lugar de romarias. O Santuário é muito lindo e também a sua colocação, mas de difícil acesso por causa de uma ladeira íngreme a partir da cidadezinha. Durante aquele jubileu há uma afluência de uma multidão incalculável de gente (16 a 20 mil ?). Alguns fazem uma viagem de meses para poder cumprir as suas promessas... é gente de toda parte do Brasil: São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo. Nem todos chegam com boas intenções: prostitutas, ladrões, jogadores, leprosos, mendigos, etc. A terrível confusão é indescritível. No Colégio em que nós com mais trinta sacerdotes ficamos hospedados, tinha umas mil pessoas. Tudo misturado no chão e nos corredores... Dei graças a Deus quando saímos daquela balbúrdia e voltamos para Juiz de Fora.

As expressões revelam a sinceridade do narrador, uma vez que , até nos dias de hoje é impossível não se ter a impressão de balbúrdia ante tamanha multidão.

Naquele ano de 1896 ainda se pregaram missões em São João Del Rei (15 de setembro a 7 de outubro), Santo Antônio, São Gonsalvo, Santa Ana de Barroso, Nazaré, Patusca, Carrancas, Santo Antônio do Pontes e Conceição do Barra.¹⁴⁸

Os trabalhos somente encerraram-se em 19 de novembro quando as chuvas já impediam qualquer deslocamento .

Dessas narrativas, muitas conclusões se podem inferir :

Por primeiro ressalte-se a característica festiva das “santas missões”. O povo recebia os missionários com foguetes, repicar de sinos e vivas! Embora isso por vezes até os cansasse depois de exaustivas viagens, em nenhum momento demonstram repúdio a tais gestos.

Tal atitude, pouco comum na cultura holandesa, vem ao encontro do que afirmei na Introdução. Apesar de muitos dos costumes brasileiros haver causado estranheza aos missionários, pouco a pouco foram introjetados por eles ao ponto de constatar tal normalidade que, quando não aconteciam causava estranheza.

Tal característica é ressaltada como constante do catolicismo popular em SANCHIS (1983, p. 15-26).

¹⁴⁸ É de se notar que muitos dos nomes referidos nas narrativas são outros atualmente e nem sempre foi possível identificar os novos.

No artigo, SANCHIS ressalta que a festividade passou a constituir instrumento a serviço da sacramentalização e doutrinação, objetivos das missões e de todos os movimentos de reforma católica.

CAMURÇA (2003, p. 9) comentando DURKHEIM e PEREZ ressalta que “celebração é religião e vice versa”.

Outro aspecto que muito se pode admirar é a dedicação e a resistência que os missionários apresentavam ante um trabalho que se estendia noite afora, após viagens difíceis, quase sem tempo para o repouso, numa terra com costumes, alimentação e clima totalmente diversos de sua pátria.

É também muito clara a preocupação com a doutrinação do povo face à situação de verdadeiro abandono religioso em que se encontrava.

O Padre Pedro Beks, em carta de 9 de março de 1896, dirigida ao Provincial holandês, aborda de forma contundente essa dificuldade aliando-a à má formação e carência do clero, ao qual não poupa críticas :

O que significa missa, confissão e comunhão, muitos não sabem apesar de serem batizados. De vez em quando a gente se pergunta o que fazer com este povo que gosta de solenidades externas com música e foguetes, mas sua religiosidade se restringe a estas coisas.

Em todo caso as missões certamente produzem bons frutos: casamentos legalizados, muita gente ouve algo a respeito da religião, confissões etc. Mas a questão é o que ficará depois da Missão. Há necessidade urgente de mais e bons párocos, pois só assim haverá uma melhora permanente da situação brasileira. Mas o bispo quase não tem possibilidade de manter o número atual. Até os melhores padres não têm jeito para trabalhar e não fazem nada para a parte religiosa. Eles moram tranquilamente numa fazenda ou com a própria família ou se dedicam ao comércio em vinhos, etc. Haveria necessidade de uma geração de vigários totalmente nova, formada na Europa. Talvez alguns pudessem fracassar por causa do clima enervante ou devido aos problemas do tempo, das estradas e de um povo ignorante e semi-selvagem, mas nós poderíamos contar com algo de positivo e permanente para depois das Missões.

Agora fica só um pensamento que consola : é mais ignorância do que má vontade. O Bom Deus providenciará tudo com sua graça.

As dificuldades descritas de forma veemente não são irreais e não eram desconhecidas por D. Silvério.

Os exageros desesperados do narrador ao referir-se ao povo como semi-selvagem e ao afirmar que um novo clero deveria ser formado na Europa são inteiramente

descabíveis. Entretanto a realidade descrita e presenciada por um padre europeu, formado em um dos mais conceituados seminários da Europa podem ser compreendidas numa dura crítica às condições em que o trabalho missionário se desenvolvia.

Dessa narrativa pode-se depreender o grande esforço desenvolvido na restauração do catolicismo brasileiro e abrandar as críticas daqueles que, defendendo o estreito conceito de *romanização* querem ver nesse esforço o intuito de sufocar o catolicismo popular.

Apesar de todas estas reais dificuldades que levam o missionário ao quase desespero, o missionário acredita na boa vontade do povo e até busca entender que a ignorância religiosa não impedia os trabalhos e ainda, que isso não significava a inexistência de uma forte consciência religiosa, enfim de um catolicismo imanente .

Em outra carta do mesmo missivista, datada de 9 de setembro do mesmo ano, uma referência à maçonaria acenava com dificuldades futuras:

Nas missões não falamos sobre a loja maçônica (se isto está certo ou não , não ousou julgar), mas se falássemos contra a maçonaria no púlpito ou no confessionário, então os que agora se confessam não se confessariam mais e, em breve, surgiria em Minas e São Paulo um movimento contra “os Jesuítas e sua seqüela”. Então poderíamos retornar à Holanda. A longo prazo, porém, teremos certamente problemas e aqui a maçonaria é mais forte do que em outra parte, porque nas grandes cidades todos os que quiserem ser alguma coisa deverão ser maçons, de vez em quando até o vigário.

Eis aí o registro de uma tolerância que chega a nos surpreender por sua natureza.

Os aspectos de tolerância face à maçonaria evidenciam a ausência de condicionamento ou de imposição eclesiástica com relação ao trabalho missionário.

São conhecidos os pronunciamentos e documentos do papa da época, Leão XIII, contrários à maçonaria. Entretanto (*...se isto está certo ou não, não ousou julgar*), os missionários não sentiam-se atrelados a Roma e agiam com liberdade e tolerância.

Possivelmente tal atitude revele um certo receio de que enfrentar a maçonaria poderia trazer mais dificuldades ao trabalho missionário. Ademais, o fato pode revelar a pouca convicção dos maçons cuja ligação nem sempre significava a rejeição do catolicismo.

Devo registrar também algumas impressões do Padre João De Jong, que revelam certo ceticismo com relação aos trabalhos.

Em carta datada de 22 de agosto de 1896, afirma que não consegue gostar, de modo natural, do Brasil, mas para ele basta estar no Brasil por vontade de Deus e em espírito de obediência.

Quanto às missões, elas tem resultados extraordinários, mas em comparação com as da Holanda não têm muita significação, Nos lugares maiores poucos homens se confessam. Fiquei surpreendido com o convite aos padres que encontrei numa revista católica holandesa, para vir para o Brasil. Nós aqui seríamos os primeiros a desaconselhá-los.

Em outra correspondência, datada de 12 de setembro, o mesmo ano de 1896, afirma :

No dia 15 de setembro sairei com O R.P. Van Wesemael (Padre Aquiles que retornará à Europa em 24 de junho de 1898) para São João Del Rei e arredores. R.P. Lohmeyer e Mathysen estão ausentes desde começo de julho. Pregaram missões sucessivamente em Ouro Preto, em duas igrejas; Sabará, também em duas igrejas e em Congonhas, o célebre Santuário. Também os padres Beks e Brandouw participaram nestas missões, mas estes vão voltar para descansar um pouco e para deixar um pouco de trabalho para nós. Nossa viagem provavelmente durará até o fim de outubro e então começa o tempo das chuvas durante o qual é impossível pregar missões. Em Ouro Preto e Sabará não faltou entusiasmo e o resultado das missões foi satisfatório. Em Sabará houve 4.500 comunhões (7.000 almas). Pode-se, porém, chamar o número de “legião” (muito elevado) daqueles que depois de uma missão se acham, por uns dez anos, dispensados de confessar-se e comungar anualmente. Enquanto não existe alguém que cuide bem de tudo, então os frutos não serão permanentes. Sobre Congonhas ainda não recebemos notícias. A afluência do povo será extraordinária porque nesta época os romeiros de todo canto acorrem em massa para cumprir promessas. Se, porém, muitos querem se confessar não sei, mas duvido um pouco, pois a maioria não está acostumada.

Outra correspondência que devo registrar, datada de 8 de janeiro de 1896 e dirigida ao Provincial holandês, é de autoria do Padre Henrique Brandouw que chegara ao Brasil em outubro de 1895 :

Fiquei muito decepcionado. Parti para o Brasil consciente e com a vontade de sofrer muito, mas nem de longe imaginava encontrar uma situação que exigisse sacrifícios tão grandes e tão prolongados. As cartas enviadas do Brasil não descreviam a situação conforme a verdade, nos

iludiram. A vida no Brasil é uma vida de sacrifícios desde a manhã até a noite e até durante o repouso noturno. Há sacrifícios que são inseparavelmente ligados ao país, mas há outros que não são inerentes à situação daqui e poderiam ser prevenidos. E estes sacrifícios são de uma natureza cuja essência não é compreendida na Holanda. Além disso, a natureza humana não encontra aqui nenhuma satisfação que possa suavizar um pouco estes sacrifícios, de modo que a vida aqui deve ser totalmente sobrenatural, querendo agüentá-la.

Procuo esta disposição sobrenatural, vivendo de conformidade com a vontade de Deus. Apesar disso, a natureza às vezes se faz sentir quando comparo a situação daqui com a da Holanda e então fico triste. Não sentindo entusiasmo pelo Brasil em termos gerais, contudo sinto-me feliz por estar aqui, pois a gente pode realizar muito para Deus e conseguir muitos merecimentos para si mesmo. Portanto, não quero trocar com ninguém .

O tópico citado evidencia uma decepção com o cenário fantástico descrito nas primeiras correspondências, agora desfigurado pela realidade vivida, realidade dura e inteiramente diversa daquela vivenciada na Holanda.

Isso vem a demonstrar que os missionários tinham que se escorar no espírito neles infundido pelo fundador e que constituía o ethos interior do redentorista.

Por outro lado, a intimidade de tais correspondências, deixa claro a insegurança acarretada por tais estranhezas e a necessidade de traçar os rumos do trabalho em tal enfrentamento. Não havia, portanto, determinações a serem seguidas cegamente. Fazia-se necessário traçar rumos novos a partir de um cenário totalmente desconhecido pelos confrades e superiores na Holanda e, para tanto, era necessária uma maior sinceridade.

CAMURÇA (2004, p. 222) argumenta que tais correspondências de caráter interno não informavam a ação externa. Eram como que um desabafo aos superiores que os haviam enviado. Citando EISENBERG (2000, p. 46-48) ao empreender uma análise institucional da ação missionária da Companhia de Jesus, durante o período colonial, chama a atenção para uma distinção na correspondência epistolar dos jesuítas, que dividiam suas cartas em dois estilos.

Tal distinção nos leva a crer que algumas das primeiras cartas dos holandeses, destinadas a serem publicadas na já conhecida revista “Volks-Missionaris”, destacavam “ *os aspectos bem sucedidos e virtuosos da empresa missionária* ” enquanto, as cartas de caráter privado , equivalentes às chamadas “*hijuelas jesuíticas*” , “ *assemelham-se a uma conversa entre amigos* ” nas quais se permitiam falar com mais sinceridade e lealdade fraterna.

Entretanto, as decepções, dificuldades e descontentamentos não detiveram o progresso da obra missionária. Elas foram, em parte, o impacto dos primeiros anos entre a cultura européia e a realidade brasileira. As novas levadas de missionários já encontraram mais conforto e apoio nos colegas pioneiros o que permitiu melhor suportar tais dificuldades. (WERNET, 1994, Vol. 1, p. 163)

Dessa forma, em 1897, prosseguiram os trabalhos missionários :

De 6 a 17 de março de 1897, partiram para a renovação das missões em Ouro Preto .

O Padre Afonso Mathysen é quem nos narra :

A 5 de março fomos dar umas renovações durante a quaresma. O trem das 12.5 chegou às 15.16. Perto de Ouro Preto, tivemos que mudar para outro trem, porque houve um deslizamento de terra. Chegamos a Ouro Preto à meia noite, onde o vigário com seu cooperador nos esperava.¹⁴⁹

Na verdade, conforme se pode ler nas LITTERAE ANNALES , p. 50, a viagem foi uma peripécia. O Padre Afonso foi até discreto. O trem saiu de Juiz de Fora com três horas de atraso e já era noite quando a viagem foi interrompida por uma barreira. Os viajantes tiveram que fazer uma longa caminhada a pé, à luz de vela e só chegaram a Ouro Preto depois da meia noite. Como, naquela época, para que se pudesse comungar e celebrar a missa devia-se guardar o jejum a partir da meia noite, os padres ao chegarem na casa do pároco encontraram a mesa do jantar posta e cheia de iguarias, mas não puderam jantar... tiveram que ir para cama em jejum!

O relato do Padre Afonso é sucinto e, ao final, assinala fato interessante :

Pregamos a primeira renovação de missão no Brasil: correu tudo bem, o que atrapalhou um pouco foram as notícias sobre a expedição contra Canudos. Antônio Conselheiro é o chefe.

Na verdade, a renovação da missão na Paróquia do Pilar em Ouro Preto, não foi “ *lá grandes coisas* ”. Duas vezes ao dia, pregação e catecismo. Foram omitidas as comunhões gerais e a afluência do povo, principalmente ao confessionário , deixou muito a desejar. Deram também instruções aos presos e, quase todos se confessaram. Foram 2.820 comunhões e somente uma legitimação.

¹⁴⁹

Carta do Padre Afonso Mathysen datada de 15 de agosto de 1897

Como se pode constatar, o entusiasmo constatado nas missões do ano anterior, havia arrefecido. Isso vai se repetir e ocasionar críticas a que adiante hei de me referir.

Seguiu-se a renovação na paróquia de Antônio Dias.

Nessa paróquia constatou-se um melhor resultado. Houve duas comunhões gerais, das mulheres e moças e dos homens e rapazes. Segundo o cronista, *nessa paróquia havia mais desejo de vida eterna do que na outra*. Registraram-se 3.350 comunhões e foram legitimados 8 casamentos.

De 29 de março a 6 de abril realizou-se a renovação na catedral de Mariana onde o êxito foi melhor. Se no ano anterior tinham sido distribuídas 3.500 comunhões, na renovação foram 3.084 o que indica que o fervor ainda se mantinha.

Durante a renovação em Mariana um dos missionários deslocou-se para o povoado de Antônio Pereira onde, dos 400 habitantes, 290 aproximaram-se da comunhão .

As primeiras missões novas do ano foram em Matosinhos, de 20 de abril a 2 de maio, da qual participaram os padres Francisco Lohmeyer, João de Jong, Henrique Brandouw e Afonso Mathysen.

Seguiram-se as missões em Nova Lima, de 3 a 16 de maio e nas capelas de Macacos, Santa Rita e Raposos, também no mês de maio.

Não faltaram dificuldades a esta Missão. Nesta cidade existe uma mina de ouro muito abundante, explorada por uma companhia inglesa, servindo-se operários espanhóis, italianos e brasileiros. Os habitantes, incluídos 2.000 operários, são avaliados em 6.000. O povo goza de boa fama embora no princípio da missão de modo algum parecia ter a sagrada fome. Para encorajar o zelo os missionários promoveram três comunhões gerais: dos homens, das mulheres e das moças, cujo fruto levou quase todos até o final da missão a um confissão reparadora; 3.900 comunhões distribuídas e 12 concubinatos em matrimônios transformados. Dos operários estrangeiros pouquíssimos participaram das missões. Nos dias mesmos das missões fizeram greve contra os patrões ingleses para conseguirem melhores salários (Isto em 1897 !), de modo que foram chamados soldados de Ouro Preto mas não usaram armas.¹⁵⁰

Durante a renovação em Nova Lima um dos missionários pregou exercícios em Macacos e em Santa Rita, pequenos povoados próximos.

¹⁵⁰ LITTERAE ANNALES, p. 51

A renovação das missões em São João del Rei ocorreu entre 17 e 31 de maio e dela participaram os quatro missionários já referidos.

Novamente, é o padre João de Jong quem nos relata, em carta dirigida ao Provincial, datada de 19 de junho de 1897 :

Em São João Del Rei a recepção foi muito solene . Milhares de pessoas estavam na estação e três bandas de música tocaram, assim como no ano passado. Em frente a casa do vigário foram feitos diversos discursos, mas que tais discursos não conseguem impressionar um holandês pode ser evidente pois, em vez de pronunciar, uma única vez sequer, o doce nome de Jesus, se fala em “pálido filósofo da Judéia” ou então se sabe que deve-se ouvir um discurso de um camarada do qual é certo que ele mesmo não participará das missões. O resultado em São João foi muito medíocre. Alguns que não participaram no ano passado chegaram agora, mas também quantos outros que vieram o ano passado, não tomaram parte. À pergunta se os frutos da missão ainda eram visíveis, podemos tranqüilamente dar uma resposta negativa. Isto de modo global. Um ou outro sermão parece ter causado o descontentamento de uma parte da população . Isto foi devido aos próprios ouvintes que ainda não têm maturidade quanto a uma palavra apostólica franca, ou à insuficiência do nosso conhecimento dos costumes e hábitos da terra ? Ninguém sabe esclarecer isto. O número de comunhões foi de 2/ 3 do ano passado.

Dessa narrativa percebe-se a presença, quase hipócrita, de livres pensadores que, longe de se envolverem com a missão, participavam do evento social.

Percebe-se também uma certa desconfiança na validade dos trabalhos missionários e vislumbra-se uma dificuldade que vai se acirrar quando da pregação das missões em Juiz de Fora, em 1906 : linguagem inadequada ou referências inconvenientes a um auditório por demais heterogêneo. Certamente a isso se referem os questionamentos finais do narrador.

Na mesma carta, acima referida, o Padre João De Jong continua narrando as missões daquele ano :

Depois de São João Del Rei chegou a vez de Oliveira, uma pequena cidade de 4.000 almas, oito horas de trem de São João del Rei. Os habitantes podem ser , com todo direito, incluídos nas almas abandonadas, pois, ainda que tenham um vigário, faz anos que ouviram um sermão ou alguma instrução. Também deve haver muita gente que nada sabe da existência do Sacramento da Confissão.

Quando alguém está com muitas preocupações caseiras, então não há jeito para cuidar de tudo. Quem acreditaria que o próprio vigário pediu as missões ?

...Os padres estão hospedados numa casa separada e servidos como príncipes. Raramente se vê o vigário. Ocupações "familiares". Por

brincadeira transcrevo aqui o final de um artigo de um jornal de Oliveira convidando os padres a permanecer mais alguns dias : ‘Fazei-o portanto! – Assim é dirigida a palavra ao Padre Francisco – certo de que os conselhos que dá da tribuna sagrada , tão sabiamente inspirados nos têm dado esses apóstolos extraordinários do Bem, dos quais o ilustre sacerdote é mui distinto chefe, são e serão abraçados por todos aqueles que, como nós, estão sinceramente convencidos de que partem de corações nunca manchados, antes de dia a dia purificados por uma vida cheia de sacrifícios e abnegação, como sabem passar os incomparáveis redentoristas, somente para desviar certas almas do caminho do mal, chamando-as à crença sincera em todos os dogmas do Cristianismo que são o único e mais verdadeiro remédio contra a corrupção dos espíritos.’

Duvido que o vigário tenha ficado satisfeito com este trecho. A alusão é bastante clara .

As missões em Oliveira encerram-se em 17 de junho e já no dia 19 abriam-se os trabalhos em Tamanduá, hoje Itapeçerica. A missão foi considerada boa pelo Padre Afonso Mathysen que registrou 6.300 comunhões e 20 casamentos legitimados.

No dia 4 de julho encerraram-se os trabalhos em Itapeçerica e no dia 8 iniciavam-se em Formiga, distante a 6 léguas, viagem feita a cavalo.

O Padre Afonso limitou-se a dizer que a missão foi boa, com 9.144 comunhões e 19 casamentos legitimados.

Encerrados os trabalhos no dia 25 de julho , recomeçaram no dia 27, em Bonsucesso.

A 25 de julho encerramento, fomos para Tamanduá para descansarmos um dia e no dia seguinte tomarmos o trem para Bom Sucesso. Origem desta cidade : 200 anos atrás, passou por aqui um português com a família. Houve uma tempestade terrível, além disso a esposa estava para dar à luz. Aí o português fez uma promessa se tudo corresse bem, construiria aqui uma igreja em honra de Nossa Senhora do Bom Sucesso. Nossa Senhora atendeu: tudo correu bem e o português construiu a igreja, começo da cidade. Ficamos em Bom Sucesso até 11 de agosto: 4.200 comunhões, 33 casamentos legitimados.

Na volta passamos por São João del rei na 1ª Sexta feira: pregamos e imediatamente depois houve a preparação para a festa da Assunção de Maria ao céu. Interessante! O padre rezou uma oração, depois só música: orquestra e às vezes canto. Imagine! Igreja cheia, silêncio absoluto, todos olham para o altar-mór pois em cima dele aparece a imagem de Maria num vestido branco, deitada numa cama. Ao redor os apóstolos, tudo do tamanho natural. A música descreve perfeitamente o que acontece. Às vezes aumenta o volume para exprimir o desejo de Maria de voar ao céu, até que ela desprende treme e voa com os anjos de Deus. A reza começou às 18 hs. E terminou às 21 horas.

A próxima missão seria em Conceição do Turvo. A viagem foi tumultuada, os missionários tiveram que ficar em Furtado de Campos de 8 da manhã até às 17.30 da tarde para esperar o trem que os levaria a Ubá onde , chegando às 8 da noite tiveram que pernoitar. No dia seguinte, 18 de agosto abriram a missão :

O mais notável em Conceição é o seu vigário, um padre da Suíça, já há anos no Brasil. Um padre exemplar em todos os sentidos. Apesar de ser pobre a paróquia, conseguiu construir além de uma casa paroquial confortável , uma igreja bonita. Ele gosta muito da disciplina militar. As crianças da escola e do catecismo devem marchar, fazer sentido, etc. Fundou um corpo de 60 homens, guardas de honra, com uniforme militar, com fuzil e espada, comandante, sargento, cabo, etc, que dão brilho às festividades.

Resultado: 2 170 comunhões e 6 casamentos legitimados.

No dia 31 de agosto partimos de lá à uma hora da tarde. Uma despedida comovida. Às 15 horas chegamos a Dores do Turvo onde abrimos a missão no mesmo dia. Comunhões 2.352 e 19 casamentos legitimados.

A missão em Dores do Turvo encerrou-se no dia 12 de setembro. Não havia descanso e, já no dia 14, os missionários estavam em Mercês do Pomba para renovação da missão realizada no ano anterior: *“A 14 de setembro fomos para Mercês do Pomba, onde pregamos missão no ano passado. Agora íamos pregar a renovação do dia 16 até o dia 3 de outubro.*

Do dia 3 a 14 de outubro estavam pregando a missão em Bonfim do Pomba onde os missionários deixaram um cruzeiro de 18 metros que foi arrastado por 28 bois!

O ano encerrou-se com a missão em Livramento, de 15 a 24 de outubro.

As narrativas destes três anos registram o incansável trabalho dos missionários.

Neste ano de 1897, renovaram-se algumas missões e, como se pôde ler, nem sempre se constatou a permanência de resultados do trabalho anterior. Isso trouxe um certo desânimo a alguns, mas a equipe não desanimava e cada dia mais ganhava experiência.

A única forma encontrada para se mensurar os resultados era o registro de comunhões, confissões e casamentos legitimados.

Sob esse aspecto é de se notar que a partir da Constituição republicana de 24 de fevereiro de 1891 o casamento civil, desvinculado do casamento religioso, era

bastante para legitimar as uniões o que a Igreja não admitia, exigindo que os casais se unissem pelo sacramento do matrimônio sob pena de considerar tais uniões ilegítimas. Esta era, certamente, a razão pela qual os missionários tanto insistiam em tais legitimações.

Esse ano marcou também a ampliação da equipe missionária antes composta apenas por dois missionários, padres Francisco e Afonso.

A precariedade da aprendizagem da língua portuguesa, agora transmitida pela experiência popular e pelas lições dos pioneiros trouxe os primeiros indícios de choque com populações mais críticas, como registrado em São João Del Rei, fato que vai se agravar mais tarde nas missões em Juiz de Fora.¹⁵¹

Novamente é o Padre Pedro Beks, em carta datada de 5 de março de 1897, dirigida ao Provincial holandês, quem nos fornece uma análise bastante contundente :

...No entanto as nossas missões estão fazendo um bem muito grande. Apresentam um quê brilhante e são deslumbrantes. É verdade que é difícil fazer um juízo quanto ao conteúdo interior e aos frutos permanentes por causa da quase exclusiva redução de toda a religiosidade a exterioridades.

O caráter do povo aqui é bastante volúvel e pouco habituado e disposto à seriedade, mas é fato inegável que grandes multidões se confessam e muitos casamentos são legitimados e geralmente existe um clima de piedade. Aquelas confissões, quase todas necessárias, não seriam feitas sem as missões e o que então aconteceria com a fé se milhares não ouvissem pregar de modo apostólico as verdades da fé ? Os melhores sacerdotes brasileiros têm pouco jeito para exercer seu serviço de uma maneira frutificante e, nunca chegam a reunir a população da sua paróquia a não ser em passeatas e procissões. Enquanto, velhos e jovens, ricos e pobres, de perto ou de longe, participam das missões.

Assim temos anualmente umas 80.000 confissões, 500 legitimações o que é de fato muita coisa. Devemos estar satisfeitos apesar de todos os pesados sacrifícios. Devemos esperar que possamos, cômicos dessa missão, enfrentar os muitos perigos que nos ameaçam nas viagens e nas diversas circunstâncias, pois, aí de nós se o povo perder a sua confiança (qualquer boato logo se espalha), aí então a nossa força e influência estarão perdidas e poderemos arrumar as malas.

¹⁵¹ Em carta de 2 de julho de 1895, o pioneiro Padre Mathias Tulkens já chamava a atenção do Provincial sobre a importância de uma boa aprendizagem da língua portuguesa ele afirma que :

“ quando da visita do novo Reitor da Glória, Padre Geraldo Schrauwen ao bispo de Mariana, D. Silvério, este havia tomado as necessárias providências em relação “à boa instrução da língua portuguesa, pois estava muito interessado neste ponto. O padre Reitor respondeu que o ensino de português poderia deixar com o Padre Francisco Lohmeyer. Mas o bispo riu-se dizendo : O Padre Francisco não tem capacidade para isso, pois ele mesmo não sabe a língua e erra muito quanto à gramática. Então o bispo ofereceu toda cooperação eficiente para que os padres holandeses aprendessem o português, mas o Padre Reitor não ligou e não apreciou a boa vontade do bispo... e assim ficou . Neste ponto muita coisa poderia ser feita e tínhamos assim muitos meios à nossa disposição, mas nenhum foi aproveitado. Isto não agradou ao bispo e nem aos sacerdotes .”

Precisamos muito das orações de todos, além dos escândalos e perigos externos em que nos encontramos, temos um clima que enerva o homem física e moralmente. A alegre natureza, a leviandade do povo debaixo deste céu exuberante, as grandes viagens e o nosso ministério distrativo, dificultam a oração, a meditação ou qualquer reflexão séria.

Andar em missões durante muitos anos, a maioria das Constituições não permitirão. Sob o aspecto moral isto é perigosíssimo. Por isso penso que para nossa Província seria, a longo prazo, bem melhor se tivesse uma fundação em Portugal. Conseguindo lá novas vocações, teremos padres que falem a mesma língua e que sejam criados em mais ou menos as mesmas circunstâncias. A vida e o trabalho seriam mais fáceis para eles e haveria menos perigos, conservando bem a vida comunitária. Sem haver em nosso meio portugueses ou brasileiros natos, a língua criará sérios problemas, para alguns uma dificuldade quase insuperável.

As ponderações do Padre Pedro Beks indicam uma crescente consciência das dificuldades dos holandeses face ao também crescente trabalho missionário.

É evidente o temor aos “perigos” provocados pelo choque de culturas.

No entanto, o contato com as populações mais simples e a, cada dia maior, experiência dos pioneiros, incentivou em muito os novos e o entusiasmo sempre manifesto abafou as primeiras impressões de desânimo e até mesmo de rejeição ao novo campo de trabalho, o que pode vislumbrar-se no tópico acima citado do Padre Beks.

Nestes anos de primeiras experiências missionárias, destacou-se a figura do Padre Pedro Beks.

De suas cartas, cujos trechos venho citando, pode-se depreender uma grande preocupação em tornar as missões mais eficientes e apropriadas ao nível religioso do povo mineiro.

Torna-se emblemático que este missionário, nascido em 1860, numa pequena aldeia da Holanda, Stratum e ordenado sacerdote em 9 de outubro de 1885, tenha sido um daqueles que pediu aos superiores a oportunidade de vir trabalhar no Brasil. Por aqui chegou em 1895 e em 1896 já o encontramos trabalhando como missionário. De todos os missionários holandeses, Padre Pedro Beks foi o único a falecer em pleno trabalho missionário, distante do conforto dos confrades, na cidadezinha de Furquim, no dia 20 de agosto de 1910. Seu corpo foi sepultado junto ao altar-mór da igreja daquela cidade.

É do Padre Pedro Beks a primeira iniciativa concreta de adaptar o esquema dos trabalhos missionários à realidade mineira.

O Chamado “Plano do Padre Beks”¹⁵² consta de carta, datada de 29 de junho de 1897, dirigida ao Provincial holandês :

Para as missões temos agora um plano fixo baseado na experiência dos Lazaristas e em nossas próprias. Ao meu ver este projeto á autenticamente Alfonsiano.

A duração das missões : 15 dias completos.

Durante as missões organizamos algumas solenidades e comunhões gerais. Na 2^a ou 3^a noite há uma solenidade de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, nossa padroeira. Sermãozinho sobre a história do quadro e depois entrada na igreja de virgenzinhas, banda de música e sacerdotes com saudação ao quadro, feita pelo missionário.

Nesse intróito podem-se identificar alguns destaques : o estilo missionário corresponde ao estilo alfonsiano e as solenidades, tão ao gosto do catolicismo popular, são até implementadas pelas comunhões gerais e por atos tais como a festiva entronização da padroeira das missões.

“A seqüência dos sermões :

1^a noite – Salvação

2^a noite – Pecado mortal

3^a noite – Morte

4^a noite – Juízo final

5^a noite – Inferno

6^a noite – A impureza

Na segunda semana chega muita gente de fora e então mais uma vez é ativada a artilharia pesada: Juízo final, a Eternidade, protelação da conversão, as ocasiões próximas, o casamento e os deveres dos pais (estes dois últimos tocam nos grandes males do brasileiro). Há mais algumas matérias supletivas: o escândalo e a misericórdia. Finalmente o sermão do cruzeiro, oração e perseverança.

O roteiro proposto não altera em muito as recomendações de Santo Afonso, constantes do item 83 das Regras e Constituições estabelecidas pelo fundador :

Nas Missões os temas dos sermões são geralmente os seguintes : Convite à penitência, necessidade da salvação, dilação da

¹⁵²

A . WERNET , *Os Redentoristas no Brasil*, 1997, p.159

conversão, pecado mortal, morte, juízo, inferno, eternidade; e em seguida como depois de todas as outras pregações semelhantes falar-se á da orações e, necessariamente, da proteção da Santíssima Virgem Maria, este sermão nunca se omitirá, pois que a experiência já demonstrou ser ele muitíssimo útil e salutar para o povo.¹⁵³

No roteiro das festividades Padre Pedro Beks continua, falando sobre as comunhões gerais :

A primeira é das moças : A preparação apresenta os seguintes assuntos : destino do homem; vantagem da confissão geral; arrependimento e bons propósitos e onde for possível falamos sobre a pureza.

Um dois dias depois : Senhoras casadas – assunto, seus respectivos deveres.

O domingo seguinte : dos moços e homens casados com sermão apropriado.

Padre Pedro Beks ainda aponta outros importantes detalhes :

Durante a missão tratamos também os seguintes assuntos : primeiro e segundo mandamento especialmente contra a superstição e sobre as promessas muito freqüentes no meio do povo; terceiro mandamento; quarto sobre os deveres dos filhos; quinto e oitavo, amor ao próximo, sétimo , nono e mandamentos da Igreja e, às vezes também: o respeito humano, as más conversas e, nas cidades onde o clero é ativo, a freqüência aos sacramentos.¹⁵⁴

¹⁵³ *CONSTITUIÇÕES*, Const. IV, 83

¹⁵⁴ Sobre os mandamentos da Igreja torna-se significativa a transcrição de um fragmento de sermão proferido pelos primeiros missionários, tal como publicado pelo Padre Lucas Veeger, em 1948, sob o título Guia do Missionário Redentorista , à página 24/25 :

“ Devemos obedecer às leis da Igreja, porque Jesus disse fez questão, porque a Igreja é uma sociedade e porque os mandamentos são determinação autêntica das leis divinas .

1° - O próprio Salvador faz questão de que observemos as leis da Igreja. No momento em que, deixando a terra, subiu ao céu, disse Jesus aos seus discípulos ; Foi-Me dado todo o poder no céu e na terra. Ide, pois, e ensinai a todos os povos e mandai-lhes observar tudo quanto Eu vos mandei. E is que estou convosco até a consumação dos séculos.

2° Além disso é a Igreja uma sociedade; não uma massa informe, mas um organismo vivo, a reunião de todos os fiéis que , mutuamente se ajudam e completam para conseguir coletivamente o mesmo fim: a salvação eterna.

Ora bem, cada sociedade deve ter o seu governo que prescreva e mantenha o seu regulamento e a ordem que conduzem a um mesmo fim. Vemo-lo no Estado. Que seria do estado, se não houvesse autoridade que pudesse estabelecer as leis e manter a ordem ? Mesmo os maçons, protestantes, etc., reconhecem alguma autoridade que identifique o caminho a seguir. Portanto fazendo Jesus de sua Igreja uma sociedade, deu-lhe também uma autoridade à qual todos devem obedecer. ”

Julgo interessante destacar que, por oportuno que fosse, o texto não faz qualquer menção específica à autoridade do Papa e sim e simplesmente, da Igreja.

Na derradeira manhã : as almas. Quando a missão corre bem, estamos ocupados na parte da manhã até 8 e meia ou 9 horas.

Nove horas é a hora do almoço.

Inventamos um meio par atrair o povo à Igreja para se confessar: o catecismo das crianças ao meio dia. Pede-se licença ao ‘ Delegado da Instrução ‘ para convidar todas as crianças com seus respectivos professores e professoras para assistirem ao catecismo. Os pais também são convidados para mandar os filhos de 7 a 17 anos. A instrução religiosa é para todos de sumo interesse.

O catecismo tem duração de uma hora e meia e a Igreja fica repleta. Na hora das crianças, os confessores estão presentes para confessar até três horas da tarde. Muitas mulheres aproveitam,, mas os homens gostam mais de se confessar à noite.

Às quatro horas da tarde, nosso jantar.

Às cinco estamos na Igreja para atender as confissões. O sermão da noite começa na boca da noite e depois do sermão confissões, só para os homens.

Antes do sermão há sempre uma pequena prática : o que devemos crer (as verdades necessárias para a salvação); o que devemos praticar: o divino mandamento da confissão, ataques contra a confissão, convite para fazer uma boa confissão; convite para comungar, superstições e promessas, jogo e bebidas alcóolicas (principalmente contra o jogo pois o vício da bebida não é vício brasileiro)¹⁵⁵ ; reconciliação, pois encontramos muito ódio; contrição perfeita, único meio para conseguir a salvação para os que não podem conseguir um sacerdote na hora da morte.

A Comunhão geral das crianças se realiza usualmente no 12° dia dentro de uma solenidade impressionante . Procissão com banda de música e o Vigário recebe as crianças na porta da igreja conduzindo-as até seus lugares. Isto atrai muita gente e não é raro que aconteçam conversões de pecadores inveterados. Estas exterioridades (também as bonitas virgenzinhas) impressionam muito. Neste mesmo dia, à tarde, as crianças renovam as suas promessas batismais e cada um beija o missal e a mão do vigário ajoelhado em frente ao altar. No dia seguinte, consagração à Virgem Maria e beijo da fita fixada na imagem da Virgem Maria. Esta instrução é de grande utilidade mas exige muito da gente.

O conteúdo dos sermões é de acordo com as circunstâncias. A maneira de tratar as matérias é naturalmente de acordo com as necessidades e As práticas do povo. Antes do sermão se invoca sempre a Virgem Maria e cada sermão termina com oração, ato de contrição , invocação a Maria, durante a qual o povo se ajoelha espontaneamente e canta Perdão, Senhor Jesus.

Geralmente o povo sabe muitos cânticos da missão e gosta desses cânticos.

Embora não exista um documento que possa confirmar a unanimidade dos missionários em torno desse plano da Padre Pedro Beks, pode-se concluir pela leitura de

155

Grifo nosso, sem comentários !!!

outros documentos e cartas que havia uma certa concordância em torno do modelo missionário da época, liderado pelos padres Afonso Mathysen e Francisco Lohmeiyer.

Foi nesse entusiasmo que os trabalhos prosseguiram no ano de 1898, iniciando-se pela renovação das missões em Nova Lima, de 22 de fevereiro a 4 de março. Desta renovação participaram os padres Francisco Lohmeyer e Aquiles Van Wesemael. Informações referentes à renovação dão conta de que aconteceram 6 legitimações de casamentos e distribuídas 3.230 comunhões, dado revelador tendo em vista que durante as missões de 1897 haviam sido distribuídas 3.900 comunhões.

As primeira missões de 1898 foram pregadas em Lagoa Santa, de 6 a 19 de março. Sobre estas missões também existem informações de que, além de 6 casamentos legitimados, 5.186 comunhões foram distribuídas.

Mas deixemos que o Padre João De Jong que não andava muito satisfeito com o resultado das missões, nos fale um pouco sobre estes trabalhos :

Vamos agora começar pelo início. O dia 22 de fevereiro foi o dia de fazer as malas, pois para uma Missão se precisa levar muita coisa. À tarde, mais ou menos às cinco e meia, os missionários jantaram e se deitaram às sete e meia da noite. O repouso noturno não seria maior do que geralmente, pois na manhã seguinte às 1:30 já era hora para se levantar. Às 2:00 celebramos a santa missa e, após uma breve ação de graças, tomamos café e, às 3.15 estávamos com tudo na Estação Mariano Procópio para partirmos no trem noturno do Rio de Janeiro. Felizmente chegou na hora e assim fomos passando pela escuridão da noite.

Dá para imaginar o que passava pela cabeça de cada um dos quatro missionários alojados naquele trem na madrugada de 23 de fevereiro de 1898 : padres Francisco Lohmeyer, Aquiles Van Wesemael, Afonso Mathysen e o narrador, João De Jong ?

Ao vencer as dificuldades e o desconforto do trabalho missionário seria necessária uma motivação interior e não simplesmente o desempenhar de um papel de “ *de agentes de Roma* ”. O que salta claro na leitura das cartas é a convicção de que os missionários jamais se viram como agentes de Roma.

Com mais probabilidade estariam preocupados com o fiel desempenho de seu papel de evangelizar os pobres e mais abandonados .

Provavelmente estariam hesitantes, saudosos do conforto de sua pátria, sentindo solidão numa terra estranha em que estavam obrigados a falar e pregar numa língua quase desconhecida.

O que os esperava ao desembarcar daquele trem cheirando a carvão ?

Certamente um povo devoto, festivo, acolhedor, mas profundamente marcado por costumes estranhos e, sobretudo, quase desprovido de qualquer instrução religiosa.

Cerca de 9:30 chegamos em Lafayette ou Queluz onde devíamos fazer baldeação e enquanto os outros passageiros foram para o hotel, nós tomamos um segundo café da manhã que consistiu em pão, ovos, queijo e uma garrafa de vinho. Para terminar : abacaxi!

Continuamos ainda 3 horas nesta viagem e, à uma hora da tarde, os Padres Lohmeyer e Van Wesemael desembarcaram em Honório Bicalho, de onde iriam fazer a viagem, de uma hora, a cavalo, para chegar a Vila Nova ou Congonhas de Sabará (hoje Nova Lima). O Padre Cooperador e um grupo de cavaleiros estavam na estação para recebê-los. Ali os padres tiveram muito trabalho, auxiliados bem pelo cooperador (que agora estava em Roma para se promover em teologia) e por um franciscano de Sabará , o qual na sua função de comissário da Terra Santa organiza em toda parte viagens para pedir esmolas. O número de comunhões foi de 3.200. Os mineiros italianos e espanhóis, assim como no ano passado nas Missões, participaram também muito pouco na renovação.

Entretanto o Padre Afonso Mathysen e eu continuamos a nossa viagem até Raposos, de onde andamos três horas a cavalo para chegarmos a Morro Vermelho. E isto aconteceu, mas, Meu Deus, que estrada ! No Brasil já vi muitas estradas horríveis, mas nenhuma como aqui. No começo foi uma subida de meia hora por uma estrada tão íngreme que a gente precisava se agarrar bem à sela para não cair do cavalo e, a estrada foi seguindo por cima de rochedos brutos. De vez em quando os animais tinham que subir por passo de mais de meio metro, de forma que uma vez meu cavalo desanimou e parou. Então fui obrigado a fazer um desvio que não era menos perigoso. Ao descer os outros trechos a gente pensava de vez em quando : Rapaz , será que isto vai terminar bem ? Mas, graças a Deus , tudo terminou bem ! Entretanto, a última meia hora de viagem não foi fácil . Em cima do morro estava o vigário com a banda de música e uma grande multidão de gente para nos receber e por isso tivemos que apeiar ! Agora, após uma viagem de trem de 10 horas e três horas a cavalo não é tão fácil ir a pé por uma estrada muita acidentada e semeada de pedras. Em especial, meu companheiro sofria muito por causa dos calos nos seus pés! Finalmente, passando por vários arcos triunfais junto dos quais não faltavam virgenzinhas com flores, chegamos sãos e salvos.

Outra vez podemos nos perguntar : o que afinal animava aqueles homens?

O que os fazia suportar tantos incômodos e até mesmo, perigos ? Certamente não seriam apenas determinações emanadas de superiores, bispos ou mesmo do Papa.

Ainda naquela mesma noite houve a abertura da missão. Disseram-nos que o lugarejo contava com 2.000 almas, mas no máximo tem algo mais que mil. A experiência nos ensinou até agora que do número apresentado da população se pode, tranqüilamente, de acordo com as circunstâncias, diminuir com 1 ou 2 mil.

O povo aqui, como em quase todo o oeste da Diocese de Mariana, é muito bom, simples e religioso. O vigário é um homem bom e religioso. Isto se prova pela descoberta de apenas uma convivência ilegítima, a saber, de um homem casado. Estes dois não se converteram. Houve 1.300 comunhões e, na sexta feira, 4 de março, foi levantado um cruzeiro em frente ao cemitério novo. Durante a procissão para aquele lugar, as virgenzinhas choravam sem parar porque no dia seguinte íamos partir.

O vigário nos contou que, faz poucos anos, um raio atingiu a igreja no momento em que estava cheia de gente para fazer uma procissão. Ninguém foi ferido, mas destruiu o cortinado interno do sacrário, deixou a âmbula intata e o corporal foi depois encontrado num canto , totalmente amassado.

Em Moro Vermelho onde, como em outros lugares, a maioria do povo não sabe ler, existe o costume interessante, em que aqui e acolá, alguns formam grupinhos e se reúnem na igreja, então um que sabe ler lê em voz alta para todos. Sempre estão alguns livros de orações à disposição para esta finalidade. Entretanto, lá neste lugar há 3 escolas, 2 para meninos e 1 para meninas. Mão nos surpreende que as crianças tirem pouco proveito. Em Cachoeira do campo estávamos hospedados em frente de uma escola. Os meninos entram e saem constantemente. Não se ouve a voz do professor. Cada menino estuda em voz alta, de forma que a gente tem a impressão de uma sinagoga de judeus. Eles, portanto, não podem aprender mais do que decoram pelo ouvir. Entretanto, esta escola nos foi apresentada pelo fiscal de Ouro Preto como escola modelo !

Em Morro Vermelho chegamos ainda a conhecer um costume interessante. Durante a quaresma alguns homens andam pelo lugar à meia noite, cantando em frente cada casa num tom de lamentação uma lamúria. Depois pedem um Pai Nosso e Ave Maria pelas almas benditas e procedem sem bater na porta ou esperar por uma resposta. Depois ouvi que este costume está se espalhando por todo o Brasil. Quando há uma festa , alguns procuradores da festa andam pelo lugar, enquanto alguns rapazes carregam num andor a imagem do santo em cuja honra a festa é celebrada, para, desta maneira , também cantando, angariar esmolas para a festa. Durante a missão isto foi feito para a procissão das rosas.

O bando de precatórios aqui noticiado também era comum no interior de São Paulo como assinala BENEDETTI (1983, p. 86).

O fato que inicialmente causou admiração foi prontamente assumido na missão “*Durante a missão isto foi feito para a procissão das rosas.* ” Isso é descrito de forma a dar a impressão de enriquecimento do ethos missionário com a incorporação de costumes do catolicismo popular.

...Agora vamos deixar Morro Vermelho. Nos custou despedir-nos daquela boa gente, principalmente ao pensar que esta paróquia em breve iria ficar sem sacerdote. O atual vigário, nascido aqui, permanece apenas porque tem pena do povo., mas quando ele não puder mais, então o bispo não poderá enviar outro sacerdote. Mas tínhamos que partir e, no sábado 5 de março,

Às 9:00 horas, montamos os nossos cavalos. Por precaução não íamos a Raposos mas a Sabará. Esta cidade era uma hora mais longe, mas a estrada menos perigosa. A estrada começou com uma montanha muito alta e então era apenas questão de chegar a um cume no outro, descendo o menos possível. O tempo estava bom e a visão ali nas montanhas era maravilhosa, especialmente chegando numa serra bem alta avistamos a divisão entre a serra e o campo, ou entre a região das montanhas mais altas e mais baixas, pois planícies só se encontram numa distância de 100 horas. À direita avistamos constantemente a maravilhosa Serra da Piedade, para a qual anualmente peregrinam milhares de romeiros. Depois fomos descendo, fazendo aqui e acolá,, manobras arriscadas, para depois de uma hora de viagem, chegar a Sabará. Um lugar velho e feio. A 2hs. Da tarde chegamos na estação, onde nos juntamos aos missionários de Vila Nova para, juntos, irmos à estação Vespasiano e, depois, uma hora mais ou menos a cavalo, para chegarmos em Lagoa Santa. Mas estou vendo que o meu relato da viagem está ficando comprido demais. Se não gostar, então não leia. Neste caso achar-me-ei dispensado de fornecer o resto. ¹⁵⁶

Parece mesmo que o Padre João de Jong cansou-se de escrever pois, a continuação de seu relatório, em carta de 4 de agosto do mesmo ano, foi bem mais sucinta. Sobre as missões de Lagoa Santa, de 6 a 19 de março, a única informação, constante das LITTERAE ANNALES, limita-se a dizer que foi realizada com sucesso tendo sido legitimados 6 matrimônio e distribuídas 5.186 comunhões. Do dia 9 a 14 de março um dos missionários deslocou-se para a pequena localidade de Confins, próxima a Lagoa Santa onde, durante a pequena missão, foram distribuídas 380 comunhões.

A seguir, a equipe abriu a missão de Sete Lagoas. Sobre tal missão o Pe. João de Jong apenas informa, como crítica ao clero diocesano, que um professor da Escola Normal zombou da missão, “*e este era infelizmente um sacerdote, cuja vida não era muito edificante.*”

Sobre esta missão as LITTERAE ANNALES oferecem mais detalhes :

A cidade tem este nome porque há uma lagoa no centro e 6 nos arredores. O número de habitantes é aproximadamente de 3.000, mas se contares os subúrbios, sobe para 6.000. A igreja paroquial é uma das maiores de todo o Estado de Minas Gerais. A missão produziu todos os frutos

¹⁵⁶

Carta do padre João De Jong, dirigida ao Provincial, datada de 20 de maio de 1898

desejados. Com os muitos fiéis que acorreram da localidade pouco distante de Matosinhos (onde no ano anterior fora celebrada uma Missão e cujo vigário com mais um sacerdote compareceram para ajudar nas confissões) e também acorreram muitos de outros lugares, foram distribuídas 6.424 comunhões e legitimados 30 casamentos. Os padres pregaram também para 18 presos que participaram todos da comunhão geral. Pregaram também 3 vezes durante uma procissão que é famosa nessas regiões sobre a ‘ história da Paixão do Senhor ’ (procissão de Nosso senhor dos Passos) . Julgamos não desagradar aos leitores descrevê-la um pouco. Dois grupos se reúnem, cada qual em duas igrejas bastante distantes uma da outra: em uma com a imagem de Jesus Cristo levando a cruz; na outra a imagem de Nossa Senhora das Dores. Reunido o povo nas duas igrejas: na primeira se prega o sermão do Pretório. Ao terminar este, ao som dos sinos, ao espoucar dos morteiros e dos foguetes, ambas as procissões, uma com a imagem de N. Sr. Jesus Cristo carregando a cruz, a outra com a imagem de N. Sra. Das Dores, rodeada de muitas moças e meninas, vestidas de branco e com velas acesas, saem da igreja e vão se encontrar com a outra . Aqui e acolá diante de uma capela que se chama ‘passos’, por no mais das vezes conter uma estação da Via Sacra, a procissão para receber a bênção da cruz . Ao entardecer acendem-se as tochas de modo que a procissão parece uma serpente de fogo. Quando as procissões se encontram e as imagens de Jesus e de Maria se aproximam , o que aconteceu perto da lagoa, para-se e se faz o segundo sermão que se chama do ‘ encontro ’ , não sem geral profusão de lágrimas. Terminado este as duas procissões agora unidas dirigem-se à igreja principal onde foi construído uma espécie de monte Calvário com todo o aparato e não pequeno trabalho, e prega-se o terceiro sermão o do ‘ Calvário ’. Terminado o sermão todos, ao som de intermináveis cânticos, vão por turmas venerar a cruz e dar uma oferta.

Não é admirar que os fiéis que têm muita estima por esta procissão, tenham vindo mesmo de regiões distantes, ainda mais neste tempo de Missão. Nem devemos omitir que alguns dos principais do lugar, já de muitos anos ficados inimigos, participaram de uma reunião sob presidência de um dos nossos, e juraram paz e amizade. A banda de música, no dia seguinte, em demonstração de alegria da cidade, fez uma alvorada.¹⁵⁷

Como lido, a narrativa, rica em detalhes, descreve as tradicionais solenidades da Semana Santa. Por certo os missionários ficaram admirados ante tal manifestação popular da fé e, apesar da exterioridade, as incorporaram e delas passaram a se valer em seus futuros trabalhos.

Apesar de não ter vivido em 1898, eu mesmo presenciei em minha infância cenas idênticas às aqui narradas.

Cabe aqui assinalar outro aspecto relevante na narrativa que é o costume do povo em cantar, o que muito admirava os missionários.

¹⁵⁷

LITTERAE ANNALES , p. 53/54

O gosto pelo cantar foi uma boa herança do catolicismo popular . Provavelmente introduzidos pelos lazaristas, resistiram ao tempo e ainda hoje fazem parte do cancionário religioso do interior mineiro.

A coletânea de cânticos intitulada “*Harpa de Sião*”, organizada pelo Padre João Baptista Lehman, editada em 1922 com a aprovação e recomendação de Dom Helvécio Gomes de Oliveira, arcebispo de Mariana, reúne em seu índice cânticos como : *A Jesus o mundo inteiro, A morrer crucificado, Bendito louvado seja, Bendito seja o santuário, Coração santo tu reinarás, Honra e glória, louvor sempiterno, Noite feliz, Ó face amortecida, Perdão meu Jesus*, entre outros.

A tais hinos populares juntaram se outros que, mais tarde fizeram parte do “Manualzinho as Missões”, editado pela Gráfica Santuário de São Geraldo (1957), reunindo “clássicos” cuja origem se perdem em tempos ainda anteriores à chegada dos Redentoristas. Além da lamuriosa cantiga do *Ofício da Imaculada Conceição*, nele encontramos : *Queremos Deus , A nós descei divina luz, Com minha mãe estarei, Perdoai Senhor, O meu coração é só de Jesus, Glória a Jesus, Chegou o dia da querida festa, Jesus Cristo está realmente, Eu confio em Nosso Senhor, Eu te adoro hóstia divina, Cantemos a Jesus Sacramentado, Salve Rainha, Louvando a Maria* além de outros de origem mais recente como : *Aceitai esta Missão, Viva a Mãe de deus e nossa, A Treze de Maio*, etc .

O que é importante destacar é que, já desde aquelas épocas a utilização de cânticos era um instrumento eficaz no desenvolvimento da missão. O povo já cantava muito e tais cânticos foram aproveitados e incrementados pelos missionários.

Mas voltemos a narrativa dos trabalhos apostólicos de 1898:

Partindo de Sete Lagoas os padres foram pregar missões em Barra do Jequitibá que é a última cidade da diocese de Mariana. (Para além, a diocese de Diamantina, criada em 1854). Comungaram 4.422 pessoas e legitimadas 24 uniões.

Queremos aqui destacar duas coisas que ajudam a compreender melhor a situação aqui no Brasil.

Na primeira noite da missão o velho vigário (oxalá os cabelos brancos fossem o sentido do homem!), depois da bênção do Santíssimo, subiu ao púlpito e pediu que, ao menos no tempo da Missão, suas ovelhas deixassem em casa suas armas, facas, espingardas, punhais, com que estavam acostumados a andar, mais por necessidade ou enfeite do que por outra causa, o que aliás fizeram. Mas, vejam outro sinal de generosidade. Muitos , parte do lugar e parte dos lugares vizinhos, para chegar à igreja tinham que

atravessar o rio de balsa, pagando 100 réis. Os padres pediram ao proprietário da balsa Sr. Caetano Mascarenhas que, no tempo da missão, diminuísse um pouco o preço. Este, espontaneamente, renunciou a todo o lucro, embora pudesse amealhar não menos de um conto de réis (em nossa moeda 600 florins). Que Deus remunere esta generosidade.

A missão em Barra do Jequitibá realizou-se de 6 a 20 de abril e, logo a seguir os missionários tomaram o rumo de Cachoeira do Campo, já nas proximidades de Ouro Preto, onde já se achavam instalados os padres Salesianos que os receberam. O padre João de Jong após narrar, com detalhes as peripécias da viagem a cavalo e declara que esta foi uma das melhores missões desenvolvidas pois, a paróquia, sob os cuidados dos Salesianos, já era costumeira na freqüência aos sacramentos.

A solenidade do levantamento do cruzeiro foi muito impressionante. A procissão foi acompanhada por três bandas de música, duas do próprio lugar e uma dos Salesianos. O entusiasmo foi indescritível. Na hora do levantamento o Hino Nacional foi tocado três vezes.¹⁵⁸

De Cachoeira do Campo, onde estiveram de 24 de abril a 8 de maio, os missionários rumaram para Santo Antônio do Rio Acima para uma missão de 8 a 15 de maio. A única informação do Padre João de Jong foi com relação ao vigário : muito velho! Comunhões, 770, legitimações : 4.

A próxima missão realizou-se em Ponte Nova, de 22 de maio a 5 de junho, onde como pode-se ler nas LITTERAE ANNALES teve êxito feliz com 24 matrimônios legitimados e 6.640 comunhões. Em Ponte Nova, três adeptos da maçonaria “*um dos quais era um dos dignatários da sociedade, voltaram a melhores sentimentos.*”

Ainda no mês de junho, de 9 a 25, os missionários estiveram trabalhando em Bicudos e , de 26 de junho a 10 de julho em Jequiri donde rumaram para Porto de Santo Antônio, hoje Santo Antônio de Pádua.

Na narrativa do Padre João de Jong, uma grande parte da população não quis saber da missão. A banda recusou-se a receber os padres na estação. Um sacerdote local, certamente de costumes questionáveis, avisou aos missionários que nada dissessem contra ele durante as missões, pois andava sempre armado.

¹⁵⁸

Carta do Padre João de Jong ao Provincial holandês datada de 4 de agosto de 1898

Pelo que se pode entender o tal padre não desejava a missão e a ausência de festividade na recepção revela a frieza da comunidade, liderada pelo padre.

Nas LITTERAE ANNALES (1898, p 55) , pode-se ler que tal padre era suspenso de ordens, mas mesmo assim exercia o ministério. O narrador afirma que duas irmãs do padre e outros familiares eram dementes e que talvez ele mesmo o fosse, pelo que devia ser perdoado.

Pela primeira vez, em Porto Santo Antônio, se vê notícias do espiritismo :

Neste lugar o espiritismo como vulgarmente é chamado, é muito seguido, principalmente por funcionários da estrada de ferro. Diariamente, 15 ou mais pessoas vêm, mesmo de longe, para serem curados de doenças e outros males.

Os resultados em Porto Santo Antônio são surpreendentes : 122 casamentos legitimados e 4.054 comunhões distribuídas o que dá a entender que os casamentos realizados pelo padre suspenso de ordens foram considerados nulos.

As missões em Porto Santo Antônio realizaram-se de 24 de julho a 3 de agosto.

Os missionários já tomavam a direção de Juiz de Fora e a próxima cidade foi Cataguases, de 4 a 18 de agosto. Não há maiores comentários ou informações além de 58 casamentos legitimados e 4.600 comunhões. Nas cercanias de Cataguases ainda missionaram Laranjal , de 21 de agosto a 4 de setembro e Vista Alegre de 22 a 30 de agosto.

A próxima jornada foi Ubá, onde os quatro missionários trabalharam de 18 de setembro a 4 de outubro.

Da missão em Ubá, a crônica relata : Ubá é um lugar de 5.000 almas, cujo número, se for contada a redondeza, deve ser dobrado. Povo bastante religioso, quase todas as boas famílias compareceram às missões. Avaliado em 7.130 o número dos que se aproximaram da mesa sagrada e erradicados 52 concubinatos. Com a chuva que durante dois ou três dias afastou grande número de fiéis dos exercícios da missão, esta, o que não raro acontece nessas regiões, se prolongou um pouco. Na noite de Sábado, 1^o de outubro, na igreja literalmente cheia, duas vezes começou um enorme tumulto : primeiro na recitação do terço cuja causa foi que uma mulher louca começou de repente o cantar o cântico muito conhecido aqui : “Com minha mãe estarei na santa glória um dia “dançando inconvenientemente e agitando os braços. Segundo: uma violenta confusão se originou depois de concluída a primeira parte do sermão sobre o casamento, que se considera um dos mais importantes e necessários. Qual foi a causa? Dois homens brigavam fora da igreja e um deles, procurado

pela polícia, escapou de quatro no meio da multidão compacta. Nesta Segunda vez um grande terror se apoderou da multidão, muito grito se ouvia, muitos se esforçavam para sair fora, crianças pisadas e mães a lamentar em alta voz. Depois de muito tempo e de muito esforço a tranqüilidade voltou e orador pôde prosseguir seu sermão. Julgou-se um milagre que ninguém tenha ficado gravemente ferido.¹⁵⁹

Nesta narrativa destaca-se a dificuldade comum nesses trabalhos por envolver multidões que nem sempre podem ser controlados face a um tumulto ou, mesmo imprevisto. Outro aspecto, apesar da ocasião, é constatar-se que o cântico “ Com minha mãe estarei ” já era popular naquela ocasião.

De Ubá, os missionários estenderam seus trabalhos ainda por Irycema, de 6 a 18 de outubro e Tocantins de 20 de outubro a 4 de novembro, quando retornaram a Juiz de Fora.

Destas narrativas dos trabalhos em 1898, dentre outras considerações já transcritas, pode-se observar que o ritmo imposto aos quatro missionários era por demais exaustivo.

Praticamente não havia tempo para o necessário repouso e mesmo até, para as necessárias reflexões e avaliações dos trabalhos. Isto nos leva a admitir que os trabalhos da última parte já encontravam os missionários exaustos . É de se admirar que ainda encontrassem forças para enfrentar uma missão importante como a de Ubá, mas não se registram reclamações ou mesmo sinais de desânimo. Entretanto é de se supor que o rendimento não pudesse ser o mesmo dos primeiros meses.

Oportuno se tornam as considerações do padre Paulo van Wayenburg, que embora não tenha participado diretamente dos trabalhos missionários e, chegara ao Brasil em 20 de junho de 1898 para substituir o então reitor da Glória, Padre Geraldo Schrauwen¹⁶⁰, cuja saúde não ia bem .

¹⁵⁹ *LITTERAE ANNALES*, p. 55

¹⁶⁰ O Padre Geraldo Schrauwen foi nomeado Reitor em Wittem e viajou de volta à Holanda no dia 24 de junho, quatro dias apenas após a chegada de seu substituto. Juntamente com ele retornou à Província belga o Padre Aquiles van Weesemale .

Note-se também que, além destes dois, outro missionário que havia chegado na primeira turma em 1894, o Padre Theodoro Helsen, já havia retornado à Inglaterra, sua Província de origem, em 25 de outubro de 1895.

As observações do padre Wayenburg constituem uma das primeiras e consistentes críticas à eficiência do trabalho missionário de forma a demandar uma inadiável reformulação de alguns procedimentos .

A carta, dirigida ao Provincial holandês, é datada de 17 de agosto de 1898, portanto com apenas dois meses da chegada do Padre Paulo van Wayenburg ao Brasil :

Não estou entusiasmado com referência ao nosso trabalho aqui. De forma alguma! Conforme minha modesta opinião , a maneira de trabalhar deverá ser mudada profundamente para que tanto esforço e tantos sacrifícios não fiquem em grande parte sem resultados.

Quando a gente se limita à leitura das cartas publicadas no “Missionário do povo” então se admira sobre os grandes resultados. Olhando porém tudo de mais perto, então o pensamento é bem diferente.

O que vou comunicar agora são os pensamentos e opiniões dos padres missionários que trabalham aqui neste ministério. Para julgar os frutos das missões temos apenas o número de comunhões. Seria mais eficiente se tivéssemos o número de confissões e de conversões, mas os padres dizem que isto é um trabalho muito difícil.

Mas mesmo que o número de confissões fosse elevado não seria um critério adequado.

Pois, primeiro, a conversão é permanente ? Quais são os frutos permanentes? Em cinco lugares foi realizada a renovação das missões e ainda que tenha sido pouco tempo após a missão, apenas num lugar onde o vigário cumpre seus deveres de vigário. (uma prova de que, antes de tudo, há necessidade de bons vigários)

Segundo, como funcionam as confissões em si ? Um dos missionários afirma que pelo menos a metade é inválida. Podemos apresentar várias razões para isto. O povo é ignorante a respeito da religião e tem que aprender tudo durante a missão. Alguns missionários declaram que a disposição antes e depois da pregação é a mesma. Coração contrito, arrependimento e bom propósito são no momento da confissão muito duvidosos. Isto se compreende em razão dos missionários, porque muitos dos sermões não são entendidos por causa do sotaque e por causa do barulho e algazarra na igreja. Na Holanda não se pode ter idéia desta situação. Muitas vezes o pregador deve interromper o sermão para pedir silêncio. Os homens saem da igreja durante o sermão – um para fumar um cigarro outro para tomar uma pinga. Muitos só ouvem um ou dois sermões e voltam para casa que é distante. Frequentemente se prega ao ar livre. Isto basta para compreender que para inúmeros a pregação não tem efeito algum. A maioria se confessa pela primeira vez na vida, fazem portanto, uma confissão geral e, entretanto, se atende, em menos tempo, muito mais gente que na Holanda. Como é possível ? Porque a ignorância é muito grande, eles não têm noção de números de anos, etc. Por causa da experiência se pergunta pouco, de modo que tais confissões são geralmente bem breves. A razão que os missionários apresentam é que eles tem de atender a tanta gente. Um missionário afirmou: Se Padre Aertnys tivesse trabalhando no ministério

aqui, então teria escrito outra moral. Entretanto, o Padre Aertnys escreveu a moral de Santo Afonso, que também trabalhava no meio das almas abandonadas. Isto dá para pensar, especialmente quando se vive nesta situação, pois é impossível compreender de longe este país e suas situações.

Acho de grande utilidade dar ao Sr. Uma idéia clara e a mais exata possível, por isso a minha grande prolixidade.

O povo, assim dizem os missionários, fazem da missão uma festa de modo brasileiro: foguetes, banda de música, flores e solenidades externas.

A causa principal da decadência religiosa e da ignorância desta gente é a falta de bons sacerdotes que os ensinem.

Enquanto faltar esta instrução religiosa o nosso trabalho ficará frustrante e sem efeito, portanto é melhor ter menos trabalho e mais profundidade.

A análise do padre Paulo van Wayenburg denota ter ele mantido longas conversas com seus confrades missionários, pois como já assinalado, havia apenas dois meses que estava no Brasil e não tinha experiência missionária no Brasil. Sua visão revela, pois, pouca experiência missionária.

Não era de se esperar que em breve contato de cinco dias de missão, o povo se transfigurasse no modelo europeu.

Vale aqui lembrar o que a respeito afirma CASTRO (2002, p..206) quando compara a inconstância da alma selvagem ao mármore e à murta quando o valor fundamental da inculturação é a troca, não a identidade a ser incorporada.

Dessa forma não se poderia esperar que o povo destes interiores de Minas Gerais apresentasse condições ideais de trabalho como se transformassem sua identidade de um dia para o outro e incorporassem aquelas existentes na Holanda.

Isso pode ter levado alguns dos missionários mencionados a uma certa impaciência e até mesmo desânimo.

A correspondência de Padre Wayenburg revela também que, até então, na Holanda ainda não se tinha uma visão correta da realidade brasileira muitas vezes distorcida pelo entusiasmo das cartas destinadas à “Volks-Missionaris ”

LEITE, em “*Os começos*”, observa:

De passagem se diga que o Padre Wayenburg não era muito otimista em sua opinião sobre as missões, ao contrário de seu antecessor, dos missionários que estavam com a mão na massa e do bispo Dom Silvério, sempre em contato com o povo nas visitas pastorais, sendo ele mesmo um homem do povo, um negro procedente das mais baixas camadas populares.

Padre Wayenburg, duplamente doutor em direito, homem de gabinete na Holanda e de cela aqui e lá, não podia evidentemente entender as missões populares, embora de certo modo o procurasse.¹⁶¹

Ao final da mesma carta, cujo trecho acima destacamos, ele informa ao Provincial sobre a situação de alguns confrades revelando detalhes resultados de muita conversa:

Padre Francisco Lohmeyer que não se sente aqui satisfeito e feliz, não quer mais pedir a sua volta para a Holanda. A sua permanência aqui, ao meu ver, é perigosa e dolorosa por causa das circunstâncias.

Padre Afonso Mathysen é bom missionário, ótimo confrade e muito apropriado para este meio, mas no seu trato com o povo e com os vigários é bastante violento e intratável. Não ousa mais mandá-lo para alguns lugares, pois recebemos ameaças.

Padre João de Jong tomou, ultimamente atitude de indiferença. Em casa demonstra muita disponibilidade para servir os outros. Conforme opinião dos missionários, ele nunca será um verdadeiro missionário.

Padre Gualter Perriens (que havia chegado ao Brasil juntamente com o Padre Paulo van Wayenburg e que, em 1912, vai se tornar o segundo Vice-Provincial) vai bem, mas não está acostumado ainda, mostrando insatisfação com sua permanência aqui.

Quanto ao Padre Simão Boddeke (também chegado há dois meses) é triste que em Roma não cuidaram melhor dele e que ele foi devolvido à Província após Ter ficado em parte psiquicamente abalado. As suas idéias são bem estreitas e não tem coragem de agir energeticamente. Espero que no ministério se livre de uma certa escrupulosidade que aqui não serve. Sofre também de desânimo, no recreio não fala ou com certa timidez. Ele toma conta dos italianos que são bem relaxados quanto aos seus deveres religiosos. As visitas domiciliares farão um bem a eles e a ele. Para o trabalho das missões nunca terá a necessária capacidade.

Tais informações deixem entrever que o novo reitor da Glória não só se preocupava com o bem estar de seus súditos mas, principalmente, com suas atividades. As informações relativas às missões deixam claro a insatisfação de alguns deles e, os inúmeros detalhes por ele referidos, somente puderam ser colhidos em longas conversas. Em tais conversas, padre Paulo van Wayenburg, atento e observador, registrava o perfil dos trabalhos e de cada um de seus participantes.

Suas críticas nunca perderão validade e, mais tarde, hão de retornar. O ponto crítico das missões será sempre a permanência de seus frutos.

¹⁶¹ J.B.B. LEITE , *Os Começos*, p. 38

Alem disso, o questionamento sobre a validade das confissões, sobre o pouco tempo a elas dedicado pelos missionários e as dificuldades resultantes da língua serão pontos muitas vezes questionados por aqueles que voltavam para a análise do trabalho.

O grande destaque que se pode dar às suas críticas consiste no fato de que não só os missionários, mas seus superiores aqui e na Holanda estavam conscientes de suas limitações.

Em carta de 12 de outubro do mesmo ano, dirigida ao Provincial na Holanda, padre Paulo Wayenburg, retoma o assunto:

V. Rev. ma jamais terá uma idéia exata das situações daqui sem vê-las de perto e ouvir, pessoalmente, os missionários. Com todo direito V. Rev. ma se admira que comigo muitos considerem as Missões , de modo geral (pois há exceções), bastante infrutíferas, então isso é porque a mentalidade não muda. Na minha carta anterior apresentei os motivos que impossibilitam a mudança de mentalidade que devia ser provocada pelas pregações, etc. Aqui acho isso realmente impossível pelo fato de que os padres pregam ao ar livre perante uma multidão de três ou quatro mil pessoas, em circunstâncias as mais desfavoráveis. Ouvi o testemunho de vigários a respeito do nosso padre Brandouw : podemos ouvir a sua voz mas nada mais (e isto foi dentro da igreja). V. Rev.ma chama “confissão já no primeiro dia ‘ um abuso’ . Também os padres aqui desaprovam isto, mas vendo o povo que vem de longe como deixá-lo esperar ? É contraproducente, pois o povo volta para casa sem ter recebido o sacramento da confissão. O número de tais confissões, no primeiro dia, parece não ser tão grande, a grande massa procura os últimos dias. Cooperar para confissões inválidas, nenhum dos padres fará conscientemente, novamente, não devemos esquecer as circunstâncias. O povo é totalmente ignorante e tem os conceitos mais tolos.

O missivista acena, mais uma vez, com a problemática referente à ignorância religiosa, à incompetência do clero em geral e à aceitação de paróquias pois, ao seu ver, somente isto garantiria a permanência dos frutos do trabalho. Quanto a isto, a direção geral da Congregação vai se opor rigidamente, uma vez que a finalidade do instituto era a pregação de missões.

O certo é que o novo reitor, revelando-se um administrador, questionou e criticou, reiteradas vezes, a maneira como se conduziam os trabalhos o que, seguramente exigira mudanças .

...Sempre deve-se repetir os quatro pontos necessários à salvação, (pecado, morte, juízo, inferno) muitos não têm noção

alguma de número e espécie de pecados, freqüentemente nem sabe a própria idade. Quanto ao pecado, existe a maior ignorância até no meio dos intelectuais. Até o mais civilizado fica surpreso quando se diz que o casamento só no civil não é casamento, é pecado. Se, por qualquer motivo que seja, se protelasse para muitos a confissão, então, ao meu ver, poderíamos esperar conseqüências desagradáveis pois, ainda que o povo seja bom, não se deixa por isso tratar com facilidade e aqui todos ficam logo ofendidos.

Também a questão da comunhão freqüente, geralmente isto acontece contra a vontade dos padres. O povo nem consulta aos padres para saber se isto é permitido ou não, pois um tal pensamento nem surge na cabeça deles. Falar contra isso ou desaconselhar provocaria um mal-estar a respeito dos padres. Para mostrar mais uma vez o pouco conhecimento das coisas religiosas, muitas vezes os padres devem, na hora da comunhão, avisar novamente que não se deve sair da igreja logo após a comunhão.

Estamos plenamente de acordo com V. Rev. ma que muita instrução religiosa seja a exigência mais necessária. Sua idéia de não estender demais a área das missões me parece ser muito prática e útil. Entretanto, ambos os consultores como eu responderiam : ‘Aqui não devemos pensar em renovações pois o povo não compreenderia porque voltar para o mesmo lugar, isto faria o povo perder a cooperação. O povo é entusiasta, mas seu entusiasmo passa logo, esfria e muda.

Tal característica, também destacada por KARNAL (1998) como própria dos ameríndios, é ao meu ver, uma característica da alma humana em todos os quadrantes e dobras da história, não constituindo-se pois, marca identificadora do povo mineiro.

Desde os primeiros tempos do cristianismo os cultores da espiritualidade como São Bento e os que se inspiraram em sua regra, pregam a perseverança, pois há um tendência natural na alma humana de esmorecer e arrefecer o fervor espiritual.

A afirmação do Padre Wayenburg parece desconhecer que isso também aconteceria na Holanda.

Não fazer renovações contrariava o espírito do fundador que prescrevia explicitamente a renovação nas Constituições e Regras.

... Justamente a instrução contínua e constante me faz ficar a favor da aceitação de paróquias. Deste modo poderá haver mais cuidado das almas e uma conservação dos frutos. Pois, Padre Provincial, durante as missões são realizados casamentos em grande número e isto parece ser muito bonito, mas, porque aqui o adultério é um grande mal, muitos esposos depois se tronam infiéis. Por isso, há entre nós uma discussão se todo esse negócio de casamento durante as missões seria realmente desejável. Os Padres Lazaristas não fazem casamentos durante as missões. Entrementes, se torna cada vez mais evidente que é necessário acompanhar constantemente o povo, o que está acontecendo por falta de sacerdotes ou por vigários que não cumprem seus deveres . Este mal poderia ser afastado por nossas paróquias. Para nós é

impossível conseguir logo um número suficiente de vigários, mas é melhor poucos que são bons do que nada. Insisto, mais uma vez, no envio de padres bem preparados, idôneos para todos os trabalhos e fortes. No que diz respeito aos irmãos é necessário que sejam mandados dois organistas, pois aqui música é importante e um padre para o coro é inconveniente.

A aceitação de paróquias conforme defendida pelo missivista não seria tão simples pois isso contrariava o ethos da congregação. Como podemos nos lembrar a carta do Padre Tiago Meeuwissen, provincial à época da aceitação da missão, dizia explicitamente que não aceitariam paróquias e se dedicariam unicamente às missões.

O Provincial da Holanda, à época destas cartas era, novamente, o padre Jacob (Tiago) Meeuwissen e, ao que parece, estava mesmo interessado no sucesso dos trabalhos e acreditando no êxito das missões. Entretanto, era necessário uma adaptação dos métodos à realidade brasileira.

Agora que se conhecia melhor a realidade brasileira o melhor seria examiná-la, como Provincial, de perto.

Por isso a visita do próprio Provincial ao campo de trabalho não se faria esperar.

Enquanto nada se resolvia de concreto, o ano de 1999 iniciou-se e com ele as jornadas missionárias.

O primeiro relato missionário desse período é de autoria do padre João de Jong que ao iniciar sua correspondência, datada de 02 de março de 1899, faz referência ao Padre Júlio Maria, sobre quem mais à frente nos deteremos . A carta, pela data, é anterior ao período das missões que iniciar-se-á a 4 de março e, portanto, relata atividades realizadas durante o recesso missionário :

Durante a Quaresma iremos novamente celebrar missa na matriz da cidade (Juiz de Fora), mas a pedido insistente do Doutor Padre Júlio Maria não pregaremos. O motivo deste pedido é que o padre Júlio mesmo, prega três vezes por semana e receia que preguemos sobre o inferno antes de pregar sobre o pecado mortal! Talvez receie mais que incidamos nas suas próprias matérias. O Bispo, que por acaso ficou a par, não gosto nada disto. Na noite de anteontem , o Padre Perriens e eu fomos assistir a essa prédica. Não ficamos muito satisfeitos. Em primeiro lugar, em vez de um sólido sermão, ouvimos apenas uma instrução muito simples de uns quinze minutos, que o pregador proferiu sentado. A matéria era a má leitura, especialmente dos maus jornais diários, que não é exatamente matéria de instrução. O Padre Júlio falava tão baixinho que só com dificuldade podíamos ouvi-lo, perdendo a metade das

palavras. Isto foi tanto mais lamentável, porque havia muita gente na igreja e talvez a quarta parte do auditório entendia sua palavra. Após a celebração o vigário comunicou-nos que os verdadeiros sermões eram feitos aos domingos. Vou ver se posso, num dos domingos próximos, ouvir um dos oradores mais célebres do Brasil.

Nesse trecho o autor deixa entrever uma pontinha de despeito por aquele que mais tarde, após grande resistência por parte dos superiores holandeses, vai abraçar a Congregação do Santíssimo Redentor e com isto, tornar-se o primeiro padre redentorista brasileiro.

Os padres Lohmeyer, Mathysen e Pedro Beks pregaram durante oito dias um exercício em Vila Nova (Nova Lima) e com ótimos resultados. Número de comunhões 3.500. O Sr. Talvez se lembre de que ali já houve missão e renovação. Alguns sacerdotes dos arredores e Fr. Sebastião, o Franciscano de Sabará, ajudaram nas confissões. O último nos mandou novamente uma caixinha de mangas deliciosas.

De 29 de janeiro a 4 de fevereiro fui com o Padre Lohmeyer a São José (Tiradentes) para pregar alguns dias em honra do Sagrado Coração.

A este passeio estão ligadas algumas aventuras possíveis só no Brasil.

Domingo de manhã, às 2 hs. Estávamos no altar para poder partir no noturno do Rio. Este chegou na hora exata, de modo que partimos às 15 para as 3 da manhã. Chegamos em Sítio (Antônio Carlos) às 5 e meia da manhã e esperávamos fazer logo a baldeação mas, foi uma decepção pois o trem indicado não viajava aos domingos e tivemos que esperar até às 5 horas da tarde. Visto que Sítio conta, quando muito, apenas com ruas sujas, então não havia outro jeito senão de instalarmos num hotel, no qual conseguimos, por muito dinheiro, o café e o almoço, ambos ruins, e passar o resto do dia lendo! Por causa disso chegamos a São José (Tiradentes) só de noite., onde conforme o costume fomos recebidos com música e pipocar de foguetes, pelo vigário e grande multidão de gente. Logo fomos à matriz na qual o padre Lohmeyer fez a abertura do exercício e depois fomos para nossa casa.

Tiradentes, assim se chama a cidade agora, com o nome de um revolucionário mal afamado que no século passado foi enforcado¹⁶² e que nasceu em São José – evidentemente antes do enforcamento – é uma cidade antiga e decadente, com 6.000 habitantes, dos quais somente 1.800 moram no centro. A igreja é uma das maiores e mais ricas de todo o Estado de Minas, pela abundância de prata e do intensivo dourado de todos os altares. Ali há uma lamparina do Santíssimo, de prata e candelabros prateados, dos quais os de Wittem quase não chegam a ser bisnetos. A igreja toda é pintada como também a sacristia e capelas laterais. Para o Brasil as pinturas não são ruins, é

¹⁶² Desde o início da República o alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, e outros inconfindentes, passaram a ser vistos como heróis pela historiografia oficial. Estamos no ano de 1899, quando a atual cidade de Tiradentes ainda chamava-se São José Del Rei e a peja de “revolucionário mau afamado”, que persistira ao longo do Império, ainda não havia de todo desaparecido.

notável que as cores estejam bem conservadas. Aqui vi também um órgão de tubos, o qual produz um som bastante bom, mas deseja ardentemente ser afinado. Tem 10 registros, mas apenas um teclado e não tem pedaleira. Durante nossa permanência fomos surpreendidos com a visita de um holandês chamado Ernest Gulickers, de Maastricht. É um homem bom, bem comportado e que se aplica, em especial, ao cultivo de uvas, que é ultimamente o mais praticado. Está chegando um movimento em favor da policultura, pois o café dá pouco lucro e o solo, sendo bem cultivado, pode produzir tudo. Uma outra particularidade de Tiradentes : a parte ocidental da cidade está totalmente cercada por uma serra colossal a qual se levanta perpendicularmente até à altura de 100 metros e se estende num comprimento de mais de uma légua. Ao entardecer isto dá à cidade uma visão fantástica. Mas agora o nosso retorno.

No Sábado, uma multidão de gente nos acompanhou até à estação de onde partimos às 2 hs. Da tarde, no trem denominado Mixto ou, um trem em parte para carga e em parte para passageiros. Tudo corria bem até a última estação antes de Sítio, onde o trem ficou manobrando durante muito tempo até que os dois vagões de passageiros fossem colocados logo atrás da locomotiva. Ficamos com a pulga atrás da orelha. Finalmente partimos em plena velocidade, mas depois de andar uma meia hora, o trem diminuiu a velocidade e parou. Então andou uns dez minutos em marcha à ré e depois para frente para, novamente, ficar parado de vez. A locomotiva não conseguia subir a ladeira por causa da carga pesada. Mas, foi logo dado um jeito e deixaram metade do trem na via férrea e a outra parte continuou a viagem. Após uns quinze minutos de viagem houve outra parada pois o vapor tinha insuficiência de pressão. Talvez o foguista tinha dormido um pouco. Finalmente pudemos continuar a nossa viagem debaixo de uma chuva tremenda de faíscas da locomotiva., de modo que as janelas deviam sempre ficar fechadas para não ser queimados vivo. A consequência de tudo isso foi que chegamos em Sítio com hora e meia de atraso, mas ainda a tempo para poder viajar com o noturno do Rio de Janeiro, de modo que chegamos às 11 horas da noite na estação Mariano Procópio.

Pela falta de cuidado do nosso sacristão, cujo retrato você já viu, não tinha uma carruagem na Estação, de forma que tivemos de subir o Morro escorregadio debaixo de uma forte chuva e com a mala na mão.

A narrativa destas atividades, realizadas no período de recesso das missões, reveste-se de um cunho descontraído caracterizando-as, como bem diz o autor, como um “passeio”. Era como se os missionários estivessem descansando e aproveitando as férias para alguma atividade que quebrasse a monotonia dos dias no “Morro”, como referiam-se ao convento da Glória.

Os trabalhos missionários de 1999 iniciaram-se, efetivamente, no dia 12 de março com a renovação das missões em Cachoeira do Campo. Os relatos missionários desse ano são poucos e mesmo as LITTERAE ANNALES são bastante sucintas. Nesse ano passa a integrar a equipe os padres Henrique Brandouw e Gualter Perriens que, juntamente com os padres Paulo Wayenburg e Simão Boddeke havia chegado ao Brasil no ano anterior.

O autor das LITTERAE ANNALES inicia a narrativa pela missão em “Rótulo” que realizou-se de 17 a 30 de março .

O ano de 1999 encerra as narrativas missionárias das LITTERAE ANNALES. O autor inicia dizendo : “*relatamos pouco para não aborrecer os leitores com coisas repetidas.*” Entretanto, alguns detalhes sobre a missão em Rótulo e na capela dos arrabaldes, “Pau Grosso”, parecem-nos interessantes:

Habitantes bem atrasados, mas de boa vontade, moram dispersos. Nada se vê que possa lembrar um povoado ou uma praça. A igreja, difícil de acreditar, não tem assoalho, nem púlpito, nem sacário. Foi necessário que o missionário levasse castiçais, incenso, vinho e hóstias. A mesma glória e riqueza na casa que os missionários habitaram . Um único quarto sem tábuas, somente telhado, acolheu dois padres que, à noite, ficavam separados por uma cortina tão transparente que, como bandeira, flutuava de um lado para o outro. O cubículo era também separado por uma cortina da sala de jantar onde, tarde da noite, homens se apinhavam e crianças soluçavam. A entrada era franca para os porcos, cachorros e frangos que usavam dessa hospitalidade sem nenhuma timidez. Ninguém jamais encontrou uma convivência tão fácil e agradável nem mesmo na arca de Noé. Contudo, nem uma tempestade terrível, nem chuvas torrenciais impediram que os numerosos fiéis viessem por caminhos intransitáveis, pela manhã e à noite, ouvir as pregações.

Se quiseres saber onde tantos peregrinos se abrigavam : umas 50 pessoas se alojavam na cozinha, nos corredores e no paiol. E por não encontrar número suficiente de moradias, muitos pernoitavam no mato vizinho à igreja. Colhiam ramos frondosos que usavam como abrigo. No meio desses casebres faziam um rústico fogão que esquentasse os corpos, preparasse comida e o café. Assentados ao redor do fogo, se chegava o missionário, saudavam-no amigavelmente e lhe serviam com simplicidade um copo de café. Aumentando a chuva, procuravam, a igreja como refúgio e se estendiam nas tábuas que estavam sendo assentadas naqueles dias. Deus, benignamente, derramou graças sobre esta missão , ‘superabundou alegria em toda a nossa privação’ afirmou o missionário.

Com poucos detalhes, o narrador ainda refere-se às missões em Ribeira de Jabuticatubas, Espera (Rio Espera) e Almeida do Ribeirão (Córrego dos Almeidas).

Em Almeida do Ribeirão, o narrador descreve a construção de um cemitério, pelos missionários:

Um fato inédito até agora nas Missões é o que vamos descrever, um cemitério e sua construção. Quando o ferro está em brasa é que é a hora de malhá-lo. Geralmente o cemitério é murado de pedras que homens, mulheres e crianças, à porfia, transportam em suas cabeças. Em Almeida o muro foi feito de barro. Durante 5 dias de 10 da manhã às 5 da tarde,

via-se uma enorme multidão de mulheres, com vasilhas na cabeça, descendo à fonte para buscar água. Os homens misturavam o barro com capim e construíram um muro de modo que, após seis dias, o cemitério foi fechado e intransitável a porcos, cachorros e cabras que por ali vagavam livremente. Com a aprovação do povo o vigário de Ribeirão benzeu o cemitério.

A última informação das LITTERAE ANNALES sobre o trabalho missionário refere-se a Macaúbas onde, anualmente os missionários pregavam exercícios espirituais:

O Mosteiro de Macaúbas, edificado às margens do Rio das Velhas é, com razão, enumerado entre os monumentos da Província de Minas gerais. No ano de 1715, isto é, trinta anos antes de Bento XIV criar a diocese de Mariana, teve origem o mosteiro. Pode-se dizer que é o primeiro mosteiro de Minas gerais e, talvez, de todo o Brasil, enquanto completamente brasileiro em todos os sentidos. Os outros religiosos quase todos são originários da Europa.

As monjas, 36 coristas e 12 serventes, não fazem votos, mas observam a clausura e a vida comum, de modo que, durante o tempo em que vivem em comunidade, estão sujeitas à superiora e não podem, sem licença dela, dispor de seus próprios bens.

Vigora no Mosteiro a Adoração perpétua. Dia e noite, ao menos duas freiras permanecem ajoelhadas diante do Santíssimo. Cuidam de um colégio de 50 a 60 moças. Neste mosteiro, no dia 14 de janeiro de 1856, faleceu Irmã Germana, em odor de santidade e glorificada por estigmas. O reitor do mosteiro, homem insigne, muito se dedica a escrever livros e traduziu do italiano a vida de Santo Afonso e nos propôs uma fundação perto do mosteiro.¹⁶³

Segundo relação constante da página 58 das LITTERAE ANNALES, em 1999 foram pregadas missões em 27 localidades, das quais a maior realizou-se Queluz, Lafaiete, de 20 de junho a 5 de julho.

De todos estes trabalhos não há maiores relatos. Apenas o Padre João de Jong, em carta datada de 17 de dezembro de 1899, refere-se a alguns deles :

Trabalhamos em dois lugares ao mesmo tempo. Nas paróquias maiores com três, nas pequenas com dois. De vez em quando, em determinados lugares, com cinco, isto é, com todos os missionários disponíveis. E qual o resultado prático das missões ? Mais pessoas assistirão a santa missa aos domingos, menos pessoas comerão carne mas sextas feiras pessoas bem casadas ficarão no bom caminho. Isto dá para animar ou desanimar ? Todos estão convencidos de que devemos dar continuidade às missões e, se for possível, com

¹⁶³ O referido capelão era o Padre Joaquim Silvério de Souza que, mais tarde, foi sagrado bispo de Diamantina. Traduziu a vida de Santo Afonso de autoria do italiano Julio Barberis e “*As mais belas orações de Santo Afonso*”, a que já nos referimos.

maior número de missionários. Chegaram novos missionários e estão se preparando para o combate. Eles dão muita esperança.

Quanto à abstinência de carne nas sextas feiras para o ano haverá uma mudança. A abstinência será limitada às sextas feiras da Quaresma, Quarta feira de cinzas, Quinta feira santa e mais alguns dias de Vigília. Os dias de jejum serão as quartas e sextas feiras da Quaresma, as sextas feiras do Advento e talvez mais cinco outros dias. Assim tudo ficará mais fácil.

Em Piranga (missão realizada de 17 de setembro a 1º de outubro) a comunhão geral dos homens ao ar livre provocou belíssima impressão pois, um grande número de homens cercava, em várias rodas, o altar. Outra solenidade impressionante em Piranga : a reconciliação de toda a paróquia com o vigário, um homem muito religioso, mas ardente de forma que por suas invectivas violentas e, às vezes, pessoais, afastaram muita gente de si mesmo. A solenidade realizou-se no dia da Comunhão das crianças ao ar livre. Naquele dia, o vigário entrou quinquagésimo ano de seu sacerdócio. Após a missa, o vigário foi convidado a sentar-se numa cadeira que estava colocada numa posição bem alta para que pudesse ser visto por todos que estavam na praça. Primeiro houve discursos de três sacerdotes diocesanos elogiando as qualidades e virtudes do vigário. Após os discursos todos os padres deram um abraço no vigário, depois disso, chegaram os meninos e as meninas para tomar a bênção dele. Após isto, o vigário tomou a palavra falando em perdão, mas o povo respondia em coro : não há nada a perdoar. Finalmente se apresentaram o prefeito com alguns vereadores e o juiz para homenagear o vigário. Foi preciso terminar a solenidade com certa insistência para que o vigário não desfalecesse de tanto cansaço e emoção .

A narrativa do Padre João de Jong está bastante distante do entusiasmo constatado em cartas anteriores.

O silêncio das cartas sobre o ano missionário é emblemático. Afinal, foram pregadas 27 missões em novas localidades e três renovações.

Localidades de certa importância como, Itabira, Congonhas, Queluz, Ouro Branco, Lamim, Rio Espera e Piranga, missionadas pela primeira vez, não mereceram qualquer destaque.

O que teria acontecido ?

As conversas com o novo reitor, padre Paulo Wayenburg teriam desencadeado um certo desânimo na equipe ?

Alguns missionários e, dentre eles, o padre João de Jong, já há muito, deixavam transparecer uma certa descrença no trabalho.

Cada dia mais fazia-se necessária a presença do Provincial para avaliar os trabalhos, dar-lhes novo ânimo e nova direção, bem como, para decidir sobre uma nova

fundação, pois o convento da Glória já não comportava a comunidade, agora com 8 irmãos leigos e 14 padres.¹⁶⁴ (três irmãos e cinco padres haviam chegado em 1899).

A visita finalmente aconteceu e as crônicas da Vice-Província assinalam que : “*O motivo principal da vinda do Padre Provincial foi a preparação para uma Segunda fundação .*”

Também o cronista do “*PER QUINQUE LUSTRA*” dá a entender que o motivo da visita deveu-se à polêmica relativa à aceitação ao não de paróquias na escolha de uma nova fundação. Ao que parece o assunto das missões sequer foi debatido.

Nas discussões sobre o assunto (aceitar ou não paróquias) era necessário que se tratasse do sustento dos padres que, para os Srs. Bispos e também para os nossos, só poderiam advir dos “*jura stolae*”. Ninguém se admire de que o Revmo. Reitor-mór tenha-se oposto terminantemente à aceitação de paróquias, levando-se em conta o que as nossas Constituições dizem a respeito. Mas, tanto foram os argumentos de parte a parte que, afinal o Revmo. Padre Mathias Raus (O Padre Geral, ou Reitor-mór) deixou a decisão ao Padre Provincial que, em viagem ao Brasil, investigaria melhor o assunto. Reunido o conselho, decidiu fazer a viagem e trouxe como companheiro o Padre José Deckers.

No dia 15 de setembro de 1899 o Provincial, Padre Tiago Meewissem, com seu sócio (Padre José Deckers, professor de Teologia Moral em Wittem) chegou a Juiz de Fora e, feita a visita canônica, visitou ou mandou visitar vários lugares em que pudesse fundar uma nova casa. Depois de avaliar tudo, convenceu-se de que não havia lugar para fundação que pudesse dispensar os emolumentos paroquiais.¹⁶⁵

No dia 24 de outubro os visitantes retornaram à Holanda e o Provincial transmitiu ao Geral suas conclusões sobre uma nova fundação no Brasil.

Inicialmente a decisão foi por São João Del Rei, onde lhes havia sido oferecida a paróquia do Pilar.

Como não houve simpatia por parte do vigário interino, Padre Pimentel, a escolha finalmente veio a cair em Belo Horizonte que, no dia 23 de janeiro de 1900, tornou-se a segunda casa redentorista em Minas Gerais e um novo centro missionário.

¹⁶⁴ No dia 6 de maio de 1899 chegaram da Holanda os padres : José Goossens, Francisco Severeens, Tiago Boomaars, Guilherme Peters e Geraldo van Deursen . Além deles, chegaram mais três irmãos leigos, Pedro Bergh, Lucas Kersten e Bruno Hommelberg.

¹⁶⁵ *PER QUINQUE LUSTRA* , p. 17

2.2 – Novos campos

A visita canônica de 1899 e a fundação do convento de Belo Horizonte, em 1900, trouxeram um novo ânimo aos missionários. Agora, as equipes divididas poderiam abarcar um território maior e trocar experiências de forma a tornar o trabalho mais rico e as críticas mais consistentes.

A nova comunidade instalou-se em Belo Horizonte no dia 26 de janeiro de 1900, tendo como Reitor o Padre Pedro Beks. Além do reitor, para Belo Horizonte foram transferidos os padres Francisco Lohmeyer, Afonso Mathysen, João de Jong e os Irmãos Felipe e Doroteu.

Provisoriamente a comunidade fixou residência em uma casa na Rua dos Carijós, alugada por cem mil réis ao mês ao senhor Cândido Lúcio da Silveira. A construção do convento atual deu-se em 1902 e os padres neles se instalaram no dia 9 de dezembro daquele ano.

Em Juiz de Fora permaneceram, sob a direção do padre Paulo Wayenburg, os padres Mathias Tulkens, Simão Boddeke, José Goossens, Tiago Boomaars, Henrique Brandouw, Gualter Perriens, Geraldo van Deursen, Severino Severens, Guilherme Peters e os irmãos Vitus, Gregório, Sebastião, Pedro, Lucas e Bruno.

Neste ano de 1900, as missões estiveram quase somente a cargo da equipe transferida para Belo Horizonte. Os missionários mais experientes, os pioneiros como Padres Francisco Lohmeyer e Afonso Mathysen, haviam sido transferidos para a nova fundação e aqueles residentes em Juiz de Fora ainda não se achavam suficientemente seguros para conduzir, sozinhos, os trabalhos.

Segundo informações constantes das páginas 41 e 53 do PER QUINQUE LUSTRA, em 1900 não se registram missões pregadas pelos padres da comunidade de Juiz de Fora mas, alguns deles participaram das missões dirigidas pelos missionários da comunidade de Belo Horizonte. Dessa forma, somente há registro de trabalhos missionários na comunidade de Belo Horizonte : foram pregadas 23 missões, 3 pequenas missões e 4 renovações.

A partir do ano de 1900 não se encontram informações sobre o roteiro dos trabalhos e somente através de correspondências esparsas podem-se identificar as cidades percorridas.

Sobre os trabalhos missionários de 1900, temos algumas poucas informações através de cartas dos padres Guilherme Peters e Geraldo van Deursen que, embora adscritos à casa de Juiz de Fora, participavam das missões lideradas pelos padres Francisco e Afonso, de Belo Horizonte.

Ambos haviam chegado ao Brasil no ano anterior e, portanto não deviam dominar bem a nova língua e, em muito, haveriam de estranhar os costumes brasileiros.

O padre Guilherme Peters, em correspondência dirigida ao Padre Provincial, datada de 25 de outubro, considera o trabalho missionário um trabalho eminente e afirma seu grande amor às missões. Em razão desse amor apresenta várias críticas ao trabalho de que participou, não por causa das dificuldades enfrentadas mas, pelo comportamento de certos confrades.

Reclama especialmente contra as rápidas e descuidadas confissões e a pouco respeitosa distribuição das comunhões. Afirma que desta forma não pretende participar dos trabalhos, pois as missões não podem se medir pelas festividades e solenidades de recepção e despedida dos missionários.

A crítica é inteiramente procedente no que se refere às confissões rápidas e descuidadas e isso, como já afirmamos será um ponto sempre lembrado o que revela a importância desse momento no trabalho missionário. Afinal era na confissão que se colhiam os frutos da missão.

Seu colega, Tiago Boomaars, também em suas primeiras experiências missionárias no Brasil, é pouco mais entusiasmado sem deixar expressar severas críticas ao clero secular e ressaltar que as dificuldades no Brasil exigiriam dos que viessem da Holanda que fossem quase super homens !

Escrevendo ao Reitor de Wittem, de Carmo do Cajurú, em 12 de julho de 1900 afirma:

O Vigário é um santo, justamente o contrário de tantos outros que encontramos por aqui. O ex-vigário de Juiz de Fora casou-se no civil e passou para os Metodistas. Nas missões deparamos com muitos dessa qualidade. Na missão anterior o filhinho do vigário fez a primeira comunhão, Todo mundo sabia da vida irregular do vigário com uma mulher casada, agora

viúva. E quando ele se apresenta com uma piedade fingida a minha alma ferve e se excita! O meu coração se angustia quando o vejo no altar ou quando eu subo ao altar logo após a missa dele. Tais pessoas não se deixam aconselhar por ninguém. Em São João Batista o vigário é ruim, assim diz o povo.

Conviver nas missões com tais sacerdotes é uma verdadeira cruz amarga. O que será nas mãos deles dos copiosos frutos das missões ?

As missões realizam um bem imenso! Quantos pecados perdoados e quantas uniões ilícitas legalizadas ! Quantos separados se uniram novamente! E os separados são a maior fonte de corrupção pois a mulher separada é quase sempre uma mulher de vida e o marido dela um caçador de prostitutas.

Tantas confissões bem feitas demonstram que o bem que fazemos é incalculável. A fé é confirmada, a moral é promovida ou restaurada, a religiosidade fortificada, colocamos uma barreira contra a incredulidade, a superstição e a heresia. Se permanecer 10% daquilo que realizamos então valem todos os sacrifícios que agora estamos fazendo. Nosso serviço não é brincadeira Também para os mais experientes a língua portuguesa é uma cruz! Quanto mais para os novatos! Em parte alguma temos quartos convenientes. Sempre trabalhamos até após o sermão da noite. Sempre lidamos com um povo extremante ignorante. Nunca estamos sozinhos, na hora das refeições há sempre uma turma de expectadores espiando a gente, sempre visitas de pessoas que nada têm para dizer. É duro receber esmolas de pobres. Os últimos dias constituem uma verdadeira cruz por causa de tudo isso.

Estou me sentindo feliz aqui. Espero ganhar algo para o céu. Trabalhando e sofrendo neste mundo. Aos padres que são fortes, piedosos e otimista posso *recomendar o Brasil. Mas a quem faltar um das três qualidades, então não servirá para este país que tem tantos obstáculos.*

P.S. Os dois mais ricos fazendeiros daqui são filhos de um padre(do vigário anterior). Um destes raptou, já faz tempo, uma mulher que agora é amante do vigário atual. Tais histórias encontramos em toda parte. Só aquele que trabalha aqui sabe como é terrível a corrupção.

Em outra carta, datada de 30 de julho, dirigida aos seus dois irmãos padres e redentoristas na Holanda, o mesmo autor fala da dureza do trabalho nas missões, descreve as dificuldades das viagens de até 10 horas a cavalo, as festividades de chegada dos missionários com foguetes, cavaleiros, flores, banda de música, discursos, procissão de virgenzinhas, cânticos e chuva de papel picado...

Descreve também a casa onde ficaram hospedados, janelas sem vidros, a curiosidade do povo para espiar os missionários nas horas das refeições, a precariedade ou total ausência de instalações sanitárias e o pessoal da cozinha que chama de “mulheres pretas imundas”... o que sem dúvida revela claro preconceito racial.

Ainda o mesmo Tiago Boomaars escreve ao Provincial em 11 de setembro, da cidade de Campo Belo:

O trabalho das missões me agrada muito, podemos fazer um bem imenso a custo de muitos sacrifícios, portanto teremos muitos merecimentos. Cada missão aqui tem suas particularidades e por isso devo participar de muitas antes de poder ter uma idéia completa . Peço portanto, que certos pronunciamentos meus sejam considerados como primeiras impressões.

As missões das quais participei até agora foram muito boas, algumas até brilhantes. Aqui, porém, em Campo Belo, é uma decepção amarga. De manhã a assistência é fraca, de noite mais ou menos, confissões relativamente poucas, hospedagem e comida péssimas. A comida é mal preparada! Mas estamos contentes, pois Deus nos recompensará !

Como se pode depreender, apesar do entusiasmo inicial, o missionário não despreza a autocrítica.

O ano de 1900 foi um ano que, com a nova fundação, propiciou uma revisão nos trabalhos. Os padres novos por certo colocaram suas críticas e pode-se dizer que a partir de 1901, surge não só um novo campo de trabalho, mas também um modelo mais adaptado de trabalho.

Ao iniciar a jornada missionária de 1901 são criadas duas equipes missionárias, uma liderada pelo Padre Francisco Lohmeyer, transferido para Juiz de Fora e outra em Belo Horizonte, cujo mestre era o Padre Afonso Mathysen.

Na ausência de um relatório sistemático, o recurso às correspondências poderá dar-nos uma impressão mais próxima dos trabalhos.

Padre Geraldo van Deursen, que fazia parte da equipe missionária de Juiz de Fora, liderada pelo Padre Francisco Lohmeyer oferece-nos algumas informações sobre os trabalhos daquele ano.

Em carta, datada de 18 de agosto de 1901, escrita na localidade de São Roque e dirigida ao Padre Reitor da Glória, afirma :

Quando V. Rev.ma receber esta carta o seu grande retiro estará quase no fim. Durante esse tempo rezo por V. Rev.ma , enquanto tiver tempo no meu rosário pois, como V. Rev.ma afirma, o reitor no Brasil, mais do que alhures precisa de uma iluminação especial do Espírito Santo, em especial quando se trata de certas coisas e de pontos importantes concernentes a medidas, decisões e mudanças, além disso, afirmar e conservar o vínculo mútuo de amor fraterno e de tolerância entre si. Certamente V.Rev.ma já experimentou isto na sua curta permanência aqui, pois apesar de toda a beleza que a natureza brasileira oferece, não faltam os espinhos. Após este percurso de missões espero comunicar pessoalmente a V. Rev.ma várias impressões e opiniões a respeito de certas coisas... Antes de tudo deve ser afirmado que minha opinião quanto aos

frutos salutarés., o bem imenso das missões ficou a mesma do ano passado, não modificou. Na turma do Padre Afonso e na turma do Padre Francisco tudo ficou no mesmo, em linhas gerais, salvo algumas coisas secundárias. Portanto posso conservar as minhas impressões e reações que, no ano passado manifestei ao Padre Provincial.

É muito clara a preocupação do missionário com o sistema de trabalho desenvolvido. Para ele não aconteceram mudanças significativas, “*salvo algumas coisas secundárias*”.

Em outra carta, escrita de Arcos, em 5 de outubro de 1901 e também dirigida ao Reitor da Glória, além de oferece-nos um pouco do roteiro dos trabalhos, deixa entrever uma nova impressão sobre os trabalhos :

Aqui estamos sofrendo de muito calor. V.R. compreende que nesta situação ouvir confissões se torna muito cansativo pra o homem natural. Graças a Deus o trabalho foi bem abençoado por Ele. Que das nossas missões jamais se diga ; ‘os frutos não são permanentes’ ou ‘o povo recai logo após nos mesmos pecados!’. Repetidamente se manifesta o contrário. Certamente muitos recairão mas, isto também não acontece na Holanda ?

Além disso reencontramos aqui, freqüentemente, pessoas que já se confessaram nas missões de Pimenta, Perobas, etc. e então descobrimos que desde aquele tempo das missões não cometeram mais um pecado mortal ! Isto já faz dois ou três meses. Portanto, mais uma prova da fecundidade das missões. No tempo das renovações dentro de um longo ou curto prazo, os frutos serão mais abundantes .

Pela primeira vez faz-se uma correlação explícita entre o trabalho missionário no Brasil e na Holanda e, até mesmo sobre a própria natureza das missões. O autor constata que é da própria natureza do ser humano reincidir em erros e isso não invalida o trabalho de reforma dos costumes.

A carta informa-nos ainda sobre missões em Arcos, Pimenta e Perobas.

Em 3 de novembro do mesmo ano, dirige-se o missivista ao Provincial :

Quanto mais passo a conhecer as situações e hábitos do povo brasileiro, tanto mais fico convencido do grande valor do nosso trabalho num campo fecundíssimo, no qual, por assim dizer, nos confrontamos com a Nápoles dos tempos de Santo Afonso. Mas aqui o campo é muito maior o que, conseqüentemente exige mais sacrifícios.

A seguir o missionário revela o espírito apologético e estreito da época com relação ao protestantismo:

Nas nossas missões já conseguimos conhecer mais de perto as atividades dos Metodistas. Um monte de bíblias e escritos protestantes foram condenados à destruição na fogueira. Em toda região que nós visitamos, o protestantismo recebeu um golpe bem forte.

Na verdade o procedimento que hoje repelimos era comum na época onde os alvares do ecumenismo ainda estavam distantes.

Analisando os dirigentes das equipes missionárias, o autor reconhece que ambos conseguem obter grande sucesso. Reconhece que o Padre Francisco tem um jeito especial para relacionar-se com o povo, organizar procissões e solenidades. Além do mais, sua maneira de ensinar catecismo às crianças e adultos é de grande talento.

Já ao Padre Afonso é um tanto agressivo e não tem tanto tato para lidar com o povo, “é muito bravo”.

Há uma clara insistência com o Provincial da Holanda no sentido de que se dê à missão do Brasil maior autonomia .

Dessa forma as mudanças necessárias poderiam ser efetivadas em menor tempo e não dependeriam tanto da distante Holanda, distância física e distância da realidade brasileira.

Na outra equipe, sediada em Belo Horizonte e liderada pelo Padre Afonso Mathysen, encontramos informações nas freqüentes correspondências do padre Tiago Boomaars dirigidas ao Reitor da Glória e ao Provincial da Holanda.

Dirigindo-se ao Provincial, afirma em carta datada de 7 de junho de 1901:

Desde o mês de março, 7 missionários estão pregando missões. Fomos divididos em duas turmas. As nossas, menos uma, tiveram pleno êxito. No início do mês de julho as tropas disponíveis entrarão novamente em campo. Desta vez iremos até os últimos limites da Diocese de Mariana, quase na divisa com o Estado de Goiás.

Em 1º. de julho, início dos trabalhos, escreve ao Reitor da Glória:

Finalmente chegamos a Dolores do Indaiá. Foram 20 horas de trem até Henrique Galvão onde ficamos duas noites e um dia por falta de condução. Na véspera de São Pedro e São Paulo tivemos umas trinta confissões e às cinco horas da manhã continuamos a nossa viagem de 7 horas de trem até Abadia onde chegamos à tarde e encontramos os cavalos prontos para Dolores, uma viagem de 7 léguas. Montamos às 2.30 da tarde e apeamos em Dolores

às 15 para as nove da noite! O povo, nessa hora avançada da noite, não nos esperava mais mas, 15 minutos antes da chegada foi avisado por um portador que mandamos à frente e todos se ajuntaram para dar-nos as boas vindas com foguetes, etc. Acompanhados pelo povo fomos até à igreja onde o Padre Afonso deu os avisos.

Depois disso fomos para a casa de hospedagem acompanhados pelo vigário e pelo povo. A hospedagem foi muito boa e o tratamento muito decente. Já combinamos como organizar o resto do nosso percurso. Aqui vamos ficar no mínimo 15 dias e depois iremos pregar uma missãozinha numa região chamada Quartel Geral, a cinco léguas daqui. Depois viajaremos cerca de 14 léguas para Santo Antonio dos Tiros e então, 10 léguas para Areado. Daquele ponto mais extremo faremos o retorno para São Gotardo da Confusão, Córrego D'Ánta, Esteios e Aterrado.

Parece que a missão terá bons resultados. A participação é boa. Ontem metade do povo coube na igreja e amanhã o sermão da noite deverá ser campal. Na abertura eu esperava mais gente, mas o início da missão é sempre assim. Entretanto acredito que aqui teremos mais o que fazer. Peço suas orações. Como vai Juiz de Fora.?

Sobre as missões de Dores do Indaiá, escreve em 16 de julho ao Reitor da Glória :

Muito grato pela sua interessante carta de 8 de julho que recebi no dia 13.¹⁶⁶ Queria muito ter respondido logo mas não podia , pois tinha que pregar à noite e no dia seguinte na missa dominical e para isso devia rever uns trechos dos sermões. Nossa missão fez um bem imenso, graças a Deus. O ambiente é muito bom. O vigário quase não faz nada. Que paróquia abandonada! Antes de casar, o vigário raramente confessa os noivos de modo que fomos obrigados a revalidar uma grande quantidade de casamentos por causa de um impedimentum occultum. Ainda não estou a par do número destes casamentos.

Esperamos fazer uma limpeza geral na biblioteca municipal pois a metade consiste em péssimos romances : Zola, Maupassant, Kock, etc

Tivemos mais ou menos 2.454 confissões das quais centenas pela primeira vez .

Agora nos encontramos em Quartel Geral e já fizemos a abertura das missões. Duração de 15 a 21 de julho. Esta missão nos dará muito trabalho em poucos dias. Depois pregaremos em Santo Antônio dos Tiros , de 23 de julho a 4 de agosto e , a seguir em Areado.

Aqui tudo bem, por causa do clima sofro de umas feridas nos pés e no resto do corpo, mas não impedem as minhas viagens nem o meu trabalho. Só sinto, de vez em quando, alguma dor. Mas isto não tem nada pois abençoa as missões.

Em 31 de julho, escreve agora ao Padre Reitor da Glória:

¹⁶⁶ Interessante constatar a eficiência dos correios naquela época ! Uma carta de Juiz de Fora, datada de 8 de julho chega às mãos do destinatário, em Dores do Indaiá, no dia 13 !

Uma cartinha de longe (Santo Antonio de Tiros) deve certamente agradar ao senhor e por isso não posso deixar de escrever. Aqui celebraremos a festa de Santo Afonso (2 de agosto) e depois viajaremos dois dias a cavalo para Areado, uma vila sem vigário, refúgio de criminosos, quase nos limites das dioceses de Goiás e Diamantina. Dispomos de uns doze dias para esse percurso, mas provavelmente teremos de ficar por três ou quatro dias numa capela chamada Chumbo. Que distâncias !

Em Quartel Geral a nossa missão foi mais ou menos, pouco trabalho. Aqui tudo bem, mas na primeira semana o movimento foi fraco. Parece que nos informam um número de população um pouco exagerado. A disposição é muito boa! Quanto sacrifício o povo daqui está fazendo ! Já encontramos muita gente que mora numa distância de oito horas e algumas de até doze horas. Pobre gente que faz toda essa caminhada a pé carregando uma ou mais crianças nos braços e pouco alimentada! Isto para nós é um estímulo para suportar certas privações, pois nós também temos que agüentar certas coisas. Assim, quando de nossa viagem de Quartel para cá, nós três ficamos juntos num quarto. O casebre feito de taipa não tinha porta nem janela e estava próximo ao rio Indaiá, fazia um frio horrível e a comida era muito fraca. O pior foi não haver possibilidades para celebrar a santa missa pois tínhamos tudo, menos a bolsa e o corporal.¹⁶⁷

Aqui em Tiros estamos hospedados numa casa boa, a do vigário. Ficamos privados , porém, de umas comodidades mais comuns pois a vila é muito atrasada. Estou melhor das pernas desde que uso uma pomada fornecida pelo vigário. Eu já estava ficando preocupado, mas agora estou bem melhor. Posso fazer todos os trabalhos e agora o sofrimento passou. Após nossa volta de Areado, em Tiros talvez possa encontrar notícias de Juiz de Fora. O Senhor nem imagina como tudo é bem vindo. De 5 a 20 de agosto poderá mandar o correio para o Rev.mo Padre Tiago – Missionário pelo correio de Abadia, Dolores do Indaiá, Oeste de Minas, São Gotardo da Confusão. De 20 de agosto a 8 de setembro, Córrego D'Ánta. Aqui em Tiros recebemos carta só uma vez e estas não deram notícias dos confrades.

Podemos, através destas e de outras cartas a seguir citadas, recompor o itinerário da equipe : Dolores do Indaiá, Quartel Geral, ,Tiros, Chumbo, Areado, Abadia, São Gotardo, Córrego D'Ántas, Estrela, Aterrado, Esteios, Pântano e Saúde.

Em Post Scriptum dessa mesma carta, podemos saber que a equipe era composta pelos padres Afonso Mathysen, Gualter Perriens e pelo missivista, Padre Tiago Boomaars.

De Areado, em breve correspondência datada de 9 de agosto, o missivista informa ao Reitor :

Graças a Deus tudo bem ! Estou melhor pois as feridas da perna estão sarando.

¹⁶⁷

Pode-se observar que apesar de todo o espírito de arrojo nos trabalhos, o rigor do ritualismo era forte.

Estamos aqui em Areado em meio a mil privações !: não há cerveja, não há vinho, somente água tirada do rio no qual as mulheres lavam a roupa todos os dias. A participação é péssima, o povo muito ignorante e indiferente. O serviço é pouco. É realmente duro mas, seja feita a vontade de Deus ! Conservamos a alegria e a boa disposição. Em Chumbo tudo será bem pior. Iremos para lá no dia 12 e durante três dias deveremos trabalhar numa capela que, longe das casas, está situada num campo aberto. Lá a hospedagem será a pior do mundo. Mas, finalmente Nosso Senhor nos recompensará e as privações servirão para alguma coisa.

A referência à falta de cerveja e de vinho naquelas paragens não deixa de revestir-se de certa ironia para com os confrades confortavelmente instalados no Morro! Apesar das privações : *Conservamos a alegria e a boa disposição .!*

Em outra correspondência, datada de 18 de agosto, em que Padre Tiago trata de assuntos relativos à preparação de crianças para a primeira comunhão no curato da Glória, agradece ao Reitor pela correspondência enviada : “ *Uma recebi em Chumbo e a outra em Tiros . Todas as notícias trouxeram-nos grande alegria.*”

Em 21 de agosto já escreve de São Gotardo da Confusão :

Aqui na casa paroquial existe uma situação terrível! Enquanto estou escrevendo esta carta o vigário está num sono pesado por causa da embriagues. Ele é um verdadeiro bêbado! Além disso sabemos que um dos seus filhos nos serve como sacristão e na mesa. Ver um tal vigário celebrando missa é realmente a cruz mais pesada que carregamos nas missões.

Em 7 de setembro, outra pequena carta dá notícias mais alvissareiras :

Nossa missãozinha em Estrela foi extraordinariamente abençoada. Se naquele deserto tivéssemos esperado um movimento tão grande , então teríamos estipulado dez dias. Em cinco dias ouvimos 1.400 confissões e de que qualidade ! Tivemos as melhores provas do feliz resultado da missão. Foi de fato uma gloriosa compensação pela missão de Areado. A biblioteca mal afamada foi limpa e não foi queimada!

Apesar do manifesto espírito apologético e de repulsa à literatura secularizante pode-se registrar um tênue abrandamento do terror iconoclasta anterior quando a limpeza era através da fogueira.

A última carta do ano foi escrita de Aterrado e é datada de 20 de setembro:

...Agora vamos para Córrego D'Anta, 6 a 7 léguas a cavalo. O início da missão será no dia 8 de setembro, Festa da Natividade de Nossa Senhora que nos abençoará e ao nosso trabalho.

Chegamos aqui dentro de nuvens impenetráveis de poeira e o povo nos recebeu mui solenemente. Neste momento o Padre Afonso está fazendo a abertura da missão no meio de uma grande tempestade. O vigário provoca nojo: a igreja miserável, imperdoavelmente descuidada. O Bom Deus e a Mãe do Perpétuo Socorro nos ajudem! Reze por essas missões.

Em Córrego D'Antas tivemos 1780 confissões, 1940 comunhões e a6 casamentos de amancebados.

Após a missão de Esteios iremos para Pântano. O vigário de Santo Antônio do Monte, matriz dessa capela e, em cuja cidade pregamos missões no ano passado, aceitou a missão com grande alegria. Quanto a Saúde não resolvemos ainda nada. Aqui estamos hospedados na casa do farmacêutico e Diretor dos Correios, portanto nossa correspondência está em boas mãos. Provavelmente chegarei em casa só depois da Festa de Todos os Santos (1º. de outubro) e é por isso que a primeira comunhão dos prussianinhos poderá ser realizada se o senhor quiser.

Uma breve correspondência do Padre Afonso Mathysen, dirigida ao Reitor da Glória e datada de 23 de outubro de 1901 foi redigida de Saúde e fornece dados sobre as missões de Pântano : 950 confissões, 990 comunhões e 3 casamentos legitimados.

2.3 - Pelos montes e pelas planuras

Os padres Tiago Boomaars e Geraldo van Deursen deixaram como citamos várias correspondências sobre as missões de 1901. Além destas cartas podemos citar outras narrativas escritas especialmente para a revista *Volks-Missionaris* e que, em estilo mais pitoresco, apresentam novos detalhes do quadro das missões.

Os fatos que passamos a relatar são descritos pelo Padre José Goosens, publicados nas páginas 72 e seguintes do número 23 da *Volks-Missionaris*, 1902.

Como se pode observar, o relato é bem elaborado e, em que pese a verdade dos fatos, visa sobretudo impressionar os leitores católicos holandeses:

Faz uns dias fiz uma viagem sem rumo e isso à meia noite, enquanto uma tempestade furiosa se desencadeou sobre minha cabeça. Devo dar graças a Deus que sai sem acidentes. Eis ai a história :

Pelas 5 horas da tarde veio um cavaleiro ao convento de Juiz de Fora com o pedido de acompanhá-lo já para um doente que estava morrendo. Procurei saber mais alguma coisa, mas o cavaleiro era novo também nessa região, de forma que não podia dar mais informações. Preparei-me e às 5.30 hs. estávamos em viagem a cavalo. Por segurança calcei botas e capa de chuva pois a tempestade rugia.

Meu companheiro levou a mala com as coisas necessárias para celebrar a missa e assim, a galope, deixamos o Morro da Gratidão. Mal tínhamos andado uma meia hora a tempestade apertou, mais relâmpagos, trovões e uma escuridão que nem um metro a gente enxergava, só pela luz dos relâmpagos podíamos verificar se estávamos no caminho certo.

Parece que os cavalos embora vejam bem no escuro, cegam com os relâmpagos, ao menos com o meu aconteceu que, a cada relâmpago ameaçava cair como se quisesse dizer: sou fraco. Assim prosseguimos com o coração batendo até que o meu companheiro de repente soltou um grito.... os estribos se romperam e provavelmente atingiram o meu cavalo que começou a empinar. No mesmo momento trovejou e como que fulminado o meu cavalo caiu ao lado caminho. Pela luz do relâmpago vejo na minha frente um abismo e, tanto quanto pude enquanto estava nele, procurei retirá-lo dali... Tudo isto aconteceu num instante e de certo se eu não tivesse feito assim, cairia com o cavalo no abismo. Agora foi só um susto e continuamos a viagem. Deixei o meu cavalo andar. Como poderia guiá-lo Nem conseguia ver o meu companheiro que ia na frente. Falamos o tempo todo para saber se estava perto dele.

Assim afinal chegamos a uma casa. O meu companheiro e guia queria a todo custo pernoitar, queixou-se da roupa molhada, que desde as dez da manhã não tinha tomado nada, que o pessoal não pagava, etc. Devia conceder que era ruim para o pobre homem, mas dei-lhe a entender que eu também estava nas mesmas condições, mas o principal era que se tratava

de um moribundo pois conforme ele mesmo me falara o doente estava nas últimas, portanto devíamos chegar lá.

Pedi ao dono da casa uma lanterna, mas ele não tinha. Então assim mesmo continuamos no escuro, sem saber o rumo certo. Ao meu lado escutava-o agora a correr, descendo pelas pedras. E se um dos cavalos tropeçar ?

Não sei porque mas confiava pouco no guia e lhe perguntei : Estamos no caminho certo ? Durou bastante tempo até ele responder : Creio que sim padre, mas logo compreendi que ele não sabia o caminho e já gritava com toda a força para chamar a atenção. Mas sem resposta! Andamos mais um trecho, já eram 20.30 hs., hora em que devíamos estar na casa do doente e nada! Nove horas, dez horas e nada! Ai perguntei eu mesmo :

- Meu amigo, você conhece o caminho ?

- Errei, não sei mais onde estou, o senhor vá na frente, o seu cavalo conhece melhor o caminho.

Foi o que fizemos, mas sem resultado, erramos cada vez mais ! Afinal ouvimos o latido de cachorros. Estávamos perto de uma fazenda. Abriam a porta e apareceu alguém vestido de branco. Expliquei a nossa situação e pedi-lhe para nos acompanhar. Recusou-se mas passou a indicar o caminho. Aí ele explicou: sobe este morro, na descida para a direita, depois para a esquerda, sobe de novo e então... etc .

Eu não compreendia nada e perguntei ao guia que disse: É sim, agora eu sei !

E assim continuamos com os animais cansados , mas logo compreendi que o guia também não tinha compreendido e aí erramos mesmo, sempre andando, ora capim, ora areia, ora no campo, floresta, vales e morros até que encontramos uma cafua. Batemos palmas e afinal apareceu um homem a quem pedimos de novo o caminho, mas eu não estava satisfeito com a indicação para a direita, para a esquerda e insisti com ele para nos acompanhar. Não houve jeito. Em nome de Deus, adiante! Quantas vezes rezei Glória ao Pai e Ave Maria em honra de São Geraldo, que também ficou nas mesmas condições, quando o demônio apareceu a São Geraldo ele o mandou guiar o cavalo no rumo certo! Quando o demônio aparecer, eu também pensava, vou mandar-lhe que faça o mesmo em nome da Santíssima Trindade !

Agora erramos mesmo! Era só capim, nada de pedras ou areia. Com boa sorte decidimos a pedir pouso na primeira casa que encontrássemos. Entretanto já era meia noite. Chegamos a um bosque , agora era preciso muita cautela , mas também passou. Depois de muito tempo andar o guia, de repente, deu um grito de alegria ! Agora sei onde estou ! Aquela ponte é perto da casa!

Desta vez falou a verdade, à 1 hora chegamos ao destino, ninguém nos esperava mais! Logo fui atender à doente, confessei-a e prometi que logo na minha missa lhe daria a comunhão.

Estava no hora de procurar um pouco de descanso, mas o quê ? O dono da casa se desculpa de não ter um quarto nem uma cama , mas ia fazer o possível ! Arranjou, afinal, umas cadeiras de tal forma que se podia deitar, o que fiz mas não dormi. Por quê ? A cama estava arranjada no meio do quarto onde se passava a toda hora para atender a doente. Não dormi nada e às 6 horas estava de pé. Para lavar as mãos não tinha nada. Depois de me arrumar procurei na casa um lugar onde ventava menos. Forro não havia . Depois de atendido algumas pessoas em confissão, comecei a missa durante a qual

vários vizinhos e a doente comungaram. Depois da missa houve ainda um batizado. Tomei alguma coisa e às 10 horas estava novamente a caminho para casa, onde chegamos à uma hora da tarde. Na volta pude ver melhor onde passamos> mas que caminho cheio de perigos!

Como me senti durante a noite ? Com muito medo !
O que vou dizer sempre pensei: estamos nas mãos de Deus e o motivo da viagem foi deus e a salvação das almas! Havia uma doente que mim ia morrer sem sacramentos. A família ainda me veio agradecer quando mandou celebrar missa pela falecida mulher .

O autor de tal narrativa insiste em apresentar que as dificuldades enfrentadas exigiam uma força interior, nutrida em fontes que brotavam do espírito do fundador .

Certamente, ao que se depreende da leitura, tais percalços não correspondem a um planejamento de ações, de gestos, de intervenções tais como requeridas por uma generalização que transforma tais missionários em simples agentes de “romanização”.

Narrativas como essa e ainda outras que não posso deixar de transcrever levam-nos a refletir sobre o verdadeiro significado da vinda de tais missionários a estes rincões de Minas Gerais !

Agora, um típico relato missionário, escrito pelo mesmo Padre José Goosens e publicado no número 22 da mesma revista *Volks-Missionaris*, 1901.

Depois de São Francisco de Paula, seguimos para Perdões. Viajamos a cavalo por 7 horas e pernoitamos em Candeias, onde os Padres Francisco Lomheyer e Henrique Brandouw pregaram missões no ano passado. De Candeias fomos de trem para Perdões, umas três horas de viagem. Aí a recepção foi magnífica.

O vigário, todo o povo, banda de musica, todos estavam na estação que fica ao pé do morro onde foi feita a cidade. Devagar, precedido por uma longa fila de crianças, parcialmente de branco e com bandeirinhas nas mãos com os dizeres : Viva Jesus! Subimos o morro seguidos pelo povo todo. Claro que havia foguetes e muitas flores ! Até devíamos parar debaixo de um arco, aí soou um fonógrafo ao mesmo tempo abriu-se em cima de nós uma chuva de pétalas de rosas.

Chegamos à praça e lá estava o baldaquim para nós levar. Deixamos os guarda-pós e assim chegamos à igreja onde visitamos Jesus Sacramentado. O padre Lohmeyer agradeceu ao povo e avisou a abertura da missão à noite. Depois nos retiramos para a casa paroquial.

Mas já escutamos coisas menos favoráveis à missão. Neste mesmo dia apareceu um circo que durante a missão vai dar espetáculos. Isso não ! O superior com o vigário foram visitar o pessoal do circo e combinamos que o circo só ia dar dois espetáculos. Ainda bem, mas só isso!

Está certo. O diretor do circo prometeu. Mas no terceiro dia a música do circo convidava o povo. Nos primeiros dias tinha pouca assistência. Nesse terceiro dia o Padre Lohmeyer não falou nada, mas a mesma coisa no quarto dia. Padre Lohmeyer falou com o menino que ia na frente da música e a resposta foi : sim haveria espetáculo. Aí o Padre Lohmeyer à noite, antes da pregação, avisou, contou toda a conversa com o diretor do circo que prometera dar só dois espetáculos e não cumpriu a palavra dada. ‘ Por isso peço-vos não assistir ao espetáculo. Missões e circo não combinam.’

Mas agora o povo do circo mostrou a sua maldade, de noite vieram todos na frente da casa paroquial; melodias obscenas!

Aí o povo defendeu-nos contra qualquer ofensa! No dia seguinte falaram todos contra o pessoal do circo e a custo os padres conseguiram acalmar o povo. Até alguns pensavam que nossa vida estava em perigo. Queriam atacar logo! Já mandaram de propósito foguetes para o circo mas não conseguiram incendiá-lo : ‘Devem deixar os nossos vigários em paz se não sentirão as conseqüências !’

Mas o pessoal do circo compreendeu a situação e de noite desapareceu. Infelizmente com isso a coisa não acabou. No percurso das missões encontramos várias vezes com o circo.

A missão em Perdões teve bom resultado: 7.000 comunhões, 46 casamentos legitimados. Embora a igreja em construção seja bastante espaçosa, assim mesmo devíamos pregar na praça, a multidão não cabia na igreja.

Depois desta missão devíamos dividir a equipe: Padre Lohmeyer e Padre Brandouw para Cana Verde, uma paróquia sem vigário. Apesar das dificuldades as duas missões tiveram bom resultado.

Em Ribeirão Vermelho a dificuldade era a heterogeneidade da população, em Cana Verde foi novamente o circo ! O pessoal do circo nos caluniou e os coronéis da cidade defendiam o circo: ajudaram de todo jeito. De forma que a população caiu na indiferença total. Iam todos ao circo que estava atrás da igreja .

Na recepção também houve mal entendido de forma que quando chegamos havia só uns meninos na estação, que deviam avisar que a recepção era mais tarde., mas não nos explicaram direito. Assim, com pensamentos tristes fomos a pé na direção do povoado. Chegando perto, alguns homens vieram nos avisar direito e na povoação observamos a agitação do povo para preparar uma recepção festiva. À noite foi aberta a missão. Mas nos primeiros dias faltava o entusiasmo, ouvimos as calúnias que o pessoal do circo espalhara. O circo queria ir embora no dia de nossa chegada, mas os principais da cidade conseguiram que ficassem mais 4 dias. O primeiro dia da missão foi um fracasso : quase ninguém na missa , no catecismo também.

Aí o Padre Lohmeyer teve uma idéia. Em geral não somos a favor de durante a missão construir cemitério, porque distrai muito, mas aqui e há muito tempo se pensava em fazer um cemitério e agora que o Padre Lohmeyer falou da idéia, o povo se chegou mais e começaram o trabalho sob a direção do Padre Lohmeyer. Os jovens gostaram dele e alguns que foram testemunhas do que aconteceu em Perdões falaram com o povo. Também falamos com os principais para não mais ajudar. Segunda feira a situação mudou por completo. O povo até se virou contra o circo. Segunda feira à noite a música do circo saiu para anunciar o espetáculo mas então na rua pequena ao lado da igreja reuniram-se todos os que trabalhavam no cemitério com paus, enxadas e

até com fúria. Entretanto nós não sabíamos de nada. Felizmente o presidente da Câmara de Vereadores observou a preparação e avisou a à música para não sair e assim evitou um desastre.

A missão teve bom resultado: 2530 comunhões, 28 casamentos legitimados. Agora quero explicar como se construiu o cemitério.

No primeiro dia o Padre Lohmeyer foi com uns pedreiros e carpinteiros medir e marcar o terreno, 30 X 30 metros. Um terreno dado por um turco, um pouco fora da cidade, ao lado da estrada. À noite, antes da pregação foram convidados os trabalhadores que iam construir o cemitério. No primeiro dia não apareceram muitos. De noite, novamente convidou e insistiu. No segundo dia apareceram mais com as suas ferramentas, enxadas, picaretas, etc. Deviam limpar o terreno e cavar os alicerces do muro. Outros já começavam a procurar as pedras para o muro. Um pouco mais adiante havia uma pedreira e lá o trabalho era duro, soltar as pedras e colocá-las nos carros de bois. Foram nomeadas duas comissões. Uma regulava o trabalho, outra para providenciar a comida para 200 homens. A comissão se encarregava de juntar esta comida com os outros, um dava uma vaca, outro um porco, outro um saco de feijão. Arroz, etc. Deviam ter o almoço feito no local mesmo. Assim era um trabalho árduo preparar as pedras brutas para o muro e juntá-las com massa de barro, areia e água.

Conseguiram terminar o muro e no fim da missão o padre Lohmeyer benzeu o cemitério.

Depois de Cana Verde queríamos tomar um tempo e repouso, mas as circunstâncias nos obrigaram a pregar a missão em Cláudio.

A viagem era comprida. Primeiro umas duas horas a cavalo até Perdões, de lá mais umas horas a cavalo até a estação de Vigilato para tomar o trem de madrugada., viagem de nove horas até Gonçalves Ferreira. Ali pernoitamos, encontramos um hotel razoável onde na manhã seguinte celebramos a missa e fomos a cavalo a Cláudio um lugar outrora rico por causa do café, mas agora abandonado. Mas trabalho para nós não faltou. Durante os 15 dias da missão distribuímos 10.000 comunhões.

No dia da ereção do cruzeiro houve um acidente triste. Até agora o Padre Lohmeyer dirigia os trabalhos, mas havia ali um capataz italiano que trabalhava bem na construção da igreja e o padre lhe deixou a direção. O que aconteceu? Enquanto nós estávamos organizando a procissão, o italiano organizava a ereção do cruzeiro de 20 metros, pesado. De repente as cordas quebraram e lá veio o cruzeiro caindo. Ouvi o baque e corri para lá, pensando ali deve haver mortos. Cheguei com alguma dificuldade por causa de muito0 gente e lá estava no chão um negro, ajoelhei ao lado dele e perguntei-lhe se tinha se confessado, mas nada de resposta., então dei a absolvição e os Santos Óleos. Depois os outros me contaram que o homem tinha se confessado e no mesmo dia comungado. Isto era ao menos um consolo. Mas a solenidade da ereção do cruzeiro perdeu o brilho.

Na manhã seguinte, celebramos a missa de corpo presente e o sepultamento a que todo o povo assistiu.

Três dias depois, pela manhã, Após o encerramento da missão houve uma solenidade comovente. Todo o povo assistiu a missa pelas almas, 3.000 comunhões. Um depois do outro, três padres celebraram a missa e durante elas quatro padres distribuíram a comunhão.

Agora podíamos voltar para casa para descansar, mas não. Padre Lohmeyer foi convidado a pregar e dirigir a festa da fundação da

Associação de São Vicente. Os novos vicentinos queriam se confessar e comungar. Padre Lohmeyer aceitou mas chegamos tarde e naquele dia não podíamos fazer nada. Aí, resolvemos ficar mais um dia. Padre Lohmeyer pediu ao sacristão de não tocar os sinos antes das 5.00 hs., porque estávamos cansados. Mas o sacristão, um velho um tanto surdo, já às 3 hs. Toca o sino com toda a força. Em nome de Deus nos levantamos e às 3.hs. já estávamos na igreja cheia de gente. Naquele dia foi trabalho até meia noite; houve uma procissão bonita, 3 sermões, 373 comunhões e 5 casamentos legitimados.

No dia seguinte, às 5 hs. Da manhã já estávamos na igreja para as confissões e missas.

Às 7.30 hs. fomos para a estação e conosco todo o povo.

Depois de 10 horas de trem chegamos a São João Del Rei onde pernoitamos. Dela, mais 7 horas de trem até Juiz de Fora. Graças a Deus estamos descasando no Morro da Gratidão mas, por pouco tempo!

2.4 – Um novo diretório

No dia 21 de junho de 1901 o Padre Paulo Wayenburg despede-se de Juiz de Fora e retorna à Holanda como reitor do convento de Rozendaal, na fronteira belga.

Seu substituto, Padre Augusto Beukers chega a Juiz de Fora no dia 25 de junho acompanhado do Padre Nicolau Kroon e do Irmão Atanásio Kuster. Sua chegada trouxe grandes inovações à Missão.

Durante seis anos permanecerá como reitor da Glória.

Em 13 de fevereiro de 1903, por seus argumentos e esforços, a Missão será elevada à categoria de Vice – Província da Holanda, quando então tornar-se á o primeiro Vice-Provincial.

Em 25 de março de 1905, após longas negociações com os superiores da Holanda e de Roma, admite como noviço da Congregação do Santíssimo Redentor o primeiro sacerdote redentorista brasileiro, Padre Júlio Maria de Moraes Carneiro, designando como mestre de seu noviciado o Padre Mathias Tulkens .

Com apenas 30 anos, Padre Augusto já reunia uma grande experiência tendo sido mestre de noviços no Suriname por dois anos e, retornando à Holanda, foi designado Mestre de noviços da Província Holandesa.

Em seu necrológio foi atribuído o título de “*Ascetismi in Província Signifer*” ou seja, porta estandarte do ascetismo na Província.

Durante seu ministério no Brasil, acrescentou mais duas importantes fundações: Rio de Janeiro (1903) e Curvelo (1906) .

Em 1907 transfere a sede da Vice-Província para o Rio de Janeiro onde permanecerá até o dia 25 de maio de 1912, quando retorna à Holanda no cargo de Provincial.

Antes de seu regresso à Holanda vê publicado o primeiro número da primeira revista redentorista da Vice-Província, “*O Santuário de São Geraldo*” , cujo primeiro número foi publicado em outubro de 1911.

Ao assumir o cargo de reitor da Glória , em 25 de junho a Missão era composta de 15 padres e 9 irmãos, 24 membros no total. Em 1908 já eram 35 padres e 16 irmãos.

As mudanças implementadas pelo Padre Augusto Beukers impulsionaram os trabalhos missionários em várias frentes.

Assim, em 31 de março de 1902, por ocasião das Missões na Paróquia da Glória, foi fundada em Juiz de Fora a Liga Católica Jesus, Maria e José e, em 1904, a Pia união das Filhas de Maria.

As novas associações garantiam em seus estatutos a plena gerência eclesiástica, no que muito se distanciavam das antigas irmandades do tempo do padroado que, por sua autonomia, tantas “dores de cabeça” haviam trazido à administração do culto.
168

A Liga Católica Jesus Maria José, ao lado da Arquiconfraria de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro fundada ainda no dia 4 de abril de 1896, tornou-se uma das mais significativas associações religiosas masculinas do Brasil. Sua criação foi inspirada na “*Archiconfraternité de Sainte Famille*”, fundada em Liege na Bélgica, em 1844, pelo capitão convertido Henri Belletable que queria trazer para a prática da religião os operários de uma fundição de canhões onde trabalhava. Aqui no Brasil, embora as condições fossem outras, a associação trouxe grandes frutos para quebrar o respeito humano e os preconceitos machistas de que associação religiosa era coisa de mulher.¹⁶⁹

No campo das missões também houve inovações.

No final de 1902 , o Padre Antônio Kamerer, mestre do segundo noviciado da Vice-Província alemã de São Paulo adoeceu e veio se tratar com os médicos de Juiz de Fora. O Padre Henrique Brandouw foi enviado a Aparecida para assumir a orientação no segundo noviciado dos colegas bávaros.

Depreende-se disso que o Padre Henrique Brandouw já reunia importantes experiências missionárias já que o segundo noviciado era o tempo em que os padres jovens preparavam-se para o trabalho nas missões, inteiravam-se da rotina dos trabalhos, preparavam seus sermões e recebiam como que uma carta de autorização para trabalhar.

¹⁶⁸ Cfr. J. O . BEOZZO, *Irmandades, Santuários, Capelinhas de Beira de Estrada* , in REB , Vol. 37, 1977

¹⁶⁹ Sobre a Liga Católica, cfr. R. AZZI , *Sob o Báculo Episcopal*, 2000, p. 146

Documentos do arquivo da Província de São Paulo, consultados e referidos por WERNET (1995, p. 160) informam-nos sobre o trabalho do Padre Henrique Brandouw e sobre o novo diretório das missões em uso nas Minas Gerais, diretório esse que foi implantado na Vice-Província de São Paulo :

- 1- Sermão de abertura
- 2- Salvação
- 3- Pecado Mortal
- 4- A morte
- 5- O juízo universal
- 6- O inferno
- 7- Patrocínio de Nossa Senhora
- 8- A impureza
- 9- A ocasião próxima
- 10- A eternidade
- 11- O casamento
- 12- Os deveres dos pais
- 13- Sermão do cruzeiro
- 14- Sermão da oração
- 15- Sermão de encerramento- perseverança

Desde os inícios da fundação dos bávaros em Aparecida, seguiam nas missões o chamado “Diretório Bávaro” de 1884. Adotando o novo diretório Brandouw pode-se notar algumas expressivas diferenças:

O tema sacrilégio não consta do diretório Brandouw como tão pouco temas como Eucaristia e Céu que deveriam despertar nos ouvintes a confiança na bondade divina. Nos dois esquemas, constam os temas cujo objetivo era mais de atemorizar o auditório, ou seja : Morte, Juízo Final, Inferno e Eternidade (desgraçada0, como também os temas sobre o Patrocínio de Nossa Senhora, Oração, Cruz e Perseverança. Os redentoristas valorizavam temáticas como : casamento, deveres dos pais, impureza e ocasião próxima, em vez da sequência Dilação da salvação, Sacrilégio, Eucaristia e céu., constantes do diretório bávaro.

O tema impureza mostra o preconceito que os redentoristas holandeses tinham sobre a imoralidade dos costumes no Brasil e o dos Deveres dos pais e Casamento situam-se parcialmente na mesma linha de raciocínio. O tema do casamento consta sobretudo por causa da situação

existente na época, quando muitos entendiam o casamento apenas como contrato e não como sacramento; não vendo, portanto, a necessidade do casamento religioso.

Podemos concluir que no esquema do Padre Henrique Brandouw estavam fortemente presentes temas que tinham por finalidade ‘atemorizar, abalar e preparar o ouvinte para a confissão de conversão, a descrição da terribilidade do inferno deve ser aplicada aos pecados da Impureza. Temos que conseguir a conversão pelo medo salutar !

Como vimos não faltaram referências elogiosas ao Padre Mestre Henrique Brandouw e à preparação dos padres que proporcionou no Segundo Noviciado em Aparecida. Os que participaram dela foram, no anos seguintes, os mais importantes missionários da Vice-Província.¹⁷⁰

O esquema do padre Brandouw era o esquema que aprendera com os missionários Francisco Lohmeyer e Afonso Mathysen e, dessa forma, foi estendido aos missionários redentoristas de São Paulo.

Entretanto, o advento da Vice-Província tornou-se o fato mais significativo pois trouxe uma relativa emancipação da Missão . O Vice-Provincial, também chamado Visitador, tinha mais autonomia que os antigos reitores, totalmente jungidos aos superiores holandeses. E ainda mais, a situação anterior dava aos superiores dos conventos a mesma autoridade de forma que o superior da Glória não podia intervir em atitudes dos missionários adscritos ao convento de Belo Horizonte ou vice-versa. Agora, o Vice-Provincial estava acima dos reitores de Juiz de Fora, Belo Horizonte e das novas comunidades do Rio de Janeiro e Curvelo.

Pode-se sentir daqui para frente uma maior harmonia nos trabalhos que não ficavam mais à mercê das tendências de cada mestre de missão. Essa situação já vinha sendo reivindicada anos anteriores por missionários que, por vezes, divergiam dos modos como o mestre conduzia a missão. Agora as coisas podiam ser debatidas em âmbito geral e as decisões valiam para todos.

Também em número cresceram as missões. É bem verdade que também em decorrência do aumento de missionários e de novas comunidades. O certo é que se em 1901 foram pregadas 35 missões e 17 pequenas missões com 120.322 comunhões e 502 casamentos legitimados, em 1911, último ano de governo do Padre Augusto Beukers, foram pregadas 82 missões, com 142.289 confissões, 393.264 comunhões e 1.123 casamentos legitimados.

¹⁷⁰

A . WERNET, Op. cit., p. 176/177

Com a fundação., primeiro do convento do Rio de Janeiro, os missionários estenderam seu campo ao Estado de Rio de Janeiro e Distrito Federal, cuja população e religiosidade em muito diferiam daquela dos interiores de Minas.

A fundação efetivou-se no dia 30 de março de 1903 e seus pioneiros foram os padres Francisco Lohmeyer e Gualter Perriens. A igreja, dedicada a Santo Afonso foi inaugurada em 2 de junho de 1907 e o convento no dia 30 de novembro de 1909.

O Rio de Janeiro foi terreno fecundo para a expansão da Liga Católica que logo difundiu-se para outras paróquias e dioceses do Estado do Rio de Janeiro.

As missões no Estado do Rio de Janeiro Não tiveram tanto êxito quanto em Minas Gerais.

Em PER QUINQUE LUSTRA (p. 64) várias referências demonstram que as dificuldades ali foram maiores do que as de Minas gerais.

Como ficará claro dos quadros estatísticos que em seu lugar direi, na maioria das missões é muito pequena a parcela dos fiéis que aproveitam a graça da missão, muitíssimos se recusam a ouvir a palavra de Deus.

E mais adiante, na página 83 o narrador acentua as diferenças entre as missões em Minas e no Estado do Rio :

Diferentemente acontece no Estado do Rio. Aí, como notei, a religião é pouco praticada e as pessoas tanto se dedicam a seus negócios temporais e a adquirir riquezas, que pouco se preocupam com as coisas eternas e os tesouros celestes. Não só não desejam as missões mas nem as conhecem, e a prudência aconselha a que nem se faça menção delas. Os missionários não trabalham ali com menos zelo do que no outro estado, mas o trabalho é menos agradável e deve-se agir de outro modo.

Foi nesse campo que, em pleno trabalho, veio a falecer o pioneiro Padre Francisco Lohmeyer. Em setembro de 1908, após pregar missões em Angra dos Reis seguiu para Paraty onde já chegou acometido por uma febre palustre. Mesmo com febre, fez o sermão de abertura da missão, mas apesar de ser medicado com dificuldades foi removido para o Rio de Janeiro. No dia 4 de setembro já estava em casa:

Muito enfraquecido e quase inconsciente chegou em casa no dia 4 de setembro. Recebe, no dia 6 o sacramento dos moribundos: as

forças sensivelmente vão faltando e nos delírios o doente quase só fala sobre missões a pregar. A 9 de setembro dormiu no Senhor.

No ano anterior à sua morte, 1907, ele que nunca mais retornara à pátria, recebeu a visita de seu irmão, Padre João Lohmeyer, então Provincial da Holanda, que fez uma visita canônica extraordinária à Vice Província, chegando ao Rio de Janeiro no dia 22 de outubro de 1908 e partindo, após visitar todas as outras casas, no dia 29 de novembro. Às suas solenes exéquias no Rio de Janeiro, dentre outros compareceu o colega e pioneiro, Padre Mathias Tulkens,

Antes mesmo da fundação do convento de Curvelo, os missionários já avançavam pela diocese de Diamantina e pelo Norte e Nordeste mineiro. Em 1903, pregaram em Angueretá (Almas) e Santo Antônio da Lagoa. Em março de 1904 pregaram em Morro da Garça e, em 1905, em Curvelo, cuja fundação deu-se em 18 de setembro do ano seguinte.

A fundação do convento de Curvelo deu-se por insistência do então bispo de Diamantina Dom Joaquim Silvério de Souza, homem sábio, devoto e tradutor de obras de Santo Afonso.

O vigário de Curvelo à época, Padre Cônego Francisco Xavier de Almeida Rolim que era também presidente da Câmara de Curvelo e Deputado Estadual foi quem, após a aquiescência do Provincial, Padre Augusto Beukers acertou os detalhes da fundação.

Os padres designados, Tiago Boomaars, José Goosens e o Irmão Felipe Winter, partiram de Juiz de Fora no dia 12 de setembro e esperaram em Belo Horizonte por um telegrama do Cônego Rolim, avisando sobre a liberação da casa provisória onde a comunidade se instalaria. O telegrama chegou no dia 15 , no dia 17 a comunidade partiu , tendo que pernoitar em Sete lagoas. No dia seguinte às 5.30 tomaram o trem , chegando a Curvelo às 11.30.

A narrativa desta chegada , deixo-a ao Padre Alberto Vieira :

Foi no dia 18 de setembro de 1906, pelas 11:30 h da manhã, pelo expresso da Central do Brasil, procedentes de Sete lagoas, chegariam os Padres Redentoristas holandeses para, aqui fundarem um Convento.

Curvelo, cidadezinha do interior, com 4.00 habitantes, estava em peso na Estação da Central.

Foguetes, bombas, grande alvoroço e alegria. O trem parou e de dentro saíram dois Padres e um Irmão leigo. Seus nomes: Pe. Thiago Boomaars, Pe. José Goosens e Irmão Felipe Winter.

O povo estava lá, mas nenhum padre para receber os recém-chegados; é que, por motivo de força maior, o Vigário, Côn. Francisco Xavier de Almeida Rolim, fora chamado, às pressas, a Belo Horizonte e seu auxiliar, Padre José Alves fora a cavalo dar assistência a um enfermo na roça, em chamado urgente.

Mas, o Dr. Alexandrino Diniz, líder religioso e professor, saiu-se muito bem. Um pequeno discurso de boas vindas, improvisado na hora, mais foguetaria e, o Padres à frente, forma-se magnífica passeata rumo à Praça dos Voluntários.

Nem as ruas capinadas, nem as frentes das casas varridas. Nenhum arco de bambus com fitas e bandeirolas de papel de seda. E, o que é pior, nem a Euterpe Curvelana veio tocar, comentava com pesar uma senhora da comitiva.

Aqui um pequeno incidente que nem chegou a comprometer o brilho da festa, nem toldar a alegria. Foi-nos narrado pelo próprio Padre Thiago Boomaars, trinta e tantos anos depois :

‘Quando o cortejo entrou na Praça Voluntários, numa nuvem de poeira, meus dois companheiros e eu vimos, a poucos metros de nós, quatro carros de bois: mas que bois enormes! Devido, cremos, ao espoucar dos foguetes e ao ribombo tremendo dos morteiros ensurdecedores, que abalavam toda a cidade, os bois estouraram, rebeldes e mal enformados se amontoavam do lado esquerdo da Praça, junto das velhas palmeiras que lá havia. Mas nosso espanto se acabou quando admiramos a maestria dos carreiros e dos quatro candeieiros que, com aboios em voz cantante, ora agudo ora grave, serenaram tudo, num minuto, à vista ainda da mais serena multidão’

... A multidão põe-se novamente em movimento, indo parar defronte de uma casa antiga de portas e janelas fechadas, em frente à igreja do Rosário, também fechada e em abandono completo.

Era uma casa alugada para os padres morar, por 300\$00 Reais, auxílio do Cônego Rolim. Casa pobre, mas pobre mesmo, para valer.¹⁷¹

As crônicas do convento de Curvelo relatam que na casa nada estava preparado e até a chave ainda deveu ser procurada. Havia velhas cadeiras, mesas e camas. Do lado de fora era razoável, mas do lado de dentro tudo estava sujo. No quintal havia somente duas laranjeiras e, a igreja do Rosário também estava descuidada e suja.

A nova casa foi colocada sob a proteção de São Geraldo, que havia sido canonizado no dia 11 de dezembro de 1904 pelo Papa Pio X.

A primeira carta escrita sobre a nova fundação é de autoria do Ir. Philippe Winter, dirigida ao Vice-Provincial e datada de 22 de setembro :

¹⁷¹ A . de A .VIEIRA, *Curvelo do Padre Corvelo*, 1988, p. 58/60

Terça feira passada chegamos aqui em Curvelo. Mas na quarta feira recebi a notícia da morte da minha querida mãe. Fiquei muito triste mas seja feita vontade de Deus. Ao Bom Deus ofereço este sofrimento pela salvação da alma de minha mãe e por esta nova fundação. Reze por mim, para que eu aceite este desígnio de Deus. Jamais poderia ter pensado que esta perda de minha mãe me custasse tanto. Tudo para a glória de Deus.

O que se refere à casa de Curvelo, a cidadezinha é melhor que eu pensava e o povo está satisfeito com a chegada dos padres. A capela tem um bom aspecto e, depois de uma boa limpeza dará bem.

A casa em que estamos morando é bastante ampla e velha e muito gasta. Há também muito rato e camundongo e por causa do barulho à noite não deixam a gente dormir. Vamos ver se podemos acabar com eles. A cozinha não é grande coisa, o piso não foi cimentado nem colocaram taboas e é terra pura. O fogão é apenas uma chapa de ferro com quatro buracos e, por baixo, se queima a lenha. Tudo muito simples, mas Deus ajudando irá bem. Vou fazer o possível.

Os padres celebram a Santa Missa às 6 e 7 horas da manhã. Está chegando sempre mais gente. Esta manhã houve uma boa assistência. O povo aqui é muito simples e cordial. Do povo estamos recebendo pão, bolos, frutas e verduras. Parece que aqui só existe couve e agora temos uma superabundância de couve. Neste dias procurei cenoura, mas não há. A carne aqui é muito boa: de boi e de porco. Carne de boi 600 reis por kilo e de porco 800 reis.

Aqui temos também abundância de carrapatos, pequenos e grandes. Há muitos no quintal. Não se pode entrar no quintal sem pegar alguns. Agora, porém, temos algumas galinhas e pode ser que acabem com isto. A casa ficou muito tempo sem morador.

O clima daqui é quente e abafado, mas de manhã e de noite é fresquinho.

Eis aqui, padre Visitador, a minha primeira cartinha enviada da nova fundação. Espero que o sr. Reze por mim e da minha parte rezo todos os dias na hora da Santa Missa um Pai Nosso e uma Ave Maria pelo Sr.

Se eu tivesse ficado em Juiz de Fora mais uma semana, minha mãe teria recebido mais sufrágio para poder entrar logo no céu, pois quanto maior a comunidade tanto mais merecimentos. Deus providenciará. Muitas lembranças para todos os confrades. Que todos rezem por minha mãe.

Assim começava a casa de Curvelo, onde três anos depois, em 1909, o novo superior, Padre Geraldo van Deursen iniciará a construção do majestoso Santuário de São Geraldo e do convento. O Santuário somente foi concluído em março de 1919 e o prédio do convento em 1920.

Curvelo tornou-se importante centro missionário e pólo divulgador da devoção a São Geraldo Majela, através da “Quinzena de São Geraldo”, da revista “Santuário de São Geraldo” e do trabalho missionário que se realiza até os dias atuais.

Foi nessa quadra de tantas realizações que faleceu, em pleno trabalho das missões o Padre Pedro Beks. Comentamos também em páginas anteriores ao morte do Padre Francisco Lohmeyer, acometido por febre palustre quando das missões em Paraty. É o momento de assinalar a perda de outro importante trabalhador, o Padre Geraldo van Deursen, idealizador do Santuário de São Geraldo.

Assumindo o cargo de reitor de Curvelo em substituição ao Padre Tiago Boomaars que retornou a Belo Horizonte, Padre Geraldo van Deursen desde o primeiro dia decidiu preparar para Deus uma digna igreja e para os confrades uma casa de acordo com as prescrições da Regra, e tudo fez na sua confiança em Deus e em São Geraldo.

Contudo o homem põe e Deus dispõe . Quando o reitor preparara tudo para iniciar a obra, disse-lhe Deus como outrora a Davi : ‘ Por acaso tu edificarás para mim uma casa ? Outro edificará uma casa para o meu nome’ (2 Reis, 7-13) . Desde a época em que o Padre Geraldo viera da Europa para o Brasil (5 de maio de 1899) quase nunca, primeiro por causa da saúde, depois por causa do cargo de reitor, pôde participar dos trabalhos missionários, que espiritualmente e com todos os desejos de seu coração acompanhava.¹⁷²

No fim de maio de 1911 decidiu pregar um tríduo para os confrades vicentinos na cidadezinha de Pirapora.

Ao terminá-lo tinha a intenção de descer de barco o grande Rio São Francisco e partir o pão da palavra ao povo da cidade de São Francisco.

Como o navio demorasse, preparou alguns meninos e meninas para a primeira comunhão. No dia 2 de junho a embarcação chegou e poucas horas depois desancorou., levando consigo o nosso confrade.

Padre Geraldo passou a noite no povoado de São Romão, em casa de nosso amicíssimo Dom Bento Maussen, premonstratense da abadia de Parc na Bélgica, mas holandês. Bem de manhã ao se levantar confessou-se e ouviu em confissão o seu confessor e celebrou a missa. Ao lusco fusco do mesmo dia começou as pregações, encerradas com grande proveito das almas. No dia 9 de junho o padre reitor começou a sentir-se mal, de febre palustre como se pensava. Celebrou ainda a missa, mas ... foi a última. Em estado febril viajou dia 10, mas durante o dia a doença pareceu agravar-se.

... Em Pirapora, já alquebrado, procurou a casa de um amigo nosso José Ramos, que recebeu com muita bondade o doente. A febre no dia 12 parecia mais branda, à noite subiu de novo e muito. O vigário do lugar e o médico foram chamados urgentemente. Ambos estavam longe. Quando chegaram no outro dia, o Padre Geraldo já se fora desta vida.¹⁷³

¹⁷² Em 1903 o Padre Geraldo voltou à Holanda para submeter-se a um tratamento de saúde e no ano seguinte, regressando, foi nomeado reitor do convento de Belo Horizonte.

¹⁷³ *PER QUINQUE LUSTRA*, p. 71/73

A morte desses três missionários, Padres Francisco Lohmeyer, Pedro Beks e Geraldo van Deursen, todos em trabalhos apostólicos, tornou-se emblemática na história dos pioneiros.

Muitas e variadas são as narrativas dos trabalhos que estendem-se através dos anos, até o período compreendido nesse trabalho. Novos sacerdotes e irmãos chegam da Holanda, quase todos os anos de forma que em 1923 a Vice Província contava com 40 sacerdotes e 25 irmãos, todos holandeses.

Deixo de narrar novos fatos missionários por não apresentarem nenhuma mudança substancial em sua ocorrência. Os fatos e registros que se seguem ajudarão a compreender melhor as santas missões redentoristas, bem como, possibilitarão uma melhor avaliação de seus resultados.

2.5 – Sermões missionários

Após percorrer com os missionários um pouco de seus passos, depois de ouvir deles mesmos a narrativa dos sucessos, fracassos e aventuras passemos a considerar o conteúdo do trabalho através dos sermões proferidos nos dias da missão.

Seguiremos o programa estabelecido pelo diretório Brandouw . Os textos são os mesmos utilizados pelos vários missionários que, quase sempre os diziam de cor. Para tanto, recorro à obra “*Guia do missionário redentorista*” que, embora publicada em 1948, segundo a Introdução do Padre Lucas Veeger, Vice Provincial que a editou, retrata na íntegra os textos dos antigos e mais experimentados missionários.¹⁷⁴

É de se registrar que os textos se apresentam em bom português uma vez editados em 1948.

À época dos pioneiros, além das imprecisões lingüísticas, eram muito prejudicados pelas dificuldades de pronúncia dos oradores e pelo já registrado ruído quase sempre presente nas assembléias.

Mais tarde, tais sermões que sempre se mantiveram como modelos, atingiam melhor os ouvintes , seja pela presença de oradores brasileiros , seja pela implementação dos recursos eletrônicos.

Note-se também que alguns exemplos denotam uma atualização posterior aos tempos pioneiros. A presença do rádio, do cinema e de certas revistas parece um tanto anacrônica ao cenário do início do século XIX e revela uma maior urbanização da assembléia.

Com esses registros podemos apreciá-los já que, na sua essência, reportam-se aos tempos pioneiros:

A missão, normalmente, iniciava-se com a festiva recepção dos missionários que em procissão iam até à igreja onde eram dados os principais avisos e

¹⁷⁴ Tais sermões eram inspirados em textos do próprio Santo Afonso, conforme se pode ver na obra “Os exercícios da Missão” de sua autoria, traduzida por Nestor Tomas de SOUZA, 1944

Os missionários preparavam seus sermões, para os dizerem de cor, durante o ano de preparação denominado Segundo Noviciado.

estabelecido o programa da missão. Ao anoitecer, muitas vezes ao ar livre e quase sempre sem qualquer recurso sonoro a não ser o vozeirão dos missionários, abriam-se os trabalhos :

Ecce nunc tempus acceptabile; ecce nunc dies salutis – Eis chegado o tempo do qual deveis aproveitar, os dias de salvação. “(2 Cor. 6.2)

Até que enfim chegaram os dias abençoados que Deus predestinou para dar-vos a grande graça das Missões., graça tão especial que Santo Afonso não hesita em declarar que esta graça é a maior depois do batismo; e nas Sagradas Letras não encontrei palavras mais apropriadas e mais significativas para esta abertura solene do as palavras que São Paulo dirigiu aos habitantes de Corinto: “Ecce nunc..”

Na verdade todos os dias são dias de salvação; inúmeros são os benefícios que de Deus recebemos a cada instante; **nestes dias, porém, Deus está mais perto de nós para ouvir os nossos rogos, para distribuir-nos mais abundantemente as suas graças.** É a visita oficial de Nosso Senhor a esta paróquia. E assim como o presidente na visita oficial é rodeado de seus amigos, assim também o compreendestes, nesta visita oficial de Nosso Senhor, nenhum amigo pode faltar.

Já há muito tempo aguardastes ansiosa chegada destes dias. Agora, porém, as santas Missões não são um desejo ardente: são uma realidade feliz.

Por fervorosas preces já vos preparastes e pedistes a graça de aproveitar bem da visita de Jesus, representado por seus ministros. Já tendes uma idéia bem elevada das santas Missões, mas para confirmar-vos neste alto apreço, queremos nesta abertura explicar-vos mais detidamente:

I – O que é a Missão

II – O que ela pede – Ave Maria

I

Com Santo Afonso devemos dizer que a Missão é uma graça extraordinária, singularmente eficaz e universal.

A) Extraordinária . A graça das santas Missões é uma graça extraordinária, pois Deus costuma oferecê-la, mas não a todos nem a qualquer hora.

1º. – Deus costuma oferecer esta graça. A idéia das missões não é nova, não é dos últimos séculos. Houve missões desde o princípio do mundo, cada vez que Deus se compadecia do gênero humano prevaricador.

a) No Antigo Testamento vemos Deus mandar os seus representantes para convidarem o povo à penitência. Noé, por exemplo, pregou a penitência no tempo do dilúvio, quando toda a carne humana tinha corrompido o seu caminho. **O povo, porém, não escutou, riu-se do pregador mandado por Deus e o castigo não se fez esperar: veio o dilúvio e todos pereceram.** Jonas foi enviado à cidade de Nínive. O povo escutou e em boa hora ainda se converteu: a cidade se salvou. **Assim foi também com os outros profetas: se o povo escutava, preserva-se dos castigos anunciados; se não escutava, vinha a desgraça.** E qual era o brado de São João batista nas margens do rio Jordão ? “fazei penitência, fazei penitência!”

b) O mesmo procedimento de Deus a esse respeito no Novo Testamento. Não foram mandados os discípulos de Nosso Senhor dois a dois para preparar-lhe o caminho ? E não foram chamados os discípulos de “apóstolos” isto é : missionários ?

Em todos os séculos teve também a Igreja os seus missionários que pregavam a penitência. Quem não conhece o célebre São Vicente Ferrer ou o afamado São Leonardo de Porto Maurício? E nos últimos séculos, quem não conhece o admirável São Vicente de Paulo, esse fundador da benemérita Congregação dos Lazaristas ? Quem não conhece o santo missionário do povo, Santo Afonso de Ligório, fundador dos Redentoristas ?

2º. – Como vedes a Missão não é idéia nova, sempre houve. ...

3º. – A graça das missões é ainda uma graça extraordinária, porque não é a cada hora que podem pregar as missões num lugar. Temos que pregar em centenas de lugares, sendo que a média para cada lugar é de dez anos. E quanta coisa pode acontecer neste longo espaço de tempo ? **Será que ainda assistiremos a outra Missão ? Assim como as missões passadas foram as últimas para muitas pessoas, assim também pode muito bem ser que estas missões sejam para muitos as últimas de sua vida.**

B) Singularmente eficaz. Nunca falta a ninguém a graça necessária para que até o maior pecador se converta. Mas ocasiões há em que Deus concede graças mais eficazes e mais intensas, que tornam bem menos penosa a **indispensável reforma de vida** : tal graça é das missões quem não deixar o caminho do mal nas missões, nunca o abandonará, nem na hora da morte, ainda que seja chamado um padre. Quem desprezar o chamamento, agora que pode refletir com calma, como não o desprezará nas angústias da morte ? **Se não quiser definitivamente ver o brilho da Luz que Deus oferece, poderá ainda resistir e imitar os judeus dos quais São João declara : “E as trevas não aceitaram a Luz divina .”**

1º. – Haverá uma série de pregações, bem escolhidas , bem preparadas e extremamente apropriadas **para efetuar-se a reforma indispensável, destacando-se entre elas as verdades eternas que, no dizer da Sagrada Escritura, produzem as impressões mais salutares.**

Seguiremos o sistema de Santo Afonso, que se baseia na mais segura experiência e na própria doutrina do Concílio de Trento. Cada pregação terá seu fim próprio subordinado entretanto ao fim principal da Missão: há nexos entre as pregações, uma é preparação para a outra. Isso para iluminar-se o espírito, comover-se o coração e para obrigar-se a vontade para o bem.

2º. para que as pregações possam ter o resultado desejado, necessitam os missionários de poderes especiais. Por isso concedeu-nos o próprio Santo Padre, o Papa, várias faculdades e o vosso (arce)bispo ao sairmos disse : Ide padres, pregar ao nosso bom povo e todas as faculdades que eu tenho, dou-as a vós. ...

3º. Que ninguém tenha medo de chegar-se a nós; receberemos a todos com bondade e amor.

Não somos então, os representantes de Nosso Senhor ? E assim como de Santo Afonso está escrito : “cor Alfonsi, cor Christi - o coração de Afonso era tal qual o coração de Cristo”, **assim também fazemos**

nós, missionários, questão de tratar-vos com o mesmo amor delicado com que vos trataria o próprio Salvador.

Não, não foi para ofender que os missionários abandonaram todas as doçuras do lar e da pátria e se consagraram aos trabalhos das missões.

A bondade de Nosso Senhor entretanto não era fraqueza. Ao tratar de pecadores contritos, Nosso Senhor era todo misericórdia, convidando a todos: “Vinde a Mim, vós que andais atribulados, que Eu vos aliviarei.”. **Mas o mesmo Salvador sabia ser enérgico também. Expulsou com azorragues os vendilhões que profanavam o templo e lançou seus “ais” contra os hipócritas. Assim nós também seremos francos no púlpito, estigmatizando publicamente os erros que andam campeando em público. No confessional, porém, nenhuma pessoa arrependida e bem intencionada será tratada com aspereza ou arrogância. Ricos e pobres, intelectuais e iletrados, grandes e pequenos, todos podem contar com a nossa dedicação e devotamento.** Assim ninguém terá motivo de ficar afastado de Nosso Senhor nem de recusar a graça das Missões.

C) Universal – A graça das santas Missões é uma graça universal, quer dizer : oferece-se a todos sem exceção, qualquer que seja sua posição social e qualquer que seja o estado de sua alma.

1º. – A Santa Igreja é verdadeira Mãe e assim como uma boa mãe deseja a máxima felicidade aos seus ilhós e não apenas que não morram de fome, assim também oferece a Santa Igreja a seus filhos a máxima prosperidade espiritual e não se contenta com o regime de fome. Quem dissesse : “Eu não preciso de Missões, porque já me confessei neste ano” mostraria pouca compreensão.

A Missão é para todos, também para os justos, isto é : para os que vivem na graça de Deus. ...

Aproveitem, pois, desta Missão as pessoas já tementes a Deus para darem bom exemplo, para se tornarem mais aplicadas no cumprimento dos sagrados deveres de estado, mais generosas na prática das virtudes, mais assíduas e fervorosas na freqüência dos sacramentos e nas devoções.

2º. Mais necessária ainda a Missão para os tíbios, isto é : para os que não se incomodam com as faltas que diariamente cometem. São filhos que não fazem questão de aborrecer diariamente o pai e só dão um jeito para não serem expulsos de casa.

3º. – Sobretudo, porém, é a Missão necessária para os pecadores. **São aqueles que, talvez por muitos anos, vivem afastados de Deus, longe da casa paterna, esquecidos de seus deveres e entregues a suas paixões. Quantas vezes, atormentados pelos remorsos e impressionados pelos castigos da divina Justiça, quereriam eles abandonar o pecado e mudar de vida; mas não sentem coragem.**

Consolem-se, agora chegou a hora da conversão. Especialmente para eles vieram os missionários, para que se salve o que estava perdido.

...Venham, pois, os pecadores aproveitar desta Missão, romper os laços que os prendem ao vício e lançar-se de novo nos braços do Pai que está à sua espera.

Vinde todos : justos, tíbios e pecadores, aproveitar da graça que Deus vos oferece nestes dias. Ao ouvir a voz de Deus ninguém

endureça o coração nem despreze a graça tão extraordinária, tão singularmente eficaz e tão universal. **E lembrem-se todos que virá o dia em que Deus exigirá contas severas desta graça.**

Mas não duvidamos de vossas boas disposições, pelo que passemos agora à segunda parte e respondamos à pergunta: Que pede de vós a Missão ?

II

Em comparação com aquilo que a Missão oferece, pede pouco. Pode resumir-se nestas três palavras : fugir do pecado, assistir aos exercícios e rezar bem, em outras palavras : **o espírito de penitência, de docilidade e de oração.**

A) Espírito de penitência. A Missão exige de vós o espírito de penitência, fugindo de qualquer pecado e de qualquer divertimento incompatível com o espírito da Missão.

Os dias da Missão não são dias de festa nem de divertimento como por exemplo : a festa do padroeiro. São dias de festa , sim, mas para Nosso Senhor, que convida os anjos a se alegrarem com ele cada vez que um filho pródigo, arrependido, volta para a casa paterna. Nada, portanto, de divertimentos profanos. Muito menos podem os dias da Missão ser dias de festa para Satanás. Longe de nós qualquer pecado mortal. O jogo a dinheiro grosso sempre é lastimável, a embriagues sempre é detestável, as imoralidades sempre são condenadas, as injustiças e inimizades sempre são pecados.

B) Espírito de docilidade – O espírito de docilidade pede que ouçais as pregações com intenção de aproveitar dos ensinamentos....

Todos os dias haverá instrução importante depois da Missa das seis e meia, todos os dias haverá catecismo à uma hora da tarde, de um modo muito instrutivo, obrigatório para todos os meninos e todas as meninas e recomendado a todas as pessoas que puderem assistir. Os pais de família mandem os seus filhos ao catecismo e indaguem se não ficaram na rua.

... Todas as noites haverá às seis horas o terço, pequena explicação de pontos importantes e, em seguida, grande sermão e bênção do Santíssimo Sacramento.

...C) Espírito de oração – O mais importante que a Missão pede de vós é o espírito de oração. Nós pregaremos e trabalharemos, mas todos os nossos esforços serão em vão , se Deus não ajudar com sua graça.

...1º. Nós rezaremos todos os dias para que Deus abençoe os nossos trabalhos.

2º. Mas então deveis vós também rezar muito nestes dias. Quem, como bom cristão, até agora fazia suas orações de manhã e à noite, faça-as nestes dias com mais fervor e se alguém não fazia estas orações até agora, comece a fazê-las nestes dias e não as omita mais nunca. Quem puder venha todos os dias a uma das Missas. A Missa vale muito mais do que todos os sermões da noite.

...E á noite, acabado o serviço, venham, todos à Missão, que começa às seis horas em ponto.

Onde também estiverdes, ajoelhai-vos ao toque do sino da penitência, rezando cinco padres-nossos e cinco avemarias pela conversão dos pecadores Se assim fizerdes, estarão garantidos os resultados

desta Missão e teremos dias de bênçãos e de salvação, cuja lembrança será ainda um consolo na hora da morte.

E Vós, S..... , padroeiro deste lugar, que tantas bênçãos e favores alcançastes para este bom povo, abençoai estas santas Missões que agora se abriram . Amém

Neste sermão de abertura pode-se perceber com clareza e através dos destaques em negrito, os pontos fortes do trabalho missionário.

Procurava-se, nesse primeiro contato, atrair o povo para a missão e, de modo bastante explícito, tanto destacavam-se os benefícios esperados da missão como os castigos que poderiam advir `aqueles que dela não participassem adequadamente, perdendo assim a oportunidade ímpar de salvação oferecida pelas missões.

Ao lado da bondade e da misericórdia divina sempre estava presente o rigor dos castigos do inferno.

O primeiro contato servia para esclarecer e impressionar o povo.

No segundo dia o tema era a Salvação. Nesse sermão o orador destacava que essa é a tarefa mais importante a que devemos nos dedicar, a única luta da qual se deva sair vitorioso, custe o que custar:

...Aqui na terra as felicidades e prazeres , por mais completos que sejam, são transitórios e efêmeros e muitas vezes não passam de terríveis desilusões e desgraças.

...Ninguém ser esqueça da grave sentença de Santo Afonso : Se perdermos a alma, tudo estará perdido, e se conseguirmos salvar a mesma, tudo estará salvo.¹⁷⁵

No terceiro dia a temática passava pecado mortal : uma monstruosidade para com Deus, uma desgraça sem par para o pecador:

Ora, o que faz o pecador quando comete pecado mortal ? Pelo fato de pecar levanta audaciosamente o seu braço contra Deus, nega-lhe obediência e desafia o poder divino.

... Se agora não te converterdes, cairás no desespero de Judas e o demônio já estará pronto para apoderar-se de ti e para arrastar-te consigo aos castigos eternos, para não falar dos castigos

¹⁷⁵ Quando terminava a missão, os missionários sempre deixavam no interior da matriz, logo na entrada, uma cruz negra de madeira na qual vinha gravada a data das missões e a frase : SALVA TUA ALMA.

O levantamento do cruzeiro e a cruz deixada à entrada da igreja tornaram-se emblemáticas com relação às “santas missões”.

tremendos que o pecado mortal já costuma trazer consigo nesta vida terrestre.”

A seguir, no dizer do padre Henrique Brandouw, era ativada a artilharia pesada : as verdades eternas, os novíssimos :

“Esta noite venho falar-vos sobre a verdade pavorosa, que nos enche de espanto e contra qual se revolta todo os nosso ser; venho falar-vos sobre a morte : um dia morrereis .

Essa verdade é tão horrorosa que eu nem teria coragem de lembrar-vos esta extrema humilhação, se eu mesmo não trouxesse estampada na minha frente a mesma sentença condenatória : morte morieris – morrerás! Nós todos, eu e vós, seremos um dia colhidos pela morte .

Depois de meditar sobre a morte, na noite seguinte o missionário conduzia o povo ao segundo ponto forte da conversão : O Juízo Final

Consideremos esta noite como Deus Nosso Senhor mostrará no Juízo Universal :

1.º – Todo o seu poder nos acontecimentos que precederão este Juízo .

2.º – Toda sua sabedoria no exame judicial.

3.º – Toda a sua justiça na sentença que será pronunciada.

O Juízo Universal, no fim do mundo, será anunciado por uma confusão extrema, cujo desfecho será a apostasia geral, chefiada pelo Anticristo.

...Por toda parte ouvir-se-ão os clamores e rumores de guerra, nações se levantarão contra nações, reinos contra reinos e inúmeros cristãos, fiéis ao único Cristo verdadeiro, serão perseguidos e atrocemente trucidados por ódio a esse nome. Os pais entregarão seus próprios filhos, os irmãos denunciarão seus próprios irmãos e a terra será encharcada do sangue das numerosas vítimas. Além disso ver-se-ão montões de cadáveres de homens, prostrados pela peste e pela fome.

...Mortos os homens e destruído pelos terremotos e pelo fogo tudo quanto havia no mundo, soará de repente o clangor de uma trombeta misteriosa e, em alta voz, bradará o arcanjo : Levantai-vos ó mortos, e vinde ao juízo !

Ao clamor pavoroso desta voz retumbante descerão do céu as almas dos bem aventurados para se unirem a seu corpo glorificado, com o qual serviram a Deus neste mundo; mas também assomarão do inferno as sombras infelizes dos condenados que, para a sua desgraça, terão que unir-se a seu corpo maldito, do qual abusaram para ofender a Deus.

...Assim que os mortos ressuscitarem, aparecerá no céu uma cruz fulgurante: o sinal do Filho do Homem.

... E Esse enviará seus anjos a fim de que , com trombetas e em alta voz, reúnam todos os ressuscitados no vale de Josafá, separando ali os justos dos pecadores. No meio, deixarão o lugar para o divino Juiz, levando os justos para a direita enquanto deixarão os réprobos à esquerda.

Observai : não se colocarão à direita os poderosos e grandes da terra nem os felizes aos olhos do mundo, que em

vida gozavam de todos os bens, prazeres e honras que o mundo oferece; nem se colocarão à esquerda os que em vida foram pobres, humildes e desprezados. A única norma para o lado direito serão as virtudes praticadas, os mandamentos observados, em uma palavra : o amor de Deus, manifestado na vida. O que determinará o lado esquerdo serão os vícios e pecados, em uma palavra : o desprezo com que Deus foi maltratado pelo pecador.

Ao lado esquerdo ficarão, pois, os ateus e os católicos que profanavam o domingo e não recebiam os sacramentos . Ao lado esquerdo, os que em vida abandonaram a estrela polar da revelação divina para submeter ao critério humano as verdades divinas da fé : os que foram ao espiritismo, protestantismo, maçonaria ou comunismo. Ao lado esquerdo os que nunca rezavam, como também os blasfemadores e os sacrílegos. Ao lado esquerdo os pais que deixaram seus filhos perder-se no mundo, como também os filhos maus e ingratos. Ao lado esquerdo os rancorosos e assassinos, principalmente de criancinhas , os adúlteros e os que criminosamente não aceitavam os filhos que Deus lhes quis confiar. Ao lado esquerdo os roubadores dos bens alheios e os opressores dos pobres, como também os jogadores junto com o homem que os deixavam jogar; os beberrões junto com os vendeiros que os deixavam embriagarem-se e os que não faziam todo possível para pagar suas dívidas. Ao lado esquerdo os caluniadores, esses filhos desgraçados do pai da mentira e da inveja que é Satanás.

Nada ficará oculto ou despercebido; nem mesmo se alguém no maior segredo matou uma criança para salvar a sua honra perante o mundo, mesmo se alguém na confissão escondeu um pecado mortal ou enganou o sacerdote. Tudo será revelado e descoberto no Juízo.

... E eu vos pergunto: Qual será o vosso lado ? Ah! Se a consciência vos acusa de algum pecado mortal ainda não penitenciado, oh! Vinde então pedir perdão em uma boa confissão e fazei sincera penitência antes que seja tarde.

... Enquanto a vista de Jesus, em toda sua glória e majestade , será para os justos motivo de êxtase e suprema satisfação, como foi a vista de Jesus glorificado no monte Tabor, será ela pra os réprobos motivo de desespero total e de pavor . Procurarão esconder-se e precipitar-se no inferno e gritarão : Montanhas, caí sobre mim ! Colinas , encobri-nos !

... Oh! Se o onipotente ministro Aman ficou aturdido pelo aspecto sinistro do rei Assuero e da rainha Éster; se o povo de Israel quase morreu de espanto ao ver a glória de Moisés indignado, se os habitantes de Nazaré, transidos de medo, ficaram pregados ao chão só por causa do andar majestoso do salvador, se um simples “Sou eu “, no Horto das Oliveiras lançou por terra a soldadesca, se no dia da Ressurreição os vigias ficaram estarecidos e – velut mortui – como cadáveres; que será então dos réprobos a vista da majestade de Nosso Senhor, quando na hora suprema do Juízo Universal, mostrar todo os eu poder e justa indignação ? **Oh! Pecadores, Oh! Pecadoras, pedi perdão a Deus e emendai vossas vidas, antes que seja tarde e preservai-vos desta calamidade horrorosa.**

Rodeado de seus anjos e dos apóstolos, ouvirá Jesus com toda a imparcialidade tanto os depoimentos favoráveis do anjo da

guarda como as acusações do demônio e da consciência dos próprios julgados, a qual estará ali como um livro aberto.

... Verificado tudo, pronunciará Jesus com absoluta justiça a sua sentença.

... Vinde , benditos de meu Pai; vinde possuir o reino que vos está preparado desde o princípio do mundo.

... Vinde segui-me. Não Me abandonastes em vida, ficastes comigo nos sofrimentos, agora por minha vez quero que estejais comigo na glória por toda a eternidade.

... Afastai-vos de Mim, malditos. Malditos pelo Padre Eterno que vos criou, malditos pelo Filho que vos remiu, malditos pelo Espírito Santo que vos santificou.

...Neste momento estará aberto o imenso abismo e nele desaparecerão conjuntamente demônios e réprobos. Ouvirão ainda o ranger da porta que atrás deles se fechará para nunca, nunca mais se abrir. Eternamente lhes atroará aos ouvidos a voz do Juiz : Afastai-vos de Mim , malditos, para o fogo eterno!

Ó Jesus, meu Deus e Salvador. Sereis um dia meu Juiz. Que sentença me reservais no dia do Juízo? Se agora me pedísseis contas de minha vida, que poderia eu responder senão que mereço ser condenado ao lado esquerdo ?

Sim, meu Redentor, mereço ser um condenado . Mas sabeis que daqui em diante quero amar-vos e detesto o meu passado pecaminoso. Aqui estou aos vossos pés, arrependido. Dai-me a vossa palavra de perdão que espero ouvir na santa Confissão .

O sermão buscava aterrorizar e abalar as consciências. O resultado era então esperado no confessional! (CAMURÇA., 2004, p. 224)

Os meios de conversão ainda não haviam se esgotado.

O passo seguinte era o sermão sobre o Inferno. O pregador iniciava apresentando ao povo as provas da existência do inferno e a seguir descrevia os castigos que nele sofreria o pecador impenitente, condenado a sofrer eternamente :

É como sempre : os maus é que não querem que haja cadeia; os bons a reclamam. E os que mais falam contra o inferno, são exatamente os que mais nele acreditam. Mas não lhes adianta falar e debater-se, como não adianta ao medroso fechar os olhos na hora do raio nem ao cego negar a existência do sol ou da lua.

...Além disso. Observemos estas mesmas pessoas (que negam a existência do inferno) na hora da morte. Será difícil encontrar um só que continue a sustentar sua palavra. De exemplo sirva o maldito Voltaire. Este infeliz gloriava-se de ser o mais ímpio de sua época e zombava de tudo quanto é sagrado. Certo dia fingiu-se de doente e mandou que o sacramentassem. Quando, porém, chegou de verdade a hora de sua morte e ele era intimado a prestar contas de sua vida criminosa, mandou, possuído e transido de pavor, chamar o vigário de Saint Sulpice. E, quando os companheiros zombando dele se negaram, o mesmo Voltaire, que em vida repetia não acreditar no inferno, morreu num

acesso de desespero, sendo seu último grito : Ai de mim, ai de mim que agora mesmo estarei no inferno para sempre!

Não faremos essa meditação para lançar-vos no desespero : longe de nós esta maior desgraça.

Com espanto meditaremos nos horrores do inferno para jamais cairmos nesse abismo e, portanto, para abandonarmos o caminho do mal e para pedirmos perdão a Deus numa boa confissão, antes que seja tarde.

Quando éramos ainda jovens seminaristas, contou-nos um padre velho os horrores que ele mesmo tinha visto em Caiena, presídio na Guiana Francesa. Os sentenciados, para sempre banidos de sua pátria, procuravam desesperados dar-se à morte, porque não agüentavam mais o remorso de terem sido banidos da pátria e da convivência com os seus queridos, por própria culpa.

Talvez seja esta a imagem mais própria, ainda que palidíssima, do castigo do inferno, quando logo depois da sentença pavorosa : Afastai-vos de mim malditos fazedores de iniquidade, para o fogo eterno.

... Sempre excluído do céu, jamais nele poder entrar e isso por própria culpa, eis o principal sofrimento do inferno. Esta desgraça, porém, virá eternamente acompanhada por outros horrores dentre os quais o mais doloroso será o do fogo eterno.

A Sagrada Escritura fala tantas vezes sobre o fogo do inferno, que não pode haver a menor dúvida: existe este fogo que eternamente atormentará os réprobos.

...Já vistes uma pessoa queimada ? Tal pessoa inspira compaixão até ao médico mais afeito ao sofrimento e mais endurecido. Pois bem; nada é este sofrimento, embora o mais doloroso que se encontre neste mundo, em comparação com a intensidade do fogo infernal, e este sofrimento por sua vez não é nada em comparação com a perda eterna de Deus!

... Lançai-vos agora de joelhos e rezai comigo : Ó Jesus, se eu morresse agora, iria eu para o inferno sem poder amar-Vos nunca mais. Mas ó Jesus, estou arrependido, quero emendar minha vida e nunca mais Vos perder pelo pecado. Ó Jesus dai-me a graça de uma boa confissão e de uma sincera conversão, não permitais que eu me lance loucamente no inferno.

Seguindo as pegadas do fundador agora era o momento em que os missionários ofereciam ao povo o consolo e a proteção de Nossa Senhora. Nestes dias da missão já se esperava haver abalado os corações emperdenidos. Era necessário dar força para se obter a perseverança.

Monstra te esse matrem – Mostraí, ó Maria que sois Mãe! Súplica da Santa Igreja nos ofícios de Nossa Senhora.

Entre todos os santos não há talvez um só que tenha amado Nossa Senhora com amor mais intenso e mais esclarecido do que Santo Afonso. Não há talvez um só que tenha compreendido melhor ou defendido com mais competência o valor das devoção a Nossa Senhora do

que este Doutor da Igreja. Aos noventa anos, carregado por dois confrades, arrastava-se ainda ao púlpito para falar sobre a boa Mãe do céu.

Daí não nos admira que este grande devoto de Maria, ao fundar a Congregação dos Redentoristas, não só tenha mandado que eles mesmos com ilimitada confiança recorressem a Maria Santíssima em todas as necessidades, mas também que não deixassem passar um só dia da Missão sem que falassem sobre o poder e a bondade dessa boa Mãe do céu.

Obedecendo a esta feliz ordem do nosso fundador, não venho hoje falar-vos sobre os privilégios de Maria Santíssima como por exemplo o de sua Imaculada Conceição, não venho mostrar-vos Maria, assentada no trono à direita do seu divino Filho, num esplendor que ofusca o brilho dos anjos e bem-aventurados, somente venho dar-vos a resposta a estas duas perguntas :

1.º - Por que devemos por em Maria Santíssima toda a nossa confiança.

2.º - Como mereceremos sua valiosa proteção

Concentrando-se nessas respostas o missionário comentava as passagens bíblicas relativas à maternidade de Maria e ao momento em que deu-a por mãe ao discípulo João, aos pés da cruz.

Comparava o amor das mães terrenas ao da mãe do céu :

... Na qualidade de Mãe nossa, Maria Santíssima é toda bondosa. Não pode duvidar disso quem sabe o que é a verdadeira mãe para seus filhos. É imagem do amor mais generoso e mais terno que no mundo se encontra. ”

Após discorrer sobre as várias oportunidades em que devemos invocar a proteção de Nossa Senhora, concluía :

“Por fim, ó Maria, queremos pedir-Vos ainda uma graça: na hora da morte vinde buscar-me e levai-me para bem perto do vosso trono, para aí podermos entoar o hino que aqui na terra já entoamos : Com minha Mãe estarei! Amém

Os dias da missão eram marcados pelos vários temas que buscavam converter os ouvintes, remover os “ maus costumes ” e garantir os frutos da missão.

Dentre os vários outros assuntos como : impureza, ocasião próxima, eternidade, casamento, deveres dos pais, sermão do cruzeiro e sermão da oração, cujos textos são jóias da pregação popular, destaco por fim o sermão sobre a ocasião próxima por varrer de forma detalhada o campo dos costumes :

Feito o exórdio iniciava o pregador :

Seria impossível enumerar todas as ocasiões próximas de pecado; pois em nossos dias se multiplicaram e se intensificaram por demais. Contentemo-nos comas seguintes:

1º. – Ocasão próxima é muitas vezes uma leitura: são os livros, jornais, revistas ou folhetos que atacam ou ridicularizam a Religião, que defendem as heresias do protestantismo, etc, que ofendem os bons costumes aprovando o suicídio, justificando o adultério ou qualquer imoralidade. A respeito dos romances atuais sabemos que até os melhores mais contribuem para a deformação do caráter que para a formação do mesmo.

2º. – O ocasião próxima são muitas vezes os divertimentos por demais mundanos ou freqüentes: são os teatros ou cinemas com suas representações desmoralizadoras e fascinante se com seus perigos na escuridão do salão, são os bailes com seus gestos vergonhosos, suas danças indecentes e sua música apaixonada e sensual; são os banhos mistos nas praias e piscinas, são os esportes bárbaros como o box e exagerados como o do futebol que reduz grande parte da mocidade moderna a uns exaltados, são os “footings” escandalosos em plena rua das cidades; são as modas que atrizes inconscientes inventaram para excitar a desonestidade de homens e rapazes.

3º. – Ocasão próxima é muitas vezes uma pessoa que se encontra quer dentro de casa quer fora: são os donos ou os filhos que perseguem uma pobre empregada, são os maus companheiros que propagam o mal e seduzem os incautos; são os namoros livres a sós e na escuridão; são muitos “speakers” sem consciência, do rádio, etc.

4º. – Ocasão próxima é muitas vezes uma profissão na execução da qual o homem se perde por imoralidade, injustiça ou propagandas infames.

5º. – Ocasão próxima é muitas vezes uma casa: são as tais casa suspeitas, esses verdadeiros antros de perdição que às vezes se acham ao lado de casas de família, são as casas de jogo; são as vendas e bares onde se pode embriagar, etc.

As ocasiões que acabo de enumerar são só alguns exemplos, infelizmente existem muitas mais, como na política, no comércio, etc.

... Não pode haver verdadeiro arrependimento do passado nem firme propósito de emenda para o futuro, se não quisermos fugir da ocasião próxima, devido à qual já caímos uma vez em pecado mortal; se não quisermos cortar o mal pela raiz a confissão será nula e até sacrílega.

Quem já foi ofendido uma vez por uma cobra, não se exporá outra vez a seus botes, se não quiser passar mal de novo. E aqui devemos aprender com os animais: burro algum tropeça uma segunda vez na mesma pedra em o rato cai uma segunda vez na ratoeira.

É que o passado se repetirá no futuro: quem já caiu uma vez em alguma ocasião próxima, recairá mais facilmente na mesma, porque pelo pecado **enfraquece-se a vontade.**

... Moço infeliz, não te sentiste cada vez mais apaixonado, quando cada vez de novo olhavas com interesse para aquela moça; cada vez de novo andavas com aqueles maus companheiros; cada vez que de novo entravas naquela casa suspeita? É que, se aumenta a velocidade de um objeto em queda na medida da [profundidade na qual cai, cada vez mais difícil se torna a colocação no ponto donde caiu.

Moça infeliz, não opusestes resistência cada vez mais fraca à medida que cada vez de novo estavas com tuas companheiras levianas; cada vez de novo facilitavas com aquele moço, cada vez de novo te

entregavas às leituras proibidas, freqüentavas cinemas e bailes e andavas mal vestida ?

Mulher infeliz, não te perdestes cada vez mais à medida em que de novo te deixavas seduzir por aquele moço ou homem casado até chegares à situação deplorável e vergonhosa em que te vês agora como num beco sem saída ?

Homem infeliz, escravo de tuas paixões, não chegastes a este absurdo de degradação por não teres aproveitado das primeiras lições do teu passado criminoso ?

... Conservemo-nos, portanto, o mais longe possível das leituras perigosas.

... Ainda mais perigosos são os divertimentos mundanos, principalmente cinemas e bailes, pois neles se despertam paixões perigosíssimas que dormiam.

... Fugamos também das perigosas quer estas se achem dentro quer fora de casa.

... Nunca sejamos daqueles que querem ganhar o sustento do corpo com a perda de sua alma.

... Por último deveis fugir das casas que podem ser perigosas,; casas suspeitas, casas de jogo e vendas onde há ocasião de embriagues. Principalmente nas casas suspeitas tudo contribui para a perdição.

Dentre os sermões destaco ainda aquele no qual dava-se a maior ênfase no encerramento da missão: a perseverança:

...Bem o compreendeis : a Missão propriamente não acabou, apenas começou. A Missão deve ter seus efeitos no futuro e fracassou se, dentro de uma semana, dentro de um mês e até dentro de um ano, voltásseis ao caminho do mal ou do indiferentismo

Perseverança não quer dizer que nunca mais caireis no erro, ainda que todos tenham feito o firme propósito de evitar a todo custo qualquer pecado mortal. Perseverança quer apenas dizer que deveis continuar a pensar e querer o que agora pensais e quereis. Isso é indispensável e absolutamente necessário, tanto por causa de Deus como por causa de vós mesmos.

Podemos afirmar com certeza que muitos desses sermões nem sempre eram ouvidos e entendidos por todos. A dificuldade do sotaque holandês, o barulho e até mesmo a algazarra dos ouvintes em muito prejudicava a audiência. Além do mais, não existiam os recursos sonoros de hoje o que exigia do missionário uma voz que pudesse se ouvida pela multidão, quase sempre ao ar livre. Como lemos, muitas vezes o missionário devia interromper o sermão para pedir silêncio, para que as mães acalentassem as crianças e para conter aqueles que não conseguiam concentrar-se na pregação.

O conteúdo de tais prédicas bem revela o espírito renovador inspirado no Concílio Vaticano I^o e os conflitos da doutrina face à mentalidade laicizante da época.

Os missionários por sua missão e formação enfrentavam tais conflitos opondo-lhes a verdadeira doutrina de conformidade com a tradição e os pronunciamentos da Igreja.

Entretanto, o trabalho missionário não se resumia aos sermões da noite. Muita importância era dada à instrução doutrinária feita através do catecismo às crianças. Ao catecismo compareciam, muitas vezes, os próprios pais e outros adultos. Era através do catecismo, ministrado por volta das dez horas da manhã, após o almoço, que os missionários transmitiam as principais verdades da fé, combatiam as superstições e muniam o povo de recursos apologeticos face à iniciante campanha dos evangélicos e protestantes.

Outro recurso importante eram as procissões e comunhões gerais que movimentavam toda a comunidade, no seus vários segmentos.

Mas era no confessionário que se colhiam os frutos da missão. Nas confissões que se estendiam noite adentro, os missionários ressaltavam os pontos da fé, incentivavam os penitentes na reforma dos costumes e acentuavam a perseverança na conversão quando terminassem os dias da missão.

A confissão era ponto de tal importância que muitas das críticas feitas ao trabalho missionário diziam respeito ao fato de que, muitas vezes, não se dedicava a esta tarefa o tempo necessário, muitas vezes eram feitas apressadas e, portanto, sem atingir o objetivo principal : *a mudança nos costumes e a verdadeira conversão*.

Em 16 de fevereiro de 1906 o Padre Augusto Beukers, Vice Provincial, tendo em vista algumas queixas sobre a rapidez dos confrades no confessionário, publicou circular tendo como tema as dificuldades encontradas no atendimento das confissões e exortando a todos a que fossem “*ricos no amor, amáveis na mansidão e prudentes*”.

Novos tempos anunciavam-se. Tempos difíceis através dos quais o trabalho missionário deveria se apurar.

Capítulo- 3 Tempos de cólera

Παντα ρει και ουδεν μενει ¹⁷⁶

Heráclito de Éfeso

Se o tempo é a medida dos fatos, segundo o antes e o depois, podemos com o filósofo de Éfeso concluir que nada é permanente. Aos tempos festivos, emoldurados de sucesso, sobrevieram tempos difíceis emoldurados de amargura. Sempre existe o antes e o depois e, os fatos e registros que passaremos a expor em muito hão de contribuir para que tenhamos uma visão maior da efetiva influência dos trabalhos missionários desenvolvidos pelos redentoristas holandeses, nessa quadra objeto de nosso estudo.

Deixaremos ainda para as conclusões o julgamento objeto de nossa reflexão e permitiremos ao leitor que ele mesmo possa construir seu juízo.

3.1 – Decepções nas terras do Morro da Gratidão.

O trabalho missionário nas pequenas cidades desenvolvia-se com sucesso e os missionários, apesar das dificuldades da língua, das viagens, dos costumes do povo e das acomodações, estavam satisfeitos com os resultados.

Como assinala WERNET (Vol,1, 1994, p. 165) as dificuldades enfrentadas pelos missionários nessas pequenas localidades poderiam resumir-se na ingenuidade e simplicidade do povo da roça por seu caráter indolente e por sua ignorância religiosa : “*conversavam durante o sermão, saiam da igreja para fumar e beber um trago de pinga*. Se havia tais dificuldades tudo isso era compensado pela atenção, piedade e respeito com que, de modo geral, acolhiam a missão.

Entretanto, o contato com as comunidades mais desenvolvidas e mais secularizadas trouxe algumas inesperadas dificuldades.

¹⁷⁶ “ Tudo passa e nada permanece ”

O Racionalismo, a laicização do Estado, o rompimento com a Igreja Católica como religião oficial e até mesmo a Maçonaria e as investidas do Protestantismo em suas diversas denominações, ainda não haviam atingido as cidades interioranas.

Outras localidades maiores, servidas por ferrovias, com uma imprensa neutra, um operariado expressivo e uma intelectualidade já marcada pelo racionalismo da época iriam oferecer maiores dificuldades ao trabalho missionário.

Por outro lado os redentoristas holandeses não se preocuparam com uma preparação para enfrentar tal realidade. Durante os dez primeiros anos quase somente se dedicaram às missões em pequenas localidades. Os sermões podiam ser repetidos sem problemas e as dificuldades da língua eram relevadas e, de certa forma, constituíam-se em aspecto pitoresco e interessante para o povo do interior. Os novos missionários que chegavam da Holanda eram inseridos nesse meio, decoravam os mesmos sermões, cometiam as mesmas falhas na linguagem e pronúncia e pareciam pensar que todo o Brasil era como nas cidades do interior e que, dessa forma, poderiam conduzir seus trabalhos em quaisquer outras localidades.

A primeira missão em que os missionários enfrentaram franca oposição e duras críticas de parte da população foi a missão pregada em Juiz de Fora, de 26 de maio a 10 de junho de 1906.

Dela participaram os padres Francisco Lomeyer, Afonso Mathysen, Adriano Wiegant e Paulo Tweehuisen. Note-se que os dois primeiros missionários eram já bastante experimentados e lideravam as missões nas localidades do interior. Os dois últimos tinham pouca experiência missionária e haviam chegado ao Brasil há menos de três anos.

Em 1906 Juiz de Fora era uma expressiva metrópole com aproximadamente 85.450 habitantes.¹⁷⁷ Possuía usina e rede elétrica, bondes elétricos, telefones, duas fábricas de tecidos, bancos, várias escolas e colégios católicos e uma Santa Casa onde prestavam-se os mais avançados cuidados médicos .

¹⁷⁷ A informação da população está baseada em recenseamento promovido pela Câmara Municipal de Juiz de Fora em 1907. O recenseamento informava que Juiz de Fora (Zona urbana e rural) , contava com 43.363 homens e 24.087 mulheres. Dessa população 28.553 residiam no distrito da cidade (zona urbana). Dados constantes do Álbum do Município de Juiz de Fora, de autoria de A . ESTEVES, publicado em 1915.

Nesse mesmo ano circulou em Juiz de Fora o primeiro automóvel, de propriedade do dentista Graciliano Cabral . Além da ferrovia, a rodovia União Indústria, inaugurada em 1861, ligava a cidade à capital federal, com diligências diárias.

Além disto a cidade contava com oito Lojas Maçônicas, expressiva comunidade Luterana, uma crescente comunidade Metodista com o importante Colégio Granbery, uma tipografia e, sobretudo, quatro jornais : O Pharol, Correio de Minas, Correio da Tarde e Jornal do Comércio.¹⁷⁸

É bem verdade que os católicos constituíam a maior parte da população e sua influência se fazia sentir nos diversos seguimentos da sociedade, mas a presença dos protestantes, maçons e de uma intelectualidade laica e muitas vezes anticlerical era representativa.

O cenário em nada podia se comparar com as maiores localidades já missionadas, tais como Mariana e São João Del Rei.

Nessa época constatava-se um intenso sentimento de nacionalismo que manifestado numa aberta aversão aos padres estrangeiros. Face a tal realidade, no ano de 1906 o Vice Provincial, Padre Augusto Beukers, em circular datada de 31 de janeiro, exortou seus confrades sobre as vantagens da permitida naturalização e, dando o exemplo, naturalizou-se brasileiro juntamente com o pioneiro Padre Mathias Tulkens.¹⁷⁹

Nesse mesmo ano o Padre Júlio Maria já fazia parte da comunidade redentorista da Glória e, apesar de sua grande influência na sociedade juizforana, e sua participação nas Missões de Belo Horizonte em março de 1906, não fez parte da equipe designada para as missões na cidade, na qual trabalhara desde 1894.¹⁸⁰

¹⁷⁸ Os dados foram extraídos das obras “*História de Juiz de Fora*” de Paulino de Oliveira, páginas 177 a 200, editada em 1966 sob os auspícios da Câmara Municipal.

Outras referências constam da obra “*Juiz de Fora , a Companhia União Indústria e os alemães*” de J.L. STEHLING, 1979 .

¹⁷⁹ O fato foi destaque no Jornal do Comércio, edição do dia 20 de setembro de 1906 : “ Dignos são de nossas congratulações os novos compatriotas que acabam de dar um testemunho inequívoco de dedicação e amor ao nosso paiz”

¹⁸⁰ Padre Júlio Maria atuava em Juiz de Fora desde 1894, era escritor sempre presente em “O Pharol “ . Sobre sua atuação em Juiz de Fora cfr. R. AZZI, *Juiz de Fora e a nova Nínive sob a ótica do Padre Júlio Maria*, in : RHEMA, V.4, 1998.

Sobre sua atuação como missionário apostólico no Brasil, cfr. R. DELLA CAVA, *Estudos CEBRAP*, 12, *Igreja e Estado no Brasil* : 1975 p.11

Faltou aos holandeses o senso de oportunidade. Se o Padre Júlio Maria, agora redentorista, tivesse feito parte da equipe e a ele entregue os principais sermões, certamente teriam sido poupados de tanta crítica, até mesmo por parte do segmento racionalista que, ainda que hipocritamente, muito elogiava o orador.

O peso de todos esses antecedentes e, sobretudo, o fato de que a missão realizar-se-ia num cenário totalmente diverso, parece não ter preocupado os missionários. Não há registros de que se tenha tido um cuidado especial em adequar o trabalho missionário a tal realidade.

Uma correspondência do Padre Adriano Wiegant, datada de 11 de junho de 1906 e dirigida ao reitor do Rio de Janeiro, Padre Geraldo van Deursen, convento ao qual estava adscrito, demonstra bem a preocupação do missionário :

Por causa do sermão sobre o sexto mandamento, apareceram artigos nos jornais : Pharol, Correio de Minas e Correio da Tarde.

Sob o pretexto de lutar pela moral pública e pela honestidade e decência de uma cidade tão civilizada como Juiz de Fora, pela beleza da linguagem portuguesa, apareceram artigos ofensivos a nós nos jornais acima mencionados. Toda a cidade se intrometia neste caso. Houve uma confusão após o meu sermão sobre o casamento. Alguns Metodistas quiseram perturbar tudo. Quando um deles não quis tirar o chapéu na hora da bênção do Santíssimo, foi atacado por uns cem homens. O culpado recebeu umas pauladas bem merecidas e teriam matado o homem e não tivesse fugido para uma loja e sido salvo pela polícia. A consequência : artigos nos jornais dando toda culpa aos missionários .

Quanto ao sermão sobre o sexto mandamento: até pessoas bem intencionadas, mas que não tinham assistido ao sermão, opinavam que nós, de uma maneira escandalosa, pecamos contra a moral e a língua e também contra o respeito devido a um auditório civilizado.

Houve um pedido insistente do Promotor da cidade para mandar fazer um inquérito policial como se tivéssemos cometido um crime contra um artigo da lei penal que proíbe todo ato indecoroso em público ! Os promotores tiveram de fato a brutalidade de mandar um inquérito, mas o Chefe de Polícia (apesar de ser professor no Colégio Metodista) teve a prudência de não iniciá-lo. Mas não obstante toda aquela confusão, o número de participantes na Missão crescia cada vez mais. Até senhoras, as quais segundo os jornais, tinham ficado mais escandalizadas não deixaram de comparecer.

O Juiz de Direito nos garantiu que não tínhamos nada a temer e vários advogados se ofereceram para a eventual defesa caso houvesse uma perseguição judicial.

Então O Pharol publicou um artigo baixo e indigno contra os missionários estrangeiros de autoria do Cônego Monteiro, Cura de Mathias Barbosa.

No último sínodo, em Mariana, ele queria ter falado contra as Congregações estrangeiras, mas o bispo proibiu.

Foram dias muito desagradáveis para nós. Em toda a cidade se falava a favor ou contra nós. Todo aquele movimento ficou sendo atribuído à ação dos Metodistas. O encerramento das Missões foi uma verdadeira apoteose, com uma multidão enorme.

Só o Jornal do Comércio não publicou nada contra nós. Agora o Diretor, Dr. Valadares, mandou editar um artigo em nosso favor.

De fato os jornais da cidade não pouparam os missionários. No dia 6 de junho o *Pharol* publicou pequena nota dizendo estar recebendo muitas reclamações contra a linguagem pornográfica usada por alguns dos missionários : *“Urge que o sr. Arcebispo Dom Silvério, a bem da moral e dos súditos da religião, casse a esses máos pregadores a licença para fazerem missões.”*

No mesmo dia 6 de junho o conceituado jornalista Estevam de Oliveira publicou em o *Correio de Minas* o artigo que abriu portas às várias críticas :

Pessoas que têm assistido ás missões que ora se pregam na igreja matriz desta cidade, aliás muito bons catholicos, pedem-nos que chamemos a atenção do rvd. vigário da freguezia para os termos impróprios que usam os reverendos pregadores.

Segundo as informações que nos foram ministradas, chegam os termos por eles empregados a constituir desenvoltura de linguagem , sob pretexto de ensinamentos moraes, de digna até de severa repressão.

Entrando em minúcias inconvenientes, embora julguem ser isso próprio ao aperfeiçoamento dos fieis, descrevem os pregadores, em cores vivas, certos e determinados pecados que as nossas jovens não cometem e de nem de nome conhecem, porque a família brasileira é tradicionalmente moralizada, porém que ficam sabendo pela simples audição de semelhantes predicas.

É tão extraordinária a desenvoltura da linguagem empregada do púlpito, dizem os nossos informantes, perante o auditorio composto de famílias, de senhoritas e meninas ingênuas, que lhe recusaríamos credito, si não fora attestado por innumeradas pessoas.

Os pais de família no Brasil sabem dar a seus filhos, pelo exemplo e pela educação, ensinamentos de sã moral. Nem para isso jamais necessitam de missões. Com ellas ou sem ellas, a sociedade a sociedade brasileira é o que é: moralizada e honesta, pela única direção que os nossos chefes de família, sempre souberam imprimir á cultura moral de sua prole.

Essas prédicas talvez se adaptem á educação de tribus nomadas do centro africano.

E seria muitissimo deprimente para nos brasileiros, e mormente para esta culta cidade, que necessitássemos de missões pregadas por padres estrangeiros, para sermos dignamente honestos e moralizados. Em nome do decoro nacional e da honra da família brasileira protestamos contra

semelhante afronta. Por isso mesmo esperamos que o rvd. Sr. Dr. Frederico Hellenbrock intervirá, officiosamente, no sentido de não mais se ensinarem do púlpito ás famílias que vão assistir as missões, cousas que ellas ignoram e que não precisam de saber. Si nos é indiferente a doutrina que lá se prega, como também que se amedronte com as penas do inferno a quem se não confesse, não o é, sem duvida, o que tão vivamente se ensina á juventude feminina, a propósito de vícios que ainda, felizmente, não corroem a constituição de nossas famílias.

Depois, quando se levantar o espírito liberal do povo, em justa reacção contra esse requinte de clericalismo, não nos venham dizer que é obra do atheismo, que é o exemplo de Combes que nos estimula e anima.

Em tal pronunciamento pode-se identificar um forte nacionalismo por parte do clero secular e, por conseqüência, uma explícita aversão aos estrangeiros.

Embora em situação um tanto diversa, o mesmo nacionalismo registrou-se com relação ao clero que assistia aos colonos migrantes no sul do país, principalmente em Santa Catarina e Paraná e até mesmo no Nordeste. (AZZI , 1988, p. 75-90) ; DELLA CAVA (1976, p. 56-62)

Desencadeadas as críticas, no dia 8 de junho, o Pharol noticiava o fato que ainda mais lenha colocou na fogueira dos insatisfeitos :

Hontem, por ocasião das missões que estão se realizando no adro da matriz, deu-se um facto que se revestiu da mais brutal selvageria .

Assistia a pregação o sr. Heitor Menegale, guarda livros e professor d'Granbery, quando ao retirar-se em companhia do sr. Antonio patricio Fraga, foi agredido por um grupo de indivíduos que, aos gritos de mata o methodista, esbordoaram-no e te-lo-iam talvez lynchado, si o agredido não se houvesse refugiado na casa do sr. Heitor Correa de Mello, que se viu obrigado a fechar as portas de seu estabelecimento, que já começava a ser invadido pelos perseguidores de Menegale.

No mesmo dia o jornal também publicava :

Das missões que padres estrangeiros costumam realizar nas nossas cidades mais adeantadas, fugindo ao vasto campo que ao seu fervor apostólico abriam as regiões de Mato Grosso e Amazonas, nenhum proveito moral resulta, sendo antes, férteis em perniciosos efeitos, pelo modo por que se conduzem taes pregadores.

São desse gênero as pregações que alguns padres redemptoristas estão fazendo actualmente no adro da igreja matriz, nesta cidade, e, já, em nosso número passado, as reverberamos fundados em fidedignas informações.

Ignorantes de nossos hábitos e da pureza de nossos costumes, celibatários em cujas almas não vibram os santos affectos da família, taes sacerdotes são, por certo, os mais impróprios para traçar normas à família brasileira, que, para perseverar em sua tradição de honestidade, não precisa desses censores, que, nem ao menos, sabem se exprimir em nosso idioma, de sorte que seus discursos se convertem, quase sempre, em um enxurco de disparates e obscenidades.

Intolerantes, acendem no espírito fraco dos ignorantes que os escutam o pernicioso ódio de seita, creando fanáticos como os que hontem agrediram covardemente ao sr. Heitor Menegale, por ser o mesmo methodista e estar assistindo a missão.

Começam, pois, as missões, patrocinadas pelas nossas autoridades ecclesiásticas a produzir os primeiros fructos, o alfrontoso desrespeito às famílias catholicas que vão ouvi-las, e o fanático arremesso contra acatholicos, perseguidos a pedras e cacetes, com a cumplicidade do silêncio e da indiferença dos missionários.

Parece-nos que à congregação dos redemptoristas, entre cujos membros se conta o padre Júlio Maria, illuminado espírito e tribuno notabilíssimo, fácil seria destacar de seu meio para a delicada tarefa de evangelização. Aliás, inútil em nossa cidade, apóstolos mais hábeis do que os que estão esbravejando e plantando discórdia entre este povo tradicionalmente ordeiro.

Para terminar, uma reflexão.

Metade do que têm dito os pregadores em pleno adro da matriz, si fosse pronunciado em um salão determinaria enérgica e justa reprimenda, e na praça publica constitue um ultraje publico ao pudor, crime previsto no art. 282 do código penal .

O Jornal do Comércio foi mais respeitoso e cauteloso limitando-se a narrar os fatos e fazendo um apelo à autoridade policial no sentido de que fatos de tal gravidade não se repetissem.

Ainda no mesmo dia o jornal Correio da Tarde, em linha contrária, voltou à carga :

Missões

Consta-nos que logo à noite, por ocasião das Missões, se repetirão os factos desagradáveis de hontem.

Ahí fica o aviso ás exmas. Famílias e ao sr. Delegado de policia para que sejam tomadas as necessárias providencias.

Registrando...

A missão dos homens que se dedicam á elevada e nobilitante tarefa de transmitir ao povo os ensinamentos das leis divinas, diffundidas outr'ora pelo extraordinário Philosopho Jesus Christo, certo não admitte a linguagem áspera, a liberdade de phrase calorosa e exaltada de onde os termos obscenos se fazem ouvir, provocando a gargalhada dos que conduzem a existência num descuidoso riso de galhofa, suggerindo comentários inconvenientes, dando logar á justa reprovação dos que se esforçam pela pratica da moralidade e ferindo, desapiedadamente a delicadeza dos sentimentos puros

que constituem a bôa educação e se abrigam adoravelmente no coração das famílias.

...Sacerdotes que, com certeza desconhecem por completo os segredos de nossa língua, que ignoram o significado de muitos termos de que se servem, em suas recentes pregações, ao envez de mais accentuarem na alma dos fieis o verdadeiro fervor, na linguagem indecorosa e intolerante de que fazem uso, apenas tem provocado a reprovação dos que se prezam.

Como consequencia do que fica exposto, e que altamente depõe contra os foros de civilização de nossa cidade, alem de constituir grave desrespeito á própria religião catholica em seus desígnios de paz e de harmonia , hontem, o local a que nos referimos e onde o povo se agglomerava, ouvindo a pregação dos representantes da egreja, desoladora scena se desenrolou.O sr. Heitor Menegale, representante da egreja methodista, que se conservava de chapéo á cabeça no instante em que os missionários procediam á bençã, foi aggreído pelo sr. Amâncio de Oliveira e diversos populares, travando-se então serio conflicto em que também os srs. Pedro Marques e Antonio de Mello pertencentes á religião contraria, perseguidos foram pelos amotinadores exaltados.

Õ artigo acima veio assinado pelo sr. Marcos Brazil.

No dia 9 de junho o Jornal do Comercio noticiou que fora feito o policiamento no adro da matriz e não se registrou qualquer desordem.

No mesmo dia, outro artigo, assinado pelo sr. Celso Dinarte, acentuou ainda mais as críticas:

Catholico sem phanatismo sinto-me com o direito e na obrigação de dirigir algumas linhas , com o devido respeito , a s. excia. revma. o sr. D. Silvério Gomes Pimenta, illustrado arcebispo deste Estado .

De um certo tempo a esta parte, tem-se notado no clero brasileiro o desaparecimento dos padres nacionaes, e o surgimento sempre crescente de padres estrangeiros, cuja procedência muitas vezes ignorada causa certo mau ver áqueles que, religiosos, catholicos por convicção e não por phanatismo, se interessam pela religião e desejam sempre vel-a triumphante, quer no conceito do povo, quer nos embates com as seitas que lhe são adversas.

Manda, porem, a justiça que se não calle o mérito, de uns tantos sacerdotes estrangeiros que, mormente nesta cidade, se impõem ao respeito e á consideração dos catholicos e do povo em geral, pelas constantes e inequívocas provas de saber,de dedicação e da mais nítida comprehensão de seu sacerdócio.

Neste numero estão comprehendidos, sem duvida, o digno vigário da matriz desta cidade, e os seus illustres conteraneos que dirigem a Academia do Comercio, homens que gozam, merecidamente, do maior conceito e da mais alta estima entre nós.¹⁸¹

¹⁸¹ O jornalista refere-se aos padres alemães da Congregação do Verbo Divino que, de Petrópolis onde dirigiam o Seminário, chegaram a Juiz de Fora por convite de Dom Silvério em 1899. A paróquia de Juiz de

Acontece, porém, que numa cidade como esta, onde se encontram tão conspícuos representantes da religião catholica, aparecem, de vez em quando, uns tantos missionários que, talvez mesmo por serem estrangeiros pensem que somos bugres, e fallam a este povo religioso e culto numa linguagem que seria aproveitável numa aldeia de índios, tanto quanto reprovada numa cidade como esta.

Temos aqui, por exemplo, um padre que por si só é uma garantia para a nossa religião, um homem cuja palavra convence e encanta ao mesmo tempo, assim como seus exemplos instruem o povo do modo mais salutar e proveitoso.

Refiro-me ao Padre Julio Maria, este enexcedível pregador sagrado, que tem como que a centelha divina a iluminar-lhe constantemente o cérebro em fulgurações estupendas. E se assim é, que necessidade há na vinda desses padres, que por aqui apparecem tão somente para dar logar aos mais picantes comentários a cerca se suas palavras e de seus actos ?

É preciso que, de uma vez para sempre, se callem nos púlpitos dos templos catholicos umas tantas vozes que, longe de concorrerem para a regeneração dos nossos costumes, vêm despertar sentimentos condenados pela religião, que essas mesmas vozes julgam apontar ao povo como a única que nos conduzirá pelo caminho do Bem e da Virtude.

No fragor da contenda que se desencadeou na imprensa, o Pharol do dia 10 de junho publicou um depoimento incomum, de elevado diálogo ecumênico :

Entre nós, os padres da Academia de Commercio e os Methodistas do Granbery encontram-se amigos, entre catholicos e livres pensadores, indistintamente : há entre todos a maior tolerancia; e é exactamente nessa tolerancia que reside a harmonia que aqui reina.

Methodistas e catholicos romanos têm um vasto campo commum; plantemos nesse campo os laços da união e não os germens da discordia...

Isso para impedir que os conflictos como os que há pouco occoreram nesta cidade, em consequencia da linguagem licenciosa e cabelluda de alguns pregadores de meia lingua, tomem mais vulto, fazendo reviver no século XX as luctas religiosas da idade media.

Felizmente, já uma das causas dos conflictos foi removida: as missões fazem-se agora dentro do templo, onde todos os ouvintes terão o dever de guardar o devido respeito, sob as penas da lei; fora, não se tem o direito de o fazer.

Em um paiz de liberdade de culto como o nosso, todos os actos do culto externo deviam se passar no interior dos templos: as procissões pelas ruas poderão dar logar a conflictos, prejudiciais á religião, cujos

Fora, até então ocupada pelo Padre Hipólito Oliveira de Campos que renunciou ao cargo e converteu-se ao Metodismo, foi entregue aos Verbitas em 29 de janeiro de 1900, sendo vigário o padre Dr. Frederico Hellenbrock. O Padre Frederico ocupou o cargo até princípios de 1908, portanto o elogio do jornalista a ele se refere.

ministros não quererão passar por desordeiros. Todavia um povo civilizado se conserva sempre em atitude respeitosa ante os symbolos de qualquer religião. Ainda há pouco, foi admirada a atitude do malgrado ministro japonês nas exéquias realizadas na candelaria em homenagem ás vítimas da catastrophe do Aquidabam : nenhum catholico o excedia em compuncção religiosa. Sejam pois civilizados e evitemos ódios de seitas e as luctas religiosas.

É de se registrar também o texto completo escrito pelo já citado cônego Joaquim Monteiro, cura de Matias Barbosa, publicado em o Pahrol do dia 10 de junho, sob o título : As Missões :

Sr. Redator, não posso ter a ousadia de contestar o artigo sobre a epigrapha acima, publicado em seu conceituado jornal de hontem: permita, porém, que o mais obscuro dos padres brasileiros desta diocese cumpra o dever de defender a autoridade ecclesiastica da accusação injusta, que lhe foi feita, de patrocinar as inconveniencias de linguagem que os padres estrangeiros, ignorantes de nossa língua e desonhecedores da propriedade de nossas phrases e de nossos vocábulos, têm, como afirma V., empregado nas missões que fazem na matriz.

Não acredite a illustre população de Juiz de Fora que o venerando D. Silvério, arcebispo de Mariana e um dos luzeiros do episcopado brasileiro, possa patrocinar e aprovar as missões, como estão sendo feitas, escandalizando as familias, causando indignação, provocando conflicto e levantando protestos enérgicos da imprensa e de todas as classes sociaes.

Mão se lance ao virtuoso e sábio Prelado a responsabilidade da ignorância, bastante conhecida, de alguns padres estrangeiros, que, entre nós, se arvoram em missionários, falando mal e erradamente o portuguez e exitando a hilaridade do auditório.

Cidade culta, tendo por pastor um sacerdote illustrado e contando em seu meio o eminente padre dr. Julio Maria, orgulho e gloria do clero nacional, Juiz de Fora não precisa de ouvir a missionários estrangeiros, que embora padres virtuosos e muito distinctos, ainda não sabem fallar a nossa bella língua.

As missões são um meio de propagar e avivar a fé, que se estabelece e se conserva pela palavra e pelo ensino, que nossas mães começam a depopsitar em nossos corações desde a nossa infância: fé, que é a mais preciosa herança que recebemos de nossos ante-passados e que constitue o factor mais poderosos da grandeza, oral dos povos.

As missões são necessárias para se instruir o povo dos salutaes ensinamentos de Deus, dos benéficos princípios da religião e dos preceitos da Igreja.

O missionário da actualidade deve ser o propagandista da fé e do progresso; deve fallar de Deus e da Pátria; deve pregar a observância das leis divinas e dos preceitos da Igreja, o cumprimento das leis do paiz e o respeito ás autoridades constituidas, deve ensinar os deveres do catholico e os deveres do cidadão; deve provar ao povo que a religião catholica é uma religião eminentemente social e que não deve ser admirada tão somente pela sublimidade de seus dogmas, pela pureza de sua doutrina, pela majestade e

belleza de seu culto e pela divindade de sua origem, deve finalmente iluminar o nosso entendimento para o caminho da verdade e guiar o nosso coração para o bem, tendo por base a sua doutrina a lei e a consciência, que são os principios reguladores das cações humanas e por lemma de sua bandeira, a fé e a liberdade.

Sempre e por toda parte a religião e a pátria estiveram unidas no mesmo pensamento e no mesmo affecto e, por isso, á propaganda da fé é preciso unir o amor á pátria, ensinando ao povo o dever de honral-a com as virtudes, de illustral-a com as sciencias, com as letras e com as artes, de enriquecel-a com o commercio e com as industrias, de sustentar a sua independência, defender as suas fronteiras e de sacrificar ate a vida pela sua grandeza e gloria, mostrando que é mais gloriosos morrer pela pátria do que assistir aos males da pátria.

Infelizmente, força é confessar, o ensinamento do amor da pátria não tem sido ainda feito nas missões dadas por padres estrangeiros, que muitas vezes ameaçam o, povo com tempestades, raios e trovões , como se os elementos do mundo physico pudessem desobedecer as leis immutaveis que dirigem a sua sabia engrenagem organizada pelo poder infinito de Deus. E preciso se instruir o povo; propagar-se e avivar-se a fé; é preciso doutrinar sem levantar protestos, ensinar sem escandalizar, educar com palavras de amor, pregar com proveito e sem provocar conflitos, convencer o povo da verdade de nossos ensinamentos e da divindade de nossa doutrina e só assim as missões podem dar bons fructos, contribuindo para o brilhantismo da fé e para o engrandecimento do paiz onde vivemos a primeira luz e onde sabemos acolher com fidalga gentileza todos os estrangeiros, sem distincção de nacionalidades nem de crenças.

Procure-se implantar no coração do povo os bons sentimentos religiosos e o verdadeiro e sincero patriotismo.

Deus e Pátria – seja a nossa divisa ; - Fé e Liberdade – os factores de nossa grandeza moral
Mathias Barbosa, 9 de junho de 1906

O artigo do cônego Joaquim Monteiro, publicado no último dia das Missões em muito impressionou aos próprios missionários e, como já citado, foi alvo de especial referênciã do Padre Adriano Wiegant ao seu superior no Rio de Janeiro.

Na verdade, as alegações do cônego refletem a mentalidade nacionalista da época e são em muitos pontos inteiramente procedentes.

A crítica, por certo, foi lida e comentada por todos os missionários e pelas comunidades e, as referências elogiosas ao Padre Júlio Maria, por certo lhe causaram constrangimento, ante a severa crítica aos seus colegas de hábito.

Há de se reconhecer que, em muitas oportunidades, os missionários ressaltavam em suas prédicas os deveres para com a pátria, os deveres de cidadão e, enquanto buscavam a moralização dos costumes, outra coisa não faziam senão o aprimoramento da própria sociedade. Entretanto, não deixou de constituir-se uma falha o

fato de que, numa cidade em que os valores cívico e culturais estavam em destaque, não se tenha tido um cuidado especial em equilibrar tais valores.

As críticas à linguagem, à impropriedade de certas expressões e vocábulos certamente foram procedentes e alertaram os missionários no sentido de que se tornava necessário um aprimoramento do português e, sobretudo, um adequado estudo da língua por aqueles recém chegados ao Brasil.

O choque com os Metodistas foi revelador da intolerância, muito comum na época quando ainda se supunha uma hegemonia do catolicismo face às “seitas”, como eram conhecidas as confissões evangélicas. A visão ecumênica exposta pelo articulista de o Pharol não era comum naqueles dias¹⁸² e a existência de dois colégios confessionais, a Academia de Comércio e o Granbery, por certo alimentava certa rivalidade entre facções religiosas. Por outro lado, caberia aos missionários a consciência de tal situação de modo a que se evitassem confrontos.

Ante a contenda que explodiu na imprensa houve também uma omissão por parte dos missionários e das autoridades religiosas no sentido de se esclarecerem os fatos, deixando-os à mercê de simpatizantes e adversários.

Não há registro de qualquer pronunciamento ou intervenção do então bispo de Mariana, Dom Silvério, nem mesmo do pároco de Juiz de Fora, Padre Frederico Hellenbrock, SVD deixando os fatos a mercê da imprensa local, cujos principais mentores eram liberais, nacionalistas e livres pensadores.

No dia 10 de junho encerram-se as missões.

O Jornal do Commercio do dia 11, além de registrar a homenagem que a população prestou aos missionários e cortejo que os conduziu da matriz ao convento da Glória, assinalou :

Terminaram hontem as missões levadas a effeito na Matriz dessa cidade por um grupo de religiosos da Congregação Redentorista, chefiados pelo Rev.mo. Padre Francisco Lohmeyer, sacerdote de grande respeitabilidade, residente há quase 20 anos no Brasil, geralmente conhecido e estimado pela sua irrepreensível conduta.

¹⁸² Tal mentalidade vigorou até o advento do Concílio Vaticano II . As diversas publicações apologéticas, na década de 1950 , do então Fr. Boaventura Kloppenburg (Petrópolis : Vozes) e a Carta Pastoral de Dom Justino José de Santana, em 1949, são expressões de tal conduta..

A algumas das práticas assistimos, das outras temos informações fidedignas, o que tudo nos leva a concluir que os dignos sacerdotes, procurando, como é da essência de seu ministério, coibir o vício, não usaram nunca de linguagem ofensiva ao decorro da sociedade para a qual pregavam.

Bastaria, aliás, o compadecimento da sociedade juizforana, representada por famílias das mais distintas, e o fato de não terem abandonado essas famílias as missões, antes aumentando dia a dia a concorrência, para demonstrar que, nas mesmas, guardaram sempre os missionários a devida compostura.

Folgamos em registra-o em nome da cidade e de quantos assistiram ás praticas e, mais do que isso, em honra dos sacerdotes que fazem parte de uma corporação religiosa importantíssima, e que não têm, elles mesmos , outro intuito senão o exercício do bem nas suas peregrinações pelo Brasil.

Comentando o fato de que a Promotora teria solicitado a abertura de inquérito policial incriminando os missionários por crime contra o pudor , o mesmo articulista comenta :

Por mais severas que tivessem sido quaisquer phrases dos missionários contra este ou aquele vicio social – nenhum crime teriam cometido.

Não se poderia, por exemplo, capitular taes expressões no art. 282 do Cód. Penal, como foi anunciado .

Esse artigo diz o seguinte :

‘Offender os bons costumes com exhibições impudicas, actos ou gestos obscenos, attentorios do pudor, praticados em lugar publico, ou freqüentado pelo publico e que, sem offensa á honestidade de pessoa, ultrajam e escandalisam a sociedade.

‘Basta ler o enunciado para se concluir que seria absurdo pretender que o tenham transgredido os missionários, - severa, áspera, clara, crua, mesmo que fosse a linguagem por elles empregada.

Si excessos tivessem commetido, usando de linguagem inconveniente, tel-o-iam feito com a intenção louvavel de verberar aquillo que é crime em face da lei de Deus e em face da lei dos homens, condemnando perante a religião o que é também punido pelo Código : ‘exhibições impudicas, actos ou gestos obscenos attentorios do pudor, etc.

Convem acrescentar que a sociedade que rodeou os missionários e ainda hontem lhes deu mais uma eloqüente prova de apreço, não se considerou ultrajada, nem se escandalizou.

Não pretendemos defendel-os, antes, visamos a defesa da sociedade que os ouviu. Estaria ella abaixo dos seus foros de civilização e moralidade, si outra fora a verdade.

Clara se torna a disputa da imprensa quando se lê o Pharol do dia seguinte, 12 de junho :

“Estão terminadas as malfadadas missões que alguns padres da congregação dos redentoristas, ameaçadoramente, trovejaram, a principio, no adro da igreja matriz e, depois de um púlpito interior do templo, sobre ouvintes em numero, dia a dia, decrescente.

Calaram-se os terríveis aruspices cuja voz, offendendo justos melindres e despertando intolerantes ódios de seita e fanatismo, máos dias já prognasticava para a nossa cidade, a qual é justo, pois, apresentemos, agora, felicitações pela ausência de tão tragi-comicos oradores.

O episódio das missões em Juiz de Fora, terra mãe dos redentoristas no Brasil, constituiu-se, além de um fato lamentável, uma grande oportunidade para que os missionários refletissem sobre o modo de se conduzir o trabalho missionário.

3.2 A cruz do Padre Júlio Maria

A figura desse sacerdote, o primeiro redentorista brasileiro, por si só constituiria tema para alentado trabalho.¹⁸³

Entretanto, sua participação nas santas missões foi inexpressiva, parte porque não se adaptou a esse tipo de ministério, e, por outro lado, porque os holandeses não lhe proporcionaram oportunidade para que delas participasse efetivamente. Isso não impede que lhe dediquemos algumas linhas nesse trabalho dado à sua relevância no meio apostólico do Brasil de então.

Nascido em Angra dos Reis, no dia 20 de agosto de 1850, Julio César de Moraes Carneiro cursou o primário em sua cidade natal transferindo-se posteriormente para Niterói onde cursou humanidades.

Em 1870, então com 20 anos, ingressou na faculdade de Direito de São Paulo sendo contemporâneo de Rui Barbosa, Afonso Pena, Rodrigues Alves e Castro Alves. Bacharelou-se quatro anos depois e em 8 de abril de 1876 obteve o grau de Doutor.

Ainda como estudante fez parte da Loja Maçônica América, em São Paulo. Foi membro do Partido Liberal passando depois ao Conservador, onde segundo ele encontrou mais liberalismo que no liberal!

Ainda em 1876 foi nomeado Promotor Público em Mar de Espanha, Minas Gerais. No ano seguinte casou-se com Ana Clementina Rothier Duarte de “distintíssima família” local.

Desse matrimônio nasceu-lhe a filha Iramira que, em 28 de outubro de 1904, ingressará na Congregação de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor de Anger. Mais tarde, em 1912, a freira será transferida para a Argentina onde falecerá em 26 de novembro de 1949, no convento de La Plata.

Logo depois do nascimento da filha, em 1878, morre sua primeira esposa e, um ano depois, Julio Maria casa-se novamente com Joana de Menezes Carneiro, prima de sua primeira esposa de quem teve uma filha, Evangelina, que morreu com apenas alguns meses. Da segunda esposa teve ainda mais dois filhos.

¹⁸³ Julio Maria é o primeiro sacerdote redentorista brasileiro, mas o primeiro redentorista brasileiro foi o cearense de Aracati, José Ferreira Caminha que ingressou no Noviciado, na Inglaterra, em 29 de junho de 1867. Adoecendo gravemente logo depois, fez sua profissão religiosa “in articulo mortis” no dia 6 de outubro do mesmo ano, vindo a falecer dias depois. Está sepultado no cemitério dos redentoristas em Liverpool.

Em 1884 transferiu-se com a família para Rio Novo onde passou a exercer a profissão de advogado. Em Rio Novo, sob a influência de sua esposa, uma santa no dizer de seu biógrafo e contemporâneo CARMO GAMA (1922), através da leitura de bons livros e dos conselhos paternais do lazarista Padre Monteiro, Júlio Maria passa então pelo que ele mesmo chamará de conversão e assume uma vida cristã e católica (GUIMARAES , 2001).

O último golpe que o levou a romper definitivamente com a vida até então vivida foi a morte de sua segunda esposa, então com apenas 27 anos, ocorrido em 1889.

Em 20 de agosto de 1890, Julio César de Moraes Carneiro faz publicar em diversos jornais uma declaração alterando seu nome para Julio Maria de Moraes Carneiro. Na mesma declaração proclama sua plena adesão à Igreja católica e reprovava publicamente qualquer palavra ou ação contrárias à fé que, eventualmente possa ter dito ou feito. Estava aberta a porta para seu ingresso no Seminário. Como no dizer de Jônatas Serrano, seu biógrafo e amigo : *“Julio César morrera, sepultara-se em vida. Redivivo da graça, ia ser agora, transposto o Rubicon da vocação, em marcha para novos triunfos – apenas Júlio Maria.”*

Recebido no Seminário de Mariana por Dom Silvério, estudou dois anos de teologia e foi ordenado sacerdote no dia 29 de novembro de 1891.

Iniciou seu ministério em Rio Novo transferindo-se, logo a seguir, para Juiz de Fora, dedicando-se ao ministério da palavra na matriz e na capela de São Sebastião. Por sua eloquência e zelo apostólico logo tornou-se requisitado por várias cidades, pregando em Ouro Preto, São João Del Rei e São Paulo onde pronunciou suas 12 e célebres Conferências da Assunção.

Em 9 de julho de 1895 recebeu o título de Missionário Apostólico, concedido pela Sagrada Congregação da Propaganda Fidei. Tal título lhe conferia faculdades e privilégios especiais, destinados a facilitar o trabalho apostólico tais como : dispensa do jejum e abstinência, comutação do breviário, privilégio do altar portátil, de ler e conservar livros condenados, etc. O Missionário Apostólico gozava de precedência sobre os demais sacerdotes.

Na capela de São Sebastião, no dia 26 de setembro, comunicou ao povo a concessão da Santa Sé :

Deus, que tantas vezes se apraz em servir-se das pequeninas para as grandes coisas, aprouve pela Santa Sé revestir-me de uma missão tão grande quanto pequena é a minha pessoa : a de missionário apostólico, a de perpétuo e oficial proclamador da sua doutrina no Brasil e em todo o universo...

Neste mesmo ano de 1895 publica em Juiz de Fora “*O Deus desprezado*” no qual faz uma severa crítica ao clero demasiadamente apegado ao passado medíocre e acomodado:

Não basta uma simples coleção de órgãos para constituir um organismo; não basta também uma simples coleção de devoções para constituir o culto católico.

... Como o corpo humano, perdida a unidade vital que preside a sua economia, desorganiza-se, morre, o culto católico, separado que seja do amor e adoração do deus Encarnado, perde seu proveito e utilidade, morre, pode-se assim dizer, porque não é menos que a morte do culto a redução de suas devoções a um simples complexo de ritos sem maior significação que os do Judaísmo.

...Os padres esquecem o dogma, a multidão despreza a lei; o culto torna-se uma tecido ridículo de puerilidades, bizarras, sutilezas, formalismo; o povo perde o espírito de Deus, e nem mesmo diante de Jesus Cristo a sua consciência religiosa desperta.

No primeiro semestre de 1897 inicia no Rio de Janeiro a série de conferências sobre a Assunção que se repetirão anualmente até 1900. Por ocasião de tais conferências o pregador sofre críticas, inicialmente anônimas e posteriormente reveladas por parte do Cônego Dr. Vicente Wolfenbüttel, sacerdote da Diocese do Rio Grande, mas residindo no Rio de Janeiro por motivos de saúde. As críticas revelam, sobretudo, má fé e inveja do sucesso que o orador vinha catalisando em todas as camadas sociais (GUIMARÃES , 2001, p. 34-38).

A contenda insuflada pelo cônego, homem invejoso, audacioso e falso, trouxeram muitos dissabores a Júlio Maria . Nos jornais Júlio Maria é chamado de “novo Messias” da religião nova, “Mefistófeles” “Satanás”, “charlatão racionalista”¹⁸⁴. Sempre com dignidade, Júlio Maria defendeu-se das acusações de heresia e , por fim, delas viu-se livre tendo sido imposto silêncio ao falso acusador.

¹⁸⁴

Jornal do Commercio, 23 de agosto de 1899, p. 4

Retornando a Juiz de Fora, participa das celebrações da passagem do século com a grande romaria ao Santuário do Senhor Bom Jesus de Congonhas, prega uma série de conferências sobre a Eucaristia na capital paulista e o sermão nas comemorações do quatro centenário do descobrimento do Brasil na Candelária, Rio de Janeiro.

De 1901 a 1903 o Missionário Apostólico percorre as principais cidades do Norte e Nordeste do Brasil, sempre aplaudido por sua eloquência e fé. A jornada foi como uma despedida, o padre Júlio Maria estava decidido a ingressar na Congregação do Santíssimo Redentor.

Júlio Maria sempre acalentara grande veneração e admiração por Santo Afonso de Ligório, por seus escritos e ainda, pela analogia de sua vocação com a do santo, também advogado e orador .

Desde os primeiros tempos em Juiz de Fora, semanalmente subia o Morro da Gratidão para sua confissão e mensalmente fazia ali seu dia de retiro . O Vice Provincial, Padre Augusto Beukers, em carta ao Superior Geral, datada de 24 de agosto 1908, afirma que o Padre Julio Maria *“escolheu a nossa Congregação porque correspondia o mais perfeitamente ao seu ideal : cristianizar o Brasil, afirmando que as classes dirigentes no Brasil são também aqueles ‘pobres’ a serem evangelizados pelo Santíssimo Redentor.”*

O ingresso do padre Júlio Maria na Congregação Redentorista não foi uma decisão fácil . As crônicas da Vice Província registram :

26 de março de 1905 : para fazer o seu noviciado, entrou em nosso convento de Juiz de Fora o Pe. Júlio César de Moraes Carneiro (chamado Pe. Júlio Maria), vigário forâneo da cidade. Por este fato terminou o debate na Vice-Província sobre a conveniência de aceitarmos brasileiros na Congregação. É certo que o Padre Geral, ao fundar um Juvenato em Aparecida, tinha aprovado a tese.¹⁸⁵ Mas, o que os bávaros fizeram, talvez por falta de membros, nós também deveríamos fazer, nós que por ora podemos contar com recursos suficientes da Holanda ? Em todo caso, aos 16 de agosto de 1904, o Provincial escreveu : ‘ Não estamos a favor de um Noviciado para brasileiros; nem para aceitá-los; não devemos deixar entrar estes elementos diferentes em nossas comunidades,; eles têm um caráter diferente e não nos acompanhariam

¹⁸⁵ Os redentoristas alemães da Vice Província de São Paulo que aportaram no Brasil um ano depois dos holandeses, fundaram seu primeiro seminário, o Seminário Santo Afonso, em A[parecida ainda em 3 de outubro de 1898.Os holandeses somente fundaram o seu primeiro seminário, Escola Apostólica São Clemente, em Congonhas, no dia 2 de agosto de 1924.

em nosso trabalho.¹⁸⁶ Caso um sacerdote quisesse entra, não seria melhor encaminhá-lo para a Província da Espanha que tem uma fundação em Portugal ?’

Mas às insistências repetidas do Dr. Júlio Maria para ser aceito, o Visitador comunicou-lhe primeiro a recusa geral, e achou melhor expor ao Provincial os motivos, prós e contras, de uma vocação tão excepcional : incrédulo, advogado, duas vezes viúvo, com estudos feitos no palácio do Bispo, conferencista de renome nacional, com 50 e poucos anos de idade. Por ora a resposta do Provincial foi esta : ‘ Não gostaria que muitos elementos brasileiros entrassem em nossas comunidades, um caso único, porém, não prejudicaria, ou antes teria seu lado positivo. Igualmente não discordo de que num caso particular se instalasse um Noviciado no Morro, sob a fiscalização do Visitador. Após madura reflexão creio que o caso especial se dá agora; quinta feira parto para Roma e conversarei logo com o Padre Geral’.

De Roma voltou a escrever, em 3 de dezembro: ‘ Depois de ter exposto tudo, o Padre Geral aprovou a aceitação do Pe. Júlio Maria. V. Rev.ma pode, portanto, tomar as providências para que o aceite no Noviciado no Morro sob a direção do Pe. Mathias Tulkens como mestre e sob a vigilância sua como seu representante. Padre Geral avisa que deve insistir bem na formação da prática da obediência e da pobreza.’

O postulante recebeu com grande alegria esta notícia em fins de dezembro e foi marcada a data de sua entrada para 25 de março, a fim de poder pôr em dia todos os seus negócios.

Em carta datada de 20 de janeiro de 1905 o Padre Mathias Tulkens agradece ao Provincial a prova de confiança ao nomeá-lo como mestre do noviciado do Padre Júlio Maria e afirma que foi com surpresa que recebeu a notícia da aceitação do noviço, coisa que nem o Vice Provincial acreditava. Acrescentou ainda :

Até agora ninguém, a não ser o ministro (Padre Brandouw) e o bispo ninguém mais sabia. Mas o Padre Brandouw, a quem o Visitador respeita muito, ele exatamente, continuará a criticar pois, já inventou tudo contra o Padre Júlio Maria. Ainda assim, trata-se de um assunto importantíssimo. Ele é o primeiro brasileiro : noviço, sacerdote, vigário da Vara, Missionário Apostólico. Conhecido e honrado por assim dizer no Brasil inteiro e até pelo Núncio e pelos Bispos. Que seja de boa vontade e bem intencionado, ninguém poderá duvidar, pois nenhum sacerdote leva a vida de maneira semelhante. Tudo está pois em jogo, tanto o bem dele como o de nossa Congregação.

¹⁸⁶ Pode-se claramente depreender que a notícia do interesse do padre Júlio Maria em ingressar na Congregação já era conhecida do Provincial holandês . A correspondência revela a desconfiança quanto à índole dos brasileiros e à sua falta de aptidão ao sacerdócio . Isso foi uma constante que dentre outras conseqüências retardou para 1924 a fundação do Seminário Menor que instalou-se em Congonhas.

Anunciava-se e iniciava-se um triste episódio para Vice Província : talvez tivesse sido melhor para o Padre Júlio Maria e para a Congregação que ele não tivesse sido aceito, mas o foi.

No dia 14 de abril de 1905 o noviço recebeu o hábito redentorista na igreja da Glória.

Em 9 de agosto de 1905 o mestre Padre Mathias Tulkens apresentou ao Provincial relatório em que afirmou que o noviço apresentava bom desempenho e interesse em aceitar as Regras e Constituições bem como as rotinas da casa. Afirmou que ele se sentia pronto para participar em tudo nas obras do santo ministério.

De andar a cavalo, porém ,(coisa que nunca fizera) tem ele bastante medo quer por causa das hemorróidas, quer por medo natural, quer por causa dos perigos anexos .

...Conforme sua declaração está ele muito contente e disposto a seguir em tudo a santa vocação de Deus. Até agora não duvidou um momento sequer da sua vocação para a nossa Congregação.

... Quanto ao seu caráter, esse em geral impressiona bem aos padres. Na convivência é bem humorado .

Com autorização do Padre Geral seu Noviciado que deveria durar um ano, foi abreviado para que pudesse participar do segundo noviciado que o Padre Afonso Mathysen iria ministrar a cinco padres jovens a partir do dia 21 de novembro daquele ano, na Glória. O segundo noviciado era uma preparação direta para os trabalhos missionários.

Dessa forma o Noviço proferiu seus votos no dia 21 de dezembro de 1905, tornando-se assim o primeiro sacerdote redentorista brasileiro.

Logo após sua profissão religiosa e ainda durante o segundo noviciado preparava-se a primeira e única experiência missionária do primeiro sacerdote redentorista brasileiro. De 4 a 19 de março de 1906 seria missionada a cidade de Belo Horizonte e a equipe foi formada pelos padres Francisco Lohmeyer, Adriano Wiegant e Júlio Maria .

O mestre das missões, Padre Francisco Lohmeyer escreve ao Padre Vice-Provincial, em 10 de janeiro de 1906 :

Se ele quiser pregar, poderá escolher algumas instruções. Mas não é necessário pregar sobre o Pai Nosso. Dar-lhe-ei um bom lugar para confessar e assim ele participará bem. Na Holanda é costume que o confessor não pregue.

Pode-se notar que havia certa prevenção contra o sucesso do grande pregador e com isso da desfiguração da missão como tradicionalmente sempre se fizera. Assim perdiam os redentoristas a oportunidade de mudar seu estilo e tornar mais eficaz o trabalho missionário, mas como muitas vezes ocorre, o medo das mudanças fez com que se perdesse tal oportunidade.

O reitor de Belo Horizonte, Padre Geraldo van Deursen, em correspondência datada de 24 de março de 1906 e dirigida ao Provincial da Holanda, informou :

Grande admiração pela eloquência do Padre Júlio Maria, mas é velho demais e acostumado com suas próprias atividades para adaptar-se ao nosso sistema de missões. Como conferencista, porém, pode prestar serviços bons à Congregação e dar-lhe levado prestígio aos olhos do mundo. Num discurso de 3'4 de fora, Padre Júlio Maria provou a existência de Deus pela própria natureza, pela razão e pela Sagrada Escritura. Fez um terrível ataque contra o positivismo e o espírito moderno. O seu discurso empolgou o auditório e no fim recebeu um estrondoso aplauso dos 500 ouvintes. Estavam presentes: representante do Presidente, o Ministro do Interior, vários desembargadores, etc. Mas devo dizer que os 'vivas' dirigidos aos Missionários, foram com o mesmo e igual entusiasmo aos que foram dirigidos ao Padre Júlio Maria.

Como visto, o Mestre das Missões, Padre Francisco Lohmeyer, não destinara ao Padre Júlio Maria qualquer das pregações importantes, constantes do diretório, reservando-lhe apenas uma participação nas instruções de menor importância, mas as circunstâncias obrigaram-no a rever tal decisão.

Deixo ao redentorista GUIMARÃES (2001), os comentários desse importante episódio:

.Mas, logo no início, aconteceu algo imprevisto: 'o renome conquistado em todo o Brasil pelo tribuno sacro Padre Júlio Maria' modificou totalmente o esquema tradicional das missões . Os jornais darão ampla cobertura do acontecimento, que, porém, de Santa Missão, passa a ser chamado pela imprensa ' conferências religiosas que fará o ilustre pregador brasileiro e missionário apostólico reverendo padre dr. Júlio Maria'. Contrariamente às normas em vigor na Congregação e ao que fora decidido pelos holandeses, será sempre ele a fazer o sermão da noite, cabendo aos demais missionários tão somente as instruções menores. Em todas as suas pregações, faz-se presente o

Presidente do estado, acompanhado de grande multidão de personalidades e de fiéis. A repercussão é enorme.

A imprensa, através do jornal “*Minas Gerais* ” dá grande destaque ao padre Júlio Maria nas edições dos dias da missão.

Encerrada a missão estava também encerrada a participação do Padre Júlio Maria nos trabalhos missionários.

A avaliação dos trabalhos por parte dos holandeses foi negativa, a missão foi considerada um grande fracasso.

Durante as missões, o Padre Adriano Wiegant escreveu ao Provincial holandês e reconheceu :

A nossa missão, como missão, fracassou esplendidamente, como se esperava. Quanto a mim, conto até agora 195 confissões, todas as Comunhões Gerais já foram feitas, com exceção da dos homens. Certamente o R.P. Lohmeyer terá um número superior. O R.P. Júlio Maria conta até agora com 2 confissões.

Por outro lado, o povo gosta muito das conferências do R.P. Júlio Maria e menos de nossas pregações. Pela manhã, durante as nossas pregações, lamentavelmente, assiste pouca gente, e à noite, quando somos nós pregamos a igreja está longe de se encher.

Logo após a sua conferência de domingo, que foi esplêndida, ofereceu-se ao orador um buquê. Ontem à noite aplaudiu-se dentro da igreja. Antes do início de suas conferências, canta-se solenemente uma Ave Maria.

A Missão marcara a nítida diferença entre o modo de entender a pregação missionária por parte dos holandeses e do Padre Júlio Maria. O povo também percebera e é emblemático o fato de que a imprensa não se referiu a missões e sim, a conferências do padre Júlio Maria.

Essa diferença poderia ter sido percebida, por ambas as partes, antes da opção de Júlio Maria pela Congregação, cujo primeiro objetivo é a pregação de missões populares.

Na verdade, o Mestre de noviços, Padre Mathias Tulkens e o Mestre do segundo noviciado, Padre Afonso Mathysen poderiam ter percebido que, além de não montar cavalos, o pregador tinha outro estilo, outros objetivos, que seu auditório não era o

povo simples , mas as classes mais levadas da sociedade, dirigentes, intelectuais e que, portanto, dificilmente se adaptaria ao estilo das santas missões .

De sua parte, o Padre Júlio Maria admirava Santo Afonso, admirava o espírito dos redentoristas, a vida comunitária, mas nunca havia participado dos trabalhos missionários, tendo apenas assistido as missões redentoristas pregadas em 1902, no curato da Glória . Houve um grande engano, de ambas as partes.

Tivessem os redentoristas holandeses compreendido a novidade e a particularidade da ação de seu confrade brasileiro, reconhecendo-lhe plena cidadania e integrando-o como enriquecimento da ação missionária até então desenvolvida pela Congregação redentorista, talvez muito da tensão não teria acontecido. Infelizmente não foi o que se passou.¹⁸⁷

Terminadas as missões em Belo Horizonte, Padre Júlio Maria retorna a Juiz de Fora e sequer é convidado a participar das “malfadadas ” missões de Juiz de Fora . Sua ausência nas pregações missionárias de Juiz de Fora foi notada e várias vezes reclamada pela imprensa e pelas classes intelectuais.

Torna-se significativa a correspondência do Padre Tiago Boomaars, endereçada ao Provincial holandês, datada de 14 de julho de 1906, sobre as Missões em Diamantina:

Parece que, por enquanto, não precisamos ainda do sistema do Padre Júlio Maria para as nossas missões, nem para os tais ‘intelectuais’, visto que aqui compareceram também doutores, ‘lentes da Escola Normal’, etc, ainda que há anos afastados dos sacramentos. Procuravam os nossos temas simples, mais do que, em outros tempos, se procurava as conferências dele. E tudo isso sem a menor complicação. O povo está louco pelos missionários. Ó , estes padres jovens!¹⁸⁸

No final daquele ano de 1906, Padre Júlio Maria foi transferido para o convento do Rio de Janeiro onde se dedicaria, até o final de sua vida, aos trabalhos de conferencista e de assessoramento da cúria arquidiocesana do Rio de Janeiro. O convívio na comunidade não era saudável e a distância dos confrades tornou-se cada dia maior. Os

¹⁸⁷ F. GUIMARÃES , *Homem Igreja e Sociedade no pensamento do Padre Júlio Maria*, 2001., p. 60

¹⁸⁸ Em 1º. de abril de 1906, Dom Joaquim Arcoverde Cavalcanti recebeu o chapéu cardinalício tornando-se o primeiro cardeal da História do Brasil.

superiores sempre o viram com distância e jamais lhe foi confiado qualquer cargo de relevância .

Júlio Maria continuará, sozinho, realizando suas conferências, de acordo com seu estilo, mais ou menos tolerado pelos demais. Mas, entre os confrades de agora em diante a distância será sempre maior. Ele permanecerá o resto da vida sem nenhum cargo de responsabilidade na Congregação, intensificando sempre mais seu relacionamento com o Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, de quem se torna confidente e colaborador.

O debate sobre o método das missões tornar-se-á sempre mais aceso nas conversas da comunidade. O temperamento ardoroso e agressivo de Júlio Maria, amargurado e sentindo-se rejeitado, defrontava-se com a reduzida capacidade de adaptação dos holandeses. As nuvens tornavam-se sempre mais densas, prenunciando a tempestade.¹⁸⁹

Em 1912, cindo anos após sua transferência para o Rio de Janeiro, outro fato vai desencadear o triste final da vida do primeiro sacerdote redentorista brasileiro: a publicação da “ Instrução Pastoral dando regulamento às missões na Arquidiocese do Rio de Janeiro”.

O documento era claro e como que redigido diretamente aos redentoristas... e seu autor facilmente identificado:

A missão será correspondente e adaptada às condições e necessidades de cada lugar. Queremo-la de modo austero como um episódio fecundo e duradouro, não como um incidente agradável, mas pouco útil e efêmero na vida das paróquias.¹⁹⁰

Em cada linha podia-se identificar a visão de Júlio Maria: o tempo da missão deveria levar em conta a realidade da paróquia; os missionários não deveriam multiplicar e introduzir novas devoções nas paróquias nem novas práticas que pudessem dificultar os párocos na direção de seu rebanho e na administração da paróquia. E mais : *“deixemos aos vigários certas cerimônias ou festividades não inerentes ao trabalho das missões, contentem-se com a evangelização.”*¹⁹¹

¹⁸⁹ F. GUIMARÃES , Op. cit. p. 60 .

¹⁹⁰ *INSTRUÇÃO PASTORAL DANDO REGULAMENTO ÀS MISSÕES NA ARQUIDIOCESE DE SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO*, p. 5

¹⁹¹ Idem, p. 15

O documento sublinhava a importância fundamental da pregação e do confessorário. Insistia em que Jesus Cristo seria o modelo indispensável e que, para a eficiência das pregações era indispensável o conhecimento da língua portuguesa :

Lícito não é aos superiores de Congregações Religiosas, e terminantemente proibimos que o façam, colocar nas missões padres que não sabem ou apenas começam a aprender a língua portuguesa. A aprendizagem da língua deve ser feita nas casas da Congregação e não no púlpito ou no confessorário.¹⁹²

É bem verdade que a dificuldade com a língua portuguesa por parte dos missionários chegou a constituir um verdadeiro folclore em razão da imprecisão de termos e dificuldade de pronúncia.

Sem o intuito de desviar a seriedade dos fatos ora relatados, faço um breve parêntese para relatar fato verídico que bem caracteriza tais imprecisões .

Transcrevo abaixo pequeno trecho de obra inédita sobre as missões, de Afonso Ribeiro da Cruz, missionário redentorista, primeiro diretor do ICHL e um dos membros da comissão que implantou a reforma universitária na recém criada Universidade Federal de Juiz de Fora, da qual é professor emérito :

Joannes Jacobus Antonius Berkhout, o Padre Domingos, era um homem muito alto e corpulento, de tronco alevantado, louro, vermelhão, de cabelos ralos e desfraudados, grande boca rasgada, emoldurada de enormes bochechas, olhos mortiços, de peixe morto.

... Jamais conseguiu pronunciar uma frase sequer em português. As palavras saíam numa térível deformação fonética, revelando total impossibilidade de pronúncia dos ão, ãe, ãos, ões, ães, ã, ãs... E os g, h e j eram um desastre. A nasalidade impossível, os gêneros imprevisíveis. Dava pena!

Assim mesmo mandaram esse homem para as Santas Missões, para pregar ao povo a mensagem! Foi missionário longos anos, pelo sertão adentro, sem compreender e, pior de tudo, sem se fazer entender. De todo jeito, pela fé, terá sido útil na transmissão dos valores da redenção, vez que o Senhor não precisa da qualidade dos instrumentos, e o Espírito sopra como, onde e quando quer ?...

Spiritus ubi vult spirat...

¹⁹²

Idem, p. 13

E não é que até o fizeram Mestre da Missão ?
 Diversas ocorrências lingüísticas das pregações do Domingos ficaram famosas no piadismo missionário da época.

Pregando sobre o inferno e suas penas pavorosas, saiu-se mais ou menos assim : Meis irmãos, a inferna tem forha, e a forha é eterna!

De certa feita, a Missão não ia bem. Até lá pela metade do tempo, o povo estava frio e apático. Padre Domingos, o Mestre, resolveu apelar para as bênçãos de Maria, e antecipou a procissão de Nossa Senhora, a qual, normalmente, se fazia para o encerramento apenas da Missão. Programaram, pois, a procissão de Nossa Senhora e a executaram com toda a parafernália possível e fantasiada, e com ela percorreram as ruas principais do lugar. Ao cabo de toda aquela esplendorosa manifestação, o povo todo já reunido à frente do palanque, Padre Domingos irrompeu no estrado, aos pulinhos formais, alçando seu enorme porte cavalariano batavo, levantou os longos braços ao céu e gritou triunfante :Meis irmãos, o batalho está rhanho !

E pregou, durante uma hora, possuído de santo entusiasmo, as glórias de Maria Santíssima, totalmente incompreensíveis.

Ao fim da função, como Mestre, dava os avisos: Meis irmãos, lorho, confissã parra os rhomens, no salã parroquial! Amánha, às sete rhorras, a santa missa ! .

E assim... voltemo-nos às recomendações do cardeal :

Referindo-se às confissões, a instrução insistia na habilitação dos sacerdotes bem na necessidade de não fazê-las apressadamente e ainda condenava a mentalidade estatística que media o êxito de uma missão pelo número de confissões e comunhões efetuadas, pois não constituem prova cabal dos benefícios espirituais obtidos.

Em tal assunto o nosso juízo é o mesmo do Monsenhor Isoard, o ilustre Bispo de Anecy:

‘A mania de número, escreve ele, domina a sociedade moderna; e de tal sorte que tudo é matéria para estatística, entendendo muita gente que, onde está o maior número, aí estão necessariamente o direito, a razão, a justiça, a verdade .Tal mania, desgraçadamente penetrou o espírito de muitos homens na esfera da religião, sendo que, nas missões, se quer sempre apreciar em cifras o resultado delas. Daí, tabelas para confissões, tabelas para comunhões e, o conseqüente prurido de ouvi-las ou distribuí-las com pressa, com precipitação, com os olhos fitos no número que deve figurar nas estatísticas. ¹⁹³

193

Idem, p. 11

Na leitura do texto depara-se com o item 12, que parece uma crítica direta ao Padre Júlio Maria : “*Os sermões, nas missões, devem ser exclusivamente evangélicos, não se confundindo com conferências ou discursos apologéticos;* ” ¹⁹⁴

O documento não desmerecia as missões :

Superfluidade seria hoje de nossa parte, nesta simples instrução regulamentar, feita a nossa Arquidiocese, engrandecer a importância, a utilidade e a necessidade das missões, tão notórias são as vantagens desse meio extraordinário de evangelização popular. ¹⁹⁵

Deflagrava-se uma das maiores polêmicas na história da nascente vice-província holandesa no Brasil.

A publicação da instrução foi interpretada pelos redentoristas holandês como uma “bofetada no rosto” da Congregação, um “trovão em claro”. Todas as invectivas do texto pareciam dirigidas diretamente ao trabalho dos missionários. De imediato os confrades atribuíram a autoria do texto ao Júlio Maria que, com ares triunfantes, afirmava claramente ter sido ele o seu autor. ¹⁹⁶

É de se frisar que os holandeses não só sentiram ameaçado o seu trabalho como a sua própria permanência no Brasil. Sem o apoio do cardeal D. Arcoverde, o único então no Brasil, poderiam facilmente ser vítimas de uma perseguição.

Por justiça, deve-se recordar que os holandeses viviam em um clima de constante temor, motivado por um sentimento generalizado, no Brasil, de antipatia pelos religiosos estrangeiros em geral. Da parte dos padres diocesanos, surgia a hostilidade contra os que vinham ‘reformular’, apoiados pelos bispos restauradores que lhes concediam boa parte do pouco que restava do patrimônio eclesiástico depauperado pelas leis republicanas. Por parte da República, iluminada e positivista, anti-clerical,

¹⁹⁴ Idem, p. 20

¹⁹⁵ Idem, p. 9

¹⁹⁶ O estudo interno do documento prova ter sido Júlio Maria seu redator, pela semelhança do conteúdo, pelas fontes citadas e até pelos sinais gráficos. Ademais, o próprio Júlio Maria dirá, mais tarde, em carta ao Superior Geral : “Compreendeis perfeitamente a conduta do Cardeal: sou brasileiro, velho missionário com vinte anos de pregação em todo o Brasil, conhecendo homens, coisas e conveniências de meu país. ” (14 de julho de 1912)

pairava uma constante ameaça de medidas xenófobas e repressivas. Falava-se, inclusive, de uma possível perseguição religiosa.¹⁹⁷

A reação foi imediata. No Brasil e na Holanda desencadeou-se uma pressão para que o “traidor” fosse punido.

O superior geral, Padre Patrício Murray, quase contra a vontade, escreve uma dura carta ao padre Júlio Maria, datada de 23 de junho de 1912 acusando-o de ter infringido gravemente as Constituições e Regras da Congregação ao escrever uma instrução que parecia visar, unicamente, os padres redentoristas, até agora os únicos missionários da arquidiocese do Rio de Janeiro. Ao final, o superior geral intima-o a que peça, respeitosamente ao cardeal que *“declare ainda que por uma única palavra, que as críticas formuladas na Instrução não nos dizem respeito, ou que salvaguarde de uma outra maneira, a honra da Congregação, seriamente comprometida.”*

A carta, dirigida ao Padre Júlio Maria, chegou às mãos do Cardeal que, não tardou em respondê-la :

Estão presentes nesta Arquidiocese do Rio de Janeiro a Congregação do Santíssimo Redentor, a de Clã, ou seja, os Filhos do Coração de Maria, os Lazaristas, os Jesuítas, os Barnabitas, os Franciscanos, os Capuchinhos, também os do Santíssimo Salvador de Jourdan. A todos estes religiosos, indistintamente, sem exclusão de quem quer que seja, dirigi-me em uma Instrução Pastoral, que outra coisa não é que a regulamentação de um ato escrito em forma de carta, que os Bispos do sul do Brasil, reunidos para as Conferências trienais, combinaram de enviar a todos os superiores das Ordens Religiosas ou de Congregações existentes em nossas dioceses.¹⁹⁸

... Ora, Reverendíssimo Padre, este é um ato de nossa jurisdição, sobre o qual não admitimos críticas e muito menos censuras de nenhuma Ordem ou Congregação Religiosa.

... Mas isso me parece um fato providencial, para que Vossa Paternidade possa conhecer o estado e as condições de certas coisas e tenha ocasião para dizer alguma boa palavra aos seus filhos, para que avivem a memória da simplicidade, da humildade e da docilidade ao próprio Fundador. Tenho a certeza de que Vossa Paternidade tem premura em conhecer as circunstâncias especiais de seus filhos Missionários e das suas Missões, no Brasil e nesta Arquidiocese. Por essa razão, insisto para que Vossa Paternidade faça chamar à sua presença, em Roma, o Padre Júlio Maria, o qual poderá

¹⁹⁷ Idem, p. 63

¹⁹⁸ Em 1910 fora publicada uma Pastoral Coletiva dos Bispos das Províncias Meridionais do Brasil, na qual se contempla aspectos gerais relativos às missões, tais como intervalo das missões, abrangência e temas de sermões.

informar Vossa paternidade acerca de muitas coisas que, em seguida, poderão fazer bem à Missão e aos Missionários. Peço-lhe, portanto, de chamá-lo a Roma, o quanto antes, para poder falar com Vossa Paternidade. Em seguida, poderá ouvir também os outros, se julgar oportuno. Esta medida é urgente .¹⁹⁹

A resposta do cardeal desconcertou os superiores e não os convenceu de que a Instrução era dirigida apenas aos redentoristas. O Padre Ter Haar, holandês e consultor do Superior Geral escreveu ao Padre Vice- Provincial em 2 de novembro de 1912 :

Estou plenamente de acordo com o sr. Que o padre Júlio Maria é o verdadeiro promotor de tudo, e que a Pastoral, no fundo, só pensava somente em nós, que o Cardeal não agiu nobremente ao nos expor dessa maneira, que suas reclamações são infundadas, com exceção do que diz respeito à língua portuguesa, que o padre Júlio Maria agiu mal, etc

Entretanto o Padre Júlio Maria não foi chamado em Roma, o que significaria um prejuízo maior. O Padre Geral respondeu ao cardeal prometendo-lhe escrever aos padres do Brasil uma circular para inculcar-lhes os diversos pontos da instrução e o caso assim se encerrou.

A Circular do Geral é datada de 25 de dezembro e começa por enaltecer aqueles que abandonaram tudo, inclusive a pátria , para se dedicarem ao trabalho missionário., elogia a ação missionária e por fim refere-se explicitamente à Instrução do Cardeal:

...no tocante à língua e ao estilo de pregação, os missionários esforcem-se por aprender o idioma e elaborem seus sermões respeitando o estilo da língua local, quanto ao conteúdo dos sermões, atenda-se às necessidades locais, adaptando-os quando necessário, estejam atentos à reta administração do sacramento da confissão, etc.

Deu-se assim uma satisfação ao Cardeal demonstrando nas entrelinhas que aquilo que se recomendava já era contemplado nas Constituições e Regras da Congregação. Entretanto, em nenhum momento foi posta a questão se aquilo que estava previsto estava sendo ou não cumprido no Brasil.

¹⁹⁹ GUIMARÃES F. , Op. cit. p. 64/65

Um aspecto que não pode passar despercebido é o choque do Cardeal Dom Joaquim Arcoverde, o primeiro cardeal latino-americano apontado como um dos corifeus da “romanização” com uma Congregação de origem estrangeira.

Não somente o choque, mas a intransigência por parte da Congregação em submeter-me aos ditames por ele impostos.

WERNET (1994, Vol. 1, p.168) comenta que :

... apesar do respeito e da valorização da hierarquia eclesiástica, típicas do catolicismo ultramontano e reformado do período, não havia muito esforço em compreender e obedecer as colocações feitas por um arcebispo e primeiro Cardeal brasileiro e latino-americano.

Retornaremos mais tarde ao assunto quando tratarmos do Congresso Missionário convocado pelo Visitador holandês em fevereiro de 1914, dois anos após a publicação da contestada Pastoral.

O episódio evoca também o já comentado choque nacionalista fomentado pelo clero secular, como vimos na Missão em Juiz de Fora e na relação com os Salesianos franceses em Fortaleza DELLA CAVA (1976), dentre outros.

Júlio Maria nunca mais recuperou a confiança de seus confrades e seu convívio no convento do Rio de Janeiro cada dia mais se deteriorava. O novo superior do convento, Padre Adriano Wiegant que viera transferido de Juiz de Fora onde enfrentara a dolorosa “questão alemã” , era homem de muitas qualidades , mas já demonstrara em público sua falta de apreço ao Brasil e além disto, era rígido e muito pouco maleável. Seu choque com o confrade não fez esperar. A situação de Júlio Maria tornara-se insustentável. Sobre Júlio Maria costumava dizer : *“Eu fiz voto de obediência, ele também fez, eu tenho de ser observante, ele também tem .”*

O ambiente da comunidade do Rio de Janeiro torna-se insuportável. Qualquer intervenção de Júlio Maria é logo considerada arrogante e desprovida de sentido, cobram-se dele os mínimos pontos de observância regular, muitas vezes diante de outros religiosos , inclusive perante os irmãos coadjutores.²⁰⁰

²⁰⁰

Idem, p. 69

Por essa época havia despontado as primeiras vocações brasileiras e, depois de freqüentarem o Seminário dos alemães, em Aparecida eram enviados para estudarem na Holanda, em Wittem . Os holandeses temiam a influência do célebre pregador sobre as jovens vocações e por esta razão procuravam isolar seu contato .

O então estudante, Francisco Ferreira, mais tarde um dos maiores missionários brasileiros, correspondia-se regularmente com o Padre Júlio Maria. Um simples elogio do estudante foi considerado um absurdo.

Em carta, datada de 18 de outubro de 1913, o Vice Provincial, Padre Gualter Perriens, escrevia ao Provincial na Holanda :

Nestes dias recebi um cartão do R. Fr. Ferreira, com uma carta para o Padre Júlio Maria, de sua mão. Esta carta me faz duvidar muito de sua capacidade de avaliação. É mais do que exuberante. Ele deveria se envergonhar. De maneira discreta, far-lhe-ei uma repreensão.

A partir de 1913 o estado de saúde de Júlio Maria começa a se complicar e mais tarde será diagnosticado como um câncer no esôfago. As dores o tornam ainda mais sensível, inquieto e nervoso.

No dia 2 de março de 1915, a pedido e a conselho do Cardeal Arcoverde , o Núncio Apostólico, Dom Giuseppe Aversa recebe o Padre Júlio Maria em visita particular, em Petrópolis.

Até então, antes da promulgação do Código de Direito Canônico de 1917, o Núncio Apostólico tinha poderes para dispensar os votos religiosos.

Júlio Maria pretendia, com a intervenção do Núncio, deixar a Congregação e ingressar na Ordem Franciscana. Impressionado pela veemência das palavras de seu interlocutor e pelo seu estado de espírito, o Núncio imediatamente adotou as providências atinentes à dispensa de seus votos.

Posteriormente, contactou o superior dos Franciscanos, no Convento de Santo Antônio do Largo da Carioca, visando a admissão do postulante. O superior não reconheceu a legitimidade da vocação de Júlio Maria e recusou-lhe o ingresso.

Enquanto isto, movimentava-se em Roma a Secretaria de Estado para obter a dispensa de votos de Júlio Maria. Os trâmites foram abreviados dado à urgência caracterizada pelo Núncio.

Contatado na quinta santa , 1º. de abril, o Superior Geral reuniu o Conselho e na sexta feira santa, dia 2 de abril de 1915, expediu telegrama ao postulante, dispensando-lhe os votos na Congregação Redentorista, enviando-lhe ao mesmo tempo e na mesma data, carta em que exprimia a grande tristeza pela solução encontrada, reconhecendo praticamente ter faltado uma intervenção mais rápida por parte do Governo Geral quanto à substituição do reitor do Rio de Janeiro, uma das causas do pedido :

Seu pedido causou-me grande tristeza, tanto mais que, se eu tivesse podido ir ao Brasil no ano passado, eu teria, encontrado um meio de resolver suas dificuldades .

Ao chegar o telegrama, Júlio Maria, gravemente enfermo preparava-se para submeter-se a uma arriscada cirurgia. O Vice Provincial e o Cardeal entenderam que não deviam entregar-lhe o telegrama, pois se morresse na cirurgia, morreria como redentorista e o fato seria silenciado.

Recuperado, apresentaram-lhe a carta e o telegrama no dia 25 de abril. Júlio Maria reagiu : não pedira para voltara ao estado de sacerdote diocesano, mas para passar para a Ordem Franciscana. Não sendo isto possível , preferia permanecer na Congregação. No dia seguinte, o Vice Provincial telegrafou ao Geral : “ *Sua Eminência e o Padre Júlio Maria pedem com insistência digne-se Vossa Paternidade considerar sem efeito a dispensa recebida* ”.

No dia 30 de abril escreve o Padre Júlio Maria ao Superior Geral explicando-lhe o sucedido e ao final declara :

Devo acrescentar a Vossa Paternidade que depois do ocorrido, nem na Ordem Religiosa em que não se me deram as concessões pedidas, nem em nenhuma outra, eu cogito mais, sendo minha resolução definitiva : viver e morrer na Congregação do Santíssimo redentor, à qual, espero em deus, no nosso encontro pessoal, hei de provar a Vossa Paternidade, que fui chamado com favores e graças mais significativas.

E, em 4 de julho, a resposta do Superior Geral :

Não quero tardar mais a lhe expressar minha alegria e agradecer a sua carta que me dá a garantia da sua firme vontade de perseverar na Congregação até à morte. Quanto à dispensa que lhe enviei, ela é

sem efeito e deve ser considerada como não acontecida. O senhor fará bem em não pensar mais nisso.

Júlio Maria não se recuperou. Em 24 de setembro de 1915, acompanhado de seu enfermeiro Irmão Atanásio, segue para Juiz de Fora, a conselho dos médicos. A 21 de dezembro, acompanhado por um confrade segue para Aparecida onde seu estado de saúde ainda mais se complica. Em 28 de fevereiro, retorna ao Rio de Janeiro para refugiar-se em Jacarepaguá onde passa uns dias em casa de um vigário amigo, Padre Felício Magaldi. Retornou ao convento no dia 15 para celebrar a festa de São Clemente, canonizado por Pio X, em 1909.

No dia 17 celebrou pela última vez. No dia 2 de abril, assistido pelo reitor Padre Godofredo Strybos, pelo Vice Provincial e por seu irmão enfermeiro, Júlio Maria faleceu.

As crônicas da Vice Província registram que naquele ano de 1915, faleceu no dia 7 de agosto, o Ir. Vitus, após doença penosa e suportada com paciência. Registra também o falecimento no dia 23 de novembro, do Padre Mathias Tulkens. *“Ambos morreram uma morte santa e tiveram um enterro honroso.”*

Sobre o falecimento do Padre Júlio Maria não há qualquer registro. Em 9 de maio de 1918, as crônicas registram que seu retrato foi posto no salão da união dos Moços”, no Rio de Janeiro.

Foram quase 25 anos de sacerdote, fato que viria celebrar no dia 29 de novembro daquele ano. Foram quase 10 anos de redentorista, o que viria a celebrar em 21 de dezembro do mesmo ano de 1915.

Sua passagem pela Congregação Redentorista poderia ter proporcionado uma verdadeira revolução no método missionário, mas os holandeses não estavam preparados para uma mudança tão significativa. Preferiram ignorá-lo.

Júlio Maria talvez pudesse ter percebido, anos antes dos incidentes em que se envolveu, que sua passagem pela congregação seria frustrante. Talvez o tenha percebido e não teve a coragem para enfrentar outro insucesso, mais uma frustração em sua vida.

Mais tarde... no tempo que muda tudo... seu valor será reconhecido pelos próprios confrades. Tarde demais para aproveitar-lhe as lições que poderiam ter transformado a face do trabalho missionário!

3.3 - Volta a tranqüilidade

O conflito provocado pela Instrução Pastoral de Dom Arcoverde, foi parcialmente acomodado com a Circular do Superior Geral, de 25 de dezembro de 1912, através da qual recomendou atenção a alguns aspectos destacados pelo Cardeal.

Entretanto, como comenta WERNET (1994, Vol.1, p. 168) a preocupação em adequar o método missionário ao tempo e ao espaço brasileiro continuava. Temia-se uma nova e incontornável catástrofe, caso as críticas chegassem às dioceses de Minas Gerais.

Dessa forma, o vice Provincial, Padre Gualter Perriens resolveu convocar um Congresso Missionário na Vice Província.

A medida reflete nitidamente, embora sem qualquer referência explícita, uma resposta à Instrução Pastoral.

O Vice Provincial determinou que se colhessem sugestões em todas as casas com vistas à pauta do Primeiro Congresso Missionário que realizou-se de 17 a 19 de fevereiro de 1914, no convento da Glória, sem que dele participasse o Padre Júlio Maria que, à época vivia dias amargos.

Todas as equipes missionárias estiveram presentes e após discutirem as questões levantadas pela Instrução Pastoral, redigiu-se um documento que recebeu o título de “*Decisiones quaedam provisoriae circa missiones nostras.*”²⁰¹

O documento, em seu item 1º, faz referência à Pastoral Coletiva dos Bispos das cinco Províncias eclesíásticas Meridionais do Brasil, publicada em 1910 e, nenhum momento alude à Instrução Pastoral do Cardeal do Rio de Janeiro, o que é bastante significativo.

O capítulo primeiro é dedicado ao tempo, lugar e duração das missões e não apresenta qualquer novidade.

No Capítulo segundo estão relacionados os temas dos sermões e instruções, separando-os em temas necessários e temas opcionais.

Os temas necessários nas instruções são :

- O serviço de Deus ou, valor da alma.

- Frutos de uma boa confissão.
- Como se deve confessar
- A contrição
- O propósito
- Deveres de estado
- O terceiro mandamento – frequência à missa dominical.
- Não matará
- Mandamentos da Igreja
- Almas do Purgatório

Dentre as matérias opcionais :

- Primeiro, segundo, quarto e sétimo mandamentos.
- Más conversas.
- Respeito humano.
- Frequência aos sacramentos.
- O amor a Deus
- Sagrado Coração de Jesus
- Dias santos
- Tentações

Entre os sermões da noite seriam obrigatórios os seguintes temas :

- A Salvação
- O pecado mortal
- A morte
- O juízo universal
- O inferno

²⁰¹ “Decisões, ainda que provisórias, sobre nossas missões.”

- Santíssima Virgem
- A impudicícia
- A ocasião próxima
- A oração

Nas missões mais longas necessários também se tornariam os seguintes temas :

- Matrimônio
- Deveres dos pais

Dentre os temas opcionais para os sermões da noite constavam:

- Juízo particular
- Dilação da conversão
- A duração eterna do inferno
- A misericórdia de Deus
- A confissão
- A Paixão de Cristo
- Elevação do cruzeiro
- O filho pródigo
- Os perigos da fé
- O escândalo
- O céu

A duração das instruções não deveria ultrapassar 30 minutos e os sermões da noite, uma hora.

No item 14 o documento ressalta que nas missões pregadas no Estado do Rio de Janeiro, “*onde a incredulidade e ignorância religiosa grassava*” deveriam ser reforçadas as instruções relativas à existência de Deus, à necessidade da religião e sobre a única Igreja.

As resoluções abordavam ainda os pontos do catecismo, os temas das pequenas conferências e relacionava as cerimônias e usos permitidos nas missões, tais como

as comunhões gerais , procissões , elevação de cruzeiro (dispensada nas localidades maiores), o uso dos sinos, e sobre a proibição da recitação do rosário em voz alta durante as missas da missão.

Sobre as confissões o documento desce a pormenores recomendando que sejam feitas com cuidado e sem pressa. Não impedia que fossem computadas as confissões e comunhões, recomendando que seus números fossem enviados ao Vice-Provincial.

Os pontos críticos da Pastoral coletiva relativos à linguagem e festividade das missões não foram tocados.

Em suma, procurou-se dar uma certa uniformidade aos trabalhos e não dar tanta importância aos pontos críticos destacados na Instrução Pastoral que parece mesmo, desconhecida.

Em 1915 foi publicada uma nova e mais completa Pastoral Coletiva do Episcopado Brasileiro a que OLIVEIRA (1985, pp.297-304) dedica exaustivo comentário, destacando os postulados da “romanização”, no capítulo sob o título de “*Religião e hegemonia burguesa*”.

As Pastoral, na realidade, abordou os mais diversos aspectos da realidade religiosa brasileira e disciplinou-os de forma bastante rígida.

Entretanto, no que se refere às missões poucas são as notas :

O item 248 recomenda : “*Para estimular e facilitar a freqüência do confessionário, promovam, em suas paróquias , missões e outros exercícios de piedade.*”

O Capítulo VII é dedicado às Missões populares e em três itens dá um maior destaque ao assunto .

No item 1448 a Pastoral destaca que as missões são o meio mais eficaz para “*remediar os males públicos e particulares, extirpar os vícios e abusos, extinguir os ódios e inimizades, acabar com os concubinatos e outros escândalos em uma paróquia, chamar o povo à observância dos mandamentos da lei de Deus e da Igreja e estabelecer os bons costumes.*”

Recomenda pois aos párocos que promovam as missões em suas paróquias, pelo menos de dez em dez anos.

No item 1429, a Pastoral afirma que os missionários deverão ser aprovados pelos bispos e por eles munidos das competentes faculdades.

Proibi-lhes que fundem novas Associações religiosas e que angariem esmolas.

O último dos artigos é bastante emblemático face ao espírito pouco ecumênico da época : *“Recomendamos encarecidamente ao zelo dos Revs. Párocos os acatólicos residentes em suas paróquias lembrando-se, porém, que a ninguém se deve obrigar a abraçar a fé católicas contra sua vontade.”*²⁰²

As conclusões do Congresso Missionário de 1914 e a Pastoral Coletiva de 1915 trouxeram maior tranqüilidade aos missionários e os trabalhos puderam prosseguir sem maiores dificuldades.

O diretório e o método estabelecidos pelas “ *Decisões Provisórias*” assim permaneceram até à década de sessenta, quando o sistema de missões populares cedeu lugar às pastorais de base, surgidas com o Vaticano II.

Testemunhos de mestres de Missão, tais como o dos padres redentoristas Joaquim Lisboa de Carvalho e José Cozzi, ambos laicizados, nos dão conta de que o mesmo esquema de trabalho dos idos de 1915 permaneceu estável até seus tempos (1950/1960), com apenas ligeiras adaptações.

Os acima citados Mestres de Missão ainda estavam vivos quando da redação desse trabalho, tendo o primeiro falecido em 2004 e o último em 2005.

Nem mesmo com o fato da criação da Província do Rio de Janeiro, em junho de 1951, modificaram os antigos esquemas missionários, o que somente aconteceu após o Vaticano II .

²⁰²

Grifo nosso

Conclusão

*The evil that men do lives after them,
the good is often entered with their bones.*²⁰³

William Shakespeare – Discurso de
Marco Antônio em “Júlio César”, Ato III, Cena 2 .

A afirmação do bardo, embora nem sempre seja de inteira aplicação, representa uma constante tentação de encontrar em fatos e pessoas do passado aquilo que represente desvios e erros.

Tal tentação talvez possa se justificar através da boa intenção de que com isso possam-se evitar no presente os erros do passado. É de se notar também que, no afã de apontar as falhas do passado, venhamos a esquecer o bem que os homens fizeram, o contexto em que se moveram e a mentalidade que os motivava.

Nessa conclusão procurarei encontrar o equilíbrio desejável e não me conformarei com o pensamento de Shakespeare ao prosseguir no discurso de Marco Antônio : *so let it be with César...* que assim seja com César!

No transcurso deste trabalho foi-nos possível refletir sobre as razões e moções históricas que trouxeram para Minas Gerais os membros da Congregação do Santíssimo Redentor.

Creio poder afirmar, sem deixar de levar em conta as conjunturas históricas da época, principalmente no Brasil, que os missionários para cá vieram somente depois de estarem convictos de que nessa terra poderiam exercer o seu ministério próprio : a pregação das missões.

Recuso-me a admitir que foram enviados como agentes da Santa Sé no intuito de implantar a *romanização* a não ser que possamos entender, nas dobras de tal conceito, o espírito da reforma tridentina reafirmada no Concílio Vaticano I^o, a reforma dos costumes, o revigoramento da fé e a instrução religiosa do povo católico.

²⁰³

O mal que os homens fazem vive depois deles, o bem é muitas vezes enterrado com seus ossos.

Ao se enquadrar o fato das “santas missões” num esquema generalizante como de *romanização* corre-se o risco de não perceber as motivações internas de seus promotores, as especificidades e meandros, bem como, o ethos missionário da Congregação do Santíssimo Redentor.

Cabe a nós, estudiosos de hoje, com um olhar mais distante e portanto mais abrangente, compreender tais fatos, descobrir neles o aspecto enriquecedor e também, os desvios em que tenham se envolvido.

É nesse aspecto que minha tese vai de encontro a visões sociológicas já consagradas e é nesse momento em que me valho de BACHELAR (1999,p. 16) ao afirmar :

E no que se refere à pesquisa científica, diante de uma experiência bem determinada que poderia ser considerada como tal, como verdadeiramente una e completa, o espírito científico nunca deixa de variar as condições, para sair da contemplação do mesmo e procurar o outro, para dialetizar a experiência.

É assim que a Química multiplica e completa suas séries homólogas, até sair da Natureza para materializar os corpos mais ou menos hipotéticos sugeridos pelo pensamento inventivo.

É assim que em todas as ciências rigorosas, um pensamento ansioso desconfia das identidades mais ou menos aparentes, e reclama sem cessar mais precisão, ipso facto mais ocasiões de distinguir.

Precisar, retificar, diversificar, são tipos de pensamentos dinâmicos que fogem da certeza e da unidade e que encontram nos sistemas homogêneos mais obstáculos do que impulsões. Em resumo, o homem animado pelo espírito científico deseja sem dúvida saber, mas para em seguida melhor interrogar.

Vejo, portanto, que ao fugir de uma visão una e supostamente completa, a visão da “*romanização*”, estarei dialetizando, diversificando e colocando alternativas para uma melhor compreensão dos fatos que marcaram uma fase da história do Catolicismo no Brasil, o que representa uma contribuição ao espírito científico .

Desde as origens o movimento das missões populares teve como objetivo a reforma dos costumes, o revigoramento da fé, e a instrução religiosa. Tal foi a marca que Afonso de Ligório deixou como herança e carisma aos seus seguidores.

Esses três eixos fundamentais do trabalho missionário ensejam, em sua própria natureza, choques de realidade. Quando se propõe a reforma dos costumes não há como esperar que isso aconteça tranqüilamente, sem enfretamento, sem arestas . Quando tal

empreendimento traz ainda, em seu nascedouro, um choque de culturas as coisas tendem a, por vezes, se exacerbarem.

Não se pode esperar portanto, que missionários holandeses em contato com o povo do interior das Minas Gerais de então, não se chocassem com certos costumes e realidades. Esses choques culturais, cultura erudita versus cultura popular, estão na própria essência do fenômeno social e é através deles que as sociedades, inclusive as sociedades religiosas, se aprimoram e enriquecem.

Esse trabalho oferece pois, um a nova perspectiva de ver tais fatos, aqui descritos por seus próprios autores e por aqueles que os observaram à época.

Não se pode esperar que de ambos os lados só possa ter havido aplausos.

A presença nas Minas Gerais daquela época, de uma laboriosa equipe de missionários por certo terá deixado algumas marcas.

Consideremos, por *primeiro*, o embate missionário no que se refere à reforma dos costumes:

Deve-se ressaltar que alguns costumes e tradições é que fazem a característica de um povo.

Mesmo tais costumes, nem sempre medidos com medidas de valor, se bons ou maus, podem estranhar aos que com eles se defrontam e não será o simples estranhamento a razão para que devam ou não ser mudados.

Podemos então concluir que a dita “reforma dos costumes”, um dos claros objetivos da missão, nem sempre foi atingida pelas missionários, mesmo porque alguns costumes não deviam e não foram reformados.

O que se deve entender nas entrelinhas de todos os relatos é que aqueles costumes considerados “abusos”, tais como jogos de azar, embriaguez, exploração da pobreza, prostituição e outras formas de exploração dos mais fracos eram perseguidas e muitas vezes com êxito.

A reforma dos costumes não passava simplesmente pela erradicação dos maus costumes mas, também pela introdução e culto de bons costumes tais como o cumprimento dos mandamentos, a frequência aos sacramentos, os atos de misericórdia, o espírito de oração, etc

Não vislumbro pois, que os missionários tenham conseguido reformar os costumes da forma que pretenderam, mas que deixaram marcas, deixaram.

A reforma, a mudança dos costumes, é algo que se opera lentamente e não se pode medir apenas através de confissões realizadas, casamentos legitimados ou comunhões distribuídas. Por outro lado, tais fatos constituíam dados que, assim como em qualquer levantamento estatístico, podiam revelar a probabilidade de certo êxito ou fracasso do trabalho realizado.

Mesmo assim, sem a pretensão de atribuir exclusivamente ao trabalho realizado pela missões, por longo tempo se pôde e talvez, em alguns cantões, ainda se possam ouvir referências à tradicional família mineira como modelo de rigidez de costumes.

A rigidez de costumes, os profundos sentimentos de religiosidade e gestos de devoção, heranças de um catolicismo ainda colonial, por certo foram implementados através de uma insistente pregação de valores cristãos inspirados no modelo tridentino, tema sempre martelado nos sermões missionários.

Quem quer que, ainda hoje, conheça o movimento diário da igreja de São José, no coração de Belo Horizonte, sabe o quanto aquela célula de irradiação do catolicismo representa numa cidade marcada pela modernidade. Isso sem falar no Santuário de São Geraldo em Curvelo, na igreja da Glória em Juiz de Fora e no trabalho desenvolvido pela Rádio e TV Educadora do Vale do Aço, em Coronel Fabriciano.

Nesse trabalho de reforma dos costumes pode-se questionar por quê os missionários não atentaram para as injustiças sociais que tanto marcavam a sociedade de então.

Por quê suas prédicas estavam mais voltadas para a salvação eterna e, quase desconheciam a realidade injusta que imperava nos campos explorados pela classe dominante e oprimiam os colonos, realidade essa que se repetia nos meios urbanos?

Por quê os missionários não se levantaram contra tais injustiças e ao invés de se aterem a uma pregação escatológica não buscaram transformar a realidade terrena que os cercava ?

Teriam sido omissos? Teriam desconhecido a situação do povo ? Ou pior, tudo fizeram para que o povo oprimido se conformasse com tais realidades ?

Se assim olharmos aquele tempo, se assim questionarmos os missionários de então, estaremos querendo impor a eles uma visão social que a custo e lentamente amadureceu e encontrou eco no coração e nas mentes dos dirigentes eclesiásticos, dos pregadores do evangelho e da própria sociedade civil.

Se mesmo nos tempos de hoje, nem sempre, tal pregação é aceita, como poderemos exigir dos missionários daquela época um posicionamento que se chocasse com os padrões culturais vigentes ?

Com isso não podemos afirmar que sua pregação era alienada. Temos que analisá-la dentro dos padrões do tempo e aferi-la dentro dos conceitos que medem o antes e o depois.

O *segundo* grande objetivo das missões era o revigoreamento da fé e nisso as missões podem perfeitamente se inserir dentro dos postulados de reforma da Igreja no Brasil ou mesmo, do catolicismo popular.

O revigoreamento buscado nas missões foi uma maior aproximação dos fiéis da vida sacramental sem afastá-los da vida devocional mas, valendo-se dela para uma prática mais próxima da mensagem evangélica.

Para isso tornou-se importante o *terceiro* aspecto : a instrução religiosa.

Em várias passagens e documentos registramos o termo ignorância religiosa, entendida como ignorância doutrinária, como um dos males do catolicismo vigente em Minas Gerais.

Os missionários dedicavam boa parte de seu trabalho à instrução religiosa, a explicitar a doutrina, a cultuar gestos e expressões que mais se aproximassem do catolicismo como proposto pelos Concílios de Trento e Vaticano Primeiro.

Não seriam esses os mesmos objetivos defendidos pela dita *romanização* ? Inegável.

Entretanto a recusa do termo não se assenta em tais postulados e sim em outros já analisados, quando pretende enfatizar que tal trabalho pretendia sufocar ou mesmo eliminar o catolicismo popular.

O catolicismo popular não foi e em nenhum momento foi visto pelos missionários como um mal a ser erradicado.

As missões, através da instrução religiosa, buscaram erradicar a ignorância doutrinária e os desvios dela decorrentes em momento histórico onde tais falhas mais se acentuavam.

Se assim pudéssemos entender assim a dita “*romanização*”, poderíamos afirmar que as missões estariam nela plenamente inseridas.

Busquemos, portanto, no tempo objeto desse trabalho, quais as marcas do carisma alfonsiano plantadas pelos missionários que possam ter repercutido e, talvez até ainda repercutam, no catolicismo dos mineiros.

De todos os trabalhos desenvolvidos pelos redentoristas nos primeiros trinta anos em Minas Gerais as missões sempre tiveram a primazia.

Percorremos com os missionários alguns dos roteiros de trabalho, ouvimo-lhes em seus sermões e tivemos acesso às suas íntimas confidências nos momentos de júbilo e amarguras.

Que podemos esperar de efetivo saldo em tais labores ?

As missões, por sua própria natureza, são atividades delimitadas no tempo e no espaço e por mais que se tenha pretendido estender sua ação através de renovações e outros exercícios, são atividades restritas a um determinado momento.

Lembremo-nos das palavras do sermão que abria os trabalhos : “ *Ecce nunc tempus acceptabile; ecce nunc dies salutis – Eis chegado o tempo do qual deveis aproveitar, os dias de salvação.* “(2 Cor. 6.2)

O que se pode concluir é que desse esforço muitos puderam tirar algum proveito de conversão, de reforma de costumes, de introdução de saudáveis hábitos de piedade cristã. Outros, entretanto, muitos outros, ouviram e participaram até piedosamente dos dias da missão, mas como é natural pouco a pouco aquele fervor foi se arrefecendo e as coisas voltaram ao que era dantes.

Isso, por si, não invalida o trabalho missionário. As próprias regras do Instituto de Santo Afonso e a Pastoral de 1915 insistem em que as missões devessem ser periódicas e que o intervalo das missões, em uma mesma localidade, não ultrapassasse de dez anos. Tal prescrição traz em seu sentido implícito a consciência de não se tratar de um trabalho definitivo. Afinal o que há de definitivo nesta terra ?

Considerar pois o trabalho missionário como fogo de palha é desconhecer a essência desse exercício, não que seja por natureza inócuo, mas que se trata efetivamente de um sopro, um despertar de consciências.

O trabalho missionário deixou entre os católicos mineiros marcas devocionais e de espiritualidade, ligadas ao Santíssimo Sacramento, à Paixão de Cristo, ao Menino Jesus e a Nossa Senhora que estão vivas até os dias de hoje.

WERNET (1994, Vol.2, p. 117) afirma que :

A mensagem religiosa dos padres redentoristas foi entendida e reinterpretada dentro do universo de seu receptor. Mas, apesar das diferenças entre as duas religiosidades e a dificuldade que os padres missionários tinham em fazer um juízo objetivo referente à religiosidade popular, notaram estes que o povo cultivava uma religiosidade viva, solidária e de uma convicção inabalável.

Evidentemente que todo esforço se fazia em prol da perseverança na renovação dos costumes, mas todos somos sabedores da fraqueza humana e da tendência de acomodação, uma das características do ser humano.

O exercício de renovação das missões dentro de um breve lapso de tempo, nem sempre pôde ser cumprido como desejavam as Regras e isso deve-se compreender em razão da limitação do número de missionários e da grande demanda de novas missões.

Este olhar não invalida o trabalho das missões.

Se era baixa a expectativa de perseverança do povo missionado mais necessária se fazia a perseverança dos missionários.

Dessa forma, o trabalho não se restringiu aos trinta anos objeto desse estudo, mas estendeu-se com o mesmo ardor por mais de sessenta anos.

Por outro lado, os próprios missionários reconheciam não só a precariedade como também as deficiências de sua obra.

Não havia uma adequada preparação para o evento. A convocação do povo normalmente se fazia através da festividade de recepção dos missionários e a comunidade ocorria sem saber ao certo de que se tratava, era apenas mais uma festa no calendário.

Pouco a pouco é que se tomava consciência do verdadeiro objetivo das missões e muitas vezes isso ocorria já nos últimos dias do trabalho o que, por certo tirava-lhe muito do êxito.

Outro aspecto é que os missionários saíam por um período longo, muitas vezes sem um roteiro pré definido. Isso fazia com que ao meio da jornada, enfrentando situações adversas, muitas vezes se encontrassem exaustos e até mesmo doentes.

Deve-se levar em conta que na quase totalidade das localidades da época não havia luz elétrica. Os missionários pregavam várias vezes durante o dia e, à noite, o grande sermão quase sempre fazia-se ao livre, sob as intempéries de nosso clima. Os oradores deviam dispor de uma voz poderosa para, sem recursos sonoros, fazerem-se ouvir. Depois de longas viagens por estradas poeirentas ou sob tempestades era de se ter uma garganta realmente saudável !

A isso devem-se somar duas outras grandes dificuldades: as diferenças culturais e o desconhecimento da língua.

Tais aspectos foram muitas vezes causas de atritos com o povo e até mesmo com o clero.

As diferenças culturais foram enfrentadas de forma nem sempre adequadas por força do sentimento de superioridade dos europeus face aos povos do novo mundo e, registre-se que o ocorrido em Minas Gerais não constitui exceção.

Assim é que, não raras vezes, faziam comparações inadequadas com o trabalho missionário na Holanda. Nem sempre estavam conscientes de que a realidade brasileira e mineira era bem diversa da Holanda e, portanto, as comparações eram impróprias.

Isso tudo leva-nos a ponderar que nesses processos históricos de inculturação sempre houve grande dificuldade em considerar a visão do outro, depreciando-a como ignorante ou pelo menos inculta.

Esse aspecto permitiu que muitas vezes fosse imposta uma visão alienígena desrespeitando a cultura nativa, o que muitas vezes ocorreu no campo religioso.

Não se pode descartar que mesmo no processo missionário em questão não tenha ocorrido tais embates culturais e religiosos, entretanto, ao analisar os fatos pode-se avaliar que mesmo que isso tenha ocorrido, não atingiu proporções significativas .

ANJOS (1994, p. 14) aborda a questão da inculturação destacando que a Encarnação do Filho de Deus, assumindo a natureza humana, tornando-se hebreu é o primeiro fato em que esse processo se identifica.

O Cristo assume uma nova condição e essa experiência torna-se paradigmática quando nos defrontamos a outras culturas.

A percepção desse desafio está presente no Novo Testamento, particularmente na pregação de Paulo e Barnabé junto aos “pagãos”, envolvendo momentos tensos como o enfrentamento dos judaizantes (At. 13-15). Os tempos patrísticos levam adiante a consciência da necessidade de deixar às culturas a tarefa de encarnarem a Boa Notícia em seus processos. Clemente de Alexandria (150-215) , em O Pedagogo, dirá ser preciso ‘trocar a roupa semita pela grega

Foi o que aconteceu aos holandeses a que nos referimos. Era necessário trocar a roupa batava pela roupa brasileira e isso nem sempre foi fácil na história do cristianismo e, no caso específico, na história das santas missões.

Ainda apoiando-me em ANJOS (1994,p. 15) a Igreja muitas vezes revestiu-se de uma disfarçada arrogância no diálogo entre as culturas o que embaraçou o processo de inculturação.

Por outro lado, não se pode descartar o trabalho doutrinário como se a religião pudesse constituir-se no abstrato, ANJOS (1995, p. 17) :

O evangelho não pode ser identificado com a (s) cultura (s). Tampouco pode ser ele construção, produto ou meta de uma cultura enquanto tal. Mas, o evangelho não é independente da(s) cultura(s), nem pode dela(s) se desvincular, sobrevivendo de modo abstrato na ordem do pensamento e da doutrina, nem no plano concreto dos mitos, dos ritos e dos símbolos, das práticas e organizações.

Tal aprofundamento da questão é relativamente recente e tem muita contribuição das reflexões do Vaticano II (1962-1965), da Carta apostólica de Paulo VI *Evangelii Nuntiandi* (1974) e da Exortação Apostólica de João Paulo II, *Catechesi Tradendae* (1974).

No recorte temporal em que se insere nossa tese, tais conceitos estavam muito distantes e portanto, ao analisar as atitudes dos missionários temos que nos esforçar para entende-los em seu contexto histórico.

Tal caminhada é de mão dupla e nela podemos identificar as mútuas influências muitas vezes percebidas no trabalho missionário.

Atitudes que ao início pareciam estranhas, pouco a pouco, passaram a incorporar o contexto missionário.

No campo cultural outra dificuldade concreta enfrentada pelos missionários foi o aprendizado da língua portuguesa.

Tal aprendizado aconteceu de forma rudimentar, improvisada, quase que somente através da leitura de gramáticas e da prática. Não há registro da presença de professores especializados no ensino de português para estrangeiros e nem mesmo da existência de cursos de tal natureza, naquela época. A falta de confrades nativos fazia com que o exercício da fala se restringisse aos momentos de contato com o povo, o que ainda mais agravava a situação.

É bem verdade que os superiores insistiam em que as conversas à mesa e nos recreios se fizessem em português, mas isso parece não ter sido suficiente.

É de se registrar também que tais fatos constituem uma característica não apenas dos redentoristas holandeses. É folclórica a narrativa de sermões e até mesmo anedotas de padres estrangeiros empregando palavras inadequadas ou pronúncias incorretas.

Não se pode esquecer que além de todas as exterioridades da missão, procissões, sermões, missas, comunhões e outras manifestações o que muito marcava a presença dos missionários era a imagem que passavam. Alguns poucos e deploráveis acontecimentos não impediram de que a marca deixada por eles era de “ santos missionários ”.

Inegavelmente a própria aparência impressionava. Vestidos de negro com colarinho branco e um longo rosário à cinta, vermelhos e de porte avantajado na maioria, pareciam ao povo figuras vindas do além mar... ou diretamente do céu: os enviados de Deus!

Esse aspecto encontra correspondência no trabalho dos capuchinhos no nordeste brasileiro como assinala CAMURÇA (2004, P. 230) , citando DELLA CAVA (1976) e WERNET (1994):

Para Della Cava, as missões da ordem religiosa européia dos frades capuchinhos que estiveram no nordeste desde o século XVIII, geraram entre as populações nativas, crenças nos dons de profecia desses frades europeus ...

Para Wernet, a religião do povo era uma religião de promessas e de credices. Acreditava-se no poder ‘ mágico ’ de certas rezas e de certos procedimentos. E a própria bênção do missionário fazia parte desse

universo: a bênção do padre missionário era toda especial e dotada de poderes miraculosos.

O carisma alfonsiano era marcado pelo espírito de oração, pela paciência no confessionário, pela devoção a Nossa Senhora, pelo amor a Jesus Cristo. Isso impressionava. Pareciam santos surgidos não se sabia bem de onde e ainda mais, sua passagem era breve, nem sempre dava para perceber que eram humanos e fracos como o próprio vigário com quem diariamente conviviam: como vinham, desapareciam. Ficava a lembrança dos sermões, das procissões, das emoções, das lágrimas até! Esse fator era significativo e operante : os exemplos arrastam!

Já na primeira grande missão, realizada em Mariana, o jornal local destacou que :*“Alguns resistiram às pregações, mas não puderam resistir ao assalto com que os bons padres os acometeram em particular, não tanto pela força das razões, quanto pela brandura do modo como os atacavam. ”*

Não se pode omitir que esse brilho foi, por vezes, empanado pela impaciência, pela intransigência e até mesmo pela agressividade manifesta por alguns dos missionários. Mas, a imagem que restou foi, indubitavelmente, a dos “santos missionários”.

Nesta conclusão não posso me restringir apenas às missões em si, pois nelas se concentra , mas não se resume o carisma alfonsiano.

Embora não se possa reduzi-las a missões, as atividades junto aos Santuários de Curvelo, São Geraldo e Congonhas, Senhor Bom Jesus do Matosinhos tiveram papel muito semelhante às missões por sua característica sazonal.

Em Curvelo as atividades concentram-se na Oitava de São Geraldo. A festa do santo é celebrada no dia 16 de outubro, mas para evitar as estações chuvosas e para a maior comodidade dos romeiros a novena foi antecipada , desde 1917, passando a ser celebrada entre o último domingo de agosto e o primeiro de setembro.

Em Congonhas, cujo santuário do Senhor Bom Jesus acabou por ser assumido pelos redentoristas em 1924, a celebração do Jubileu ocorre de 6 a 14 de Setembro .

Ambas as atividades são marcadas por pregações, instruções e celebrações que não diferem em muito das missões.

Junto aos trabalhos missionários e no âmbito das comunidades adscritas aos conventos, muitas outras atividades aconteceram no objetivo de difusão desse carisma.

Pode-se assim apontar como uma das primeiras a criação da Arquiconfraria de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em 4 de abril de 1896.

A associação nasceu com 760 inscrições e impulsionou a nova devoção ainda hoje bastante viva através da tradicional celebração da missa dos doentes, às terças feiras.

A devoção a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro logo difundiu-se e raras são as igrejas mineiras que não dispõem do milagroso quadro exposto à veneração dos fiéis.

O quadro milagroso era o estandarte que precedia os missionários na abertura das missões.²⁰⁴

Outro instrumento de grande poder na renovação dos costumes foi a criação da Liga Católica Jesus Maria José em 31 de março de 1902, por ocasião das missões no Morro da Gratidão.

A Liga difundiu-se por quase todas as paróquias da diocese de Mariana e quase sempre era erigida por ocasião das missões. Pouco a pouco estendeu-se por todo o Brasil. Na época de sua criação era uma das poucas associações religiosas dedicadas com exclusividade aos homens. Seu intuito maior era quebrar o respeito humano mais presente entre os homens.²⁰⁵ Ainda hoje a Liga Católica é um dos institutos masculinos que sobrevive às inovações da Igreja do Vaticano II ° .

As romarias e reuniões de lingüistas movimentavam as paróquias e manifestavam a força e a união dos homens católicos de então.

Com a canonização de São Geraldo, em 1905, e a fundação do convento de Curvelo, em 1906, os redentoristas empenharam-se em difundir a nova devoção

²⁰⁴ “ Como pede a índole do povo, foi acrescentado um conjunto de solenidades e procissões, entre as quais é digna de menção a de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. No segundo ou terceiro dia da missão, com uma alocução solene e adequada, coloca-se a missão sob a proteção da Mãe do Perpétuo Socorro, cujo quadro pelos dias restantes permanece exposto e no último dia é de novo levado triunfalmente pelas ruas do lugar, para que se agradeça solenemente à padroeira das missões a ajuda de sua graça. ” *PER QUINQUE LUSTRA* , p. 82

²⁰⁵ “Há poucos anos um membro da Sagrada Família (Liga Católica) teve a idéia de ir com vários companheiros , ora a uma ora a outra das igrejas da cidade e ali receberem a sagrada comunhão para dar exemplo e coragem a outros homens ainda vacilantes, devido ao respeito humano.” *PER QUINQUE LUSTRA* p. 86

O Santuário de Curvelo foi o primeiro templo dedicado ao santo no mundo católico. Hoje, São Geraldo é um dos santos mais venerados e invocados em Minas Gerais.

Logo fundou-se a Obra Pia de São Geraldo e ainda deu-se início à edição do SANTUÁRIO DE SÃO GERALDO que em 1916 já contava com 10.000 assinantes.

Paralelamente a estas associações os redentoristas incentivaram a Pia União das Filhas de Maria e a devoção ao Sagrado Coração de Jesus através do Apostolado da Oração.

Tais associações e outras já existentes sempre foram apoiadas pelos missionários como forma de alimentar a perseverança.

Não se limitando ao campo das missões populares os Redentoristas ampliaram sua atuação no âmbito das paróquias que lhes foram confiadas. Tríduos, novenas e retiros ocupavam os dias daqueles que faziam parte da equipe missionária.

Em Belo Horizonte, nascente capital mineira, plantou-se a igreja de São José no coração da cidade. Daquele centro geográfico e político os redentoristas tornaram-se pioneiros no desenvolvimento de atividades apostólicas visando disseminar a ação social católica.

Assim, em 10 de abril de 1903, sob a liderança do Pe. Antônio Gryping, jovem sacerdote com apenas 30 anos, e sob a presidência do Dr. Augusto Campos do Amaral, fundou-se a “UNIÃO POPULAR”, um braço da Liga Católica que, inicialmente, tinha por fim a Ação Católica Social e pouco depois tornou-se o centro da Confederação de todas as associações católicas de Minas.

Foi a “UNIÃO POPULAR” que, nos cinco primeiros dias de janeiro de 1910, promoveu o 1º Congresso Católico Mineiro de leigos reunindo trinta associações religiosas e 125 congressistas em Juiz de Fora.

Ao Congresso acorreram participantes das cinco dioceses de Minas Gerais : Mariana, Diamantina, Pouso Alegre, Campanha e Uberaba.

A preocupação com os problemas sociais do operariado tornou-se tema constante após a realização do segundo congresso em 1911.

Em 1914, um grupo de 100 operários da Central do Brasil pediram a intervenção do 3º Congresso Católico a favor de seus direitos o que representa um marco na História Social da Igreja.

Em 1915 a UNIÃO POPULAR deu origem à “UNIÃO DOS MOÇOS CATÓLICOS” promotora do quarto congresso, em 1918.

Interessante se torna considerar os artigos iniciais do Estatuto aprovado por Dom Silvério em 1919, após o parecer favorável do redentorista Henrique Brandouw:

Cap. I

Art. 1 ° - A União dos Moços Católicos tem sua sede em Belo Horizonte, onde foi fundada em 1915.

Art. 2 ° - A orientação da União de Moços Católicos haverá de obedecer sempre às doutrinações, mandamentos e conselhos da Religião Católica, Apostólica, Romana.

Art. 3 ° - A União dos Moços Católicos tem por fim : 1 ° procurar reunir a juventude católica a fim de orientá-la acerca dos sadios princípios cristãos e sociais e de guiá-la no caminho do genuíno civismo; 2 ° espalhar a religião católica e defender a Igreja em toda e qualquer oportunidade; 3 ° trabalhar auxiliando e promovendo obras católicas e sociais.

Art. 4 ° Para alcançar esta finalidade, a União dos Moços Católicos se propõe: 1°. fazer conferências; 2°. manter uma biblioteca, como também uma folha oficial e independente; 3°. fornecer aos membros diversões lícitas; 4°. trabalhar pela criação de semelhantes agremiações em outros lugares.

Nessa época a U.M.C. tinha como assistente eclesiástico o dinâmico Padre Adriano Wiegant .²⁰⁶

Sobre o trabalho do Padre Adriano, escreve BASTOS (1988, p.152) .

O padre Adriano era homem invulgar pela sua presença que se impunha como sacerdote talhado para conviver com a juventude, e em que sua santidade, inteligência prática, cultura sedimentada, e aquele seu positivo toque de abertura e apreço dos jovens, conseguiram catalisar, anos à fio, a atenção e o entusiasmo de todos nós .

Foi tal sociedade que inspirou a criação de institutos como o Centro Dom Vital e mais tarde, o Instituto Santo Tomás de Aquino, grêmios importantes na história do laicato católico de Juiz de Fora.

Registre-se que os fundadores do Instituto Santo Tomás de Aquino, Dr. Joaquim Ribeiro de Oliveira, Henrique Hargreaves, Frederico Álvares de Assis e Dr. João

²⁰⁶ Sobre o trabalho do Padre Adriano Wiegant, cfr.R. AZZI, *Sob o Báculo episcopal, a Igreja Católica em Juiz de Fora*, 2000, p.257

Vilça, expoentes do laicato católico e mesmo do mundo científico e cultural da época, foram membros da U.M.C. .

Nessa conclusão podemos constatar que a presença do carisma de Afonso não se restringiu ao campo das missões populares a exemplo do próprio fundador, um dos mais expressivos escritores e artista de seu século.

Em Belo Horizonte os redentoristas criaram, em 1919, também o semanário “O Sino de São José”. Da publicação que era distribuída gratuitamente aos domingos, na porta da igreja, constava informações aos paroquianos, o texto do evangelho em português e seus comentários. Outra página era reservada a comunicações úteis, notícias interessantes e ou leitura amena.

A publicação extrapolou os limites da paróquia de São José e, pouco a pouco, tornou-se o boletim de todas as paróquias da capital sendo adotada também por outras cidades como Dolores do Indaiá, Manhuaçu, Entre Rios, Juiz de Fora, Campos e até mesmo fora do Estado de Minas. Mais tarde, em 1931, a publicação chegou a 13.500 exemplares semanais.

Nas lides da imprensa os redentoristas fizeram-se presentes e, mais tarde, em 1935, através do Padre Gualter Perriens, lideraram a criação de “O Diário”, jornal católico que por muitos anos esteve dentre os principais de Minas Gerais.

Significativa foi também a publicação “*NOITES COM OS METHODISTAS E OUTROS PROTESTANTES – RESPOSTA A SEYMOUR*” (A . Campos Editor, São Paulo, 1908) de autoria do Padre Henrique Brandouw.

A obra, em dois volumes, refuta detalhadamente as teses do livro : “*NOITES COM OS ROMANISTAS* ” de autoria de M. H. SEYMOUR, pastor anglicano.²⁰⁷

No prefácio de sua obra, o Padre Henrique Brandouw afirma :

²⁰⁷ A obra **NOITES COM OS ROMANISTAS**, de autoria do Rev. M.H. SEYMOUR foi editada pela Sociedade Americana dos Tratados, situada na Rua de Nassau, No. 150, em Lisboa, Portugal e não traz em sua página de rosto a data da edição. Entretanto, o exemplar consultado foi registrado na Biblioteca da Faculdade de Teologia de “O Granbery ” em 15 de abril de 1886..

A obra, em XXIII capítulos aborda os temas mais conflitantes com a doutrina da Igreja Católica, tais como : A Catolicidade da Igreja, A confissão e a Absolvição, o Culto aos santos, O sacerdócio cristão, A transubstanciação, o Purgatório, etc.

Na Introdução o autor faz uma análise em de 40 páginas sobre “Os resultados moraes do Sistema Romano.” no qual pretende demonstrar que nos países católicos a moral andava em pior estado que naqueles dominados pelo Protestantismo.

“*NOITES COM OS ROMANISTAS* é obra muito estimada dos *Methodistas* que fazem dela um dos livros de referência no ensino teológico do Seminário *Methodista de Juiz de Fora*.”

A obra de SEYMOUR ataca a unidade e apostolicidade da Igreja Católica e, em apêndice, põe em dúvida a própria presença de Pedro em Roma : “*Esteve Pedro em Roma ?* ”.

Isso vem a confirmar que a utilização do termo “*romanistas*”, em sentido depreciativo, era usual entre os protestantes bem antes de Roger BASTIDE vir a empregá-lo.

Além do Padre Henrique Brandouw, outros confrades também militaram no campo das letras :

Padre Guilherme Peters manteve, até o final de sua vida em 1953, uma coluna diária em “O Diário” sob o título “ *Pergunte Responderemos*” muito antes do conhecido periódico de autoria de D. Estevão Bittencourt.

Outros ainda como os padres Adriano Mertens, Henrique de Jong, Afonso Mathysen e Gualter Perriens deixaram várias obras e traduções.

Os trabalhos acima referidos bem demonstram que os missionários que não participavam diretamente das missões pelo interior, não ficaram na ociosidade das paredes de seus conventos, mas atuaram de forma expressiva em suas cidades fomentando a doutrina social da Igreja Católica e colocando as bases para um Catolicismo que elevará sua voz a partir da década de 1920.

Apesar de todas as dificuldades e precariedades já considerada, as missões populares continuaram acontecendo pelos interiores de Minas até a década de 1960.

O diretório estabelecido pelas “*Decisiones quaedam provisoriae circa missiones nostras*”, de 1914, continuou norteando os trabalhos sem muitas modificações até próximo à década de 1960 quando, praticamente, extingui-se aquele estilo de missionário.

A presença de jovens missionários brasileiros, inicialmente formados em Wittem e posteriormente em terras brasileiras, trouxe nova vitalidade, mas os mestres holandeses mantiveram as rédeas até o final .

Dentre os brasileiros destacou-se a figura ímpar do padre Francisco Pedreira Ferreira .

Nasceu no Rio de Janeiro, em 6 de abril do mesmo ano em que os Redentoristas aqui aportaram, 1893. Faleceu em 1º de julho de 1971, aos 78 anos de idade.

Cursou a maior parte do Seminário Menor como diocesano do Rio de Janeiro e os dois últimos anos, já entre os Redentoristas, em Aparecida. Cumpriu o Noviciado em Juiz de Fora, sendo seu Mestre o jovem Padre Vicente Zey, professando em 2 de outubro de 1911. Um dia após seus votos viajou para a Holanda onde completou seus estudos de Filosofia e Teologia em Wittem, ordenando-se sacerdote em 4 de outubro de 1916.

No dia 7 de setembro de 1917, já nomeado como missionário no Brasil, fez sua viagem que durou exatamente dois meses, pois o navio “Hollandia” teve que cumprir outra rota por força da Primeira Grande Guerra.

Nomeado missionário da casa de Juiz de Fora pregou suas primeiras missões em Mercês do Pomba de 14 a 18 de março de 1918 : “ *Preguei 7 vezes, ouvi mais de 500 confissões e dei 2 aulas de catecismo.*”²⁰⁸

Três anos antes, falecera no Rio de Janeiro o Padre Júlio Maria que, como vimos, tornou-se uma dolorosa experiência em meio aos holandeses. O Padre Ferreira marca o momento de aceitação de brasileiros no meio holandês da Vice-Província.

O que certamente muito lhe favoreceu foi que, apesar de brasileiro, tivera a mesma formação dos holandeses, no mesmo ninho de Wittem.

Sua chegada e mais, sua aceitação, possibilitou uma melhor acolhida daqueles que, brevemente, iriam formar o contingente brasileiro.

Os holandeses parecem terem se surpreendido com o desempenho do Padre Ferreira. Muitos deles não acreditavam que brasileiros pudessem ser bons padres e muito menos bons redentoristas.

Ainda nos primeiros anos, o pioneiro Padre Mathias Tulkens, em carta ao provincial da Holanda apresentou uma descrição do jovem e do padre brasileiro que muito marcou a perspectiva holandesa com relação a futuros confrades brasileiros :

Grandes são os perigos aos quais aqui o Padre e sobretudo o Missionário estão expostos.

²⁰⁸

De seu diário

Sirva de advertência que dos primeiros 11 missionários Lazaristas 7 perderam sua vocação. É sabido que entre os padres seculares aqui no Brasil poucos observam seu compromisso de castidade. Também para os nossos padres esta realidade aqui é desafiante.

... Pode ser útil indagar qual a causa, pois destarte já podiam ser apontados alguns perigos. É sabido que as mocinhas aqui vivem muito castamente. A diferença com as donzelas na Holanda, neste particular, é quase inacreditável.. A vigilância é rigorosa, a tal ponto que nunca se encontra uma moça com um rapaz a sós; além do mais, elas se casam muito cedo com 13,14, 15 16 anos. Raras vezes acontece que, antes de completar 19 ou 20 anos, ainda não se casaram.

Enquanto os outros não despertam nelas a paixão, são de uma inocência e simplicidade incríveis. São crianças no sentido pleno da palavra. Acresce que muitas moram isoladas na roça, longe de qualquer perigo. O número de cidades é pequeno e a corrupção não é tão generalizada.

Com os rapazes é totalmente diferente. Os pais os deixam soltos. Andam onde querem; e ninguém olha para sua libertinagem. Muitos deles não sabem nada de religião. Nunca vêem os pais se aproximarem dos sacramentos; observam que o pai procura ocasião de pecado grave fora de casa, e muitas vezes dentro de casa, enquanto fica totalmente indiferente perante sua própria esposa.. Muitas esposas são abandonadas pelos seus maridos, ou os abandonaram. Estas se tornam realmente uma peste. Pois, uma vez que as paixões foram despertadas, elas estão totalmente perdidas. O marido, que lhes foi imposto pelo pai ou pela mãe quando ainda era muito mocinha não agrada mais; tomam aversão dele, comentam isto com outros jovens ou homens e o adultério não se faz esperar. Muitas delas, ainda que não separadas do marido , tornam-se infiéis. Também muitos jovens mesmo de famílias distintas, quando ainda rapazinhos, são totalmente corrompidos pelas pretas ou mulatas que servem como domésticas (ou melhor, como escravas) na casa. Entre elas encontram-se viúvas com filhos, mulheres separadas do marido e donzelas que o próprio patrão, como escravas, dá em casamento. Destas mulheres muitas são alcoólatras. A cachaça (gin destilado da cana) é aqui a bebida alcoólica mais comum. É mais forte que o mais forte cognac, não custa quase nada, de modo que pode ser encontrada nas malocas mais abandonadas.

Acontece não poucas vezes que os rapazes que nunca freqüentaram escola e, portanto não sabem ler nem escrever, começam a estudar na idade de 14, 16, 20 anos, infelizmente depois de ter visto e experienciado coisas demais em casa, vão direto para o Seminário, vestindo batina já desde o primeiro dia.

Em geral estudam pouco e superficialmente; se ordenam Padre o quanto antes, e, sem ter sido vigário cooperador, tornam-se logo pároco num lugar escolhido por eles próprios, sem a mínima experiência de administração paroquial e cercados de bajuladores e de toda espécie de perigos .

Interesse pelo estudo encontra-se raramente entre eles. Espírito de oração menos ainda, de forma que muitos omitem até o breviário e a Santa Missa em dias de semana. E não demora muito para eles pegarem o gostinho da cachaça. Não dão catecismo, nunca pregam, raramente ou nunca visitam doentes de corpo e alma, e sim os que tem saúde, até de mais. E nestas visitas naturalmente se bebe, eles por sua vez , também recebem vistas e oferecem, bebidas, e assim muitos Padres tornam-se alcoólatras. Na

minha modesta opinião é a cachaça, juntamente com a falta de interesse pelo estudo e de espírito de oração, a causa porque descuidam das suas obrigações, buscam ocasiões e caem no abismo. (Carta ao Provincial holandês de 12 de dezembro de 1896 - Tradução do Padre Jaime Snoek)

Tal era a concepção da índole do jovem brasileiro.

Embora datada de 1896 essa concepção não alterou entre os holandeses e talvez até tenha se agravado no contato com o clero secular da época, tantas vezes criticado nas correspondências.

Tudo isso levou os holandeses a desconfiar da aptidão dos brasileiros ao ministério sacerdotal.

Enquanto os alemães haviam criado o Seminário Menor de Aparecida em 3 de outubro de 1898, os holandeses em Minas Gerais, somente convenceram-se da viabilidade de formação de brasileiros após a chegada e o acompanhamento dos primeiros passos do Padre Ferreira.

Assim, em 2 de agosto de 1924, somente 30 anos após a chegada dos pioneiros, criou-se em Congonhas a Escola Apostólica São Clemente, o chamado Juvenato, no qual passaram a ser formados os futuros redentoristas da Vice-Província embora ainda por uma década a formação filosófica e teológica permanecesse em Wittem.

Vale lembrar aqui o que transcrevi na nota 106 sobre o preconceito racial que imperou no Juvenato até a década de 1940. Dentre as qualidades exigidas para o candidato estava explícita a exigência de que fosse de cor branca.

Padre Ferreira foi um dos mais notáveis missionários e oradores redentoristas brasileiros da Província do Rio de Janeiro.

Durante 30 anos trabalhou como missionário : *“O que vi e passei não se conta em poucas palavras, porém serve para afirmar que o Brasil só precisa de bons Governos para o progresso de seu povo, que é generoso e estóico.”*

Ao Padre Ferreira juntaram-se, mais tarde, muitos outros brasileiros, alguns deles famosos mestres de Missão, como os padres João Batista Michelotto, Ary de Almeida Pachoal, José Gonçalves da Costa, Virgílio Rodrigues Lodi, José Simão Nogueira, José Alberto Cozzi, Romeu Campos e Joaquim Lisboa de Carvalho.

Desses, os três últimos se laicizaram e deles, apenas Romeu Campos ainda está vivo.

A dificuldade de aceitação de brasileiros, nos primeiros trinta anos, retardou em muito o desenvolvimento do trabalho missionário. A mentalidade ficou por demais presa à visão cultural, administrativa e religiosa da Holanda. Muitas das dificuldades enfrentadas, inclusive o triste episódio do Padre Júlio Maria, poderiam ter sido melhor contornadas se mais cedo tivesse ocorrido o abasileiramento da Província..

Somente em 29 de junho de 1951 a Vice Província Hollandico-Brasiliana tornou-se autônoma, com sede em Juiz de Fora.²⁰⁹

Na ocasião, o mesmo padre Francisco Ferreira foi quem fez o sermão comemorativo:

Te Deum laudamus, Te Dominum confitemur.
A Ti, Senhor Deus, louvamos, a Ti reconhecemos
como Senhor de todas as coisas.
Agradecemos ao Senhor pelo fato de nossa
libertação da Holanda? Agradecemos a Ti porque finalmente ficamos
desligados da Província Holandesa ?
Não Senhor! Isto jamais!
E se fosse assim, o mais velho dos brasileiros desta
nova Província viraria as costas a ela, lançando-se alegremente e muito feliz nos
braços de sua Mãe.”

... Te Deum laudamus, Te Dominum confitemur!
Nós Te louvamos e reconhecemos como Senhor,
porque nos concedestes homens da estatura de um Mathias Tulkens, o fundador
judicioso da Província, e de um Francisco Lohmeyer, missionário de mão-cheia
e modelador daquela plêiade de zelosos missionários holandeses e brasileiros
que através de seu trabalho de reedificação da religião no Brasil se tornaram a
consolação para todos os nossos Bispos.²¹⁰

Embora não esteja em julgamento se o trabalho valeu ou não a pena, podemos concluir com o grande missionário brasileiro, homem cômico e probo, que o trabalho dos missionários holandeses não foi perdido.

Com todas as suas deficiências, conscientes ou inconscientes, plantaram uma reforma de costumes, instruíram o povo cultivaram e implantaram devoções no coração dos católicos mineiros que ainda hoje florescem.

²⁰⁹ A Vice Província Bávara de São Paulo passou a Província em 15 de outubro de 1944, em plena Segunda Grande Guerra, sem consulta à Província-mãe, numa trama engendrada pelo então Vice-Provincial, o brasileiro, Padre Geraldo Pires de Souza . A . WERNET , *Os Redentoristas no Brasil*, Vol. 3, 1995, p. 16

²¹⁰ Grifo nosso

O primeiro provincial da nova Província foi o ex-Vice Provincial Padre Lucas Veeger que governou até novembro de 1952 sendo sucedido pelo Padre Gregório Wuts, outro holandês que governou até dezembro de 1961.

A cautela, a falta de confiança nos brasileiros por parte dos holandeses ainda se fazia sentir.

Somente em 1961, dez anos depois da autonomia, um brasileiro assumiu a Província : Padre José Gonçalves da Costa, mineiro de Belo Horizonte, primeiro dos seminaristas de Congonhas que veio a se ordenar após os estudos de Filosofia e Teologia em Wittem.

Com a posse do Padre José Gonçalves da Costa os holandeses afastaram-se definitivamente da direção da Província, seus sucessores foram todos brasileiros.

A coincidência não deixa de ser emblemática. Em 1961, inspirado pelos spros do Concílio Vaticano II, iniciou-se o movimento de renovação e transformação das missões populares, movimento que, praticamente, levou o antigo modelo à extinção.²¹¹

Hoje aquele estilo missionário é visto por muitos apenas como um momento na história da Igreja. Para uns, momento de alienação, de imposição, de opressão, de inoperância e ineficiência, para outros, pior ainda, um momento de massacre do catolicismo popular já que agiram sob o comando de uma onda romanizante.

Ao espírito acadêmico cabe oferecer uma outra visão através da qual se possa contemplar a mentalidade e o espírito da época.

Se bem compreendermos o “*Zeitgeist*”, o espírito da época, se bem compreendermos o catolicismo como praticado então e as limitações e dificuldades daqueles que se dispuseram a desenvolver esse gigantesco trabalho, talvez possamos ver “ as santas missões” de outra forma.

Talvez possamos vê-las como a expressão de uma vontade, de um ideal em levar aos pobres, aos mais abandonados, uma mensagem de renovação de costumes, de instrução religiosa e aprimoramento de uma crença, de uma fé que, embora viva no coração do povo, carecia de uma renovação, ou como bem disse o Padre Francisco Ferreira ao encerrar o discurso acima citado : de uma reedificação.

²¹¹ A . Wernet registra o histórico do “aggiornamento das santas missões ” no Vol. III de sua obra *Os Redentoristas no Brasil*, 1997, p. 311/322.

As palavras do narrador do *PER QUINQUE LUSTRA* por certo revelam a verdadeira visão projetada sobre a religiosidade do brasileiro de então, bem como, o valor e o sentido do trabalho daqueles pioneiros:

Muitíssimas vezes nossos padres puderam perceber uma grande e firme fé naquele povo simples e atrasado.

Muitíssimas vezes atestaram que se encontram no Brasil muitos homens retos cuja fé, antigamente pregada naquela região, lançou raízes profundas em seus corações.

Com que avidez desejam a missão !

Com que sacrifícios, não raro, fazem uma longa caminhada difícilíssima devido às chuvas e aos precipícios. Como respeitam os missionários !

Com grande aparato os vão receber ou conduzir a cinco ou dez mil passos e enfeitam as casas, as praças com arcos, flores, inscrições e luzes !

Que alegria para aqueles que, talvez nunca tiveram em vida, ocasião de ouvir um sermão, confessar os pecados quando na missão podem assistir a missas, a uma série de pregações e apagar por uma sincera confissão os pecados cometidos durante toda a vida.

Ó, quanto bem as missões realizam nesta região!

Pena é serem os missionários tão poucos para satisfazerem à demanda de todos De todas as partes da diocese, e mesmo além, chegam pedidos de missões aos nossos padres.²¹²

Concluindo podemos dizer que, ao longo dessas páginas nos foi possível constatar o quanto as “santas missões ” e seus pregadores podem ser criticados pela demasiada severidade e rigidez de costumes impostos, pelo desconhecimento de termos adequados e impropriedades no uso da língua portuguesa, pelo desconhecimento da cultura e tradições populares, pelo demasiado apego à cultura e tradições européias, notadamente holandesas, enfim... por muitas outras falhas que saltam aos olhos dos críticos.

Entretanto, não podemos negar que as “santas missões redentoristas” tiveram grande aceitação popular e marcaram a história do Catolicismo em Minas Gerais.

Os “santos missionários”, incontestavelmente, como demonstram essas páginas, eram desejados, esperados e festejados como santos pelo povo mineiro.

Cada paróquia, cada comunidade, por mais distante e inacessível, foi visitada e o povo ouviu a voz do missionário.

²¹² *PER QUINQUE LUSTRA* - p. 20/21

A razão de tal êxito pode ser melhor entendida à luz da espiritualidade, do carisma de seu fundador.

Afonso de Ligório era um homem de oração e mais, um homem que passou aos seus seguidores um profundo respeito pelas devoções populares, especialmente aquelas que têm como alvo a figura do Redentor Jesus Cristo : nascimento, paixão, eucaristia e morte.

À figura do Redentor, Afonso alinhava a devoção a Nossa Senhora, mãe de Deus e mãe dos homens, a São José e aos santos da Igreja.

O carisma alfonsiano pode ser caracterizado pela oração e devoção.

Esse carisma veio ao encontro do catolicismo do povo mineiro marcado, desde a herança colonial, pelas devoções ao Senhor Bom Jesus : de Matosinhos, da Cana Verde, dos Passos, morto e triunfalmente ressuscitado na Eucaristia . As solenes celebrações da Semana Santa, as procissões do Encontro, do Senhor Morto e as grandes manifestações de Corpus Christi sempre impressionaram aos holandeses que, pelo visto, as desconheciam em sua pátria.

Além da devoção ao Senhor Bom Jesus, Nossa Senhora, sob os mais variados títulos, constituíra-se no centro da devoção popular.

Centenas são os templos a ela dedicados nas Minas Gerais, desde o Brasil Colônia : Da Conceição, do Carmo, Do Rosário, da Boa Morte, da Glória, do Pilar, do Parto, da Assunção, etc.

A essas devoções somavam-se outras, como São José, São Miguel, São Manoel, São Joaquim, São Pedro, São Paulo enfim, poderíamos enumerar a ladainha de todos os santos.

Aos santos já conhecidos e invocados, somaram-se aqueles trazidos pelos redentoristas, especialmente Santo Afonso, São Clemente e São Geraldo que, como dito, tornou-se um dos mais reverenciados pelo povo mineiro e além desses, a devoção à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro que tornou-se a padroeira das missões.

Sem dúvida a característica devocional e festiva foi sempre destacada como uma das marcas do catolicismo popular

Torna-se pois possível concluir afirmando que as “santas missões” não sufocaram o catolicismo popular como se fizessem parte de um projeto emanado de Roma.

Nesse jogo de inculturação, os sujeitos e objetos muitas vezes trocam suas posições e, se o outro é ameaçado por outrem, muitas vezes pode haver uma inversão de influências.

Assim ao defrontar-se o catolicismo popular com as santas missões, podemos constatar que em muitos pontos, ao invés de sufocá-lo, as missões o incorporaram, deixaram-lhe marcas e até mesmo, mutuamente se enriqueceram.

ANEXOS

Referências bibliográficas

PRIMÁRIAS

CONSTITUIÇÕES E REGRAS DA CONGREGAÇÃO DO SANTÍSSIMO REDENTOR.
Aparecida: Santuário, 1927.

ARQUIVO DA PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO

- _____ Cartas dos missionários holandeses
- _____ Crônicas do Convento da Glória
- _____ Labores externi – Convento da Glória
- _____ Crônicas do Convento de Belo Horizonte
- _____ Crônicas do Convento de Curvelo
- _____ Crônicas do Convento de Congonhas
- _____ Per quinque Lustra
- _____ Litterae Annales Provinciae Hollandicae
- _____ Júlio Cesar de Moraes Carneiro – Coletânea Sesquicentenário

CAVALCA Flávio. de Castro. *Os Redentoristas no Brasil*. Aparecida : Santuário, 1994

GUIMARÃES Fernando – *Homem, Igreja e Sociedade no pensamento de Júlio Maria*.
Aparecida: Santuário, 2001

HEINZMANN Josef. *Vida de São Clemente Hofbauer*. Aparecida: Santuário, 1968.

LEITE João Batista Boaventura. Documentos internos da Província do Rio de Janeiro

- _____ Os Começos
- _____ Igreja N. Sra. da Glória – primeira fundação
- _____ Igreja de São José – segunda fundação
- _____ Pequena História da Vice Província – Minas – Rio e Espírito Santo

LIGÓRIO Afonso Maria . *Du Pape du Concile* . Paris : Tournai , 1869

_____ *O Caminho da Salvação* , Porto : 1948

_____ *Homo Apostolicus* , Mechliiae : 1849

_____ *Guia dos Confessores*, Mariana : 1855

_____ *Os exercícios da Missão*, Petrópolis : Vozes, 1944

_____ *Letere di S. A . M. L.*. F. Kuntz e Fr. Pitochi org., Roma : 1887

_____ *Opere Ascetice* , Roma, 1968

_____ *As Glórias de Maria Santíssima* .Petrópolis: Vozes, 1944

_____ *A Oração*. Aparecida: Santuário, 2000

_____ *As mais belas Orações*. Paris : Tournai , 1878

MICHELOTTO, João Batista . *Congregação Redentorista – Resenha Histórica*.

SOUZA, Nestor Tomas. *Os exercícios da Missão*, Petrópolis: Vozes, 1944

VEEGER Lucas . *Guia do Missionário Redentorista* , 1948

VIEIRA, Alberto V. de Araújo. *Curvelo do Padre Corvelo*, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1988

SECUNDÁRIAS

ABREU, Martha. *O Império do Divino*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999

ANJOS, Márcio Fabri dos. *Inculturação: desafios de hoje*, Petrópolis: Vozes 1994

_____ *Teologia da Inculturação e inculturação da Teologia*, Petrópolis : Vozes, 1995

AZZI, Riolando. *O Episcopado do Brasil frente ao catolicismo popular*, Petrópolis: Vozes, 1977

_____ *A vinda dos Redentoristas para o Brasil*, In *Convergência*, Ano X, 1977

_____ *O Movimento Brasileiro de Reforma católica*, R.E.B., 34, 1977

_____ *Do Bom Jesus Sofredor ao Cristo Libertador*, In *Perspectiva Teológica*: Belo Horizonte, no. 18

_____ *A Igreja e os migrantes, A fixação da migração italiana e a implantação da obra escalabriniana no Brasil*, Vol. II , São Paulo : Paulus, 1988.

_____ *Juiz de Fora, a nova Nínive sob a ótica do Padre Júlio Maria*, in : *Rhema*, Vol. 4, p. 111-127, 1998

_____ *Sob o Báculo Episcopal – A Igreja Católica em Juiz de Fora*, Juiz de Fora: Templo, 2000

_____ *Catolicismo Popular e a Autoridade Eclesiástica na evolução histórica do Brasil – Religião e Sociedade*, São Paulo : Paulinas, 1992

ASSIS BRASIL, Luís Antônio de. *Videiras de cristal*, Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

BACHELARD, Gaston, *La formation de l'ésprit scientifique*, Paris: Librairie Philosophique J.Vrin , 1999

BASTIDE, Roger. : *Religion and the Church in Brazil*, in: *Brazil, Portrait of Half a Continent* , New York : T. Lynn Smith and Alexander Marchant, 1951

BASTOS , Wilson de Lima. *Ao troar dos canhões*, Juiz de Fora : Paraibuna, 1988

BAZIELICH, Antoni. *A Espiritualidade de Santo Afonso de Ligório*, in *Espiritualidade Redentorista*, Vol 4 , Aparecida : Santuário,1997

BENEDETI, Luiz Roberto . *Os santos nômades e o Deus estabelecido*, São Paulo : Paulinas, 1983

BEOZZO, José Oscar. *Irmandades, Santuários, Capelinhas de Beira de Estrada*, In R.E.B., vol. 37, 1977

_____ *A Igreja do Brasil*, Petrópolis: Vozes, 1994

BERUTTI, Carlo. *Lo spirito di S. Alfonse de'Liguori*, Prato, 1896

BRANDÃO , Henrique . *Noites com os Methodistas*, São Paulo : A . Campos Editor, 1908

CAFARO, V. S.D. *Pauli, Epistolae* , Roma : 1934

CALDEIRA Rodrigo Coppe . *O influxo ultramontano no Brasil : o pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira* , Juiz de Fora, UFJF, 2005

CAMURÇA, Marcelo. *A “artilharia pesada” espiritual (O embate das “santas Missões” redentoristas com o catolicismo tradicional mineiro em contexto de romanização no final do século XIX)*,in : *Religião e Violência*, São Paulo: Paulinas, 2004

_____ *Festa e Religião*, Juiz de Fora : Templo, 2003

CARLO PRANDI & GIOVANI FILORAMO. *As Ciências da Religião*, São Paulo: Paulus, 2000

CARMO GAMA J. J. do. *Júlio Maria* , in : *União*, Rio de Janeiro: 18 de maio de 1922

CASTRO, Eduardo V. de. *O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem*.
In: *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo : Cosac
& Naify, 2002

CHÂTELLIER, Louis. *La mission populaire: Annonce prophétique du salut*, in: *Spicilegium
Historicum*, Annus XLV, Roma : 1997

CHIOVARO, Francesco. *Santo Afonso: Aparecida : Santuário*, 2.000

COMBLIN, José . *Situação histórica do catolicismo no Brasil* , in *R.E.B*, vol. XXVI,
1996

_____ *Prolegômenos da catequese no Brasil*, in: REB, 1967

DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro* , Rio de Janeiro: Paz e terra, 1976

_____ *Igreja e Estado no Brasil* , in : Estudos CEBRAP – 12 : 1975, p.11

DELUMEAU, Jean. *Le Christianisme va-t-il mourir ?* , Paris : Hachette, 1977.

_____ *História do Medo no Ocidente* , São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____ *A Confissão e o perdão* , São Paulo: Companhia das Letras, 1991

DE MEULEMEESTER, Maurice. *Origines de la Congregation de Très Saint Redempteur* ,
Louvain: 1957

DUTRA Luciano Neto. *Meia Vida*, Juiz de Fora: Informar, 1991

EISENBERG, José . *As missões jesuíticas e o pensamento político moderno*. Belo
Horizonte : UFMG, 2000,

- FACÓ, Rui . *Cangaceiros e fanáticos* , Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1972
- FAORO, Raymundo. *Os donos do poder* , Porto Alegre: Globo, 1976
- ESTEVES, Albino . *Álbum do Município de Juiz de Fora*, 1915
- FERENZINI, Valéria Leão , *Aspectos Culturais e Religiosos dos Imigrantes Alemães e Italianos no Contexto da Romanização em Juiz de Fora (1894-1920)* in : *Memórias Eclesiásticas*, Juiz de Fora: UFJF, 2000
- GALVÃO, Eduardo,. *Santos e visagens*, São Paulo : São Paulo : Nacional, 1955
- GARCIA, Marciano Vidal. *Uma espiritualidade centrada no amor*, in: *Espiritualidade Redentorista*, Vol 4 , Aparecida : Santuário, 1992
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*, São Paulo: Companhia das Letras, 1996
- HÄRING, Bernard . *Santo Afonso de Ligório, Advogado da consciência*, in: *Espiritualidade Redentorista*, no.4 , Aparecida : Santuário, 1992
- HAUCK, João Fagundes. *História da Igreja no Brasil no Século XIX* , Petrópolis: Vozes, 1992
- _____ *Esboço histórico, in Padre Júlio Maria*, São Paulo : Loyola, 1983
- HEINZMANN, Josef . *Vida de São Clemente Hofbauer*, Aparecida : Santuário, 1988
- HOORNAERT, Eduardo. *Formação do catolicismo brasileiro*, Petrópolis: Vozes, 1974
- IGLESIAS, Francisco. *História e Ideologia* , São Paulo : Perspectiva , 1971

KARNAL, Leandro. *Formas de Representação Religiosa no Brasil e no México do Século XVI*, Tese de Doutorado, São Paulo : USP, 1994

KEUSH, Charles. *La dottrina spirituale di S.A . M .L.*, Padova: 1961

LEITE, M. Helvécio, *Silvério, o profeta negro*. Congonhas :FUMCULT, 2005

LONDOÑO, Noel. *Seguimento de Cristo em Santo Afonso Maria de Ligório*. in : *Espiritualidade Redentorista*, Vol. 4 , Aparecida : Santuário, 1992

McCABE, Gerard. *Afonso de Ligório, uma teologia da oração* , in: *Espiritualidade Redentorista*, Vol. 4 , Aparecida: Santuário, 1992

MAJORANO, Sabatino. *Il popolo chiave pastorale di S. Alfonso*, Spicilegium Historicum, Annus XLV , Roma : 1997

MANDERS, H. *Amor na Espiritualidade de Santo Afonso*, in: *Espiritualidade Redentorista*, Vol. 4 , Aparecida: Santuário, 1992

MARTINA, Giacomo. *História da Igreja : de Lutero até nossos dias*, São Paulo : Loyola, 1996

MASSIMI, Marina et alteri. *Navegadores, Colonos, Missionários na Terra de Santa Cruz*, Rio de Janeiro : Loyola, 1993

MAZZONI, Petro Aloysio, *Le missioni popolari nem pensiero de S. A . M. L.*, Padova: 1961

MAYER, Arno J. *A força da tradição ; a persistência do Antigo Regime, 1848-1914* . São Paulo : Cia. Das Letras, 1987

MEDINA, C. A . de. *Mudança social e atividades religiosas: dois casos*, Rio de Janeiro: Ceris , 1972

MICHELOTTO, João Batista. *Peripécias de um santo* , Aparecida: Santuário,1980

MONTEIRO, Duglas Teixeira . *Os Errantes do Novo Século* , São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1974

MOURÃO , Gerado Mello. *A Invenção do saber* , Belo Horizonte: Itatiaia, 1990

NAVA, Pedro. *Baú de Ossos* , São Paulo : Ateliê Editorial Giordano, 1999

OLIVEIRA, Pedro A . Ribeiro. *Religião e dominação de classe* ,Petrópolis: Vozes , 1985
_____ *Catolicismo popular no Brasil* , Rio de janeiro : CERIS, 1970

ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro*: in *Religião e sociedade*, Maio de 1977

PASTORAL COLLECTIVA , Rio de Janeiro : 1915

PATLAGEAN, Evelyne . *A história do imaginário*, in : *História Nova*, Jacques Le Golf, São Paulo : Martins Fontes, 2001

PIERSON, Donald. *Cruz das almas* , Rio de Janeiro : José Olímpio,1966

PRANDI, Carlo & FILORAMO Giovanni . *As Ciências das Religiões*, São Paulo: Paulus, 2000

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. *Messianismo e Conflito Social: a guerra sertaneja do Contestado*, Rio de Janeiro : Civ. Brasileira , 1966

RAMBO, Arthur B. *Restauração Católica no Sul do Brasil*, in : *História : Questões & Debates*, n. 36 , Curitiba : UFPR, 2002

REY-MERMET, Théodule. *Afonso de Ligório:Uma opção pelos abandonados*,Aparecida: Santuário, 1984

_____ *A moral de Santo Afonso* , Aparecida : Santuário, 1996

REMOND, René. *O antigo regime e a revolução*. São Pasulo : Cultrix, 1974

SANCHIS, Pierre. *O campo religioso contemporâneo no Brasil* , in: Oro, A . P.& Steil, C. A . (org.), *Globalização e Religião* , Petrópolis: Vozes , 1997

_____ *A caminhada ritual* in : *Revista Religião e Sociedade*, no. 9, 1983

SANTOS, Patrícia Teixeira , *Dom Comboni*, Rio de Janeiro : Mauad, 2002

SEYMOUR, M. H. *Noites com os Romanistas* , Lisboa : Sociedade Americana dos Tratados , 1886 (?)

SNOEK, J. *Ensaio de Ética Sexual*, São Paulo : Paulinas, 1981

SOUZA, D. Joaquim Silvério , *Vida de D. Silvério Gomes Pimenta* ,São Paulo : Escolas Profissionais do Lyceu Coração de Jesus, 1927

STEHLLING, José Luiz , *Juiz de Fora e a Companhia União e Indústria e os alemães* , Juiz de Fora : FUNALFA , 1979

TANNOIA, Antonio Maria, *Della vita ed. instituto del Vem. S. di D. Alfonso M Liguori* Napoli : 1802

TEIXEIRA MONTEIRO, Duglas. *Os errantes do novo século*, São Paulo : Duas Cidades, 1974

TRINDADE Cônego Raymundo, *Archidiocese de Marianna, Volumes I / II*, São Paulo: Escolas Profissionais do Lyceu Coração de Jesus, 1929.

VELOCCI, Giovanni. *Cristo: centro della Spiritualità Alfonsiana*, in: *Spicilegium Historicum*, Annus XLV, Roma : 1997

VIEIRA, Alberto Vieira. *Curvelo do Padre Corvelo*, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1988,

WALTARI, Mika . *João o Peregrino*, Rio de Janeiro : Record, 1979

WERNECK SODRÉ, Nelson. *A Ideologia do colonialismo*, Rio de Janeiro : Instituto Superior de estudos Brasileiros, 1961

_____ *Formação Histórica do Brasil*, Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1963

_____ *História da Burguesia Brasileira*, Rio de Janeiro : Civ. Brasileira, 1976

WERNET, Augustin . *Os redentoristas no Brasil*, 3 Volumes, Aparecida : Santuário, 1994

WILLENS, Emílio . *Uma vila brasileira, tradição e transição*, São Paulo: Difel, 1961